



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS
INSTITUTO DE ARTES

Gabriel Andrade Silva

V
I
A
D
CORPO

E
(M)
P
E
R
F
O
R
M
A
N
C
E

tessituras mnemônicas, autobiografia
e suas performatividades

Uberlândia - MG
2024

VIVER

OPERAR

GRAFIAS

DA

vida



Gabriel Andrade Silva

CORPO-VIADO E (M) PERFORMANCE

tessituras mnemônicas, autobiografia e suas performatividades

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas/Mestrado do Instituto de Artes (IARTE), da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Artes Cênicas.

Área de Concentração: Artes Cênicas

Linha de Pesquisa: Estudos em Artes Cênicas – Conhecimento e Interfaces da cena.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Santos Costa.

Uberlândia - MG

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586c
2024 Silva, Gabriel Andrade, 1995-
Corpo-Viado e(m) Performance [recurso eletrônico]: tessituras
mnemônicas, autobiografia e suas performatividades / Gabriel Andrade
Silva. - 2024.

Orientador: Daniel Santos Costa.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Instituto de Artes, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5218>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Artes cênicas. 2. Performance (Arte). 3. Autobiografia. 4.
Identidade de gênero na arte. I. Costa, Daniel Santos, 1986-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Artes. Programa de Pós-
graduação em Artes Cênicas. III. Título.

CDU: 792

Rejâne Maria da Silva
Bibliotecária-Documentalista – CRB6/1925



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1V - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP
38400-902
Telefone: (34) 3239-4522 - ppgac@iarte.ufu.br - www.iarte.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Artes Cênicas				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico				
Data:	27 de novembro de 2024	Hora de início:	09h30	Hora de encerramento:	11h40
Matrícula do Discente:	12212ARC010				
Nome do Discente:	Gabriel Andrade Silva				
Título do Trabalho:	Corpo-Viado e(m) Performance: tessituras mnemônicas, autobiografia e suas performatividades				
Área de concentração:	Artes Cênicas				
Linha de pesquisa:	Estudos em Artes Cênicas: Conhecimentos e Interfaces da Cena				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Corpo, festa e diásporas político-performativa: suleando pedagogias decoloniais em processos criativos e pedagógicos nas Artes da Cena				

Reuniu-se virtualmente a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, assim composta: Professoras Doutoras: Mara Lucia Leal (PPGAC/UFU), Caio Arnizaut Riscado (UFRJ) e Daniel Santos Costa (PPGAC/UFU), orientador do candidato.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Daniel Santos Costa, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Santos Costa, Presidente**, em 02/12/2024, às 11:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Caio Arnizaut Riscado, Usuário Externo**, em 03/12/2024, às 00:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mara Lucia Leal, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/12/2024, às 09:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5909768** e o código CRC **9CC72000**.

Referência: Processo nº 23117.081345/2024-20

SEI nº 5909768

um dia eu acordei e tive medo...
medo de não encontrar _____

Eu passo adiante.

Deu um passo

ADIANTE transmite uma noção
de movimento para a frente

TUDO?

É

SOBRE

GRAFIAS



Aos estudantes LGBTQIAPN+
cujos caminhos se enfiavam
ao meu.

À minha mãe Marcia, ao meu pai
Asmar e ao meu irmão Fernando.
Sei que irão ler esse emaranhado
de palavras que imagino fazê-los
sangrar.

Sangrar por dentro.

E honestamente...

deixa sangrar.

Antes **NÓS** do
que **EU**.

D
E
D
I
C
A
T
Ó
R
I
A

AGRADECIMENTOS

Não conseguiria me desnudar sozinho, muito menos tecer-me desorientado.

Precisei primeiro atar minhas mãos às do meu orientador Daniel Santos Costa, por quem tenho profundo carinho e admiração. Sua delicadeza e seu cuidado, desde o início, me fizeram entender como iríamos experienciar este deslanche processual.

Mas não somente. Aos docentes do PPGAC/UFU, Prof. Dr. Jarbas Siqueira, Prof. Dr. Mario Piragibe, Prof. Dr. Narciso Telles, Profa. Dra. Paulina Caon e Profa. Dra. Renata Meira, que foram, nas disciplinas ofertadas em 2022, importantes e inquietantes referências para este escrito, minha eterna gratidão.

Agradeço à Dodi Leal e Getúlio Góis pelo afeto demonstrado durante o processo de qualificação. Sem dúvida aquela partilha foi e continua sendo muito enriquecedora para minha formação.

Agradeço à Mara Leal e ao Caio Riscado por terem aceitado me acompanhar nesta travessia **VIADO**. O convite para compor a banca de defesa emerge de um profundo carinho que cultivo em relação às pessoas que vocês são e aos escritos e às obras artísticas valiosas que generosamente compartilham com o mundo.

Agradeço ao professor Alexandre Molina, que se tornou um grande amigo, por ter aceitado o convite de ser membro desta banca de defesa, ter você, e certamente Marcelo Carmargo, neste momento, é muito especial.

Agradeço aos amigos/as Me. Washington de Paula, M^a. Whander Allípia e M^a. Rafaela Mattos que tornaram este percurso infinitamente mais prazeroso e alegre. Os momentos vivenciados estarão para sempre em minha memória e em meu coração.

Agradeço ao meu Pai Osmar por ser a motriz de muitos pensamentos expressos neste escrito. Pelo apoio e pela presença no decorrer da minha trajetória de vida. Por me fazer refletir, por pensar diferente de mim, por enxergar e acreditar num mundo completamente diferente daquele em que acredito. Gratidão por sermos o oposto um do outro, se não fôssemos, esta pesquisa não teria se configurado deste modo, te amo Pai.

Agradeço com todo coração, ao meu Deus, o qual chamo de Mãe. Jamais vou esquecer os cafezinhos que levava, quando estava trancado no quarto escrevendo e estudando e nem vou conseguir retribuir tudo aquilo que você fez e faz por mim. Obrigado pelo seu amor incansável, incondicional e por me apoiar nesta e em qualquer outra empreitada, te amo Mãe.

Agradeço à minha avó Rosilda por entender minha ausência durante este período, por me fortalecer em oração e por carinhosamente alimentar meu corpo físico com as incontáveis marmitinhas que recebia, te amo Vó.

UM RELATO
SOBRE O
AMOR



UM
RELATO
SOBRE
O
AMOR



Agradeço profundamente à Marcela Franco, minha irmã de alma, por sua vibração sempre positiva, que me impulsiona e encoraja a seguir em frente. Sou grato por acreditar em mim, muitas vezes até mais do que eu mesmo. Obrigado por ter sido a primeira pessoa da família a acolher minha identidade **VIADO**; era você quem deveria estar sentada naquela mesa, e você sabe disso. Obrigado pelo seu amor e pelo apoio infinitos, somos um só pela eternidade, te amo.

Agradeço à minha amiga e mentora Alessandra Carvalho, se não fosse seu apoio jamais teria acreditado que conseguiria alçar um voo tão desafiador e alto. Você me inspira e tem um lugar muito precioso no meu coração, obrigado por tudo, Alê, te adoro.

Aos amigos do coração Daniele de Deus, Leda Vieira, Leticia Carvalho, Rubens Farias e Tairony Carmin (cabritinho), que foram minha família no Rio de Janeiro, minha mais sincera gratidão pelos espaços de escuta, carinho e ombro amigo. Obrigado por se fazerem presente mesmo distantes. Amo vocês com todo coração.

ESPAÇOS VAZIOS

Um RELATO

SOBRE

GRÁFICAS

RESUMO

Essa pesquisa se configurou como uma travessia **VIADO**. Tratou-se de um processo que investigou, no corpo e na escrita, as diversas formas de silenciamento, opressão e violência, especialmente as afetivas, que assolam diariamente o **CORPO-VIADO**. O objetivo central foi DESNUDAR o processo performativo-pedagógico pelo qual a possibilidade de construção e afirmação identitária se tornava concreta, e TECER uma rede que pretendia transcriar, política e artisticamente, as experiências do **CORPO-VIADO**, por meio de tessituras mnemônicas, autobiográficas e performativas que questionavam os aspectos das referências hegemônicas que, violentamente, constituem tais corpos. Num movimento desobediente em resposta a essas dinâmicas impostas, criou-se uma série de cinco ações performativas intitulada **Rebeldias Precárias de um CORPO-VIADO E(M) Performance**, micropolítica que intentou criar espaços de resistência, acolhimento e reflexão, além de abrir campos de diálogo com outros/as artistas da cena performativa brasileira. Este movimento performativo evidencia como as tentativas de apagamento das corporalidades viadas ainda são uma realidade vigente, ao mesmo tempo em que contribui para ampliar os múltiplos modos de resistência a esses apagamentos.



Palavras-chave: Autobiografia. Experiência. Identidade de gênero. Memória. Performance.

ABSTRACT

This research was configured as a **VIADO** crossing. It was a process that investigated, in the body and in the writing process, the various forms of silencing, oppression and violence, especially the affective ones, that plague **CORPO-VIADO** on a daily basis. The central objective was to UNVEIL the performative-pedagogical process through which the possibility of identity construction and affirmation became concrete, and WEAVE a network that intended to transcreate, politically and artistically, the experiences of **CORPO-VIADO** through mnemonic, autobiographical and performative fabrics which questioned the aspects of the hegemonic references that violently constitute such bodies. In a disobedient movement in response to these imposed dynamics, a series of five performative actions was created entitled “**Precarious Rebellions of a CORPO-VIADO E(M) Performance**”, micropolitics that attempted to create spaces of resistance, reception and reflection, in addition to opening fields of dialogue with other artists from the Brazilian performance scene. This performative movement highlights how attempts to erase queered bodies are still a present reality, while also contributing to the expansion of multiple modes of resistance against such erasures.



Keywords: Autobiography. Experience. Gender identity. Memory. Performance.

LISTA DE IMAGENS

- 157 Imagem 01 - Rythm 0
- 158 Imagem 02 - A artista está presente
- 159 Imagem 03 - Three
- 160 Imagem 04 - Experiência nº 3
- 193 Imagem 05 - Converso sobre qualquer assunto de Eleonora Fabião
- 195 Imagem 06 - Crisálida de Ana Luísa Santos
- 196 Imagem 07 - Documentário cênico histórias compartilhadas do outro grupo de teatro.
- 197 Imagem 08 - Existo amanhã de Isadora Ravena
- 201 Imagem 09 - Amor à Vida
- 201 Imagem 10 - Do começo ao fim
- 202 Imagem 11 - Queermuseu: Cartografias da diferença na Arte Brasileira
- 202 Imagem 12 - Kelvin e Ramiro em Terra e Paixão
- 216 Imagem 13 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
- 218 Imagem 14 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
- 220 Imagem 15 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
- 221 Imagem 16 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
- 222 Imagem 17 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
- 223 Imagem 18 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
- 224 Imagem 19 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
- 225 Imagem 20 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
- 229 Imagem 21 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGBTfobia
- 232 Imagem 22 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGBTfobia
- 237 Imagem 23 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGBTfobia
- 238 Imagem 24 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGBTfobia
- 239 Imagem 25 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGBTfobia
- 240 Imagem 26 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGBTfobia

- 241 Imagem 27 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGBTfobia
- 246 Imagem 28 - Registro fotográfico da AÇÃO #4: [NÚ] CORPO
- 248 Imagem 29 - Registro fotográfico da AÇÃO #4: [NÚ] CORPO
- 252 Imagem 30 - Registro fotográfico da AÇÃO #4: [NÚ] CORPO
- 257 Imagem 31 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
- 258 Imagem 32 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
- 258 Imagem 33 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
- 259 Imagem 34 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
- 260 Imagem 35 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
- 261 Imagem 36 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
- 261 Imagem 37 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
- 262 Imagem 38 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
- 263 Imagem 39 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
- 264 Imagem 40 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
- 265 Imagem 41 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
- 278 Imagem 42 - Thighlighting, 2020
- 279 Imagem 43 - Predicativo do Sujeito, 2023
- 280 Imagem 44 - Tucking, 2022
- 281 Imagem 45 - Sissyparity, 2020
- 281 Imagem 46 - O corpo nunca existe em si mesmo, 2018
- 282 Imagem 47 - Araneae, 2022
- 288 Imagem 48 - You have to suffer to be beautiful (2018), Tales Frey
- 292 Imagem 49 - Tatuagem da performance Rest Energy de Marina Abramovic e Ullay
- 293 Imagem 50 - Romance Violentado, 2010
- 294 Imagem 51 - Registro fotográfico da AÇÃO #4: [NÚ] CORPO
- 295 Imagem 52 - Performance do afeto eterno e verdadeiro
- 297 Imagem 53 - Tatuagem no corpo do autor
- 298 Imagem 54 - Alice e o chá através do espelho

ARTÉRIAS

SUMÁRIO

100

ESCROTO

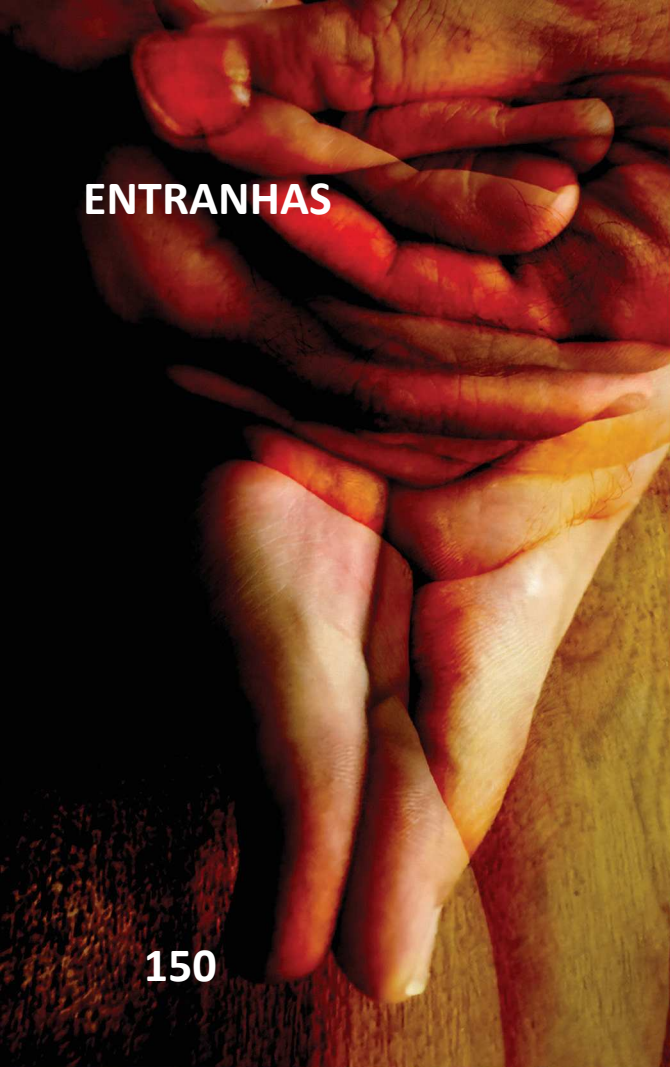
320

[DES]VIADOS

266

[en]VIADO

31



ENTRANHAS

150



[ex]VIADO

354



EXCREMENTOS

179



[in]VIADO

25



REFERÊNCIAS

371

Nada do que tenho a dizer.

Nada do que apresento aqui.

É fácil de exprimir ou expurgar.

O único mérito que reivindico,

É a oportunidade, nem que seja provisória,

de ser.





O PROCESSO SOBRE SI, QUANDO ENCARADO VERDADEIRAMENTE, PROMOVE UM ADVENTO.

Este texto se apresenta como performance - texto performático, escrito em primeira pessoa, embora tenha sido construído por várias mãos. Por meio dele, elaboro reflexões críticas, políticas e artísticas, interseccionadas pela performance, performatividade, arte da performance, gênero, sexualidade e identidade de gênero. O objetivo central é DESNUDAR o processo pedagógico pelo qual construo e consigo afirmar minha identidade de gênero, a identidade **VIADO**, bem como TECER uma rede que intenta fortalecer, política e artisticamente, a trajetória de vida de um **CORPO-VIADO** através de práticas performativas que questionam os aspectos das referências hegemônicas e opressoras que, violentamente, constituem esses movimentos. Tais práticas desembocam em experiências traumáticas na vida de um sujeito/a dissidente sexual que, desde a infância, é impelido/a a tecer-se de modo a não corresponder à sua condição de vida.

Estas páginas, portanto, abordam grafias teórico-práticas-performativas num movimento de tessitura de EXPERIÊNCIAS VIADAS que resistem e buscam responder, performativamente, às vulnerabilidades e aos processos traumáticos, violentos e opressores que forjam e constituem o corpo de pessoas em dissidência. Recorro à autobiografia como elemento propulsor para elaboração de ações performativas. Por outro lado, recorro à ideia de experiência, a partir de Larrosa (2022), buscando evidenciar as tessituras e os atravessamentos oriundos da articulação experiência, memória, autobiografia e performance. Trata-se, portanto, de um processo de investigação sobre si e em articulação, que intenta a afirmação identitária. Nesse caminho, ao desnudar-me de amarras, teço-me em processo, em performance.

No entanto, o que se projeta neste caminhar é uma possibilidade provisória de perceber-me e jogar, dialógica e subjetivamente, com o outro e com o mundo, ou seja, com as tessituras perversas que compõem grande parte da sociedade contemporânea, especialmente quando voltamos nossos olhares para a dissidência sexual, identidade de gênero e tantos outros contextos de subalternização de determinadas corporalidades.

A dissidência a que me refiro e sobre a qual alicerço esta pesquisa é aquela que está intrinsecamente relacionada às memórias coloniais, operando na construção aterrorizante da diferença. Além disso, esses fundamentos forjam a alteridade por meio da recusa permanente da presença e da voz das narrativas e saberes que desestabilizam uma suposta homogeneidade do sujeito que se vê como norma. Trata-se “de oferecer um

relato de como uma explicação e uma narrativa da realidade foram estabelecidas como normativas” (Spivak, 2010, p.62). Isso faz ressoar retoricamente um ímpeto desobediente que orienta alguns questionamentos: Por que evidenciar as experiências de vida de pessoas dissidentes? Por que tornar a dissidência sexual alvo de pesquisa acadêmica? Por que ainda hoje é tão vital falar, escrever, pesquisar e debater questões relacionadas ao gênero, à sexualidade e à identidade de gênero?

Para tentar me livrar desse assombro, ou me envolver ainda mais nele (acredito fortemente nessa segunda hipótese), embarquei numa pesquisa que tem como característica latente ir se construindo à medida que me disponho a experimentá-la no corpo. Isto é, os movimentos descritos, expostos, performados e evocados aqui são frutos não de uma linearidade preestabelecida, mas do fluxo vivente das experiências e do pensamento, quando me percebo poroso num território de investigação. Aproximando-me, assim, do que Alvarez e Passos desenvolveram em relação à pesquisa cartográfica:

[...] A instalação da pesquisa cartográfica sempre pressupõe a habitação de um território, o que exige um processo de aprendizado do próprio cartógrafo. Tal aprendizado não será aqui pensado como uma série de etapas de um desenvolvimento, mas como um trabalho de cultivo e refinamento. Aprendizado no duplo sentido de processos e de transformação qualitativa nesse processo. Movimento em transformação. Tal aprendizado não pode ser enquadrado numa técnica e em um conjunto de procedimentos a seguir, mas deve ser construído no próprio processo de pesquisa (Alvarez; Passos, 2020, p.135).

O aprendizado, portanto, se delineia no emaranhado de objetos de pesquisa e metodologias evocados para construção desse (re)conhecimento. Por isso, ao adentrar este território da pesquisa, busco ocupá-lo e torná-lo permeável para, aí sim, explorar suas potencialidades de contradição, experiência e também de pesquisa e performance e...e...e... E(m)...

Trata-se de uma escrita performática circunscrita por meio de signos linguísticos, paralinguísticos, visuais, simbólicos e imagéticos que tem como principal propósito revolver este território para que você, leitor/a, possa, além de lê-lo, performá-lo. É como se estas grafias ocasionassem a comunhão entre nós, eu e você leitor/a, num estado performativo e provocativo que induz à ação. Neste sentido, esses signos, embora oscilantes em seus significados, ora em um contexto geral relacionado ao trabalho, ora em contextos mais específicos, evocam, em sua potência, um resgate mnemônico, tanto para mim, que os crio e organizo nestas páginas, quanto para você, que os vê e os utiliza para acessar suas

próprias memórias. Um exemplo desse aspecto, que está presente e se desenvolve ao longo deste trabalho, é a parte externa, que, quando unida – isto é, quando o texto está fechado – forma a bandeira LGBTQIAPN¹, como uma forma de invocar aqueles que, ao longo dos anos, lutaram, perdendo, muitas vezes, suas vidas, para que nós pudéssemos, hoje, pesquisar justamente aquilo que é demonizado por uma parte considerável da sociedade.

Este texto está dividido em oito partes respectivamente: [*in*]**VIADO**; [*En*]**VIADO**; Artérias; Entranhas; Excrementos; [*Des*]**VIADOS**; Escroto e [*Ex*]traordinariamente **VIADO**. Além dessas oito partes, existe uma nona, intitulada “Cartografia Distópica”, que é itinerante e se instaura nos entrelugares das outras oito partes. É neste espaço que investigo performaticamente estados “imaginários” de violência, opressão de corpos dissidentes e, quiçá, maneiras de resistir a algumas mazelas e tantos outros fatores que não cabem em palavras, mas que atravessam persuasivamente meu **CORPO-VIADO**. Todas as partes, no entanto, estão entremeadas por interrupções de fluxos que surgem em sua maioria como **Blecaute**. Todavia, na parte intitulada “Artérias” elas surgem como **Aterosclerose** estabelecendo uma referência direta ao título. O maior anseio dessas ações interruptivas está em abrir espaços para percepção das ressonâncias que a performance textual pretende ocasionar e estimular. Dada essa premissa, me atento, a seguir, em explicitar brevemente o cerne de cada uma das partes que compõem esta travessia **VIADO**.

Nesta parte, intitulada “[*in*]**VIADO**” irei introduzir objetivamente a discussão teórico-prática dessa pesquisa e descreverei sucintamente o que compõe cada parte deste todo. Nomearei os conceitos orientadores bem como os seus principais objetivos. Apresentarei brevemente as escolhas metodológicas e, por fim, irei convidá-lo/a a experimentar o início do jogo performativo desta escrita, por meio de um QRcode em que proponho mobilizações corpóreo-sensoriais e disponibilizo algumas informações essenciais para seguir com a leitura.

A segunda parte, intitulada “[*en*]**VIADO**”, tem como propósito esgarçar as temáticas que serão abordadas no decorrer desta pesquisa, dando ênfase às interfaces autobiográficas e às narrativas identitárias que foram o subsídio para estruturação deste trabalho. Trata-se, portanto, de construir e apresentar performaticamente a rede subjetiva fundante que, sem formatações prontas, assume um estado movediço, frágil, precário e provisório que sempre é abandonado para se reinventar. Acredito e quero fazer acreditar, com isso, no poder e na força das palavras que nos impõem a pungência de realizar ações que exercem influência sobre nós mesmos e sobre os

¹ L: Lésbicas G: Gays B: Bissexuais T: Transgêneros Q: Queer I: Intersexo A: Assexual P: Pansexual N: Não-Binário +: pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero.

outros, mas principalmente dá sentido ao que somos e ao que acontece com nosso próprio corpo, com tudo que somos ou podemos vir a ser.

“Artérias” é o nome da terceira parte na qual irei apresentar, contextualizar e aprofundar o fluxo pulsante de três pilares importantíssimos para esta pesquisa: autobiografia, memória e experiência. Nesse sentido, semearei neste terreiro investigativo sobre si, sobre os outros e sobre o mundo, essas três sementes, que germinaram e brotaram como ações performativas. É, portanto, a partir desse germe que desenvolvo algumas estratégias para tentar entender como essas se (re) organizam em ações performativas. Para isso, utilizo a perspectiva de autobiografia cunhada por Janaina Leite (2017), a de memória por Beth Lopes (2009), a de memória em performance por Mara Leal (2014) e a noção de experiência de Larrosa (2022), o que torna em este terreno fértil para pesquisa-investigação das ações transcriadas.

Todavia, antes de entender em seus meandros o processo de criação dessas ações performativas germinadas, se faz pungente evidenciar as perspectivas pelas quais o termo “performance” será abordado aqui, o que acontece na parte quatro, intitulada “Entranhas”. Os vieses a que recorro para conceituação de “performance” são: o estético (Taylor, 2023) – representado sobretudo pelos/as artistas da performance que subsidiaram meu entendimento sobre o termo e adentraram com toda potência a experiência desse processo investigativo-criativo –; o pedagógico – que se aproxima ao que Judith Butler (2019) nomeia como performatividade de gênero, ou seja a performance que desempenhamos na vida cotidiana –; e, por fim, o artístico contra-pedagógico Marcia Tiburi (2014) – que faz referência à materialização de uma micropolítica contra-pedagógica, arcabouço teórico prático desta pesquisa.

Essa materialização será amplamente apresentada e debatida na quinta parte, intitulada “Excrementos”. Nela, numa primeira instância, descreverei e desenvolverei a série de cinco ações performativas que venho, provisoriamente, denominando como **Rebeldias Precárias de um CORPO-VIADO E(M) performance**, realizadas na cidade de Uberlândia – MG em 2022. Esta é a parte na qual buscarei evidenciar o modo como essas ações se formularam no meu **CORPO-VIADO** e foram transpostas para o espaço onde as realizei, bem como suas influências na construção e na possibilidade de afirmação da minha identidade de gênero. Após entender os meandros desta prática **E(M) performance**, trago relatos de experiências de cada uma delas, estabelecendo um processo mnemônico, que está aquém de receber e acolher as memórias, mas que abre o leque para as outras infinitas possibilidades experienciais que uma ação performativa denota em suas entranhas.

O que se apresenta ao me perceber envolvido nessas entranhas é a pungência de um desvio, que acontece na sexta parte, intitulada “[Des]**VIADOS**”, que tem como proposta expandir tais vielas des**VIADAS**. Neste sentido, o que se pretende com

tal desvio é entrecruzar o caminho que trilhei aos que foram trilhados por outros/as artistas da performance – notadamente Tales Frey, Hilda de Paulo, Rafael Bqueer e Princesa Ricardo Marinelli –, que brotam neste território sobremaneira por tocarem em questões de suma importância para esta pesquisa e fortalecerem os sentidos pretendidos com a série de ações performativas. Este fluxo desviado, no entanto, é intitulado como relações **ENTREPERFORMANCES**.

O fato é que tanto a experiência das **Rebeldias Precárias de um CORPO-VIADO E(M) performance** quanto as relações **ENTREPERFORMANCES** denotaram a pungência de um desfecho, fato que rendeu longas conversas, investigações e resgates mnemônicos com meu orientador, Daniel. Esse processo fez brotar a parte oito, intitulada “Escroto”, em que apresento uma figura emblemática da cidade de Santa Vitória - MG, ponto de entrecruzamento entre as minhas narrativas e as de Daniel, ou seja, uma entrevista realizada com um parente distante dessa figura emblemática. Essa foi a materialidade que julgamos suprir a pungência para dar início ao desfecho deste processo de pesquisa.

A última parte pretende, em suas entranhas en**VIADA**das, não denotar um final, mas escancarar a condição real de como a trajetória dessa pesquisa se delineou. É por meio do resgate mnemônico do que foi esse processo, e do campo real que por meio dele se reafirmou, que escrevo a parte intitulada “Extraordinariamente **VIADO**”, apresentando concretamente a possibilidade de afirmação identitária e a constatação do constante apagamento e silenciamento da mesma. Um impacto veemente diante das indagações que me fizeram habitar a encruzilhada desta pesquisa pela primeira vez.

Todavia, antes de iniciarmos efetivamente o jogo performativo deste texto, é necessário desanuviar, en**VIADA**r, abrindo-se a novas possibilidades. Por isso, peço que, se possível, coloque fones de ouvido e aponte a câmera do seu celular para o QRcode disponível nesta página. O que você ouvirá a seguir são uma série de estímulos corporais e sensoriais, além de informações cruciais para uma experiência cada vez mais completa em relação a este texto e a esta pesquisa.

[en]





Ao me deparar com este escrito, percebo que estou apenas na ponta de um iceberg, cuja maior parte permanece oculta. Para enxergá-la por completo, é necessário um mergulho profundo em processos de ampliação perceptiva, ou então, uma força externa e violenta que, ao romper o equilíbrio, faz com que ele se desintegre silenciosamente, de dentro para fora, em um desastre *(in)*visível.



Há tanto tempo, venho obedecendo o ditame.
Há tanto tempo, venho me questionando sobre este ditame.
Há tanto tempo, venho reproduzindo este ditame que me persegue e atormenta.
Atormentando-me.
Então, passo a atormentar-te.
Sempre incluí em mim teu desejo de me fer(ir).
Sempre incluí em mim meu desejo de te destru(ir).
E quando será que vou me virar e rasgar o Mundo?
Quando vou me virar e rasgar o Mundo?
Meus olhos são cachoeiras ininterruptamente em queda d'água.
Queda forte e brusca.
Meu coração é uma grande almofada fofa e cheia de ácaros.
Esp(ir)ro.
Minha pele é uma superfície carimbada. A ser carimbada.
Ela é o próprio carimbo.
CA-RIM-BA-DA.
Calambarearei.
Carimbarei.
Pego a bola e arremesso.
Arremesso para VOCÊ.
Carimbei.
Mas quando vou me virar e rasgar o Mundo?
Quando vou me virar e rasgar o Mundo?
O momento é esse, oportunamente é esse!
Me viro e... Carimbo?
Calambeio.

Entre teclas e **experiências**.

Experiências entre teclas.

Experiências, teclas e entre.

Teclas e **experiências** entre...

Teclo para **experienciar**.

Experienciar e só depois teclar.

Apertar com as pontas dos meus dedos as letras do alfabeto, números, símbolos, comandos.
Teclado.

Estou no comando! Estou?

Cento e doze possibilidades combinatórias.

Qual é a probabilidade de ser feita uma combinação homogênea?

No meu caso nenhuma ou quase nenhuma ou quase nada ou nada.

Nada(r)... prendo o ar e me afundo... afundo no mar... no infindável sujeito que sou.

Quando digo que sou, o que sou?

Quando pretendo ser, o que sou?

O que sou, quando quero ser?

Acesso minhas memórias, aquelas da infância, da juventude, da vida adulta...

Memórias que agarram meu corpo no presente.

Algumas reminiscências são doloridas, machucam, mas me fazem voltar à margem e respirar.

Respir(ar)!

Res(pirar)!

Fazer entrar... e expelir.

Ser alguma coisa é complexo.

Tentar ser alguém é igualmente complexo.

Será que posso?

Na pele, realmente, tentar ser é complexo.

Me interesse, assim como Rita Von Hunty (e talvez nas tantas falanges **VIADAS**), em quem posso ser e não estaciono em quem sou.

A provisoriedade de ser.

A precariedade de ser.

Tal estado me mantém movente.

Me rebelo e...

VIADO é o que posso ser.

VIADO é o que sou.

VIADO é aquilo que ainda hoje não posso ser.

VIADO é aquele que se deleita com sujeitos do mesmo sexo.

VIADO é o que sente internamente outros sujeitos.

VIADO é o que se insere em outro(s) sujeito(s).

VIADO são outros. Os. O.

CORPO-VIADO

Percebo o desaparecimento das letras.

Percebo o desaparecimento dos outros. Sou um deles, um outro.

Percebo que os outros também são aqueles que irremediavelmente me tornam um outro.

Presencio e num ímpeto fabrico o desejo de (des)aparecer.

Porvir.

Devir.

Devo ir.

Ou tentativa de vir-a ser?

Não me despeço das memórias, transformo-as em ações performativas, assim como fazem tantos artistas, Mara Leal é uma delas.

L-E-A-L.

É preciso ser leal consigo mesmo.

Com as suas verdades.

Com seu Corpo Mnemônico.

Com o seu presente.

E qual é o meu (seu) presente?

Qual presente ofereço a mim mesmo?

Qual presente é oferecido a mim?

OFERECER. IMOLAR. SACRIFICAR. MEMORAR.

DESLEMBRAR. ESCAPAR. ESQUECER. OMITIR.

Já parou para pensar no presente?

Jogo com as palavras, no presente.

Evoco narrações passadas, mas no presente.

Não que este seja o meu desejo.

Mas, porque o passado ainda vive. E vive muito. E vive cada vez mais silenciando... silenciando...

Shh! Silêncio.

Não tenho escolha.

Escolher não é pra mim.

Ação minhas possíveis tecnologias de defesa e... escrevo, penso, reflito, como o espelho reflito, e escrevo novamente para me contradizer.

O que reflito?

EXPERIÊNCIAS VIADAS.

O que investigo?

Um **CORPO-VIADO**.

Sua precariedade e possibilidades subversivas.

Num processo eminentemente artístico e pedagógico.

Observo-me num processo de feitura, artesanaria...

DESNUDO-ME para TECER-ME.

Teço-me em ação. Performo minha identidade dissidente, fluida, provisória.

O caminho evoca uma pedagogia possível da/na construção de si e

[...] A performance como criação de um espaço paradoxal em que a percepção do tempo é suspensa e perde sua linearidade, e assim por diante. Dentre essas questões, quais eu escolho para abordar aqui? (Icle, 2019, p. 53).

Afinal, o que quero?

Esse **CORPO-VIADO** pode querer algo?

Abrir lugares, abrigo lugares, abrigar entrelugares, encruzas, encruzilhadas.

Revelar percursos – suas ranhuras, frestas, desvios, errâncias, itinerâncias, emaranhados.

Ao observar uma tessitura possível devem, ou não, ser...

(re)formulados, (re)produzidos, (re)programados, (re)memorados.

Ancorando meus anseios, angústias e problemáticas no mar que sou.

É possível para mim estar ancorado?

Ao jogar a âncora percebo que ela caiu não no mar, mas num buraco.

Para o fundo do buraco.

Um buraco profundo.

Que é o movediço.

Que é o próprio CU.

Movediço porque engole tudo o que dele se aproxima, mas mesmo assim...

Ancoro com meu CU.

Ancoro-me pelo CU.

Abro meu CU para poder tecer uma âncora de existência.

Tecer com o CU não é fácil.

Não é fácil em casa. Não é fácil na rua. Não é fácil nas festas em família. Não é fácil no trabalho. Não é fácil na universidade. Não é fácil no ciclo de amizades... definitivamente NÃO É FÁCIL! Não tem sido... definitivamente.

Para estes que nada fazem além de julgar e diante das violências de gênero se silenciam tornando as situações traumaticamente insustentáveis

“VAI TOMAR NO CU”

Escolho silenciar-me entre eles, não tenho tido escolhas.
Permaneço em silêncio e este momento toma outra proporção.

Quando se impõe o silêncio à eloquência do desejo, aos ímpetos da razão aos júbilos da desrazão, o espetáculo real ou imaginário da explosão nos sensibiliza em relação ao levante dos nossos próprios pulmões. Isso faz da mais íntima respiração uma resposta do corpo aos tumultos do mundo. Não há insurreição sem o levante de peitos que fazem ressoar palavras e cantos, que fazem surgir imagens que assinalam sempre os momentos e movimentos sísmicos que fraturam todos os lugares (Didi-Huberman, 2017, p. 50).

Desta vez, escolho estar em silêncio.

Por mais que possa parecer contraditório e dolorido, a verdade é essa, tenho preguiça de não estar em silêncio.

Estou cansado de ter que a todo momento mostrar a podridão dos discursos preconceituosos que são reproduzidos em meu entorno.

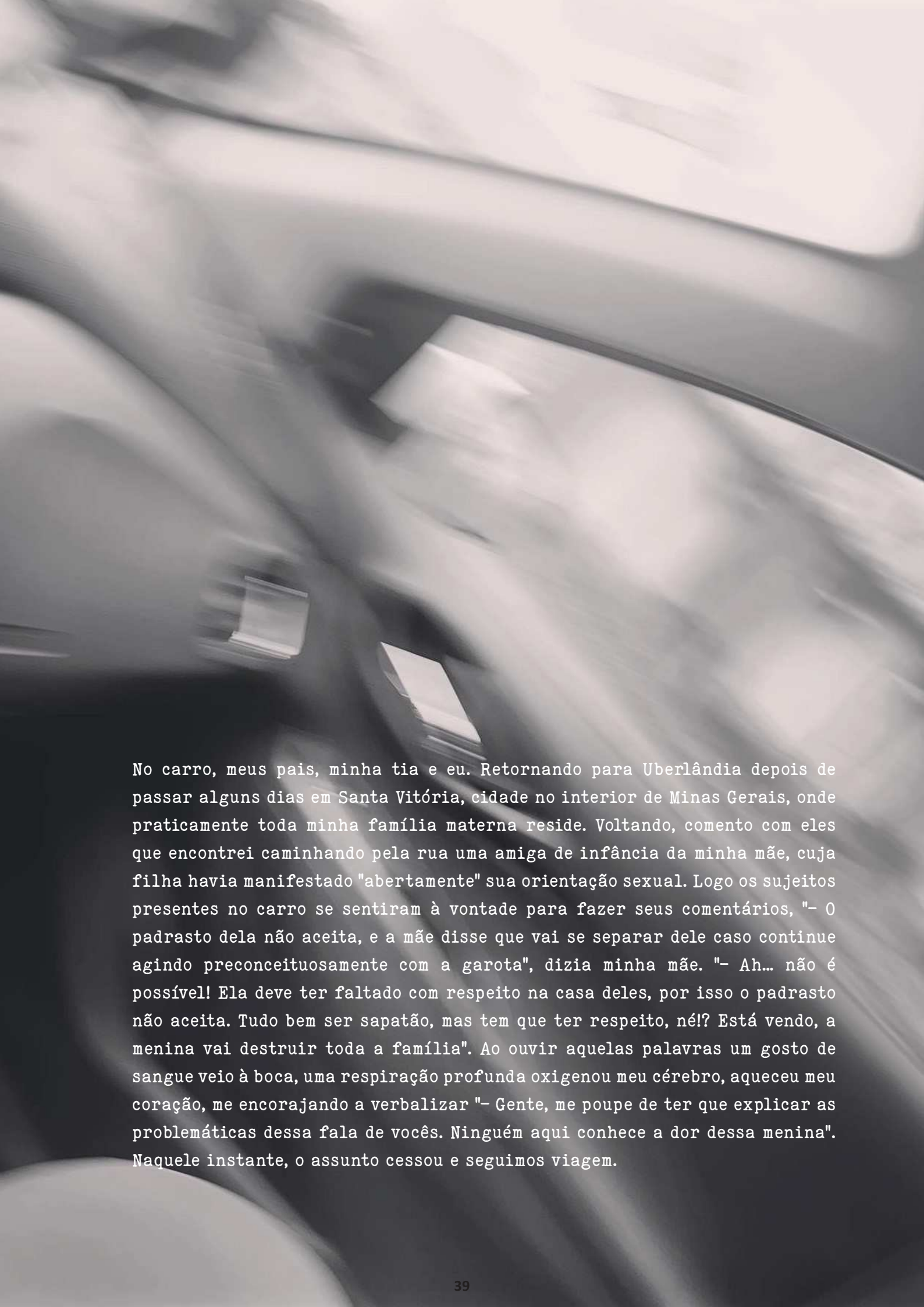
Num lampejo provisório meu **CORPO-VIADO** evoca uma memória em família.

Como assim, ninguém naquele carro conhecia a dor daquela menina?

Eu conhecia. Eu conheço. E irei conhecer profundamente.

As dores cotidianas, ampliadas, veladas, escrachadas, vilipendiadas, silenciadas e angustiadamente sentidas na solidão de um abraço em si mesmo.

Como quem precisa de afeto, mas não tem.



No carro, meus pais, minha tia e eu. Retornando para Uberlândia depois de passar alguns dias em Santa Vitória, cidade no interior de Minas Gerais, onde praticamente toda minha família materna reside. Voltando, comento com eles que encontrei caminhando pela rua uma amiga de infância da minha mãe, cuja filha havia manifestado "abertamente" sua orientação sexual. Logo os sujeitos presentes no carro se sentiram à vontade para fazer seus comentários, "- O padrasto dela não aceita, e a mãe disse que vai se separar dele caso continue agindo preconceituosamente com a garota", dizia minha mãe. "- Ah... não é possível! Ela deve ter faltado com respeito na casa deles, por isso o padrasto não aceita. Tudo bem ser sapatão, mas tem que ter respeito, né!? Está vendo, a menina vai destruir toda a família". Ao ouvir aquelas palavras um gosto de sangue veio à boca, uma respiração profunda oxigenou meu cérebro, aqueceu meu coração, me encorajando a verbalizar "- Gente, me poupe de ter que explicar as problemáticas dessa fala de vocês. Ninguém aqui conhece a dor dessa menina". Naquele instante, o assunto cessou e seguimos viagem.

E aí, diante disso, me questiono: Como acessar os campos de resistência? Como resistir a mim mesmo? Ao meu cansaço? À ira que tenho desses sujeitos ignorantes que não querem mudar e escolhem permanecer no limbo?

O que faço, diante disso, é apresentar um caminho, o meu caminho, os meus caminhos.

E isso não significa que não seja(m) o(s) caminho(s) de outro(s), que, assim como eu, presenciaram e presenciam fins.

E aqui não cabe o singular dessa palavra. Porque para nós, dissidentes, mais corriqueiro que os fins é só a fome de viver (des)amedrontado no mundo.

O que trago à tona é o fim de um sujeito, do sujeito que fui e que ainda sou.

Um fim que não é só fim, mas fimturo “um estágio em que a vendabilidade do fim está marcado pela formação de valor do futuro” (Leal, 2021, p.15). Um fimturo que só se concretizará quando este trabalho avançar mar adentro e desdobrar-se em inúmeras paragens.

Embarco, literalmente, pelas vielas tortuosas, emaranhadas e entranhadas do meu CU.

Com zero possibilidade de ancorar-me, pois o CU não para quieto, ele se movimenta num pensamento que, em sua maioria, não consegue nem se materializar enquanto tal.

A violência ainda é muita e mesmo sabendo que nosso destino é assim, arrombado, aberto, incerto e em constante transformação, viajo... em viagens que mais parecem travessias, pois não se sabe ao certo onde é que todo esse deslocamento vai chegar.

Deslocar-me, deslocar-se, deslocar de um ponto a outro e cartografar o emaranhado das experiências deste deslocamento.

Tento transformar em texto o pressuposto de que a performance seja um espaço de resistência às vulnerabilidades de sujeitos/as/es LGBTQIAPN+.

Transformo em texto a hipótese de que a prática de ações performativas são uma potente estratégia para construção e afirmação identitária.

Anseio que estes viajantes - SOU UM DELES - encontrem neste emaranhado de palavras um território para reflexão de suas existências, (R)existências, vivências e vulnerabilidades.

Onde possam também refletir, refletir-se, refletindo.

Onde possa encorajar-me, encorajar-se, encorajando-me a seguir na contramão de tudo aquilo que um dia foi violência, opressão, choro, desespero, raiva, tristeza, dor...dor...dor... muita dor. Ainda há dor?

Ciente do fim, narro minhas experiências e, com isso, vou Tateando, principalmente, a coletividade de narrativas **VIADAS**.

Há uma narrativa identitária dos **VIADOS**?

Aceitando e desejando o fim, faço um emaranhado de palavras que formam caminhos (in) possíveis.

Me desloco. E teço o fim do sujeito que fui. Fui?

Desnudo-me em experiências que levaram a este fim. A querer este fim. A encorajar-se e engajar-se neste fim. Fim?

Deste modo, dou importância à porosidade do meu corpo, a aberturas de espaços para que possa existir com todas as minhas **VIAD**Agens. Se é que isto é possível.

Aliás, esse processo tem me permitido entrar em contato com as subjetividades de um sujeito constantemente em silêncio - silenciado em palavras, gestualidades e participação coletiva em distintos espaços.

Descrevo num impulso experiencial.

Valorizo aquilo que não vemos, pegamos, muito menos conseguimos descrever.

Sentado numa mesa e diante de uma tela brilhosa, dou voz àquele(s) no armário(s), àquele(s) trancado(s), àquele(s) sujeitado(s), àquele(s) espremido(s) que rebola(m) entre quatro paredes.

Entendo, com isso, que

O INFERNO SÃO OS OUTROS.

Véu preto.

Não tão preto assim.

Existem espectros que mais parecem luzes entre esse véu.

Horror!

Toda ou quase toda minha vida foi um horror.

Horror, forte impressão de repulsa.

Mas não foi uma impressão, realmente repudiei o que mais deveria amar. ~~Eu mesmo~~.

Percebo, com isto, que a vida deve começar a ser encarada pelo seu cerne.

Tenho ódio de combinar palavras. Palavras em geral são só palavras. E este é o cerne.

Palavras e(m) ação são performances, e aí começo a me interessar por elas, pelo emaranhado delas.

Penso... penso... Há muitas conexões acontecendo no corpo.

Na iminente inércia, quando nada parece acontecer, há um milagre acontecendo.

Olho no espelho.

Minha imagem salta e permanece estupefata entre mim e aquele objeto.

A imagem se move, eu não.

Não me movo, muito menos olho nos olhos daquele reflexo fajuto, tenho medo do que posso ver.

Decido então fechar meus olhos.

Véu preto.

Não tão preto assim.

Existem espectros que mais parecem luzes entre esse véu.

Horror!

Toda ou quase toda minha vida foi um completo horror.

Horror é um substantivo e, segundo seu significado, quando evocado, vem acompanhado de um arrepio gerado pela percepção de algo ameaçador.

Tudo à minha volta se configura como uma ameaça.

E isso não significa que seja uma ameaça para todos, mas para mim é.

Decido então enfrentar meu ódio.

Junto as letras para que elas se transformem em territórios de partilha.

Junto as letras para transformar experiências em partilha.

Junto as letras para fazer ver ou descobrir outras possibilidades de existir e (R)existir neste mundo.

Junto as letras para embarcar em processos.

Junto as letras para me tornar um processo.

Junto as letras para vir-a-ser processo.

Junto as letras para estar (E)M performance.

Junto as letras para que **VIADOS**, como eu, possam existir em suas encruzilhadas, lugares onde as fronteiras e identidades se tornam fluidas, híbridas e possíveis.

Essa escrita é performance tão provisória quanto precária.

Ela é a evidência de percursos traçados por um artista, em busca de (des)emaranhar suas experiências de opressão, violência, silenciamento, bem como a construção e a afirmação de sua identidade de gênero. E assim, neste preâmbulo PERFORMA(ESCR)ITIVO, começo a experienciar o novo sujeito que sou e porque sou.

Na iminência do próximo blecaute, o que se transforma?

Breve. Muito breve. Talvez não precisaria ser tão breve. Quase nada é tão breve.

Ou tudo é brevidade?

Um **CORPO-VIADO** breve.

Não tão breve assim.

Um **CORPO-VIADO** interpreta.

Um **CORPO-VIADO** dança.

Interpreta mais do que dança.

E te convida para uma dança. Para dançar.

Dança comigo essas palavras?

Um **VIADO** performa enquanto as palavras dançam.

Interpreta EXPERIÊNCIAS e dança TERMINOLOGIAS.

Qualquer palavra ou conjunto de letras que viesse à mente para ser escrito aqui não iria conseguir dimensionar a potência das experiências encarnadas.

E é este fator que me conduz a performar quem sou, mesmo que provisoriamente.

Gostaria que essas palavras, essa combinação de palavras, essas ideias apresentadas no decorrer das páginas, fossem lidas por meio de e como práticas a serem desenvolvidas.

Este texto deve ser lido num dia qualquer.

Falo de mim e de minhas experiências com e nu(o) meu corpo.

Falo de mim, mas também sobre os meus, os MITÔMANOS CORAJOSOS.

Iniciei a jornada acadêmica em 2013 e, durante os anos em que permaneci na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e na Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna, pude me (des)cobrir, performar algumas de minhas verdades, nem que fossem aquelas momentâneas, provisórias. Pude também fomentar o anseio de permanecer na academia. Talvez, por isso, amo tanto o Rio de Janeiro e tenho uma relação íntima com a cidade.



Treme. Treme. Treme.
Sente a brisa bater no cangote.
Corpo pêndulo. Corpopêndulo.
Braço e mão do lado esquerdo para cima!
Direita não, esquerda.
Luva na mão d-i-r-e-i-t-a.
Isso significa violência, abuso, opressão e quem entendeu outra
coisa, ou quer atribuir a isso outro significado, está errado!
Alguns passos adiante, avanço.
Avançar, verbo transitivo indireto que significa fazer mover
para frente. Adiantar.
Todos têm esse direito?
A quem é dado o direito de avançar?
Quem avança, avança por quê? Em nome de quem? Para quem?
Corpo estático.

O ano de 2018 foi muito intenso. Ele se dividiu em dois momentos, o pré e pós encerramento de ciclo na ETET Martins Penna. Passei todo o primeiro semestre, deste ano, na preparação para a montagem da formatura da turma a qual fazia parte, *Por Que Hécuba?*, peça escrita por Matei Visniec e dirigida pelos professores Alessandra Carvalho e Ricardo Rocha. A passagem por aquela instituição foi um divisor de águas na minha carreira como ator e como ser humano. Naquele espaço, pude aprofundar e firmar laços que foram e ainda são muito importantes para mim. Refiro-me especialmente a Alessandra Carvalho², uma mentora que me inspira, instiga e provoca artisticamente, desde 2017.

No segundo semestre de 2018, o contexto da eleição presidencial rompeu o véu que se instaurava em minha percepção. A partir daí uma série de discursos violentos, opressores e fascistas voltaram a tomar uma proporção significativa na sociedade. Obviamente, ninguém escapou ileso disso, de uma forma ou outra, todos sofreram este impacto. Comigo não havia de ser diferente. Recordo-me das infinitas mensagens misóginas, preconceituosas e alienadas que lia ao abrir o grupo da família no aplicativo *WhatsApp*. Nesse tempo, me senti oprimido e violentado ao me colocar contra todas aquelas atrocidades publicizadas.

² Doutoranda em Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro/UNIRIO. Mestre em Artes da Cena pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (2018). Graduada em Licenciatura Plena em Educação Artística com Habilitação em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ (2005). Formada atriz pelo Curso de Qualificação Profissional de ator pela Escola de Teatro Martins Penna (1996). Atualmente é coordenadora pedagógica na Escola Técnica de Teatro Martins Penna, onde também leciona Teoria do Teatro e Interpretação Dramática. Servidora pública da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) e professora no Liceu Franco-Brasileiro. Atriz, professora e diretora de teatro, tem experiência na área de Artes Cênicas e Artes Visuais.

Imagem estática.

Uma sombra.

Meus braços se estendem na lateral do meu corpo, olhos arregalados, corpo pendido para o lado esquerdo.

Respiração profunda e ofegante.

Sensação de desespero.

Todos, sem exceção, violentaram-me na minha cara, sem menor pudor.

E diante dessa violência meu corpo incontrolavelmente...

Treme. Treme. Treme.

Agora a brisa bate nos calcanhares.

Suspensão.

Corpo pêndulo. Não mais corpopêndulo, mas chicote.

Braços estendidos para os dois lados.

Raízes. Enraizar.

Fui colocado no centro, isso significa algo localizado entre silenciar-se e silenciar.

Oprimir e ser oprimido.

Entro em movimento. Sigo o caminho.

Imagem não estática.

O ano era 2019, junto com a maior crise existencial que já vivenciei, veio a tão almejada formatura na graduação em Atuação Cênica pela Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A pé (cansaço), descalço (dor) e sozinho (solidão): era assim que sentia minha liberdade, por seis anos acreditei que liberdade significava permanecer sozinho, mas após receber aquele diploma compreendi que o tanto que havia feito, e haveria de fazer, não valeria a pena em meio à urgência de vida que fervilhava em mim.



Fevereiro de 2014. Carnaval carioca. Eu, como sempre, espalhafatoso, gritante e, simplesmente, feliz. Fila indiana para não se perder. Copo cheio da cerveja em oferta, três unidades por R\$10,00. Um odor peculiar que nunca havia sentido na vida. Aquela mais pura fragrância carnavalesca nos conduzia à praia de Ipanema, onde eu daria meu primeiro beijo na boca. Tudo o que aconteceu antes disso é mentira, completamente mentira.

Caminhamos praia adentro até nos assentarmos naquela areia gelada e gostosa. Já havia escurecido. O calor de 45º tirou praticamente toda a roupa da galera, da fila indiana. Bastou o giro da garrafa pet e a pergunta veio. Verdade ou consequência? Antes da resposta estava deitado na areia, com minha primeira paixão em cima de mim, me beijando. Parecia que tudo já estava programado. Minha reação? Beijar de volta, é claro, amassar ELE todo e ainda morder seus lábios carnudos que praticamente me comiam.

A volta pra casa foi (in)sonora, eu até tentava verbalizar algumas palavras ou grunhidos, mas não conseguia. Só alguns dias depois, que para mim foram anos, as palavras voltaram a me ocorrer. A pior atitude possível, mandar mensagem, um emoticon de coração no fim. A visualização e o silêncio, da parte dele, me distanciavam ainda mais daquilo que acreditava que tinha vivido, e me aproximavam daquilo que os outros achavam que havia acontecido. "- Para, foi só um beijo!". Para mim não era só um beijo!

O que se corporifica; é a primeira vez que aqueELE corpo-pELE se aproximou, e se enchEU de mim. EU também me enchi dELE. Pela primeira vez, me saciei verdadeiramente. Agora não respiro. Por alguns instantes, permaneço nELE, e ELE em mim! Quanta pELE, quanto suor, quanto cheiro..

O aparecer do sexo.

O brilho na pele tece.

O reflexo do amanhecer.

Descobrir, verbo transitivo direto, que significa remover, tirar o que cobre algo parcial ou totalmente. Um verbo experimentado por todos aqueles que fogem das normas de gênero impostas à sociedade e que, na maioria das vezes, nem ao menos são questionadas por aqueles que se mantêm vigentes no padrão social. O que mais dói, se descobrir ou ser descoberto? O que gera mais experiências traumáticas? É possível escapar do trauma quando se experimenta no corpo este verbo?

Meu corpo em contato com a parede manchada e frígida. Deliciar-se deste contato parede-corpo. Me proponho a resgatar a sensação de comer torta de chocolate. Como amo chocolate! Nada tem o mesmo sabor como na infância. Costas na parede, agora todo o corpo em contato. Nessas circunstâncias, começo a escorregar, perder a força. Escorregar, verbo intransitivo que tem por significado deslizar sob a pressão do próprio peso. Minha bunda, meu CU aberto, encontra o chão.

Aqui, agora,

de ou descolonial?

Caiu na rede é carnaval.

A ação conduz para um pêndulo atemporal.

Dessa vez a ação não conduziu a um pêndulo e sim à abertura daquilo que estava fechado e deveria permanecer daquele modo. Deveria? Sabe o encontro do lábio superior com o inferior? Estava assim, me sentia assim, fui colocado de maneira brutal assim, mas ali, por mínimo que fosse, existia uma vontade de expressar. Minhas mãos perfuraram as pernas abertas, como quando a língua perfura os lábios. Dor. Olhos entreabertos. Imagem fugaz, observo e consigo escapar para enfim... pausa. Um respiro profundo. Longa pausa.

Algo está ornado: a música externa a mim, literalmente, se relaciona, ou melhor, direciona o ímpeto do meu corpo em se levantar e sair daquela posição. Posição ereta. Cheguei nessa posição por meio do meu corpo, mas quem me colocou nela? Certamente não fui eu. Nessa história de ocupar outro lugar, ser vulnerável é o que foi imposto a mim. Mas existem direitos para sujeitos mitômanos como eu? Dizem que sim, mas essa proposição é uma mentira.

Casamento do meu irmão. Festa, bebida alcoólica, burburinho. O pacto de silêncio sobre minha sexualidade é rompido. Um dos poucos amigos que sabia da minha orientação sexual atira as palavras ameaçadoras de cima do palco. Todos perplexos. Crescente burburinho. Todos ao máximo tentando não render o assunto. Comentando por debaixo dos panos. Meu primo, o mais velho, fica incomodado com aquela situação e vai embora bem antes do término. Sem dormir, olhos vidrados, coração disparado. No outro dia, minha prima, a qual chamo de irmã, me tranca num quarto e abre o jogo comigo. Ao me retirar do quarto para tomar fôlego e prosseguir com o assunto, um daqueles parentes infelizes lança a primeira piada. Finjo não entender. Certamente mais um fim. O meu fim. É possível parcelar o fim? É possível parcelar este fim? Sim é possível, meu fim foi calculadamente parcelado. Para quem sonhava pagar essa conta, dívida, ou como queira chamar, à vista, as parcelas foram numerosas demais.

Um ponto de parada. A condição humana de muitos não os leva a esse ponto, a minha levou. PARE. Foi com essa palavra que me silenciaram. Dolorosamente fui conduzido a este ponto... E contrariando até mesmo minha expectativa, que não era muito grande, consegui adentrar novamente o espaço acadêmico. Um tempo “vazio” no meu quarto. Lá fora algo dilacera a humanidade e, neste momento, não me refiro somente a discursos ou ações preconceituosas, mas especificamente a um vírus, que contamina e mata na velocidade da luz. Você dorme e de repente não acorda. Acordar passa a ser a maior de todas as dádivas. E esta, por incrível que pareça, não é uma fala clichê. Tudo embaçado, cabeça não tão boa quanto antes, e meu corpo, diariamente, tentando se dilatar por meio da prática de ioga. Despretensiosamente encontro o chão frio, revisito uma sensação de arrepio gostoso de sentir e, naquele momento, entendo que as percepções do mundo devem vir acompanhadas do sentir no corpo.

Aquilo que se sente no corpo jamais é esquecido. Ressonância. Me levanto e rapidamente começo a corporificar minha imensidão interna. Meus sentidos operam num único propósito: corporificar-materializar esta avalanche chamada imensidão. Alguns meses acessando esta tecnologia até que, numa manhã qualquer, o acontecido acabara de exalar, por meio do meu corpo, 12 páginas de papel A4, contendo 21282 caracteres, 3229 palavras em exatas 197 linhas. Um pré-projeto intitulado *A performance art como dispositivo produtor de espaços de enfrentamento e resistência às situações de vulnerabilidade dos jovens LGBTQIAPN+*. Engajar(me). Desdobrar(me). Habitar(me). Tantas coisas mudaram desde então.



Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2023.

Carta ao Gabriel,

Não sei mais como escrever uma carta. Faz tempo que não pratico esta modalidade afetiva, que me traz lembranças memoráveis da minha adolescência. Enfim, vamos lá nessa missão que me foi dada pelo Gabriel e que faço com um carinho imenso, mas com receio de que a minha memória, que não é muito boa, me obrigue a exercitar a imaginação para preencher as lacunas que surgirem nesse caminho.

Meu encontro com o Gabriel está ligado aos momentos inaugurais da minha chegada na Escola de Teatro Martins Penna, em 2017. Ele estava na minha primeira turma de Teoria do Teatro e na minha primeira montagem. Conheci Gabriel quando lecionei Literatura Dramática III, com ênfase em comédia, justamente para a sua turma.

Lembro do Gabriel daquela época como um estudante muito dedicado, curioso, esforçado, mas, acima de tudo, alegre. Sempre com um grande sorriso no rosto e perguntas e mais perguntas. No ano seguinte, veio o convite para dirigir a minha primeira montagem na Martins, juntamente com meu amigo Ricardo Rocha, o que significou mais um momento inaugural. Tudo muito significativo para mim, já que sou ex-aluna. Era de novo a turma do Gabriel, e tê-lo na montagem, foi fundamental para o processo. Isso porque a seriedade e aplicação do Gabriel nos inspirava e nos movia a continuar, apesar das dificuldades.

O Gabriel sempre demonstrou muita coragem em cena, diferente de outros alunos, ele parecia não temer o erro, e as dificuldades da cena não o paralisavam. Ele era incansável na construção das cenas, o que lhe rendeu um grande crescimento artístico nesse período. Nossa ligação também foi imediata, desde nosso primeiro contato. O Gabriel já se interessava pelo universo da performance, que também era uma área do meu interesse, e isso rendia muitas e muitas conversas sobre o assunto. Na época eu estava no mestrado e o Gabriel expressava seu interesse em prosseguir com os estudos e aprofundar, em uma pós-graduação, as questões que já estava trabalhando na graduação da UNIRIO (Ele fazia Martins Penna e UNIRIO ao mesmo tempo, esse é o Gabriel, rsrsrs...)

Em setembro de 2020, em meio à pandemia de Covid 19, Gabriel me enviou uma mensagem pedindo um auxílio, quanto à elaboração de uma ideia de projeto para tentar o mestrado na Universidade de Uberlândia. Marcamos uma conversa virtual e Gabriel, prontamente, expôs o desejo de continuar a sua pesquisa sobre performance. Sua primeira ideia era pensar a performance como uma abordagem pedagógica a ser aplicada nas escolas, como forma de ajudar alunos e alunas a superar traumas e problemas familiares. Achei a ideia interessante, mas me pareceu de imediato muito

distante do Gabriel, não conseguia perceber uma implicação pessoal, de fato, nessa proposta. E achava (acho ainda) importante que esse fator estivesse presente, primeiro porque para estudar um assunto por dois anos é necessário que ele nos afete e nos mova, segundo porque em se tratando de performance, é fundamental nos colocar em jogo. Sugeri, então, que seu foco fosse a população LGBTQIA+ e os preconceitos e violências enfrentados por essas pessoas, na afirmação da sua liberdade para amar e viver. Fiz a sugestão com certo receio, porque sentia no Gabriel um silenciamento sobre essa questão. Nunca havíamos conversado sobre o assunto, mas, de alguma forma, eu intuía que essa era uma questão importante para ele, principalmente em relação à sua família (até hoje não sei se estou correta nessa afirmação).

Recuperando as mensagens do Whatsapp, vejo que a minha memória estava correta. E foi bonito ver como, rapidamente, ele se empolgou com o tema e se lançou na pesquisa, nas leituras e na escrita do projeto, o que resultou na sua aprovação para o mestrado e a certeza de que a sua dedicação e envolvimento no tema estava apenas começando. Acredito que o mestrado tenha sido muito mais do que uma experiência acadêmica para o Gabriel. Foi de fato uma re-descoberta de si. Um processo de afirmação e empoderamento, não só como pesquisador, mas também como pessoa LGBTQIA+. Vendo as performances que o Gabriel foi desenvolvendo, percebo o quão foi importante este mergulho. A performance foi para ele antes de tudo uma cura de si, uma autodescoberta do seu lugar, das suas escolhas, e da beleza que vem de tudo isso. Como disse no início, Gabriel sempre foi corajoso. E a coragem combina muito com ele. O Gabriel tem essa estranha capacidade de ser permeável, vulnerável.

E a vulnerabilidade, como eu escrevi em um dos meus artigos, torna possível “a captação desses fluxos invisíveis, transformando as matérias mais sutis, reconfigurando territórios e criando novos mundos possíveis. Mas a vulnerabilidade exige coragem. E a coragem é a capacidade de agir com o coração”. Assim é o Gabriel. Um corajoso, de sorriso largo e um coração enorme. Te adoro, menino. Fico muito feliz em poder compartilhar este momento.

Alessandra Carvalho.

Part(ir).

Querer part(ir).

Quero part(ir).

Um dia quis (me) part(ir).

Part(ir) para bem longe.

A 1000 quilômetros de distância do meu umbigo.

Em Minas Gerais, estado onde nasci, temos a tradição de enterrar o umbigo.

Distanciar-se do umbigo.

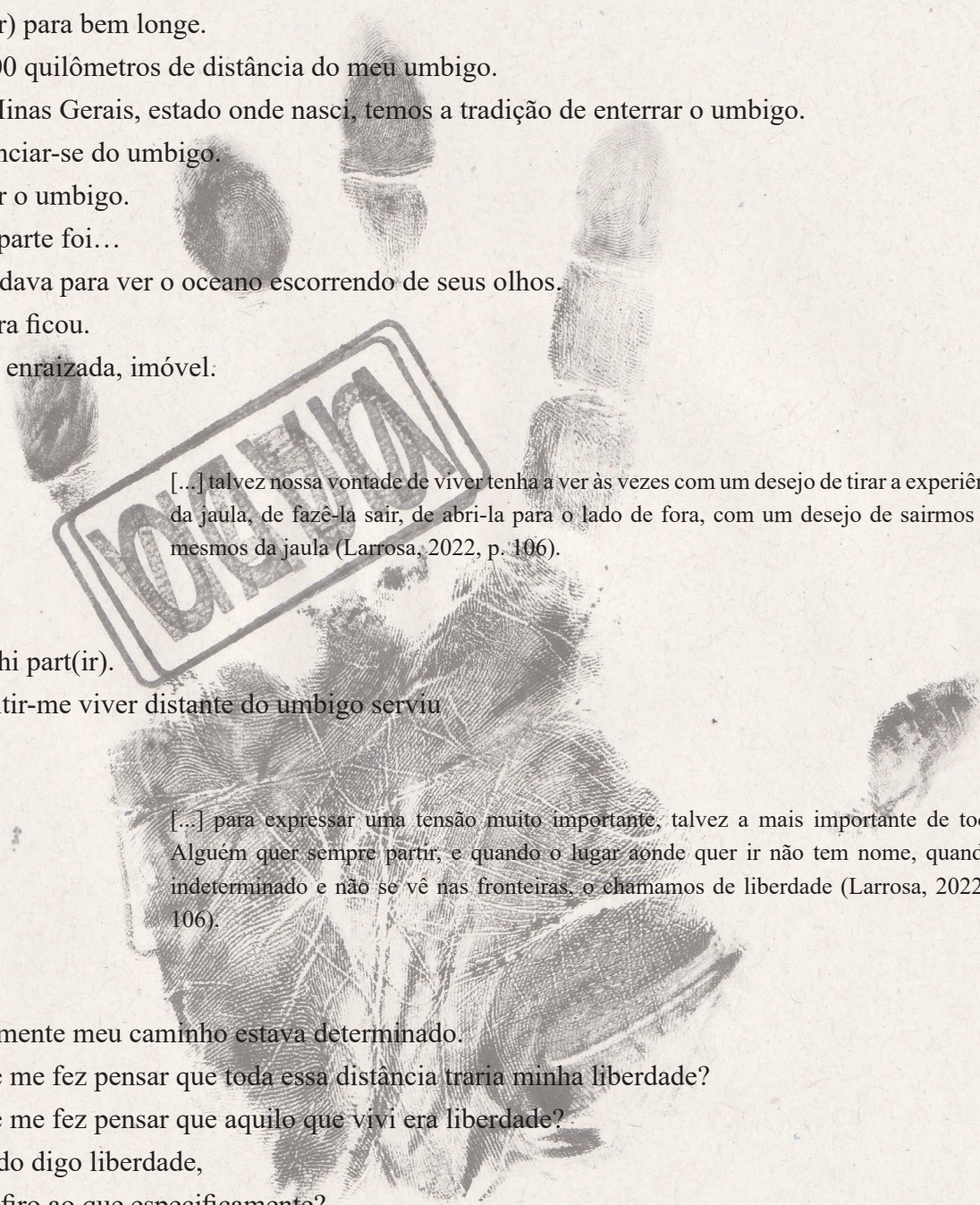
Cortar o umbigo.

Uma parte foi...

Foi e dava para ver o oceano escorrendo de seus olhos.

A outra ficou.

Ficou enraizada, imóvel.



[...] talvez nossa vontade de viver tenha a ver às vezes com um desejo de tirar a experiência da jaula, de fazê-la sair, de abri-la para o lado de fora, com um desejo de sairmos nós mesmos da jaula (Larrosa, 2022, p. 106).

Escolhi part(ir).

Permitir-me viver distante do umbigo serviu

[...] para expressar uma tensão muito importante, talvez a mais importante de todas. Alguém quer sempre partir, e quando o lugar aonde quer ir não tem nome, quando é indeterminado e não se vê nas fronteiras, o chamamos de liberdade (Larrosa, 2022, p. 106).

Certamente meu caminho estava determinado.

O que me fez pensar que toda essa distância traria minha liberdade?

O que me fez pensar que aquilo que vivi era liberdade?

Quando digo liberdade,

Me refiro ao que especificamente?

A qual lugar?

A quais circunstâncias?

Quem anda junto com a minha liberdade?

O que é? Quem é? O que pode ser ou o que vem a ser sua liberdade?

Tudo na vida é uma escolha?

Es(colher). Futuro.

Es(colhi). Pretérito perfeito.

Meu telefone toca, é meu pai do outro lado da linha, tinha acabado de comer um sanduíche com uma colega da faculdade. Enquanto caminhava pela rua Bambina, conversava com ele: "- E aí meu filho, está gostando mesmo do Rio de Janeiro? Não vai querer voltar?". "- É que eu estou amando a faculdade, pai". Estava sendo infinitamente mais perfeito do que podia imaginar.

O que restou depois dessa escolha?

Os restos interessam mais a mim do que os conteúdos.

Já parou para pensar em seus restos?

Quais são meus (seus) restos?

Restos da minha Mãe.

Restos do meu Pai.

Restos do meu irmão.

Restos... restos... restos...

Independente de qualquer circunstância, restos!

Tudo faz referência aos restos.

O que sempre permanece são os restos.

Até o instante que decidimos expurgá-los.

Assumir as consequências dessa expurgação.

Quais restos sobrevivem aos tempos de subversão?

É possível que algo resista a esses tempos?

Quais restos permanecem intactos às experiências deste tempo?

É possível ser resto e estar intacto?

Num átimo irreversível... Escolho novamente.

Retrocedo os quilômetros que havia percorrido.

Não foi uma decisão fácil.

Um desespero em minha alma se instaura. Estava perdido e desorientado.

O universo havia me roubado a perspectiva de futuro. Como me manter firme em minhas decisões estando destituído dessa perspectiva?

Deitado no sofá com a cachorra da minha amiga. Ela havia viajado e, por conta disso, me comprometi em cuidar da cadelinha.

Um dia angustiante. Um aperto no peito. Era fim de tarde quando me encorajo a ligar para meu pai e comunicar minha volta.

E como se não estivesse tudo bem voltar atrás em alguma decisão, mantenho firme meu ímpeto desesperado em busca de acolhimento e afeto.

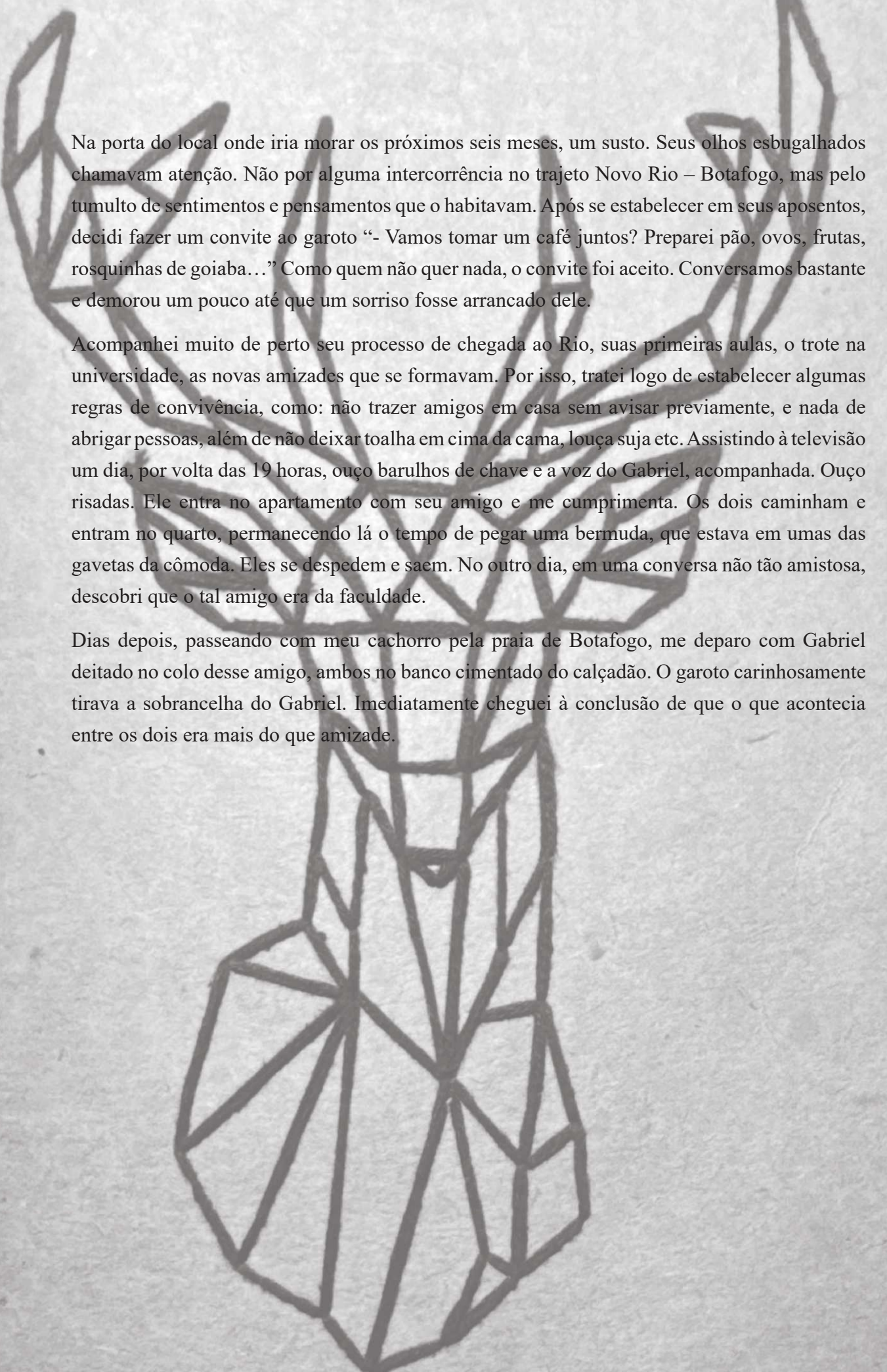
Voltei e...

Instantaneamente acesso aquele sujeito que permaneceu incorrupto.
Uma dor inigualável. Dor na alma que se transfere para o corpo.
Não se posicionar diante das adversidades da vida é dolorido.
É dolorido caminhar contra o desejo.
É dolorido direcionar-se a favor dele.
Ter desejos é inerente à vida humana.
Ninguém escolhe ter desejos.
Simplesmente deseja.
E os desejos induzem à ação e provocam memórias.

A memória, no entanto, não é só o que ficou para trás, mas aquilo que, por alguma razão, o cérebro em seus circuitos elétricos, no ato do instante, une o passado ao presente. Além disso, a força do devir, em constante movimento, transforma e remete tais eventos integrando passado e presente ao momento seguinte - o futuro (Lopes, 2014, p.11).

O percurso construído nas linhas que se sucedem diz respeito à trajetória de um homem cis, branco, **VIADO**, natural de Uberlândia, interior de Minas Gerais. No entanto, seu sonho de criança o fez adquirir um chiado ao final das palavras com S. Agora não mais Gabriel, Gabrielzinho, Bí e afins. Menino do Rio, era assim que o chamavam após a decisão de territorializar suas experiências no Rio de Janeiro. O desembarque do menino do Rio ocorreu no dia 07 de setembro de 2013, às 9h45. Na rodoviária Novo Rio, ele começava a traçar um novo percurso. Sua primeira sensação foi a de liberdade. O Rio de Janeiro, naquele dia, era palco de protestos que, como sempre, acabavam em violência. O país vivia, desde junho daquele ano, um período marcado por manifestações pró e contra o governo. Foi nesse contexto que ele, com 18 anos, chegou ao Rio de Janeiro e, rumo a Botafogo, passando pelo Palácio da Guanabara, onde os protestos aconteciam, compreendeu que não seria nada fácil o caminho a seguir.





Na porta do local onde iria morar os próximos seis meses, um susto. Seus olhos esbugalhados chamavam atenção. Não por alguma intercorrência no trajeto Novo Rio – Botafogo, mas pelo tumulto de sentimentos e pensamentos que o habitavam. Após se estabelecer em seus aposentos, decidi fazer um convite ao garoto “- Vamos tomar um café juntos? Preparei pão, ovos, frutas, rosquinhas de goiaba...” Como quem não quer nada, o convite foi aceito. Conversamos bastante e demorou um pouco até que um sorriso fosse arrancado dele.

Acompanhei muito de perto seu processo de chegada ao Rio, suas primeiras aulas, o trote na universidade, as novas amizades que se formavam. Por isso, tratei logo de estabelecer algumas regras de convivência, como: não trazer amigos em casa sem avisar previamente, e nada de abrigar pessoas, além de não deixar toalha em cima da cama, louça suja etc. Assistindo à televisão um dia, por volta das 19 horas, ouço barulhos de chave e a voz do Gabriel, acompanhada. Ouço risadas. Ele entra no apartamento com seu amigo e me cumprimenta. Os dois caminham e entram no quarto, permanecendo lá o tempo de pegar uma bermuda, que estava em umas das gavetas da cômoda. Eles se despedem e saem. No outro dia, em uma conversa não tão amistosa, descobri que o tal amigo era da faculdade.

Dias depois, passeando com meu cachorro pela praia de Botafogo, me deparo com Gabriel deitado no colo desse amigo, ambos no banco cimentado do calçadão. O garoto carinhosamente tirava a sobrancelha do Gabriel. Imediatamente cheguei à conclusão de que o que acontecia entre os dois era mais do que amizade.

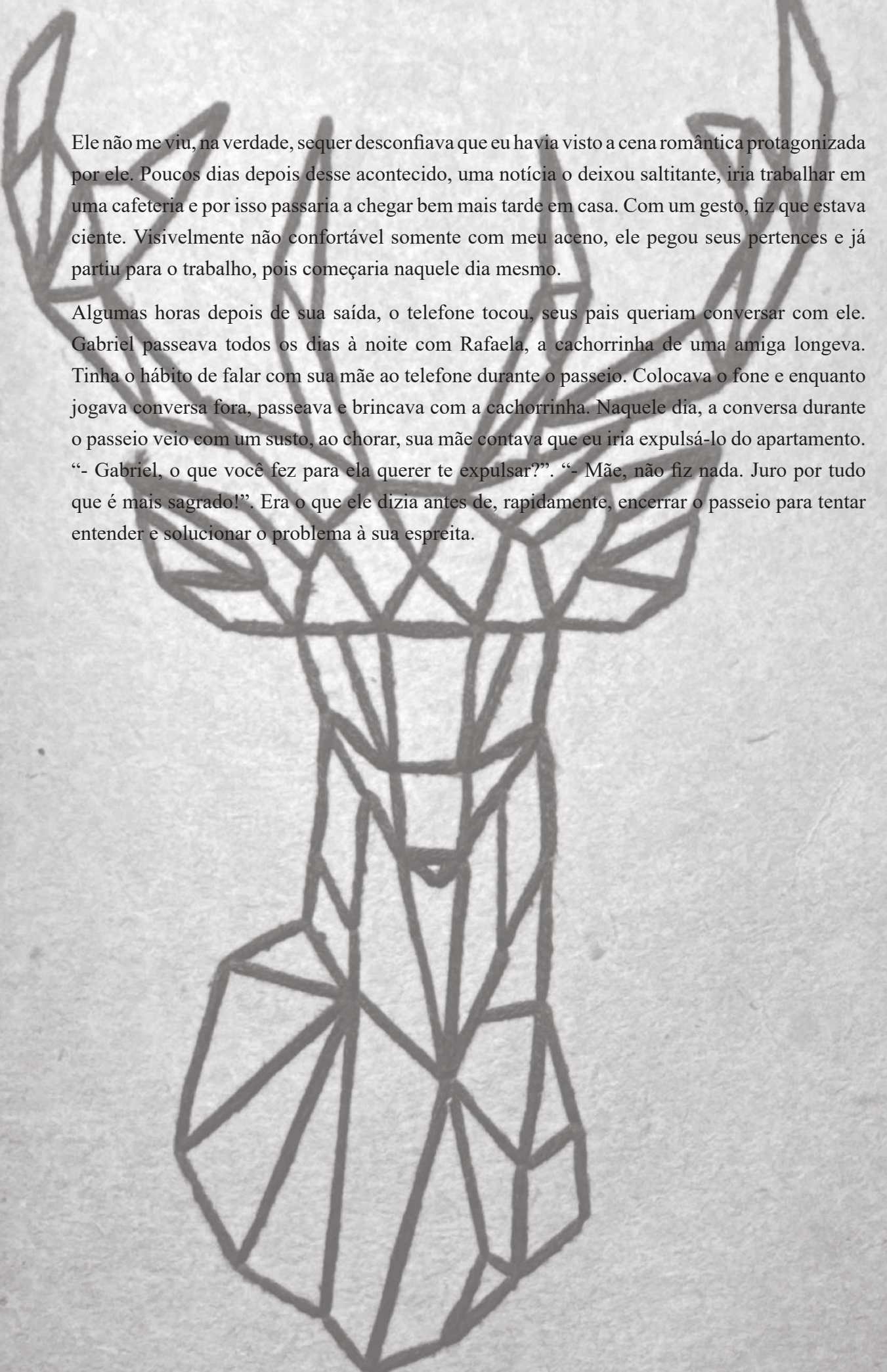


Uma beca vermelha. Um colarinho com rendas na cor Branca. Um cinto Branco. Seguro um canudo Branco. Quanto Branco. Uma mancha redonda deixa o tom de vermelho da beca mais vigoroso, sutilmente ela vai se esvaindo até desaparecer. Era assim que me portava no dia da formatura da pré-escola.

Antes de seguir, gostaria de voltar um pouco no tempo. O ano era 1993, minha mãe, aos 33 anos, finalmente engravidada, meu irmão se preparava para vir ao mundo, o que aconteceu só no final de novembro. Ainda no centro cirúrgico, uma notícia, ele havia nascido com uma deformação no crânio e por isso ficaria internado na UTI para investigação. Dias de acionamento das tecnologias de procura e veio o diagnóstico: estenose craniofacial, uma doença ligada a alterações genéticas do paciente. Em alguns casos é indicada uma correção somente estética, este não foi o do meu irmão. A situação dele poderia levá-lo a ter complicações motoras e sobretudo cognitivas.

A partir daí meus pais começaram a trilhar um caminho doloroso. Teriam que conseguir dinheiro para a cirurgia e as viagens até Bauru - SP, cidade onde o médico prestava atendimento e iria realizar a cirurgia. O fato é que foi em meio a todo esse turbilhão de acontecimentos que meus pais engravidaram de mim. Viria ao mundo exatamente um ano e quatro meses depois do nascimento do meu irmão. A primeira coisa que minha mãe fez ao me pegar no colo, assim que nasci, foi olhar para a minha cabeça. Antes do primeiro beijo materno, eu receberia o alívio da parte dela.

Na primeira troca de fraldas, o impacto, a deformação que antes viera na cabeça, desta vez viria na genitália. Hipospádia é o nome da doença que me acompanhou durante grande parte da minha infância e que perdura até hoje. Uma anomalia caracterizada por alterações na formação do canal da uretra, ou seja, até os meus 14 anos de idade, a reconstrução do meu canal da uretra foi parcelada em onze cirurgias. Do meu canal da uretra ou da minha própria genitália? Meses de recuperação, semanas usando sonda vesical e uretral. E, nesse preâmbulo, fui me (re)constituindo.



Ele não me viu, na verdade, sequer desconfiava que eu havia visto a cena romântica protagonizada por ele. Poucos dias depois desse acontecido, uma notícia o deixou saltitante, iria trabalhar em uma cafeteria e por isso passaria a chegar bem mais tarde em casa. Com um gesto, fiz que estava ciente. Visivelmente não confortável somente com meu aceno, ele pegou seus pertences e já partiu para o trabalho, pois começaria naquele dia mesmo.

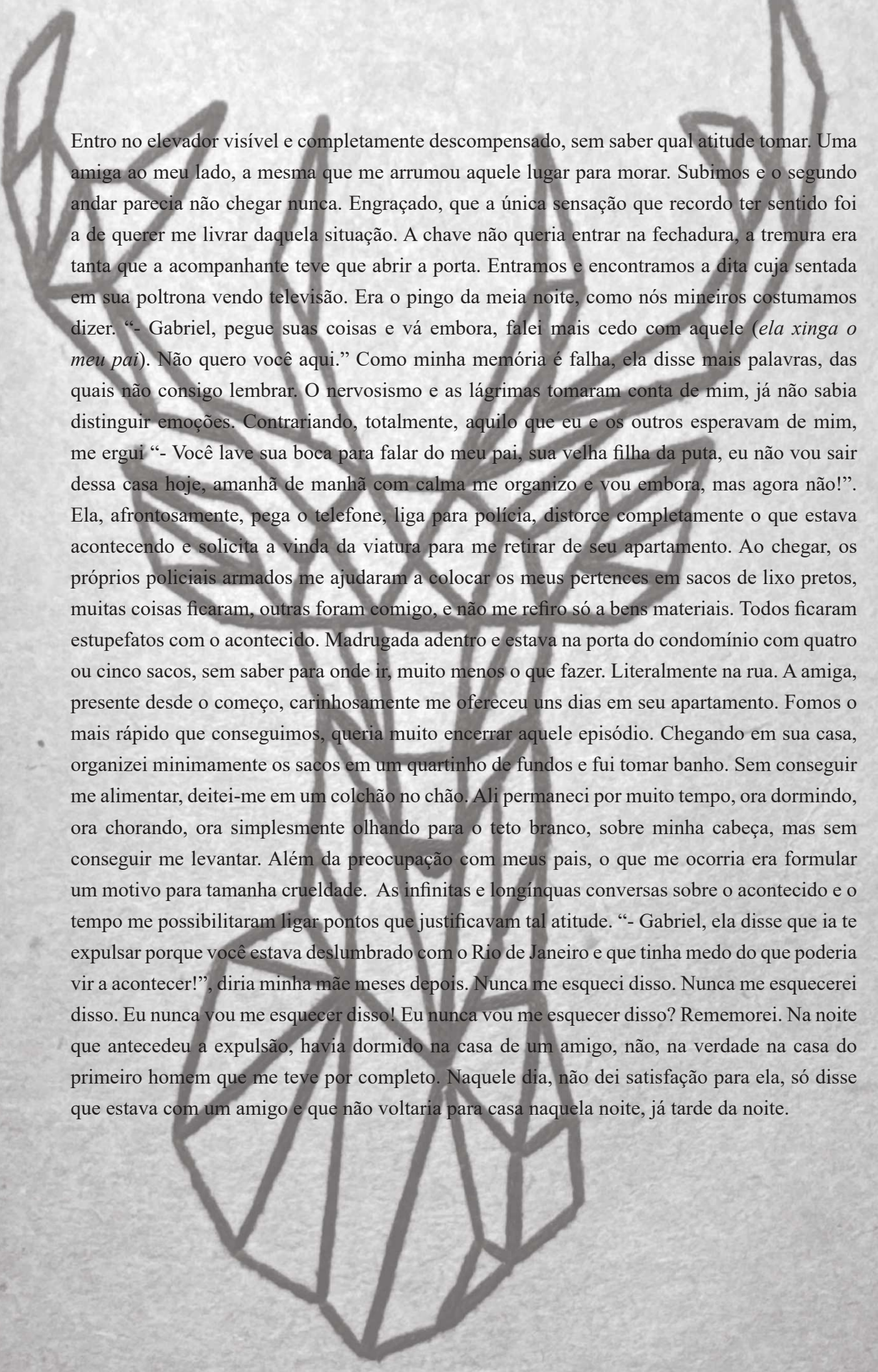
Algumas horas depois de sua saída, o telefone tocou, seus pais queriam conversar com ele. Gabriel passeava todos os dias à noite com Rafaela, a cachorrinha de uma amiga longeva. Tinha o hábito de falar com sua mãe ao telefone durante o passeio. Colocava o fone e enquanto jogava conversa fora, passeava e brincava com a cachorrinha. Naquele dia, a conversa durante o passeio veio com um susto, ao chorar, sua mãe contava que eu iria expulsá-lo do apartamento. “- Gabriel, o que você fez para ela querer te expulsar?”. “- Mãe, não fiz nada. Juro por tudo que é mais sagrado!”. Era o que ele dizia antes de, rapidamente, encerrar o passeio para tentar entender e solucionar o problema à sua espreita.



Por conta dos infinitos buracos ao redor do meu pinto, que iam se fechando a cada cirurgia feita, não conseguia segurar a urina por muitos minutos, dependendo, a vontade de urinar vinha junto com o líquido quente, odorífero, escorrendo pelas pernas. Agora sim posso recuperar o acontecido na formatura da pré-escola. A essa altura, salvo engano, me recuperava da quinta cirurgia. Por conta disso, e pelo fato de que minha mãe ficaria muito tempo longe de mim, ela instruiu que a organizadora da festa, que não era minha professora, me levasse ao banheiro a cada 40 minutos.

A organizadora da formatura, cuidando daquele tanto de crianças, não atentou à instrução da minha mãe. Ela não havia entendido a dimensão daquela proposição, literalmente. Muito próximo da entrada ao palco, a chamei em um cantinho e pedi para ir ao banheiro, “- Você não consegue segurar só mais um pouquinho?”, disse ela. Pouco importou o gesto negativo de minha cabeça, tratei logo de ser colocado na fila e, ali mesmo, segundos antes da entrada, sinto o líquido quente escorrendo pelas minhas pernas.

Um som muito alto e crianças gritando. Começo a ouvir o nome dos meus colegas de classe serem anunciados um a um, em breve chegaria a minha vez. Quando ouvi meu nome, não hesitei e caminhei em direção à professora para pegar o diploma. Um abraço, um sorriso, uma pausa para foto e a caminhada até a cadeira disposta no palco. A grande vilã dessa história foi a pausa para foto, sem ela o registro dessa situação seria inexistente e, possivelmente, eu não teria perguntado todos os detalhes para minha mãe, posteriormente. Mas nada do que aconteceu depois diminuiu a dor que ela sentiu ao me ver subir naquele palco daquele modo, todo mijado.



Entro no elevador visível e completamente descompensado, sem saber qual atitude tomar. Uma amiga ao meu lado, a mesma que me arrumou aquele lugar para morar. Subimos e o segundo andar parecia não chegar nunca. Engraçado, que a única sensação que recordo ter sentido foi a de querer me livrar daquela situação. A chave não queria entrar na fechadura, a tremura era tanta que a acompanhante teve que abrir a porta. Entramos e encontramos a dita cuja sentada em sua poltrona vendo televisão. Era o pinga da meia noite, como nós mineiros costumamos dizer. “- Gabriel, pegue suas coisas e vá embora, falei mais cedo com aquele (*ela xinga o meu pai*). Não quero você aqui.” Como minha memória é falha, ela disse mais palavras, das quais não consigo lembrar. O nervosismo e as lágrimas tomaram conta de mim, já não sabia distinguir emoções. Contrariando, totalmente, aquilo que eu e os outros esperavam de mim, me ergui “- Você lave sua boca para falar do meu pai, sua velha filha da puta, eu não vou sair dessa casa hoje, amanhã de manhã com calma me organizo e vou embora, mas agora não!”. Ela, afrontosamente, pega o telefone, liga para polícia, distorce completamente o que estava acontecendo e solicita a vinda da viatura para me retirar de seu apartamento. Ao chegar, os próprios policiais armados me ajudaram a colocar os meus pertences em sacos de lixo pretos, muitas coisas ficaram, outras foram comigo, e não me refiro só a bens materiais. Todos ficaram estupefatos com o acontecido. Madrugada adentro e estava na porta do condomínio com quatro ou cinco sacos, sem saber para onde ir, muito menos o que fazer. Literalmente na rua. A amiga, presente desde o começo, carinhosamente me ofereceu uns dias em seu apartamento. Fomos o mais rápido que conseguimos, queria muito encerrar aquele episódio. Chegando em sua casa, organizei minimamente os sacos em um quartinho de fundos e fui tomar banho. Sem conseguir me alimentar, deitei-me em um colchão no chão. Ali permaneci por muito tempo, ora dormindo, ora chorando, ora simplesmente olhando para o teto branco, sobre minha cabeça, mas sem conseguir me levantar. Além da preocupação com meus pais, o que me ocorria era formular um motivo para tamanha crueldade. As infinitas e longínquas conversas sobre o acontecido e o tempo me possibilitaram ligar pontos que justificavam tal atitude. “- Gabriel, ela disse que ia te expulsar porque você estava deslumbrado com o Rio de Janeiro e que tinha medo do que poderia vir a acontecer!”, diria minha mãe meses depois. Nunca me esqueci disso. Nunca me esquecerei disso. Eu nunca vou me esquecer disso! Eu nunca vou me esquecer disso? Rememorei. Na noite que antecedeu a expulsão, havia dormido na casa de um amigo, não, na verdade na casa do primeiro homem que me teve por completo. Naquele dia, não dei satisfação para ela, só disse que estava com um amigo e que não voltaria para casa naquela noite, já tarde da noite.

O percurso construído nessas linhas diz respeito a um recorte de minha trajetória. Sou Gabriel Andrade, homem cis, branco, **VIADO**, natural de Uberlândia, interior de Minas Gerais. Meu sonho de criança fez com que adquirisse um chiado ao final das palavras com S. Agora não mais Gabriel, Gabrielzinho, Bí e outras variações. Menino do Rio, era assim que me chamavam, após decidir territorializar minhas experiências no Rio de Janeiro. Meu desembarque no Rio ocorreu dia 07 de setembro de 2013 às 9h45. Desde a Rodoviária Novo Rio, comecei a traçar um novo percurso. A primeira coisa que senti foi a sensação de liberdade. O Rio de Janeiro, naquele dia, era palco de protestos que, como sempre, acabavam em violência. O país vivia, desde junho, um período marcado por manifestações pró e contra o governo. Foi nesse contexto que cheguei ao Rio de Janeiro e, rumo a Botafogo, passando pelo Palácio da Guanabara, onde os protestos aconteciam, compreendi que não seria nada fácil o caminho a seguir.



Evoco as memórias na pretensão de que elas não sejam somente resquícios do passado, mas potência transformadora, transcriadora, poética e afetiva que, ao ser evocada, se torna um ato criativo em si. No entanto, evocar a memória significa reconhecer sua fragmentação e precariedade, aspectos que refletem sua natureza incompleta e aberta à interpretação, tal como a transcrição se propõe na tradução literária segundo Haroldo Campos³. Assim como na transcrição:

A desestabilização do sistema fica restrita ao primeiro momento, para que, em um segundo tempo, sejam propostas novas organizações, sincronizando dicções poéticas a partir do leme da obliquidade. Mutatis mutandis, nesta linha, o raciocínio plagiotrópico também se propaga, ao negar a linearidade, alavancado por uma flexibilidade de raciocínio para os lados: é a lógica das ramificações, provocando amálgamas criativos no âmbito da tradição (Costa, 2019, p. 5).

Essa ideia acarreta o entendimento que o processo de evocar memórias envolve recriá-las, moldando-as não como réplicas do passado, mas como novas criações que têm a capacidade de ressignificar experiências, adaptando-as e (re)contextualizando-as dentro de um novo contexto, o performativo-artístico.

Para isso, precisei contar com os recursos mnemônicos e seus dispositivos de lembranças e esquecimentos, estabelecendo como pressuposto a impossibilidade de narrar a totalidade de uma memória, pelo fato de que todo acontecimento possui pontos de vista, a partir de sua rememoração, ou seja, de quem rememora. Desse modo, aproximo este processo de PESQUISA-EXPERIÊNCIA-PERFORMA(ESCRITIVA), que é por natureza fragmentado, fissurado, inacabado e precário, à ideia de “pesquisa-experiência-processo” acionada pelo viés do Corpo Mnemônico (Costa, 2019) e à de precariedade, entendida como “[...] condição do vivo e potência de vida que pode tornar-se meio de criação e modo de produção” (Fabião, 2015, p. 129). Este entendimento me conduz à consciência do que é estar vivo e me faz emergir em distintos espaços vazios. Ao nos deparar com eles, como agir?

Meu corpo encontra a parede.

Me colocaram contra parede...

E o único desejo que tenho é o de me afugentar no(s) meu(s) espaço(s) vazio(s).

Sala preta, completamente preta. Estou nu. Completamente nu. Um feixe de luz branco me espreme ainda mais contra a parede. Percebo não estar sozinho. Estou acompanhado de uma multidão. Uma multidão que se movimenta. Uma multidão igualmente nua e que habita este mesmo espaço vazio. Uma multidão que lê e persegue entendimentos, conhecimentos, distâncias e...e...e...

³ Haroldo de Campos (1929-2003) foi um poeta, tradutor e crítico literário brasileiro, cofundador do movimento da poesia concreta. Destacou-se pela criação do conceito de transcrição, defendendo a tradução como um processo criativo que recria o original em uma nova linguagem. Seu trabalho inovador influenciou a teoria e a prática da tradução poética.

Desejos... muitos desejos...

E nesse trajeto de desejos atravessados propus-me a transcriar.

E compor numa encruzilhada de reflexões e existências amalgamadas nas EXPERIÊNCIAS
VIADAS.

VIADO

A violência.
A bala “perdida”.
A opressão.
A dor.
A invisibilização.
A rejeição.
A tristeza.
A solidão.
A punição.
A hipocrisia.
A incompreensão.
A marginalização.
A maldição.
A fetichização.
A insegurança.
A perversidade.
A desumanidade.
A ofensa.
A impossibilidade.
A mentira.
A fragilidade.
A força.
O espanto.
O temor.
O tremor.
O crime.
O silenciamento.
O desaparecimento.
O aprisionamento.
O preconceito.
O desrespeito.
O medo.
O terror.
O pânico.
O aprisionamento.
O sofrimento...de corpos dissidentes do regime cis-heteropatriarcal não é distópico.



Nas dobras do tempo, onde o sol se esconde,
Revela-se um lugar de sombras e lamentos,
Onde a esperança murcha, sem se erguer,
E a liberdade é um sonho que se perde.
Numa terra sem cor, onde a alma se acorrenta,
As estrelas desvanecem, perdendo o seu brilho,
É lá que habita a distopia.
O cenário de uma sociedade em desalento.
Sob o jugo do poder, na tirania envolta,
As vozes silenciadas ecoam em desespero,
Caminhando pelas ruas,
Onde a luz é apenas uma ilusão.
E assim, na penumbra de um futuro incerto,
A distopia se ergue como um lembrete
De como o destino da humanidade está sendo traçado,
Por mãos que tecem teias de opressão, desdém e violência.

Sou biógrafo. Sou biógrafo?

Autobiografar minha perspectiva e até onde meu olhar-entendimento alcança.

Narro experiências. EXPERIÊNCIAS VIADAS.

Perfuro quem as acessa. Rasgo os olhos daqueles que se atrevem a duvidar das realidades da vida de um LGBTQIAPN+.

Esta leitura não é para ser prazerosa.

Não é para ser um prazer este texto,

Porque NÃO foi um prazer escrevê-lo.

Esta leitura é sobre provocar rasgos, rasgar, rasgar-se, rasgar-me... por inteiro.



Rasgo.

O que rasgo?

Para que rasgo?

Como rasgo?

Sinto que devo rasgar.

Palavras podem ser rasgadas, atitudes também.

Tudo rasga! Tudo rasga?

O sujeito rasga e para rasgar basta atravessar a fronteira do desejo. Na verdade, para rasgar, é necessário materializar o desejo. Agora, por exemplo, pego uma folha de papel A4, coloco-a em minha frente, pego uma caneta preta, escrevo um palavrão na horizontal, faço um rasgo na vertical. Rasgo. Sacio meu desejo de rasgar. Rasgo outra vez. Transmuto um em quatro com uma habilidade inimaginável, e se quisesse transmutar em mais quatro, e assim por diante, sem dificuldades o faria. Mas meu desejo era rasgar uma folha de papel? Não tenho parcimônia, nem quero ter, VIADOS não podem ter parcimônia. Esse direito não nos é concedido.

Temos algum direito?

Por um período da infância chupei o dedo. Sim, me deliciava diariamente ao ato, com meu dedão da mão, ora o direito, ora o esquerdo. Mas sempre um dedo enfiado na boca incessantemente sendo chupado. Aquilo me gerava um prazer sem igual, ao menos é o que imagino, o que ouvi dizer. E, na mesma medida, me gerou experiências controversas. A narrativa apresentada a seguir diz respeito ao encontro que tive com uma mulher loira, de cabelo curto, robusta, quadril largo e com a voz meio estridente chamada Rita. Naquela circunstância, ela era a ajudante da dentista que tentava resolver o problema da minha chupação na infância.

Minha mãe tem a qualidade de ser pontualíssima em seus compromissos e, por isso, dificilmente nos atrasávamos para a consulta na dentista. Chegávamos sempre uns bons minutos adiantados. Tempo bastante para contar a ela o que havia acontecido na escola. Nas primeiras consultas, nenhum acontecimento relevante. Éramos chamados pela tal Rita, entrávamos no consultório, trocava-se as borrachinhas e o fio do aparelho e íamos embora. Lá pela quinta consulta, ao me chamar, Rita se sentiu à vontade e no direito de acrescentar ao meu nome a letra Y. Desde então, ela me chamava em alto e bom tom de Gay-briel. Ao ser chamado desse modo, caminhava em sua direção, simpaticamente a cumprimentava e entrava no consultório. Daí em diante era Gay-briel para lá, Gay-briel para cá. Recordo de ter encorajado e pedido, uma única vez, para que ela não me chamasse daquele modo, tentativa frustrada. Lembro ainda de ficar visivelmente desconfortável e de ninguém fazer nada. Violência reiterada.

Tu rasgas. Não é eu, nem ele, mas o que está entre, tu.

Percebe que há algo pontiagudo nesta palavra? Tu! Tu.

Tu vais ter que se levantar e sair deste lugar se não quiser apanhar.

Tu vais ter que procurar outro lugar para tratar seus dentes, para não ser violentado.

Tu vais ter que aceitar diversas opressões para não ficar se indispondo com as pessoas a todo momento.

Tu vais ter que parar o que estiver fazendo para mostrar às poucas pessoas dispostas o quanto elas foram preconceituosas e ter a paciência de “ensiná-las” como é não ser preconceituoso; como se já não soubessem disso muito bem.

Tu vais ter que entrar dentro de um quarto, estudar até fisicamente seu corpo não aguentar mais, para ser posteriormente menosprezado.

Tu vais ter que se comportar nos ambientes. Nada de cruzar as pernas, ou gritar e muito menos gesticular.

Tu vais ter que tomar um cuidado redobrado ao pedir para alguém colocar uma música. Nada de diva pop ou funk, viu!?

Tu, que estás lendo, por favor, te responsabilizes por esta escrita. Ela não é minha, é nossa.

Eu, você.

Eu e tu, assim mesmo apontando, temos que nos responsabilizar por aquilo que nos cabe.

ELA**ELE** no singular e no presente, um presente que já foi passado e que agora sobrevive na memória. **ELE** sonhava em ser ator, desde os cinco anos de idade, sua brincadeira predileta era fazer teatro. **ELA** sonhava em tê-lo sempre debaixo de suas asas, no seu resguardo. Tudo, para **ELE**, era desculpa para fazer cena. E tudo, para **ELA**, era desculpa para admirar **ELE**. Esta memória deve ser entendida como homenagem à pessoa mais importante da minha vida, minha mãe. Mas meu desejo é de que este escrito não se limite a isso. **ELA** é forte, **ELA** é tudo, **ELA** é mãe, **ELA** é a minha mãe. Foi a placenta **dELA** que rasgou para que viesse a esse mundo. Se pudesse eternizar algo, certamente eternizaria as mães. Eternizaria a minha mãe.



Quando criança, amava me vestir com as roupas e calçar os sapatos de salto da minha mãe. Bastava ficar sozinho em casa, para correr e mexer nas coisas dela. Não foram poucos os episódios em que fui pego no ato. Não sei o porquê, mas consigo lembrar com mais concretude somente de um. Minha mãe, eu, meu irmão e uma amiga dela íamos comer pastel em uma pastelaria que havia inaugurado. Era o aniversário da tia Solange, mas essa informação não é tão precisa como gostaria. No final da tarde, minha mãe e meu irmão saíram para comprar o presente. Chovia um pouco. Chovia? Sei que vi nesse intervalo uma chance de usar os saltos da minha mãe. Assim que ela saiu, tratei logo de correr e pegar seu sapato de salto alto e calçar. Ficava andando pela casa igual barata tonta, pulava, corria, fingia ser secretária de um médico qualquer, inventava mil coisas, deixava a imaginação fluir e nisso se passavam as horas.

Neste dia, especificamente, eles não demoraram, na espreita, ela abriu a porta. Susto! Parecia que a ação havia sido programada. Susto maior para mim. Como quem comete um crime ou faz algo terrível na frente dela, como se ninguém estivesse vendo, arranquei os sapatos dos meus pés, joguei no vão que tinha entre um sofá e outro e comecei a chorar, chorar muito, de soluçar e perder o fôlego. Por quê? Lembro, inclusive, de chegar na pastelaria com a cara toda inchada e a tia Solange me perguntar por que estava com aquela feição. Na hora, a desculpa foi de que havia brigado com meu irmão. Mas todos da mesa, exceto ela, sabiam a verdade.

Eles estão em pedaços, meus pais. É minha culpa. É minha culpa? Me sinto culpado. Por que esse sentimento espectral paira sobre mim? Escrevo para tentar expurgar as memórias que me assombram. Expurgo agora a frase que mais ouvi, ao me posicionar politicamente em 2022.

De toda essa situação, o que restou foi a dor da sua mãe e a minha contrariedade. Toda essa situação, o que restou foi a dor da sua mãe e a minha contrariedade. Essa situação, o que restou foi a dor da sua mãe e a minha contrariedade. Situação, o que restou foi a dor da sua mãe e a minha contrariedade. O que restou foi a dor da sua mãe e a minha contrariedade. Que restou foi a dor da sua mãe e a minha contrariedade. Restou a dor da sua mãe e a minha contrariedade. Foi a dor da sua mãe e a minha contrariedade. A dor da sua mãe e a minha contrariedade. Dor da sua mãe e a minha contrariedade. Da sua mãe e a minha contrariedade. Sua mãe e a minha contrariedade. Mãe e a minha contrariedade e a minha contrariedade. A minha contrariedade. Minha contrariedade. Contrariedade.

E nessa situação, ninguém se interessou em saber o que restou em mim, o resto de mim que permaneceu. EU espero. ELE espera? Que um dia as feridas abertas pela eleição de 2022 que jorram sangue e pus até hoje sejam completamente curadas.



Eu sonhei em ser ator, fazer teatro.

Ele sonhou com o curso de medicina veterinária para o qual tinha sido aprovado também.

Nós dois sonhamos e embarcamos juntos na experiência de viver o meu sonho, que, a partir daquele instante, se tornaria dele também. E para isso foi preciso muita coragem. Coragem de ambas as partes. Coragem ao extremo. Ainda bem que ser corajoso é algo que nasceu comigo.

Uberlândia, 24 de dezembro de 2020. Natal em família.

Oi, amigo oculto. Você é querido, não só por mim, mas por todos aqui. Resolvi te revelar por meio desta carta e dois motivos me levam a isso. O primeiro deles é o medo de me emocionar e não conseguir expressar tudo aquilo que queria e o segundo é que falar de você, para você, é uma chance única, então quero aproveitar cada segundo da melhor maneira possível. Veja o quão agraciado sou, você me amava antes mesmo de ver meu rostinho e eu te amo desde o primeiro sopro de vida. Amigo(a), só Deus sabe o que nós dois já vivemos, você sempre consciente, firme como uma rocha e eu sempre sonhador, buscando alcançar o infinito.

Desde aquele 08 de julho de 1995, quando tudo começou, me pergunto o que Deus quis ao atravessar nossos destinos. Hoje, 23 anos depois, acredito ter alcançado a resposta, ou ao menos parte dela. Ele quis me ensinar o sentido do amor, a ser mais humano e a destinar a bondade que há em mim a todos e a tudo. Amigo oculto, você e eu, na mesma proporção que somos iguais, somos diferentes, e que bom que somos assim. A semelhança por si só é vazia, é igual e pronto. Mas a diferença te possibilita crescer, te dá a oportunidade de evoluir, trilhando novos caminhos. Você é responsável pelo sujeito que me tornei ao longo dos anos. Admiro você por inteiro, cada gesto, cada sorriso e cada palavra. Em vários momentos da minha vida, quando estava longe de você, me peguei com um nó na garganta, um medo que me fazia perder o controle. Sabe o que me fazia passar por esses momentos de modo mais brando? A lembrança de todo amor que você transmite. Quando te descobri queria marcar esse momento de alguma forma, passei dias e noites fabulando algo especial. Por isso, peço desculpas, mas não vou te dar o que você pediu. O meu amor por você é infinito, certo? Então quero hoje te presentear com algo tão infinito como meu amor. Queria dar algo que te acompanhasse e te fizesse lembrar que em todos os momentos alguém que te ama estará com você, no caso, esse alguém sou eu.

Gabriel Andrade.

Meus olhos parecem imensas cachoeiras, caminho na direção do meu pai que reflete as cachoeiras visíveis em mim. Todos estão em lágrimas. Entrego um relógio de pulso de presente, damos um abraço apertado e um beijo no rosto. Eu nunca vou me esquecer daquele dia.

Eu

[1949]

Amo

MEU

Cartografia Distópica
[PAI]



Onde é que vós errais? Como vós criastes um filho assim?
O que meus companheiros vão pensar de vós?
Companheiros e companheiras, vós que persegues os CUS abertos na velocidade da luz, deixem a sexualidade do meu filho em paz.
Era essa atitude que esperava.
Por que, de repente, a pauta é a minha sexualidade?
Por que, de repente, o que faço ou deixo de fazer tomou uma proporção a qual não consigo controlar ou até mesmo dimensionar?
Por que vossos olhos arregalados se voltam com ódio para mim?
A verdade é essa, vossa sexualidade e gênero não te faz ser melhor ou pior que ninguém.
Mas vós fostes enganados e adestrados para acreditar que o fato de serem sujeitos cisheteronormativos vos fazes melhor.
Percebei que o enganado aqui é vós.
Que o erro está em vós.
Que como um cardume de lambaris, vós estais capturados por uma rede nadando sempre no mesmo sentido.
Que como um cardume de lambaris, vós sereis devorados por um grupo imenso de orcas famintas.
Percebei que quem está em liberdade sou eu e não vós?
Pena que minha “liberdade” não seja duradoura e indolor como a sua.
Vós permaneceis. Eu vou.
Voo para bem longe de vós, o mais longe que conseguir e o mais veloz que puder.
Na verdade, a consciência mais concreta está em mim, não em vós.
O mundo lá fora está um completo caos.
Porque vós ficais desolado/a (s)?
Sinto o jogo pausado.
Essa pausa acarreta mais um rasgo.
Vós fazeis um rasgo.
Inevitavelmente vós (me) rasgais.
Agora, assumi a proporção deste rasgo e vos colocai pensantes, assim como eu, no lugar de onde se pronuncia uma possibilidade de fala.
Um campo problemático do que falo e quando falo se apresenta.
Vislumbro o sonho de um coletivo de pessoas. Vislumbro.
O campo minado de um coletivo. O campo minado de vários coletivos.
Eles(as) são uma multidão. Várias multidões apontando.
“Eles dizem experimentação. Eles dizem identidade. Nós dizemos multidão” (Preciado, 2020, p.44).
A multidão **VIADA** está apontada.
Se vire pra aceitar.

Se vire para entender.

Se vire e veja!

Em 2024, não teria ano melhor para isso, começo a experienciar, por outra perspectiva, as narrativas identitárias de um coletivo. Considero-me, a partir disso, parte desse coletivo.

Eles(as) são um coletivo. Nós somos um coletivo.

E nós tentamos rasgar a perturbadora e violenta história dos uranitas.

Nós, os uranitas, somos os sobreviventes de uma tentativa sistemática e política de infanticídio: sobrevivemos à tentativa de matar em nós quando ainda não éramos adultos e não podíamos nos defender, a multiplicidade radical da vida e o desejo de mudar os nomes de todas as coisas. Vocês estão mortos? Vão nascer amanhã? Quero felicitá-los atrasada ou antecipadamente (Preciado, 2020, p. 29).

Os mortos são envoltos por um caixão.

Os que ainda não nasceram estão envolvidos pela placenta.

E os nascidos se envolvem em pele, o maior órgão do corpo.

A pele deles/as está completamente queimada.

A pele deles/as está completamente rasgada.

Na pele deles/as uma tonalidade ímpar de vermelho pinta (pinto) toda a extensão daquele corpo.

Uma pele rajada de sangue.

Falar deles/as é viver na ambiguidade de ter várias peles.

Vários tipos de peles num único sujeito pele.

E saiba que quando, porventura, distrair e se equivocar na troca dessas peles, furos provindos de todos os lados irão te atingir.

Quando será que vai chover para lavar toda essa pintura?

Quando será o dilúvio que destruirá aqueles que me ensanguentam?

Na busca por essa chuva, por esses pingos d'água que caem das nuvens e encontram o chão, tempestuosamente o autor Paul B. Preciado surge para ser possibilidade de inundar este terreno.

Um dia fechei os olhos, adormeci e sonhei com baleias. Na praia, vejo duas baleias. Uma jubarte, mais distante, e uma orca, que apontava seu nariz para que eu colocasse a mão. Vagarosamente, me aproximo daquele bicho fenomenal e, com coragem, acaricio-o. Lembro do amor e do fascínio que tenho por baleias. Percebo que a outra se aproxima e, num relance, começo a correr pela orla daquela praia, que estava deserta. Era final de tarde, mais para noite do que para dia. A areia gelada abraçava meus dedos, pelo mar as baleias tranquilamente me seguiam e... acordo. Meses preparando o material da qualificação, escritas, leituras, estudos... um dia muito produtivo. Cansado. Deito-me e logo adormeço, lá pelas tantas da madrugada a orca aparece novamente em meu sonho. Estava numa praia muito arborizada, pessoalmente nunca vi algo daquele tipo. Entro no mar, não me recordo da sensação, quando dou o primeiro mergulho, me deparo com a majestosa orca e seu nariz, novamente me pedindo carinho. Reluto submerso na água e... acordo. O que significa sonhar com baleia(s)? Já sonhei escrevendo sobre baleias. Sensação de déjà-vu. O território das memórias me faz permanecer em constante *déjà-vu*. *déjà-CU*.



Meto-**DO**-logia.

Metô *with* lógica.

Como meter com lógica?

É só não meter, uai!

METER.

Me ter.

Como me ter e não te ter?

Como me ter e te ter ao mesmo tempo?

É possível?

Para te ter, caro/a leitor/a, escrevo.

Incessantemente (d)escrevo os métodos que uso.

Usar. Se utilizar. Usar partes de um método. Partes de um todo.

Me sinto usado e por isso me autorizo a usar!

O primeiro e mais importante método dessa pesquisa é a experiência.

A experiência que, segundo Larrosa (2022), é aquilo que nos atravessa e gera acontecimento.

A Performance é o próprio acontecimento.

É o acontecimento que gera conhecimento, pesquisa e reflexões incorporadas,

Que gera uma possibilidade de fazer ver e ser. Dispositivo (Deleuze, 1990).

Experiência e performance.

Performance e experiência.

Ambos nos destaques metodológicos desse arquivo estranho que apresento.

Olho, me relaciono e estranho.

ES-TRA-NHAR.

Estranho e reconheço que o TRUNFO, que pode levar ao TRIUNFO, está em minhas mãos.

E isso me faz adquirir uma capacidade irremediável de não me adaptar.



AR



TÉRIAS

Então, chegamos com o TRUNFO em mãos para alcançar o TRIUNFO.

Mas, será mesmo o TRIUNFO?

Isso depende de como cultivamos essas palavras.

Para um sujeito **VIADO**, o TRIUNFO é, constantemente, negado.

Mesmo com o TRUNFO nas mãos, o TRIUNFO nos será implacavelmente vilipendiado.

No entanto, conseguimos chegar quase ao êxito, se entendermos como TRUNFO nossas corporeidades e performatividades e como TRIUNFO as formas de nos mantermos vivos num mundo que nos querem mortos.

O TRUNFO passa a ser o meu corpo. Um **CORPO-VIADO**.

E o TRIUNFO aquilo que percorre toda sua extensão e o mantém em movimento.

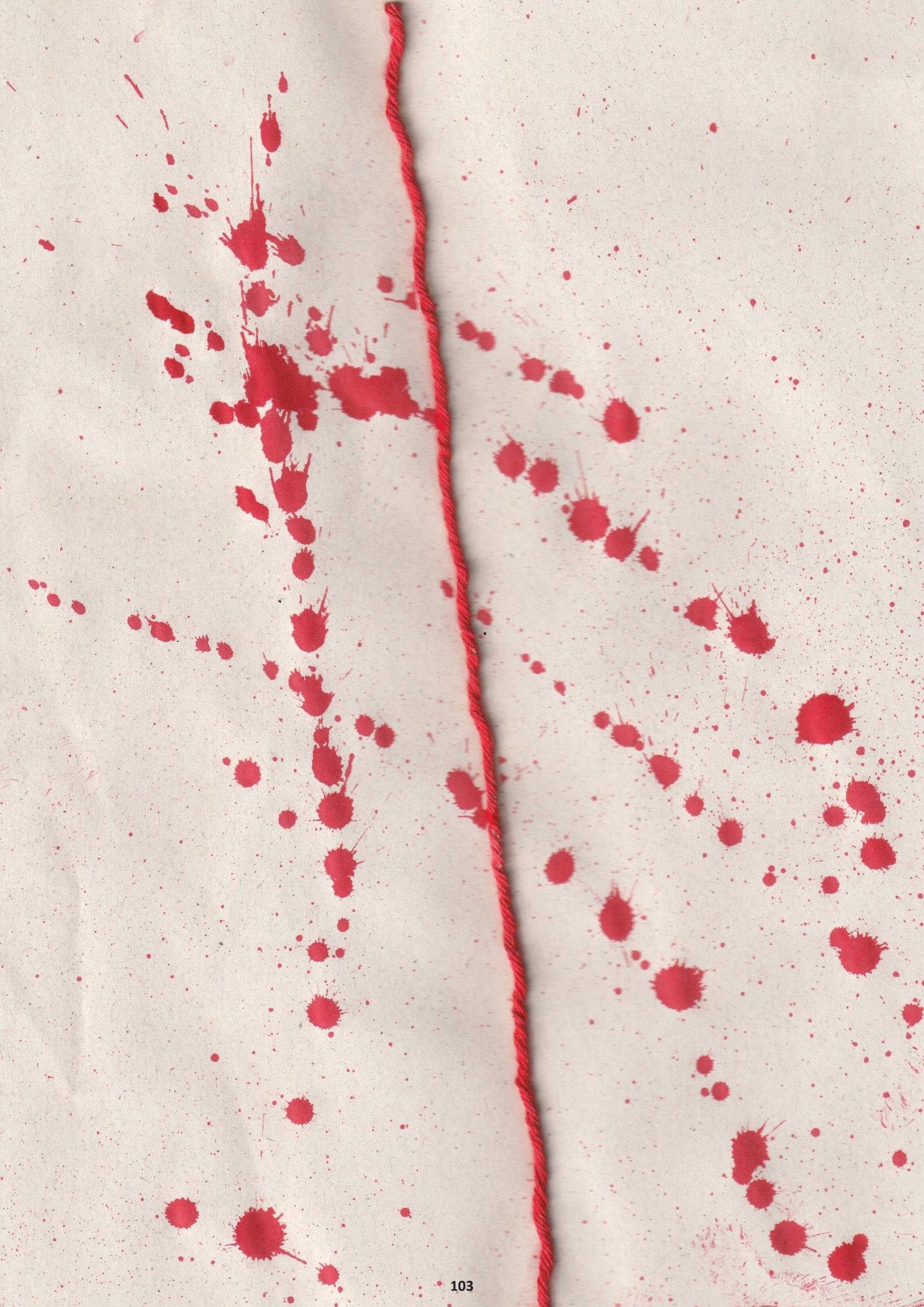
Todo TRUNFO possui meios superficiais e internos de fazer o TRIUNFO percorrer.

De não deixar cessar esse fluxo.

As superficiais me interessam.

Mas as internas me interessam ainda mais.

Porque as internas, quando são rompidas, possuem uma característica latente de não dar tempo ao tempo. Ou, melhor dizendo, de dar todo tempo.



Algo muda, na verdade tudo muda numa fração de segundos.

Com uma capacidade indimensionável de estabelecer ferozmente o cessar do TRUNFO.

Fazê-lo despencar, despencando, despencando-se.

É como perder totalmente a força e mesmo assim cruzar a linha de chegada.

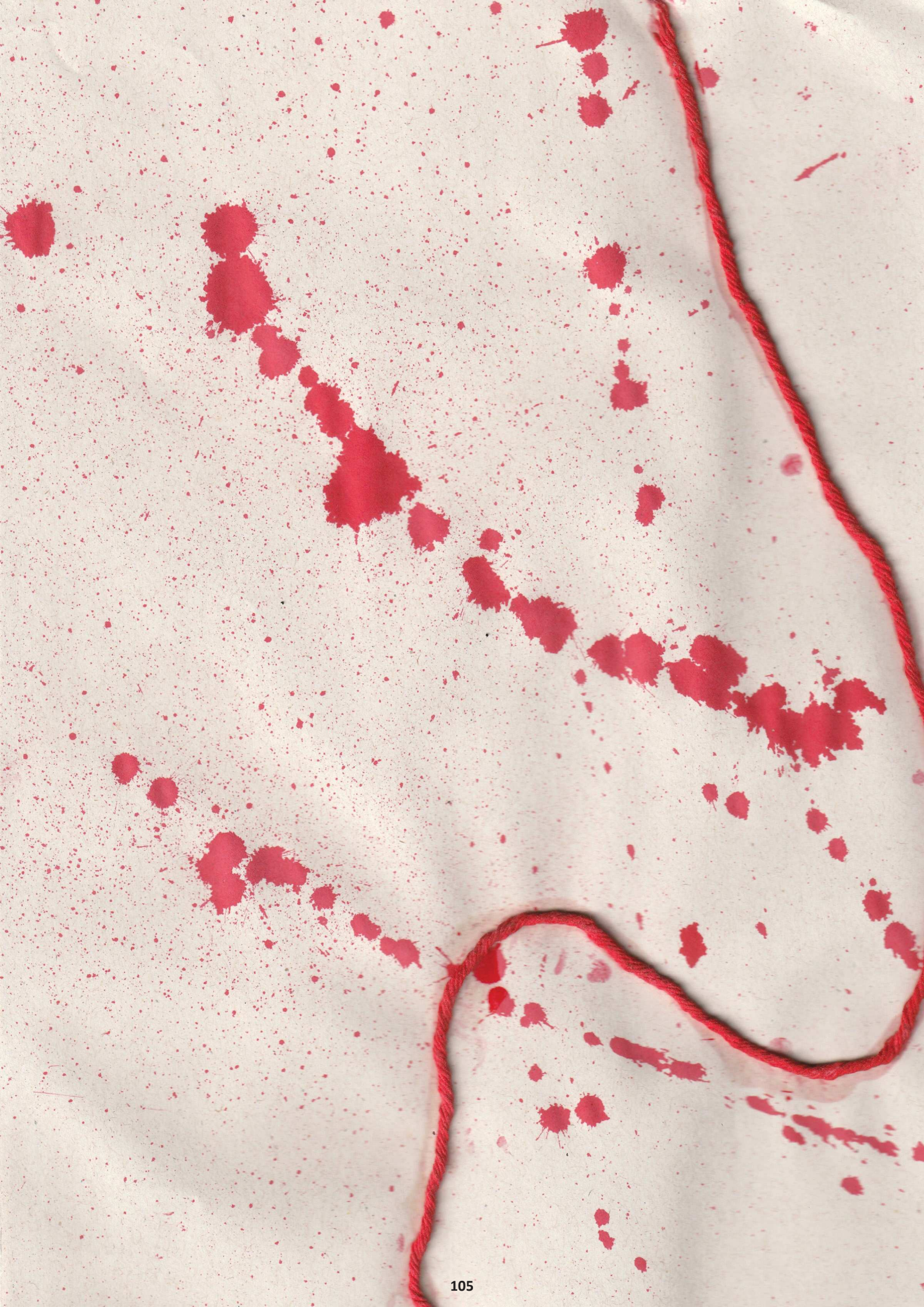
É deixar o entorno com os olhos arregalados e sem saber o que fazer ao se deparar com tamanha situação.

Não sabemos o que fazer.

Não sei o que fazer.

Quase nunca sinto que sei o que devo fazer.

Mas, mesmo assim, recuo e esta ação me faz despertar para o cuidado que se deve exercer ao nutrir o TRUNFO, de modo a mantê-lo triunfante num fluxo incessante.



Sabia que quando estou muito nervoso, chorando, rindo ou transbordando energia, surge monstruosamente, no centro da minha testa, CENTROTESTA, uma protuberância bifurcada? Essa bifurcação, que salta e visivelmente pulsa, parece que vai se romper e esguichar todo o TRIUNFO a qualquer momento, mas não, ao ser rompida ela goteja o TRIUNFO como quem tem tempo... muito tempo... gota por gota.

Certo dia na escola, encorajado, levantei a manga da blusa de frio de um estudante que acabara de ter sua sexualidade exposta num grupo de bate-papo. Vejo cicatrizes. Elas me indicam tentativas de atingir aquilo que internamente dá tempo ao tempo, todo tempo do mundo.



Checar. Verificar. Tornar consciente algo inconsciente.

Tomar consciência do inconsciente.

O **CORPO-VIADO** (TRUNFO) é fantasticamente fantasmagórico.

Uno o dedo indicador ao dedo médio.

Essa ação me faz recordar as infinitas vezes em que o dedo médio se ergueu sozinho.

Não por vontade própria, mas por uma necessidade que, violentamente, o levantou.

Esses dedos, agora juntos, apontam e se direcionam para a extremidade inferior do punho e propositalmente pousam levemente nas proximidades do osso Rádio.

Já o dedão, dedo complementar dessa ação, pousa na parte superior em cima do osso Ulna, justamente para dar firmeza à verificação que se inicia.

Fecho os olhos para aumentar o grau perceptivo.

Fechar os olhos tem essas instâncias.

Percebo, sutilmente, o fluxo triunfante existente dentro de mim.

Sentir-me vivo por meio da percepção dessa pulsação.

Estou vivo ou é mais uma trapaça que me acomete?

Não, estou vivo! Sim, estou vivo.

Essa segurança me faz querer brincar.

Prendo o ar.

Seguro o oxigênio dentro de mim

Para perceber como este aprisionamento reverbera no TRUNFO.

Tal brincadeira acelera ferozmente o ritmo deste fluxo que, depois de algum tempo, vai diminuindo... diminuindo... diminuindo até parar de vez.

Vale salientar que antes de parar, parar totalmente, de modo absoluto, não tem mais volta. Antes do dedo acusar a linearidade da vida e, concomitante a isso, sua vulnerabilidade, sou capturado por outro fluxo.

O fluxo incessante e incontrolável da memória.

Sinto estar encarnando novamente uma série de situações passadas.

Não tenho certeza se gosto dessa sensação.

Essa incerteza me faz...

PUXAR O AR

Percebo não aguentar ser acometido por tantos fluxos.

(I)LEGÍTIMO.

Junto com a entrada do ar, os olhos se abrem.

Noto que, por mais angustiante que tenha sido, meus dedos permaneceram intactos verificando o fluxo.

Encorajo-me a dar sequência à brincadeira.

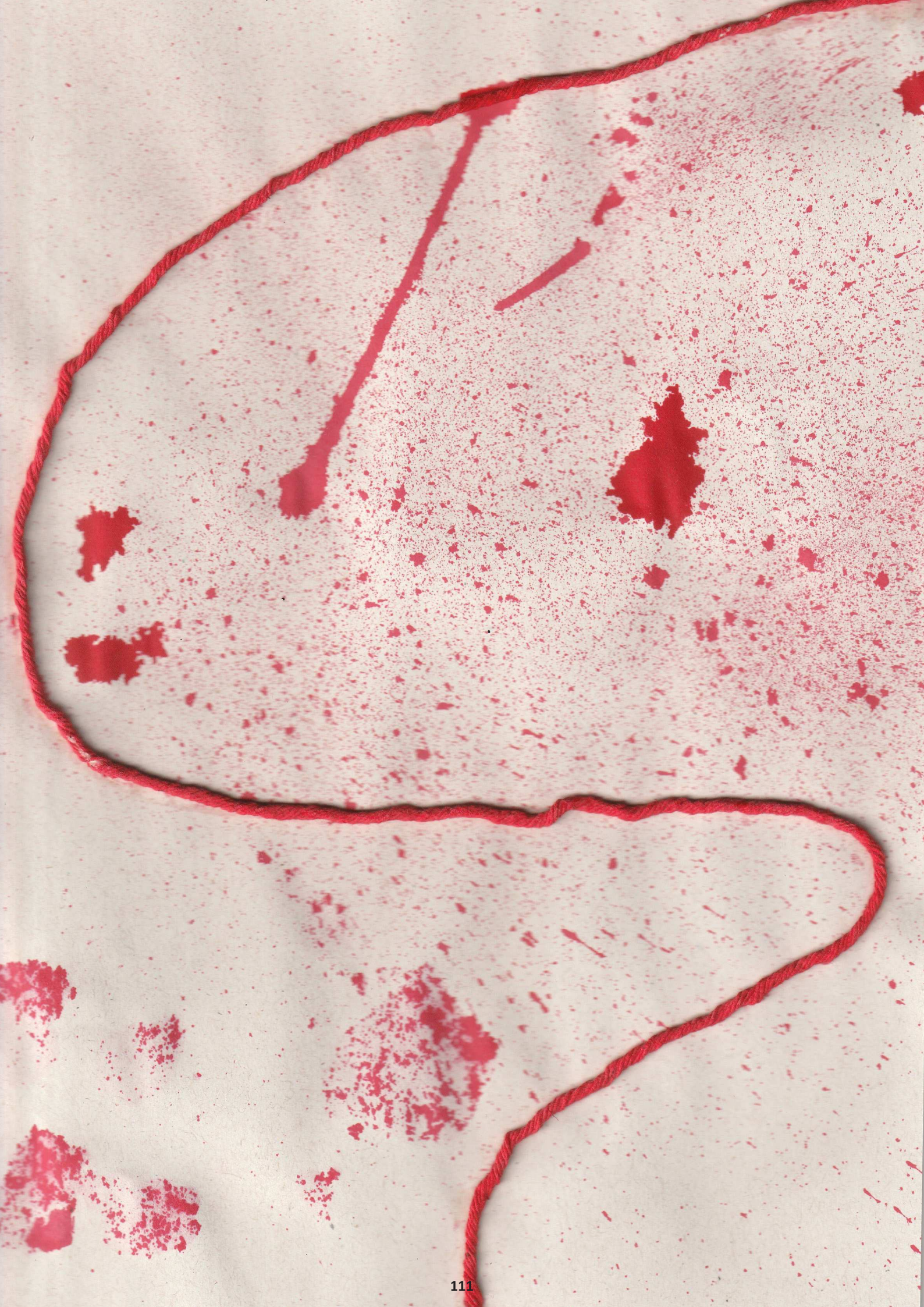
Começo então a correr, correr sem direção, sem rumo, sem propósito.

Só correr, e manter os dedos verificando.

Após alguns minutos, o fôlego começa a ficar escasso.

O ar entra, mas não dá a sensação de alívio, parece ficar travado no peito.
Tento driblar o fluxo de memórias, mas ele me atinge novamente.
Desta vez, por causa de um objeto pontiagudo de aproximadamente 20 centímetros, prateado, com cabo de madeira, que quase me cega ao invadir meu campo de visão.
Olho para os lados, não vejo ninguém. Tempo propício.
A corrida cessa e vagarosamente me aproximo daquele objeto que me rouba do tempo.
Pareço estar num outro tempo, num TEMPOFLUXO que não é puramente nem passado, nem presente, muito menos futuro.
Verifico se o fluxo ainda está vigente.
E, diante da ansiedade que me envolve, me autorizo a romper a verificação e me aproximar de vez daquele objeto.
Aos poucos vou me aproximando dele. Abaixo para que meu corpo fique ainda mais próximo daquele outro corpo afiado à minha frente.
Pego... e...e...e...
PÍ...
Não há reticências no mundo que dê conta, do quão esgarçado é esse som invadindo meu ouvido, meu corpo, todo o meu **CORPO-VIADO**.
Solto bruscamente o objeto no chão e num repente pego de novo.
Novamente,
PÍ...





Este som me deixou defronte à completa escassez do outro fluxo, aquele que deve ser constantemente verificado.

Isso me levou a ter uma compreensão muito importante.

Todos nós carregamos em si um amontoado de memórias que, de algum modo, em algum momento nos representaram ou ainda nos representam.

Tais memórias agarram e constituem o/a sujeito/a que somos.

Tal fato nos “[...] oferece uma variedade de reflexões que atravessam os conceitos de sujeito, ideologia, história, como ferramenta teatral possibilita uma experiência de linguagem capaz de colocar o tempo passado como um meio de compreensão do presente” (Lopes, 2010, p.137).

A partir disso pode-se dizer que:

A memória é movimento.

A memória é corpo.

A memória é corpo E(M) movimento.

O movimento da memória é involuntário.

O avesso dessa frase também se aplica.

Não há como controlar a involuntariedade das memórias.

O dispositivo mnemônico, quando está fadado ao acontecimento, não há quem ou o que o controle.

A memória...

Vem quando menos se espera.

Vem quanto menos esforço se fizer para.

Simplesmente vem.

Para e lembra!

Para, lembra?

Um movimento que sem querer te a(come)te.

Um movimento que sem perceber te come.

Engole, te manda para dentro e te envolve por inteiro.

Penso na memória associada ao corpo.

Corpo este, externo a ela.

Corpo que é parte substancial dela.

Corpo que a materializa. A torna vigente, pulsante e afetuosa.

A materialidade subjetiva do que mnemonicamente fomos e, quiçá, não somos mais.

Do que queremos ser e, quiçá, não somos mais.

Do que poderemos um dia ser e, quiçá, NÃO SEREMOS MAIS. Cada vez mais.

Conexões corpóreo-mnemônicas, que permitem reviver aquelas sensações, emoções, estados, fracassos, perturbações, traumas.

Já parou para pensar o quão vividas são as memórias dos traumas?

São as que mais afetam.

São as que reverberam no corpo como uma avalanche, de modo a (re)vulnerabilizá-lo.

Já lembrou de um acontecimento muito marcante, para não dizer traumático, na efervescência de outro?

Enquanto escrevo este texto (acontecimento marcante), sou devorado por aquilo que me permite escrever (acontecimento traumático) (Costa, 2019).

Há tempos fomento o quão potente pode vir a ser o ato de lembrar.

Afinal o que é lembrar?

Lembrar é uma experiência fragmentada.

É despojar-se enquanto se engaja numa nova experiência.

Lembrar é a própria experiência, enquanto constrói, em meio aos seus fragmentos, outras experiências num fluxo interminável.

Ou ainda, lembrar não significa dar fidelidade aos fatos como eles realmente aconteceram, o que torna a ação de lembrar interligada ao imaginar, ampliar, omitir (Lopes, 2010).

É preciso, diante disso, desanuviar.

Atravessar o avião entre as nuvens de modo a torná-las pedaços disformes soltos no infinito.

Fragmentos são lembranças.

E lembranças são conexões que, num átimo de segundos, te (e)leva.

Lembrança rima com infância.

Lembranças-pensamentos.

E pensamentos podem ser definidos com algo que traça

[...] um caminho de vento. São buliçosos como as crianças que estão sempre inventando um jeito de se desligar do controle familiar, armando entre elas uma secreta fuga (Preciosa, 2010, p.27).

Estive (estou) em fuga por meio das minhas lembranças.

E quem foge sempre lembra do que ou de quem fugiu.

O que torna fronteira as dimensões do real e da realidade

E nos faz encarar de frente o entendimento de que a lembrança é um dispositivo interpretativo pessoal.

Tal fato acontece porque quem testemunha um acontecimento a ser lembrado, o faz a partir de sua perspectiva, que é própria e está influenciada por outra, a coletiva.

Neste sentido, entende-se que o

sujeito que não é tomado como um ser único, em sua condição individual, visto que é formado pelo discurso do outro e se encontra em posição de assujeitamento, se encontra representado pelos processos históricos e sociais. O performer, nesta abordagem, torna-se um sujeito de si mesmo, considerando que o discurso constituído pelo léxico de palavras e gestos, é pontuado por referências trazidas no cruzamento dos outros discursos. São vários discursos em um só (Lopes, 2010, p.137).

O que causa fissuras, em detrimento da experiência de se lembrar,
Que deve constantemente ser associada à realidade da situação referida.
E narrada, uma vez que ao tratar de lembrar-se, essa é uma ação contundente a ser realizada.
Narrar, todavia, significa desenrolar as experiências lembradas.
Abri-las, como quem abre um leque, e colocá-las em palavras. Colocar palavras. Colocar voz.
Chamamos, então, este movimento de narrar a si mesmo de autobiografia.
E este conceito faz perpetuar um intenso debate.
Por que elaborar um ponto de vista em primeira pessoa?
Pelo fato de que ao realizar tal elaboração, na verdade o que se faz é nada além de prolongar o trabalho de criação de identidade narrativa (Leite, 2016).
Autobiografar as minhas experiências, no entanto, me permite ir em busca da identidade narrativa daqueles/as que, assim como eu, burlam as imposições feitas ao corpo em dissidência.
Autobiografar, no entanto, significa dar evidência aos discursos mnemônicos e estes “[...] são sempre portais de inscrição de outros saberes, tempos e modos de existência” (Lopes, 2010, p.137).
Isso me leva a buscar não somente as narrativas da identidade **VIADA**, mas verificar suas potencialidades diante dos discursos de ódio e preconceito.
Nessa busca, a memória desempenha uma função fundamental, pois a autobiografia só se concebe a partir dela.
Há quem trate a memória como um dispositivo que nada aciona.
Há quem se identifique com as memórias, pois elas podem aproximá-lo ou distanciá-lo de si.
Há quem se abraça com a memória e reflita.
Há quem se relaciona com indiferença às memórias.
E há ainda os casos em que a memória, nem mesmo na indiferença, é levada em consideração.
O que faz perceber que a relevância, quando se trata das memórias, não está nelas mesmas, mas no que fazemos com (d)elas.

[...] uma vez que essas cenas do cotidiano constroem o que sou na outra cena, pois através da arte talvez possa reconstruí-la. Não posso transformá-las porque elas pertencem ao espaço tempo da memória, mas posso transformar a memória, criar novos signos e, quem sabe, uma nova história a partir da escritura corporal da cena (Leal, 2014, p.47).

Engajar-se nessa escritura corporal mnemônica significa colocá-las e estar em performance.

Partindo dessa premissa, entende-se que a memória é basal, seja consciente ou não, no processo criativo de performances e isto possibilita criar lugares de alteridades, em que a pessoa que com ela se relaciona consegue amalgamar em seu corpo modos de conhecimento de si e de sua história (*Ibidem*, 2014) instaurando, com isso, um movimento que não é só mnemônico ou um voltar-se para si ensimesmado, mas um processo de trans-criação de discursos e narrativas identitárias.

E, mesmo reconhecendo que “o performer nega o sujeito identitário e pleno e aposta nos processos de dessubjetivação e desidentificação” (Lopes, 2010, p.140), insisto em embarcar neste processo experiencial e experienciável de afirmação identitária.

Não porque enxergue alguma necessidade nisso, mas porque estou inserido numa sociedade destrocada pela ganância e pela intolerância, em que a afirmação de algo pode tornar os destroços ainda mais destroçados.

Então, já que é assim, que caiam em minha cabeça todos estes destroços.

Estaria agindo com hipocrisia se dissesse que meu desejo não era amalgamar essas reflexões no campo da desidentificação, da dessubjetivação, como destaca a artista-pesquisadora-docente Beth Lopes (2010).

Com quase 30 anos, me parece um tanto quanto óbvio que meu desejo seja esse.

Mas como desidentificar algo que nunca foi totalmente identificado?

O que até poucos anos atrás era extremamente nebuloso?

Como agir neste território sem habitá-lo?

É por isso que me entreguei a este corpo e, em nenhum momento, me arrependo deste feito.

Essa vibrátil entrega ao meu corpo que “é a morada que abriga as memórias, o lugar de sonhos e desejos, mas também das ambiguidades, dos ressentimentos, dos medos, do esquecimento” (Lopes, 2010, 138).

Tal entrega, no entanto, abarca a importância da afirmação identitária nos desdobramentos da atuação violenta da norma sobre os corpos generificados.

Sobre o meu corpo generificado.

Sobre o nosso corpo generificado.

E identificar essa importância significa fazer um pacto

Em que não cabe ficcionalizar memórias que não correspondam à realidade do que estou vivendo ou do que vivi.

Não posso e não vou ultrapassar esse limite.

Fiz um pacto com minhas memórias e sem medo ou temor algum irei expô-las.

As que me aprouver irei expor.

Incomode ou não.

Cause repulsa ou não.

Desencadeie náusea ou não.

E esta é a ação de resistência antecessora a todas as outras.

Pois por 29 anos não me foi concedido o espaço para expô-las.

Esforçadamente, com medo, mas cheio de coragem, fui identificando as fissuras deste espaço e tornando-o ainda mais fissurado.

Assim, transcriar memórias em performances consiste engendrar emoções, resquícios emocionais e sensoriais do que aconteceu no passado, mas que, por alguma razão, ainda sobrevive como

desencadeadores de ações no presente, originando novas experiências, discursos e narrativas identitárias,

Possibilitando com isso que as memórias ditas indizíveis sejam dizíveis no corpo, pelo corpo e com o corpo.

O meu corpo.

O seu corpo.

O nosso corpo, que é...

CORPOCOLETIVO.

CORPOPOLÍTICO.

CORPOATENUANTE.

CORPOMEMÓRIA.

Isso nos conduz ao processo de encarar o corpo como disparador das memórias.

É num fluxo contínuo que o corpo age e (re)age às memórias.

Para capturá-las e não as deixar esvair-se.

Não esvaindo, no entanto, as memórias se constituem como um corpo próprio.

O **CORPOMEMÓRIA**, que é tanto experiência, quanto experienciável.

Neste sentido a memória torna-se um convite.

As memórias te convidam ao quê?

Já se fez essa pergunta?

Você aceita, finge ou recusa estes convites?

Neste sentido, a memória também se torna uma decisão.

A decisão de agir ou não.

A inversão dessa lógica cabe aqui.

E assim, invertida ou não, as possibilidades de agir com, de agir por, de agir para, de compor para a memória vão se formulando.

O que leva a memória a se apresentar como oportunidade.

A oportunidade.

Uma série de oportunidades que, embora estejam referenciadas no passado, interferem veementemente no presente vislumbrando o futuro.

Ao ser atingido pelas memórias algo se (te) transforma.

E antes desta transformação a memória indica um tanto de respostas.

Respondendo ou não às reivindicações mnemônicas desse **CORPOMEMÓRIA** que pulsa.

Impulsionando ou não as buscas identitárias, ancoradas num passado que também é presente e futuro comum. Coletivo, tal qual pronuncia Costa (2019).

O que leva à identificação das políticas mnemônicas neste processo.

Políticas estas que, na sociedade contemporânea, assumem o caráter de “dever de memória”, pautado em tentativas de reparação de erros historicamente atestados.

A memória, a partir disso, passa a ser um dever consigo e com o outro.

Um dever que deveria ser levado mais em consideração, mas frequentemente não é.

Um dever que deve ser antes a transformação do visível sem o menor indício de reversão.

É um dever do sujeito da experiência, que por ela é acometido, atuar como um território de passagem, uma superfície sensível que é afetada pelos acontecimentos, produzindo afetos, inscrevendo marcas e deixando vestígios e efeitos (Larrosa, 2022).

Colocar em prática esse propósito de tornar sensível e afetivo o compartilhamento dessas memórias agora E(M) performance que agem como uma catapulta que rompe limites, lança paradoxos, revela o invisível e subverte o contexto, colocando-o a favor daqueles/as que foram destituídos/as do direito de narrar suas próprias vivências, ou seja, suas EXPERIÊNCIAS VIADAS.



Certamente,
era um dos meses do meio
do ano quando, durante uma rápida visita
a Uberlândia, decidi organizar um almoço
na casa dos meus avós para que uma amiga, que
estava de visita, conhecesse minha família. Naquela
época, meu avô ainda estava vivo, e a alegria de viver
aquele momento era indescritível. O almoço já estava quase
pronto; minha amiga e eu estávamos na sala jogando cartas, e a
TV estava ligada, transmitindo um campeonato de
ginástica masculina, embora não
estivéssemos prestando muita atenção.
Sou um grande fã de ginástica e, até
hoje, admiro o ginasta Arthur Nory.
Quando ele apareceu na televisão,
executando as barras fixas, não
consegui conter minha empolgação.
Dei um salto do chão, posicionei-me
de frente para a TV e soltei um grito
de entusiasmo, com os olhos brilhando
e, segundo me disseram, uma expressão de
total êxtase.

Esse alvoroço foi suficiente para
atrair alguns familiares até a sala, que
vieram correndo para ver o que havia
acontecido. No entanto, ao chegarem, o
silêncio rapidamente substituiu a alegria
que eu irradiava. O silêncio corroeu
toda a alegria do momento. Na volta
para casa, aquele episódio se tornou
um dos pontos de debate entre mim e
minha acompanhante. "Amigo, fala sério,
como você acredita que ninguém da sua
família desconfia da sua sexualidade?
Olha o escândalo que você fez com o
Nory!" Ela questionou com um tom de
incredulidade e, naquele momento,
percebi que talvez ela estivesse
certa. Conscientemente ou não,
algumas percepções dentro de mim
começavam a emergir, algo que até
então eu não havia reconhecido,
não plenamente. Não daquele jeito
e não naquela proporção.



O movimento impetuoso que fazemos é querer lembrar com alta intensidade, com riqueza de detalhes, por completo. Falhamos.

Essa experiência, no entanto, “[...] tem a ver com não-saber, com o limite do que sabemos [...] tem a ver com o não-dizer, com o limite do dizer [...] tem a ver com o não-poder, com o limite do poder” (Larrosa, 2022, p.69).

Neste aspecto, identifica-se que a memória possui um caráter próprio em relação à experiência passada, revelando aquilo que foi capturado e o que pode vir a se tornar no campo da performance. Na ênfase ao fazer, a ação se torna um processo profundo que se dá no suposto encontro entre a experiência de resgate mnemônico e a percepção do passado e do presente, com o objetivo de que a experiência passada “[...] esclareça, ajude a resolver a situação presente. Assim, não é necessário que a lembrança venha inteira, mas que mostre apenas como resolver aquela situação atual” (Leal, 2014, p. 76) sobre a qual “[...] a imersão na interioridade (cria) um fio invisível conectado para o exterior pela força da linguagem” (Lopes, 2010, p.143).

É por isso que não cabe entender as memórias somente como lembranças a serem narradas, pois a potência delas está justamente em despertar o ímpeto para a ação. Em ser ação. Tal como a performance. Tal como a experiência.

Nesse sentido, as memórias que subsidiam as ações performativas se tornam disparadoras de mais ações, ou seja, elas não se encerram no passado, nem muito menos no presente, mas apontam para o futuro.

Este ímpeto de se lembrar da experiência, e transcriá-las em performances, revela mais do que a boca, do que o verbo do que qualquer outra coisa conseguiria revelar.

Isto cria ressonâncias que são igualmente revelATIVAS.

O que me faz imaginar que o processo concomitante de lembrar-narrar seja uma dupla revelação. Revela a memória e revela a si mesmo.



O que está em jogo, agora, são as ressonâncias que permanecem após a lembrança se esvair. As ressonâncias inconscientes.

A lembrança vai para bem longe, para sua morada.

Mas algo fica e permanece inconsciente, sem a tomada da consciência, gerando ainda mais inconsciências.

Gerando um movimento que

[...] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2022, p.25).

Dar ao **CORPOMEMÓRIA** tempo e espaço.

Corpo este que está envolto de uma rede tecida com três fios, experiência, memória e performance.

A memória é en**VIADA**.

E eu en**VIADO** a performar por meio dela.

De onde vem essa coragem de inscrever as memórias ora no corpo ora no papel?

Qual a origem deste ímpeto vil?

Desse desejo **QUASE** incontrolável de expor demais, vulnerabilizar demais, se entregar demais? Arriscaria dizer que a origem da entrega a essa experiência veio do cansaço, da sensação forte de não pertencimento, de perda de tempo e da necessidade de valorizar o tempo de vida que ainda resta. De valorizar o resto de vida ou o resto da vida.

É importante ressaltar que este processo infundável de tecer a três fios tem se apresentado como uma maneira de possibilitar outros tipos de relações e tem ampliado enormemente a percepção que tenho acerca das lembranças, sobretudo as traumáticas.

Encorajando-me a materializar a autobiografia e com isso ter maior profundidade em relação àquilo que me possibilita autobiografar, a memória.

Performo e, por isso, abre-se um campo perceptivo/ subjetivo de mim comigo mesmo, com o mundo, com os outros e com as outras (d)imensidões do entorno.

E ambos desempenham uma condição vital.

A experiência que se torna memória antes mesmo de se tornar performance (2014), esteja ela relacionada à ação performativa ou simplesmente à cotidianidade de ser.

E todos estes enviesamentos se derivam daquelas experiências que nos constituem enquanto nos engajam a movimentar contra as atitudes nas quais, em suma, nem acreditamos efetivamente e, todavia, reproduzimos.

Ser o alvo desses enviesamentos, portanto, não é uma escolha ou qualquer coisa do tipo, mas

uma necessidade, em se tratando do mundo em que vivemos, do modo como vivemos e tudo que temos a enfrentar,

Onde o **CORPOMEMÓRIA** tenta dar conta dos ecos que se instauram ao acionar as memórias E(M) performance.

São esses ecos, no entanto, que irão alavancar os discursos referentes à ação performativa, tornando-os visíveis, palpáveis e experienciáveis.



Bato na porta, era amarela e fria. Ao entrar vejo uma fotografia, eu e meu irmão num carrinho brincando, aparentemente felizes. Eu era um bebê e meu irmão um pouco maior. Não sei por que cargas d'água, me lembro da minha avó materna (*in memorian*). Lembro do último natal que passamos na sua presença. Os presentes que ganhei dela foram uma caixa de sabonete de erva doce e um colar.

Depois que ela terminou de entregar os presentes para todos os/as netos/as, pedi para que ela colocasse o colar em mim, bastou olhar e uma resposta curta e grossa para que eu entendesse que aquela ação era demais. Era querer demais, exigir demais.



Sabe o que mais me dói em expor todas essas memórias? É imaginar a possibilidade de que elas estejam apenas restritas a mim. Pode ser que ninguém mais, entre aqueles que viveram essas experiências comigo, se lembre ou se relacione com essas memórias da mesma maneira que eu.

E isso diz muito sobre a solidão que sinto desde antes, muito antes de começar a me entender **VIADO**.

Do esquecimento operante nos Outros, que dói... dói muito.

E, por fim, do apagamento que desde aquele 08 de julho de 1995 (meu aniversário), insiste em não cessar.



Performo minhas **VIADA**gens.

Performo minhas **VIADA**gens?

E testemunho o desaparecimento delas.

Sou testemunha de meu próprio silenciamento.

E você sabe o que é o silêncio?

O silêncio é testemunhar um algoritmo comum, mas que não é igual.

E, diante desses algoritmos, ficar inerte.

Esse fator, no entanto, é inerente àquilo que precariamente tenho entendido como EXPERIÊNCIA VIADA.

Tais experiências são abordadas de forma singular, mas compreendidas especialmente como coletivas. Um conjunto de vivências que se repetem durante a infância, adolescência e perduram ao longo da vida de pessoas em dissidência, constituindo assim a base da formação de suas identidades de gênero. Essas experiências frequentemente estão associadas a um contexto de solidão, opressão e silenciamento, moldando, por sua vez, as percepções sobre si mesmas e sobre o mundo ao seu redor.

Um exemplo emblemático é o ato de olhar para imagens de corpos masculinos seminus em embalagens de cueca. Para muitos dissidentes sexuais, esses momentos desencadeiam sentimentos e atrações, que podem ser vistas como um reflexo de sua própria orientação sexual. Por outro lado, a essa atração é somada uma sensação de culpa ou medo, alimentada pela opressão social e pela estigmatização das sexualidades fugitivas dos padrões cishetonormativos. Em certa instância são essas experiências que irão constituir o modo como os dissidentes sexuais se percebem e se relacionam com sua sexualidade e identidade de gênero. Esses podem passar anos lutando para reconciliar sua autenticidade e autoestima, o que para mim é uma grande utopia.

No entanto, é importante reconhecer o quanto as EXPERIÊNCIAS VIADAS também podem se tornar fontes de resistência e fortalecimento, capacitando-os/as, encorajando-os/as a reivindicarem a performance de suas identidades de gênero e a se conectarem com seu coletivo. Tais experiências, portanto, são o núcleo, a essência, o gerador, a cadeia de sentidos destes sujeitos(as).

Nesse viés, recorro à estratégia para evidenciar tais experiências, para acessar, de um modo mais CONSTRUCRÍTICO as minhas vivências familiares-cotidianas enquanto um sujeito **VIADO**, desde sempre muito silenciado e oprimido.



Um fato, o mundo está carente de afetos.
Desde muito antes do período pandêmico, estamos esvaziados de afetos, sobretudo nós, **VIADOS**.
Sempre estivemos esvaziados de afetos. Nossa história é essa.
A história de nossas EXPERIÊNCIAS VIADAS é essa.
Período pandêmico. Sofrimento, muito sofrimento.
Independente da direção do olhar, dor, desespero, desgaste, desassossego...
Mantenha a distância. Resgarde as distâncias. Um metro e meio.
Meu braço tem 64 centímetros.
Fique em casa. Fique em casa?
Ficar em casa, para muitos, significou se reunir.
Ficar em casa, para alguma parte da sociedade, significou descredibilizar severamente cientistas, médicos e agentes de saúde.
Como foi para nós, **VIADOS** enrustidos, passar mais de dois anos em casa?
Olho para os lados e vejo somente as pessoas que amo.
Olho e me anulo.
Olho e não observo **VIADAgens**. Nem as minhas, muito menos as de outros/as.
O contato com os meus pares está restrito a uma tela fria e o sussurro que fazia diante dela, até mesmo porque o cômodo ao lado estava sempre ocupado.
Olho e duvido do amor que sinto. Do amor que sinto por mim mesmo e pelos outros.
Ver é diferente de observar.
Tínhamos tempo para observar, a pandemia nos trouxe isso.
Não temos mais, o cotidiano pós-pandêmico nos roubou isso.
Agora só vejo. Ver. Não percebo minhas **VIADAgens**.
É como se tivesse perdido a capacidade de perceber quem realmente sou.

UM SER **VIADO**, "SEM" VIADAGENS

Mesmo assim, o **VIADO** pode ser ignorado em sua **VIADAgem**.
Ele não é integralmente aquilo que é, nunca.
Acredito ter provado, para mim mesmo, o quão bom ator sou.
Eu sou um bom ator. Ou imagino ser um bom ator. Ou o pacto do silêncio que me rodeia fez com que eu acreditasse ser um bom ator.
O primeiro menino que beijei, depois de todo esse período catastrófico, só beijei.
Amedrontado, só beijei.
Cheio de desejo e tesão, só beijei.
Um beijo quase épico no MuNa- Museu Universitário de Arte.
Precisaríamos nos encontrar num lugar e aquele me parecia ideal. Propício.
Só nós dois naquele lugar.
Mais de dois anos sem atingir o ápice do processo de vasocongestão.

Sem receber a explosão do sistema límbico.
Sem sentir o membro desonesto fazer festa. Fazendo festa.
Jorrando espumas ao vento. Ao vento não, em mim, dentro de mim.
Âncora. Ancorar. Ancorar-me.
Já percebeu as similaridades da âncora com o pênis?
Falocentrismo. Horror. O horror se apresenta nos detalhes. Perceba.

V.I.ADO

Os problemas se derivam dele, o membro desonesto.
Duas estruturas que, quando completadas, se tornam círculos viciosos, prontos para serem preenchidos com o líquido odorífero que trava ao passar goela abaixo.
A essas esferas se acrescenta uma parte verticalmente ereta e munida do peso ideal para foder qualquer fundo de mar, qualquer bunda ou vida.
O pinto tem essas instâncias.
Fode a bunda e depois a vida.
A âncora tem essa instância, afundar-se até agressivamente tocar o fundo do...

(oce)ânus.

Afirmo, com isso, ser inerente retomar e friccionar as instâncias das memórias.
Sobretudo as que fazem referência ao período que originou tudo isso que hoje tanto repudiamos.
Desconfio de palavras que não estão no gerúndio.
Percebam: verbos no gerúndio nos remetem (ao) movimento.
Gerúndio. Gerundismo.
Ancorando...
Fodendo...
Embarcando...
Jorrando...
Por motivos óbvios de sobrevivência e aceitação, as **VIADAgens** ficaram resguardadas.
Além das distâncias as **VIADAgens** são forçadas a estarem resguardadas.
Experimenta ser **VIADO** no(s) ambiente(s) inapropriado(s).
Experimenta dar nome aos bois que te desapropriam de si e acreditam estar tudo bem.
É... viver neste mundo não é para amadores.
Traçar contornos subjetivos e discursivos neste mundo não é para qualquer um.
O que está em jogo é a verdade e não a realidade do fato. “Quanto a mim, saberia bem como reagir. E, em certo sentido, se precisasse me definir, diria que espero; questiono o entorno, interpreto tudo com base nas minhas descobertas, tornei-me sensitivo” (Frantz, 2020, p.135).

É igual quando, ao me interpelar, chamam-me de “bichona”.

Trato logo de mostrar o **VIADO** geométrico tatuado em meu braço esquerdo.

Bichona não, viadinho. Assim mesmo no diminutivo. Para combinar com você, mente imunda!

SER GAY NÃO É SER **VIADO**.

SER BICHA NÃO É SER **VIADO**.

SER HOMOSSEXUAL NÃO É SER **VIADO**.

VIADO É SER... E ISTO BASTA.

+ 3 ANOS



Amiguinha

ATENÇÃO! NÃO RECOMENDAMOS PARA CRIANÇAS MENORES DE 3 (TRÊS) ANOS POR CONTER PEQUENOS PEÇUINHAS QUE PODIAM SER ENGALENHADAS OU ASPIRADAS.
ATTENTION! NO CONSIGLIAMO PERI MINORI DI 3 (TRE) ANNI, CONTERE PICCOLI PEZUINACCI CHE POSSONO ESSO INGALENHATI O ASSORATI.

134

**QUERO ME PEDIR
DESCULPA, POR
TODAS AS VEZES QUE
ME CULPEI QUANDO
NÃO ERA A MINHA
CULPA.**

e por todas as vezes que me sabotei por coisas
que não estavam ao meu alcance.

e por tantas vezes ter duvidado da minha intuição
quando, na verdade, eu sabia o que eu sentia.

e por todas as vezes que duvidei da minha
capacidade só porque o meu afeto não foi
o suficiente pra alguém permanecer.



por menos

CARREGADEIRA STILL C/ ALAVANCA
ROMA IDADE 5+

Por: R\$ 59,99

6X s/ juros de:
R\$ 9,99

Todo o dia é dia de economizar

natal
americanas

Bombonière

Lingerie

BEBÊZINHO
REAL

Meu Bebêzinho
de verdade!

Conheça toda a Coleção!

STILL

Power Loader
CARREGADEIRA

5+

ref. 1710

A alavanca de direção
faz o braço de elevação
inverter e soltar.

A alavanca de controle
faz a cangalha levantar.

STILL

Power Loader
CARREGADEIRA

5+

ref. 1710

A alavanca de direção
faz o braço de elevação
inverter e soltar.

A alavanca de controle
faz a cangalha levantar.

STILL

Power Loader
CARREGADEIRA

5+

ref. 1710

A alavanca de direção
faz o braço de elevação
inverter e soltar.

A alavanca de controle
faz a cangalha levantar.

STILL

Power Loader
CARREGADEIRA

5+

ref. 1710

A alavanca de direção
faz o braço de elevação
inverter e soltar.

A alavanca de controle
faz a cangalha levantar.

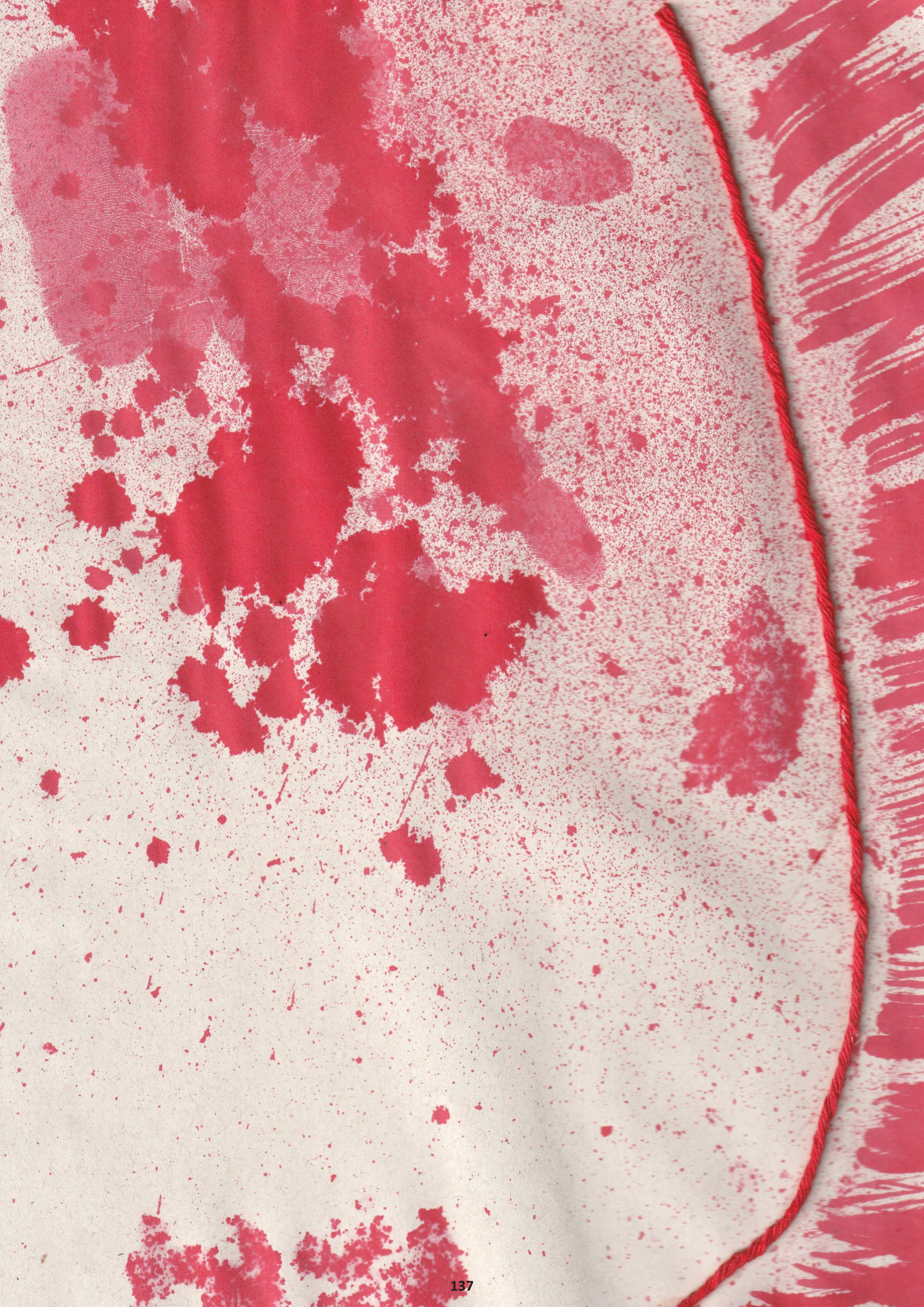
BRINQUEDOS

EM ATÉ

10x

SEM JUROS

NOS CARTÕES DE CRÉDITO



Cheirodemato. Interior de Minas Gerais, mais precisamente município de Santa Vitória. Casa da amiga da minha mãe que tem uma filha cuja idade se aproxima da minha, por volta dos sete anos. Brincávamos de maquiar as bonecas enquanto elas, as mães, conversavam na sala. A maquiagem das bonecas rapidamente se transferiu para o meu rosto. Num átimo de esquecimento vou até a sala, sou notado, mas a maquiagem no rosto é percebida antes da minha chegada total ao ambiente, quase uma premonição acompanhada de um grito/susto. Mando a dona da casa tomar no cu e saio correndo. Choro, lágrimas, compreensão do erro e pedido de desculpa. Qual é o erro? Estar maquiado ou mandar tomar no cu?



Penso sempre que, em determinadas ocasiões, essas ações opressivas são como o cuspe atirado para cima, uma hora vai cair na sua testa. E cuspe na testa é estrago na certa. O que, por sua vez, me faz pensar nas vezes em que me senti incapaz por estar emaranhado nesse cenário opressor, nesse cenário opressor-afetivo. “Eu saudava o mundo com um aceno e o mundo me amputava o entusiasmo. Estavam pedindo que eu me confinasse, que eu me encolhesse” (Frantz, 2020, p.130). Essa força que nos atinge por todos os lados, sem deixar ser capturada, é demasiadamente desastrosa e forma uma rede de experiência ainda mais traumática. Digo “ainda mais” porque geralmente ela vem de quem não deveria vir. Ela vem daquelas pessoas que, em teoria, deveriam fazer o oposto do que fizeram e fazem.

Essa estranha experiência **VIADA** de ser assombrado.

Entenda, não são só os mortos que assombram.

Desde criança...

Sapato de salto da minha mãe, **VIADO**.

Batom vermelho da minha mãe, **VIADO**.

Blusinha curta da minha mãe, **VIADO**.

Aos nove anos começo a cobrar-me ser magro, **VIADO**.

Aos quinze anos me encorajo a cheirar a cueca de um desconhecido, **VIADO**.

Enquanto todos dormem, cheiro cueca.

Aos dezesseis anos me relaciono com uma menina, **VIADO**.

Nada além de beijos e repulsa.

Gostaria de me esquecer disso.

Gostaria de não ter vivido isso.

Que inferno é se lembrar disso!

Gostaria que minha primeira experiência de namoro fosse com um menino.

Lembro do comentário que fiz sobre gostar de rendas.

A mãe dela foi lá e comprou uma calcinha de renda.

Ela me mostrou, como quem quer e espera que algo aconteça.

Experiência traumática.

Algo além de beijo?

NÃO.

Experiência ímpar.

Ela poderia prever o significado do comentário.

Essa experiência permanece em mim, mas queria esquecê-la.

A ameaça de viver experiências como essa desde sempre me assombra.

Este tormento me faz aproximar e gerar fricções sobre os campos do desejo e da experiência.

Nesta ocasião, meu desejo esteve apartado totalmente da experiência.

Reafirmo, portanto, que meu desejo não acompanhou minha experiência.

No entanto,

A indestrutibilidade do desejo é algo que nos faria, em plena escuridão, buscar *uma luz apesar de tudo*, por mais fraca que fosse. Para quem está perdido numa floresta em plena noite, a luz de uma estrela distante, de uma vela por trás de uma janela ou de um vaga-lume bem perto é incrivelmente bem-vinda. E quando os tempos se levantam (Didi-Huberman, 2017, p.15).

As **VIAD**Agens se levantam junto com eles.

Repito para enfatizar.

Ser **VIADO** quase nunca acompanhou as minhas experiências.

Se o que experienciei não foi uma predileção ou amor, muito menos foi um martírio. Então só posso ter vivido algo que se insira não apenas no trânsito ou na passagem de território, mas na transformação efetiva dessa alternância em uma situação nova, híbrida e fugaz. Apoiado no pensamento de Suely Rolnik (2018), acredito ter localizado minhas EXPERIÊNCIAS VIADAS na transterritorialidade.

Nesse sentido, habitar esta transterritorialidade se torna quase intrínseco ao sujeito viajante que, ao viajar, “[...] interrompe a comodidade, abala a segurança, sugere o desconhecido, aponta o estranho, o estrangeiro” (Louro, 2020, p.23). E, diante disso, se coloca a transitar por entre as vielas marginalizadas das emoções, dos sentimentos, das rejeições e dos pensamentos por meio do caminho das artes, que, no meu entendimento, melhor assegura esse trânsito, por possibilitar o vislumbre encarnado da fronteira entre as experiências e os desejos na transterritorialidade. Nesse caminho, a ideia de dissidência sexual se apresenta não como um conceito frio a ser debatido, mas como uma perturb(AÇÃO).

Ação de constantemente buscar formas, novas formas, fluxos.

Estar vulnerável a essa ação é por vezes perturbador.

E, calculadamente, os passos em direção a essa perturb(AÇÃO) devem ser dados.

Um após o outro.

Literalmente um passo em falso. Um passo falso e já era!

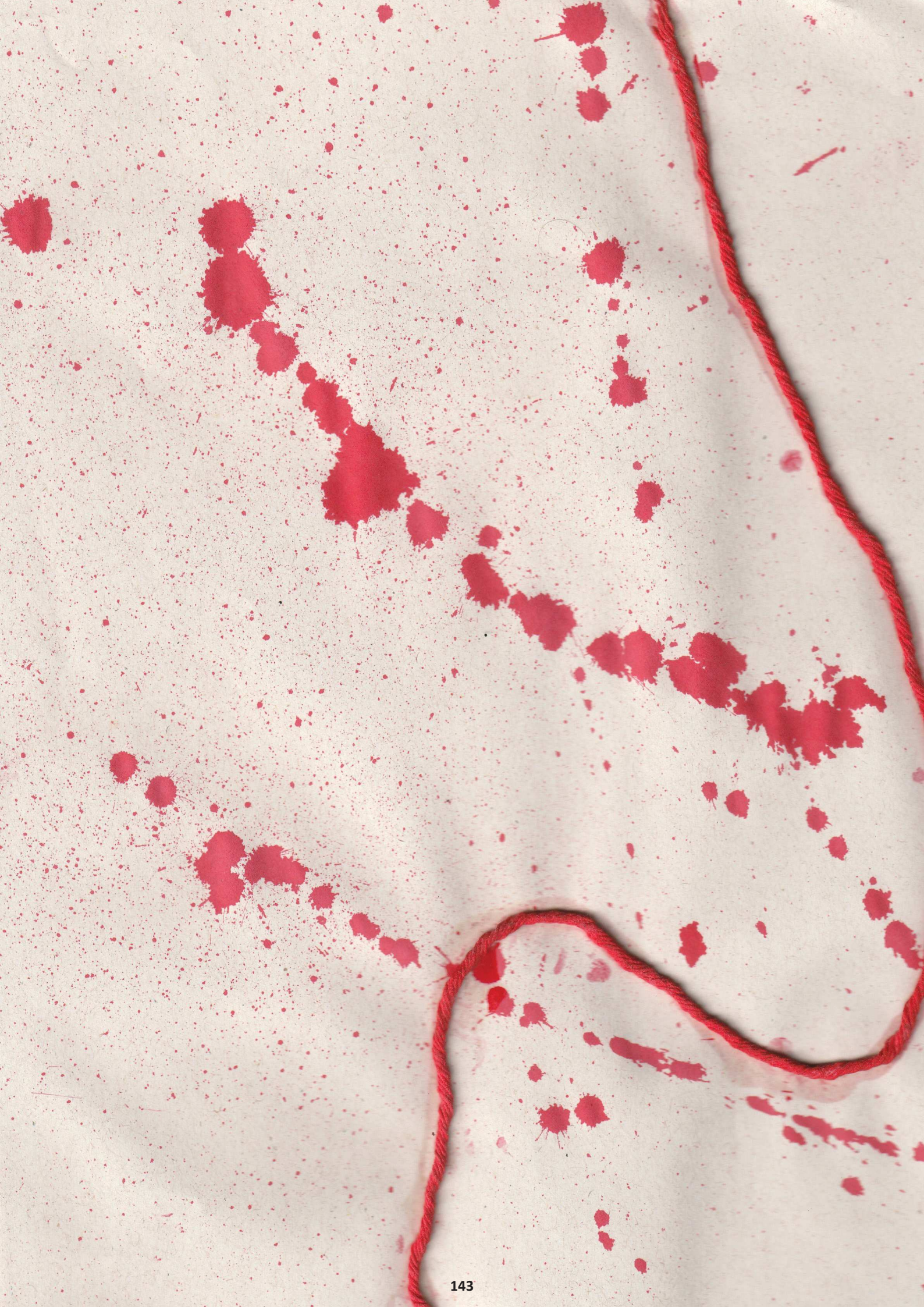
A falsidade tem essas instâncias, já era seu passo, já era seu pé, já era o passo anterior...

Já era você!

Neste sentido, habitar a transterritorialidade é despistar os costumes e as tradições para deixar o território livre para que as EXPERIÊNCIAS VIADAS se fundam no desejo de quem a vivencia. Experiências que devem estar dissociadas de tudo aquilo de ruim, opressivo, violento que vivemos quando não estamos neste território.

A união entre experiência e desejo – EXPERIÊNCIAS VIADAS – instaura na transterritorialidade uma importância significativa relacionada à autobiografia e ao processo de torná-las arquivos catapulta para diversos outros aspectos abrangentes nesse território. Nesse sentido, a autobiografia, assim como o ato de lembrar, envolve o estabelecimento de uma nova experiência, pois resgata “[...] estratégias para arrancar a vida da triste moldura em que se vê prensada. Desencantar o rosto dos estados confinados que o frequentam” (Preciosa, 2010, p. 71). É um movimento que, mesmo

desencantado com o entorno, conduz ao ímpeto que deveria ser corriqueiro, mas que, infelizmente, ainda não é.



Um primo meu, nascido e criado em Santa Vitória, veio morar em Uberlândia para trabalhar na empresa de um dos nossos familiares. Aqueles distantes. Este primo colecionava revistas de mulheres nuas, tinha todas as capas que se pudesse imaginar. Por problemas pessoais, não me recordo quais, acredito que seja uso de entorpecentes, algo assim, minha tia, mãe dele, veio a Uberlândia para levá-lo de volta para morar em Santa Vitória. Nessa mudança repentina e sem planejamento, não sei como e nem por que cargas d'água essas revistas vieram parar em minha mão. No meu quarto. Debaixo da minha cama. Com autorização! Com autorização. E isto basta.



Na verdade, me recordo de, ao ajudar na mudança, carregar uma sacola ou outra até o caminhão, deparar-me com essas revistas e, num ímpeto de confirmar o código imposto a mim de que deveria gostar de meninas, pedi as revistas ao meu primo, ele num riso, trocou meia dúzia de palavras com minha mãe, que acabou deixando eu ser o novo dono proprietário daquelas revistas.

Lembro de folhear aquelas revistas, lembro de pedir, elevar preces a Deus para sentir alguma coisa vendo aquelas fotos. Lembro-me dos homens das embalagens de cueca, seminus, me despertarem mais interesse do que todas aquelas mulheres, completamente nuas, naquelas revistas.

Ao externalizar essa lembrança, sou conduzido a infinitas sensações e emoções que foram, por hora, esquecidas, mas que neste instante repentino da escrita voltaram à tona com uma força incontrolável que me fizeram hipoteticamente desistir da tentativa de me livrar dessa memória. Fico horas sendo roubado por aquele objeto pontiagudo agora em minhas mãos. Agachado. Meus joelhos já não aguentam mais e meus olhos pareciam hipnotizados pela imagem refletida naquele alumínio areado. Revolto-me e, num ímpeto de quem quer um basta, lanço-o para cima e torço para que caia de ponta em minha cabeça...

Lá longe, muito longe mesmo, começo a ouvir um burburinho de pessoas. Esse som, lentamente, vai se aproximando e aumentando, e, ao que parece, começo a recuperar a consciência. Ouço gritos, e a única certeza que tenho é de que um deles, o mais estridente, é o da minha mãe. Sinto meu corpo anestesiado — não sinto absolutamente nada.

ÁGATHA: [...] Se o meu filho não pode me dizer o que quer me dizer na minha cara, então que guarde para si mesmo. Se o meu filho vai embora sem me dizer por quê, eu não quero descobrir por que ele foi embora nos cadernos, não! (Bouchard, 2017, p.82).

Som da ambulância sobressalente. Um tapa no rosto e uma pergunta: “- Qual é o seu nome? Quantos anos você tem? Onde você está?” Só consigo discernir e entender o grito da minha mãe. Mas por que ele está tão distante? Por que ele está cada vez mais distante?

PÍ...

Em determinadas situações, só nos damos conta da grandiosidade de determinada experiência ao rememorar-la, ou melhor, ao produzir autobiografias.

Produzindo performances autobiográficas ou performando autobiografias.

No entanto, existe um tempo necessário para digerir a experiência.

E o tempo é necessidade vital para que se consiga traçar uma autobiografia que corresponda à experiência agora transformada em performance.

Autobiografar

[...] também para não esquecer. Para não deixar que esqueçam. E como diz Ricoeur, mesmo diante de toda desconfiança que colocou sob suspeita toda a cadeia do lembrar - a percepção da cena vivida, a capacidade de retenção da memória e a narrativa tornada literatura - ainda não temos nada melhor do que a memória, do que o relato de alguém que diz ‘eu vivi’, ‘eu estava lá’, para saber que algo aconteceu (Leite, 2017, p.9).

Tal provocação me faz compreender que não há fronteira entre essas duas dimensões (performance-autobiografia).

Autobiografar é uma performance.

Autobiografar é uma performance e tanto, um tanto de performances que saem desvanecidas por aí anunciando o fim dos tempos diante das fissuras diretas e da potência do acontecimento que ela pode exercer

Nós temos muitas teorias sobre o fim dos tempos: tremores de terra, algum efeito cósmico, vulcões, pandemias..., mas o que vejo aqui são prédios caindo, pessoas correndo em câmera lenta, fumaça, luzes piscando, sangue, muito sangue e, claro, zumbis (Betito, 2024, p.9).

Mas nada disso é o prenúncio do fim do mundo.

Essas são só transformações espaço-temporais.

Prenúncio verdadeiro, que anuncia efetivamente o fim de todos os mundos, é a autobiografia.

A AUTOBIOGRAFIA É O ANÚNCIO DO FIM DO MUNDO!

A autobiografia pode tornar a memória (re)memorável, nos indicando que

Tanto a autobiografia quanto a performance são processos abertos, compreendendo uma miríade de formas possíveis. Talvez por essa razão, a performance solo tenha se tornado um meio tão privilegiado para investigações autobiográficas, abrindo novas possibilidades de representação do sujeito (Bernstein, 2001, p.102).

Esse processo torna concreto o que foi circunscrito no passado e nos coloca num movimento ininterrupto apontado para o futuro. Apontando a direção futura.

Autobiografia é a performance de um corpo enfurecido.

Autobiografia é o desejo dos que não temem, mas que por condição tremem.

Autobiografia é a performance da fúria contra os zumbis que mugem.

Do anseio em colocar um basta em tudo/todos que são oriundos das ações destes zumbis.

Autobiografia é um movimento contra aqueles que vagam sem direcionamento, mas não imaginam assim estar.

Enfurecer rima com crescer.

Enfureço-me e cresço.

Cresço para passarinho, como diria o poeta Manoel de Barros.

A performance da autobiografia.

Arquivos autobiográficos como performance.

A autobiografia como travessia, assim como a performance.

Travessia de transcrição e ressignificação, em que a única forma de lidar com ela é desafiando-a, assim como somos desafiados, performativamente.

Vale destacar que, mesmo habitando a transterritorialidade, lidar com esses arquivos autobiográficos e com a necessidade de autobiografar tem sido e, ainda é, muito difícil e doloroso. Embora a autobiografia seja geralmente entendida como um retorno ao interior de si mesmo, ela possui um caráter público significativo, desempenhando uma função crítica e reflexiva crucial na criação de um espaço discursivo para aqueles que não se enquadram na normatividade do discurso ideológico dominante (Bernstein, 2001).

Trata-se, portanto, de identificar, por meio da prática autobiográfica, minhas vulnerabilidades, entendê-las enquanto experiências coletivas, transformá-las em arquivos para criação/investigação artística e, a partir desse movimento, habitar a transterritorialidade, espaço que pode vir a ser, dentre outros fatores, de enfrentamento e resistência – às violências e às opressões às quais um **CORPO VIADO** está sujeitado cotidianamente –, bem como de afirmação identitária.

Um espaço vazio. Estou deitado no chão. De cara no chão. Imóvel.

Com um suspiro profundo...

Encontrei o chão... com todo o peso do meu corpo... e ali mesmo fiquei. Desacordado.

Tento me levantar, mas perco as forças. E meus olhos abertos por milésimos de segundos voltam a se fechar.

Uma luz forte me invade sem pedir licença.

E a dor (*in*)terna que sentia agora está dominada pela dor da queda.

Bati a cabeça no chão com tudo.

Agora... agora tudo está no lugar. Talvez... talvez este seja o movimento de que tanto precisava.

Um movimento... *Aterosclerose*... onde tudo parece perdido... onde tudo parece se perder.

Tal movimento... *Aterosclerose*... dá tempo ao tempo. Dá tempo para que se pense... em outro movimento... um movimento extremamente importante... o de produzir... um respiro necessário para existir? Uma pausa, silêncio, interrupção...

In-ter-rom-per é o gesto que pausa.

É a ruptura que fende o caminho,

Um traço que corta a linha contínua.

Interromper a incomodAÇÃO é o murmúrio que persiste.

O corpo que nunca se ajusta à forma imposta

é o vento que balança a dor e o desconforto que se instaura na curva do medo.

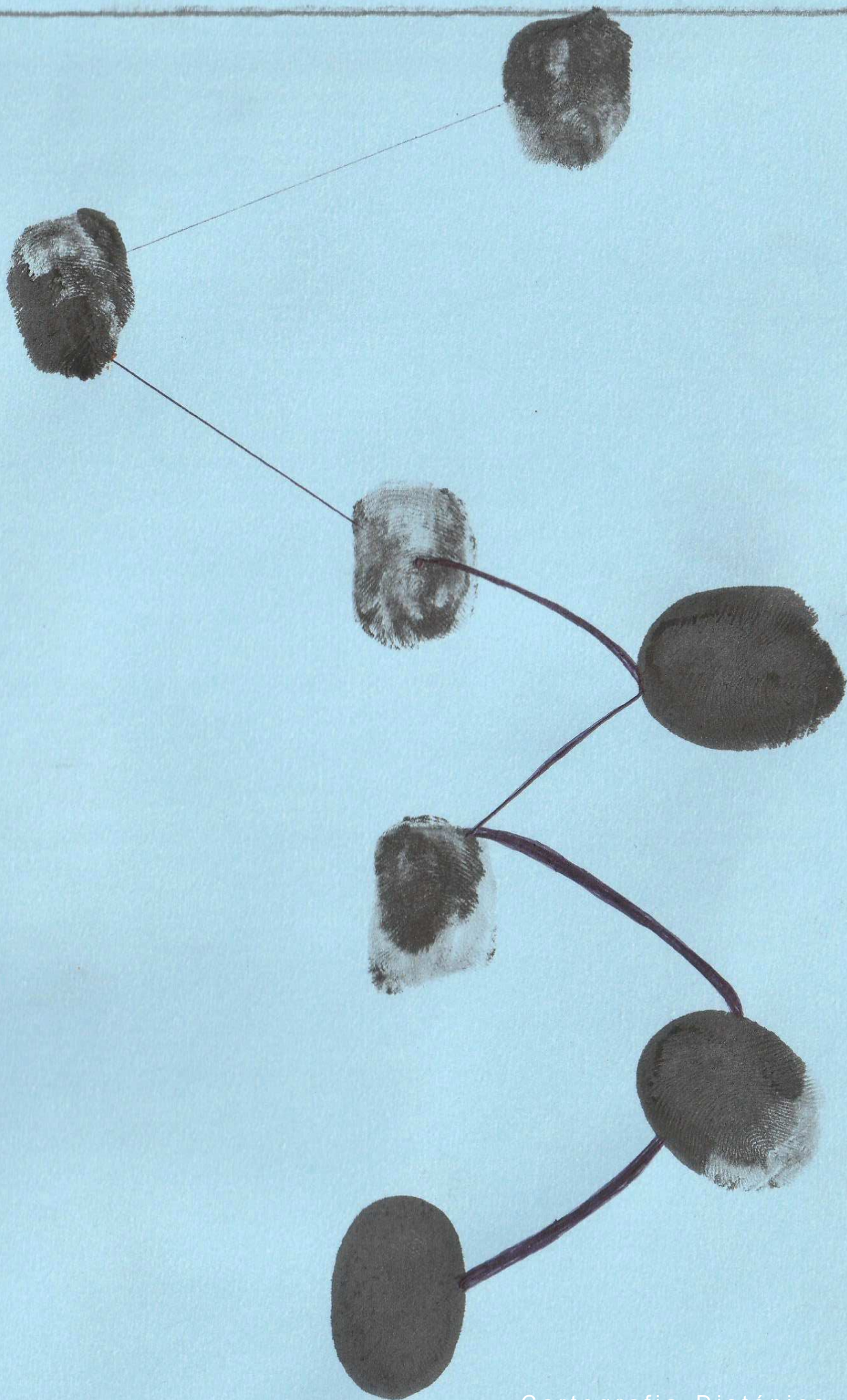
Incomodar é insistir na presença.

É a pedra que, mesmo momentaneamente, faz o rio mudar seu curso, altera o curso da viagem.

Em sua dança, estes verbos se encontram na provocação...

Enquanto um corta o fluxo, o outro o desafia.

E ambos, desacomodados, fazem o **CORPO-VIADO** se desdobrar em busca de algo irremediavelmente incomodATIVO para não se acomodar em ser incomoDado.



ultrapassa as

páginas da

-tua

vida?





ENTRANHAS

A velocidade do tempo para aqueles que são incomodATIVOS ou incomoDAdos não cessa ou ralenta, pois está sempre no fluxo de tentar conciliar o que se esquece do instante passado e o profundo que se apegava à contemplação lenta e suave de cada instante presente.

O que incomoda acorda e incomodar é romper com a suposta “paz” sagrada instituída, como os mega incômodos causados pelas forças extremamente destruidoras que pairam sobre nossas cabeças e pela fragilidade gerada pelos colapsos sociais.

INCOMODAR, portanto, é aceitar a entropia inerente às indicações de ações deste verbo. Ao enfatizar esses fatores, no entanto, refiro-me a um incômodo que, sem muita consciência, provoquei em mim mesmo. A uma incomodaÇÃO que sem nenhuma pachorra me atinge, o que me levou à percepção de que o ato de incomodar pode ser uma forma de transgressão.

Quando causamos incômodo, inevitavelmente acabamos provocando transgressões por vias diversas. Tal transgressão ocorre porque incomodar é um ato encorajado de maneira abrupta. Para muitos, comportamentos considerados fora do padrão são incômodos, e essa é a sua maior força. Nesse sentido, provocar incômodo pode ser um ato de resistência e também de cunho político-performativo, pois ativa um movimento contínuo em duas direções, como uma via de mão dupla. Aqueles que se dizem incomodados por mim, também me incomodam. E não está tudo bem ser verdadeiramente incomodado quando isso resulta em ser postulado na posição de um incômodo existente. Afinal, incomodamos a quem? Por outro lado, quem nos incomoda?

Aparentemente, o que acontece é que aqueles que afirmam estar incomodados se apoiam em convenções morais, bons costumes sociais e religiões. E isso é falso, fajuto e irrisório. Pois, nesse sentido, o incômodo não resulta de uma ação concreta, mas de uma suposição fictícia que é considerada verdade. Tenho experimentado muitos incômodos ultimamente, e essa intensidade tem gerado reações diferentes e inesperadas. Isso faz com que as entranhas, já entranhadas, se entranhem ainda mais.

Há um desconforto que surge do movimento das ENTRANHAS. Mover em tudo o que inflama e já está inflamado transforma-se em nova percepção e num sentido incomodATIVO, em composições paradoxais, fluxos, entrecruzamentos e outros movimentos num exercício de exaustão. Tal exercício nos provoca a pensar quem e/ou o quê consegue resistir por mais tempo.

Com o tempo, surge um certo comodismo em relação a esses desconfortos. Entramos em um estado de inibição e, sem perceber, nos acostumamos a nos sentir incomodados. Na verdade, isso se torna tão comum que é quase imperceptível. O incômodo, assim como a dor, se torna uma parte anestesiada do corpo. Isso é perigosíssimo, pois sinaliza a necessidade urgente de instaurar um estado de alerta para buscar eliminá-lo em sua força radicular. Talvez essa tentativa não produza efeito. No entanto, o que se observa com frequência são as interrupções desses desconfortos, embora estejam longe de representar uma solução definitiva. Esses lampejos temporários estão articulados em ideias performativas numa travessia que amalgama autobiografia e as premissas artísticas desse campo do conhecimento, sempre instáveis, precárias e/ou provisórias.

Tais características surgem neste território devido à dificuldade em encontrar meios realmente capazes de pôr fim a esses incômodos. A acabar com essas incomodaÇÕES. Quais dispositivos poderiam conseguir tal feito? Talvez não haja fim... Poderíamos dizer que a morte seria um deles, mas aceitar essa resposta é ser contraditório demais com o que penso sobre os fins. Seria uma conclusão verdadeira, mas não coerente com o sentido pretendido.

Ao rejeitar essa hipótese e considerar o contexto em que vivemos, não consigo acreditar em outro dispositivo que não seja a performance. Este pensamento surge a partir da identificação da premissa fundamental, de que as características do dispositivo que possa vir a orientar o cessar de tal desconforto, é ser tempestuoso, provocativo, provisório e precário.

A performance, portanto, opera como uma ação incomodATIVA e como pronúncia no mundo, um modo performativo de se constituir entre desnudamentos, entrecruzamentos e entre-tessituras.

A PERFORMANCE É A PRÓPRIA TEMPESTADE.
A PERFORMANCE TEM A CAPACIDADE DE REVIRAR O INTERIOR.
É O QUE ESTÁ NO INTERIOR?
AS ENTRANHAS,
QUE FAZEM A PERFORMANCE TRAVAR UMA LUTA E SE ENGATAR VEEMENTEMENTE CONTRA A GRAVIDADE QUE NOS PRENDE AO CHÃO.

As performances talvez possam operar neste movimento, porque elas fazem enxergar e mostram tudo em sua mais que perfeita desordem, te dando um parâmetro do entorno e igualmente te dando as cartas do jogo. Só está com as cartas do jogo, com as cartas na manga, aqueles/as que possuem a capacidade irremediável de enxergar. Se não puderem interromper, ao menos cessam provisoriamente e nos alargam a possibilidade de refletir sobre tais contextos, procuram rupturas em convenções e dispararam outros modos de vida e de existências.

Assim, cessar este fluxo de incômodos implica antes cair. E cair “[...] é como um ano bom, cheio de surpresas” (Riscado, 2023, p. 200).

Caio e, quando caio, algo acontece.

Cair e depois se levantar e, ao se levantar...

Escalar uma, duas ou inalcançáveis montanhas.

Enxergar e se expor na mesma medida: essa é a consequência para providenciar o cessar fogo contra nós, incomodATIVOS por condição. Pensemos então neste dispositivo que:

[...] não representa, mas é, transforma, recria, remodela modelos vigentes, tornando visível e palpável o invisível e o despercebido, e propõe alternativas para a transformação. Acredita. Impulsiona. Remodela. Reinventando, sempre (Alice, 2020, p.94).

Tal dispositivo - A performance - tem sido explorado ao longo das décadas por uma variedade de áreas do conhecimento, incluindo a antropologia, a filosofia e as artes. No contexto desta pesquisa, escolhi destacar a abordagem estética e a artístico-pedagógica. A proposta é entrecruzar essas abordagens na tentativa de expandi-las em suas potencialidades. No entanto, para caminhar na direção deste propósito é preciso, de antemão, pensar que “A performance visa criar efeitos e afetos. A performance se move entre o **como se fosse e entre o é**. Entre o simular e as novas construções do ‘real’” (Taylor, 2023, p.26). E esse pensamento supõe tecer uma análise sobre o modo como esta linguagem vem se instaurando nas entranhas artísticas, desde a década de 1960, mas não somente, pretende-se evidenciar seus e(s)ntranhamentos ao corpo do artista e seu entorno.

É este entendimento que torna um tanto quanto complexo atribuir um significado concreto e único a este termo, se é que isso é possível ao se tratar de performance. Justamente pelo fato de que “a performance nem sempre tem a ver com a arte. É uma prática ampla e de difícil definição e contém inúmeros, e às vezes conflitantes, significados e possibilidades” (Taylor, 2023, 26). Então, nesse sentido, o que pretendo, menos do que enquadrar este termo num significado único, é pensá-lo em concomitância ao sujeito que sou e porque sou, de modo a demonstrar que a prática de ações performativas não se encerra, meramente, em testemunhá-las, mas se estende no espaço-tempo desdobrando-se numa relação processual, seu caráter estético e um olhar para seu viés pedagógico, um caminho constitutivo de formação dos sujeitos e de propostas político performáticas incomodATIVAS.

Contudo, os primórdios da performance enquanto campo de expressão artística se deram com as incomodaÇÕES oriundas das Vanguardas Artísticas. Foram elas que subsidiaram o entendimento daquilo que hoje conhecemos e tratamos como arte da performance. Segundo RoseLee Goldberg (2015) este pontapé inicial se deu com o futurismo, em meados de 1909, onde os artistas estavam por encabeçar práticas que (re)orientariam os modos de produções artísticas, que se constituíam despidas de certa lógica tradicionalista, interessadas em romper com os modos de pensar e fazer arte. Os artistas, portanto, convergiam-se para uma prática, na qual o corpo e seus dramas estivessem fundidos em uma experiência incorporada, enraizada sobretudo nos aspectos autobiográficos, ao mesmo tempo em que se voltavam para as questões político-sociais. Isso reflete, de certo modo, um dos princípios fundamentais da performance e desta pesquisa, fundir, incorporar numa só matéria artista e obra de arte reiterando o seu ponto focal para o processo criativo e para a feitura.

Isto faz com que o corpo adquira proporções incomparáveis, e as performances parecem refletir a ausência de “[...] outro modo de conhecer o corpo humano senão vivendo-o. Isso significa assumir total responsabilidade pelo drama que flui através de mim e fundir-me com ele” (Glusberg, 2012, p. 39). Esse ímpeto de vivenciar as mazelas e os deleites do corpo torna-se uma das principais características das performances artísticas, o que, por sua vez, me permite abrir um campo de diálogo com Marina Abramović, artista da performance nascida em

Belgrado, Sérvia, em 1946. Sua carreira na performance, entretanto, ganha notoriedade a partir da década de 1970, com apresentações por toda a Europa. Abramović, desde então, se tornou uma referência proeminente na contemporaneidade.

Lembro-me de como a artista era frequentemente citada, nas aulas na graduação na UNIRIO, especialmente na disciplina de Atuação VI, dedicada ao estudo da performance. A partir daí, venho me dedicando a pesquisar sua vida e obras. Não é surpresa que todo esse estudo tenha influenciado meu próprio trabalho performativo, refletindo em certa medida sua abordagem na área e me fazendo acreditar, cada vez mais, neste viés referencial que nos formam enquanto formam nossos pensamentos, reflexões e práticas.

As incomodaÇÕES entrópicas que começaram a acometê-la na infância e se estenderam até sua vida adulta originaram, notadamente a performance *Rhythm 0* realizada em Nápoles, Itália, que consistia em permanecer imóvel por aproximadamente seis horas diante de uma mesa com 62 objetos, que poderiam causar dor ou prazer, convidando o público a usá-los em seu corpo, ou ainda a performance *A artista está presente*, realizada no MoMa em Nova York no ano de 2010, que consistia na artista permanecer sentada durante sete horas em seis dias da semana para que os visitantes se sentassem e estabelecessem uma comunicação, um por um, com a artista, por meio do olhar.

Imagem 01 - Rythm 0



Fonte: Pelas paredes memórias de Marina Abramovic.

Imagem 02 - A artista está presente.



Fonte: Pelas paredes memórias de Marina Abramovic.

Embora as performances de Abramović estejam inseridas em contextos distintos, elas evidenciam fortemente essa relação da artista com seu corpo e suas possibilidades expressivas, investigativas e comunicativas. Essa ideia gerou em 1978, na galeria Harlekin Art, em Wiesbaden, a performance *Three*, onde a artista e seu então companheiro, o performer Ulay⁴, propuseram-se a rastejar como cobras pelo chão da galeria, tentando atrair para si o “terceiro elemento” à espreita — uma píton de 1,20 metro de comprimento. “Uma vez que a performance começasse, porém, eu sempre transpunha aquele portal onde a dor e o medo se transformavam em alguma outra coisa” (Abramović, 2022, p.127). Este limiar evidenciado pelos artistas, entretanto, revela um território da performance que muito me interessa e desperta exatamente o desejo de performar, afinal de contas, a todo instante nós, dissidentes, estamos administrando performativamente essas duas instâncias, a dor e o medo.

Este ímpeto transgressor de utilizar o corpo como suporte para suas experimentações artísticas também me conduz aos atos performativos de Flávio de Carvalho (1899-1973), multiartista brasileiro nascido em Barra Mansa, Rio de Janeiro. Carvalho atuou em diversas áreas da arte, como desenho, pintura, arquitetura, cenografia, escrita e performance, e foi um precursor da arte da performance, especialmente dos Happening no Brasil. Sua importância no campo da performance começa a se destacar com os artigos publicados no jornal *Diário de São Paulo*,

⁴ Frank Uwe Laysiepen (1943-2020), conhecido como Ulay, foi um artista alemão com atuação em Amsterdã e Liubliana. Reconhecido por sua arte Polaroid e performances colaborativas com Marina Abramović, Ulay iniciou sua carreira nos anos 1970, explorando temas de identidade e gênero em obras como *Renaissance* (1974), uma série de colagens autobiográficas e autorreflexivas.

Imagem 03 - Three



Fonte: Pelas paredes memórias de Marina Abramovic.

sob o título “A Moda e o Novo Homem – Flávio de Carvalho”, o que culminou na performance *Experiência n°3*, realizada em 1956. Nessa performance, o artista se propôs a andar pelas ruas do centro de São Paulo trajado com uma minissaia. Segundo Carvalho, essa experiência foi desenvolvida porque ele acreditava que as vestimentas masculinas usuais da época não estavam de acordo com os conhecimentos do homem contemporâneo e seu desenvolvimento. A partir disso, derivou sua ideia sobre a adequação da indumentária, alegando ainda que a vestimenta criada por ele considerava a ventilação do corpo, permitindo que o suor fosse evaporado com maior rapidez.

No entanto, atualmente, o que se sobrepõe a esse ímpeto rebelde de Carvalho é o fato de que as violências de gênero eram reiteradas por grande parte da sociedade na década de 1950, que ditava como homens e mulheres deveriam se vestir. Vale ressaltar que, naquela época, os homens deveriam se trajar com calça comprida, camisa e terno, como é notado nos registros fotográficos da ação. Carvalho, por sua vez, instituiu uma rebeldia em relação a essas limitações, aderindo à possibilidade de um homem caminhar pelas ruas de minissaia. Esta ação foi uma sequência de sua investigação sobre a psicologia das massas, que começou a ser efetivada com a *Experiência n° 2*, realizada quase duas décadas antes, em 7 de junho de 1931. Naquela época, ainda não havia uma lógica prática-teórica estabelecida para essas obras, destituídas dos padrões artísticos, o que me faz pensar que, embora hoje entendamos essas ações como performances, estas eram vistas como uma tecnologia inovadora a ser investigada. Na ocasião, Carvalho decidiu cruzar a procissão de *Corpus Christi* no sentido contrário, com uma boina verde na cabeça, a fim de analisar as reações dos fiéis, quase sendo linchado por isso.

Imagem 04 - *Experiência nº 3*, de Flávio de Carvalho



Fonte: sescsp.org

Esse é, para mim, um dos movimentos mais transgressores do artista em questão, visto que ele já apontava para a direção da importância que o fazer artístico a partir de então tomaria.

Essa breve contextualização, sobre as duas importantes referências para a performance em suas concepções, é fundamental por possibilitar-me entender e fazer o recorte do lugar onde penso e pronuncio uma possibilidade de fala sobre o termo performance. Vincular-me à estética como uma abordagem do termo performance convoca ao resgate mnemônico das estéticas, sobre as quais me formei enquanto sujeito e artista e que, consciente ou inconscientemente, intencionalmente ou não, orientaram meu modo de vida e de produção artística. Os destaques que faço, portanto, não dizem respeito a uma totalidade, mas ao recorte que me cabe fazer aqui, sobretudo para ser fiel a este processo de pesquisa.

FAÇO PERFORMANCE COMO INCOMODACÃO. SE NÃO INCOMODAR O MUNDO, INCOMODO-ME A MIM MESMO EM TENTATIVAS DE
(DES)ANESTESIZAR O **corpo-viado.**

Artistas como Eleonora Fabião (2015) e Tania Alice (2016) têm sido significativas desde os estágios iniciais de meu estudo sobre performance, quando nem sequer imaginava ser capaz, embora desejasse muito, de desenvolver uma pesquisa acadêmica nesta temática. Essas duas referências, no entanto, ressoam fortemente na constituição do meu eu-performer e reverberam, concretamente, na formulação da série performativa que apresento como arcabouço prático desta pesquisa.

Sendo assim, a contribuição e a importância da performer e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Eleonora Fabião, se projetam incalculáveis. O livro-panorama *Ações Eleonora Fabião* (2015), em que a artista descreve e discorre sobre suas ações performativas mundo afora, bem como a palestra-performance “Nós aqui, entre o céu e a terra”, apresentada no “IX InterFaces Internacional - Corporalidades na cena da pesquisa contemporânea”⁵, realizado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em setembro de 2022, é encarado como um verdadeiro marco em minha trajetória acadêmica, representando seguramente o mais importante giro epistêmico deste processo investigativo. Isso ocorreu a partir do momento em que, impulsionado pela experiência de ver e ouvir Fabião, me percebi interessado, assim como ela, “[...] pela narrativa da experiência e pela experiência da narrativa” (Nós aqui, [...], 2024, 2022). Fato que redirecionou o objeto desta pesquisa e me levou a questionar o potencial subversivo de transformar experiências em narrativas e, além disso, transformar experiências por meio da prática narrativa. Esta é, portanto, a ideia que ocasionou tal giro epistêmico e me fez acessar esse novo cerne que me orientaria desde então, ou seja, investigar se as práticas em performance seriam capazes de transformar as experiências, as narrativas e tanto as experiências narrativas quanto as narrativas da experiência.

Essas ações ou programas performativos, como Fabião vem nomeando suas práticas artísticas, se destacam por uma abordagem de temas relevantes, especialmente em relação ao espaço urbano e seus habitantes - transeuntes. O que, para ela e para mim, tem um valor primoroso, uma vez que habitar o espaço público é

[...] me esfregar nele, amá-lo; criar modos de pertencimento ativo que recusam a cultura do medo e a lógica da violência. Uma reapropriação do corpo e da cidade, um através do outro. Ou melhor, uma apropriação do corpo e da cidade como corpo. Ambos corpos em processo de formação mútua, já que a cidade nos faz e nós fazemos a cidade (Fabião, 2015, p.45).

Isso remete à ideia de que o papel do artista é não apenas fazer ver, mas também alterar o valor das coisas, pensamento esse que faz surgir um questionamento: Que capacidade ainda nos resta de não espetacularizar ações performativas de modo a atravancar seus entendimentos e

⁵ Palestra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BkRUldzIL60&t=229s> Acesso em: 13. abr. 2024.

não invalidá-las enquanto um processo? Em minha percepção, este fator está intrinsecamente relacionado aos afetos que surgem, ou não, a partir do contato imediato com a performance e do conhecimento prévio do performer que a realiza.

Essa me conduz a obras e escritos de Tania Alice, performer e professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Meu encontro com ela se deu no tempo em que cursei a graduação na mesma instituição (2013-2019). Naquele momento, não conseguia dimensionar sua importância no desenvolvimento do entendimento que estava se construindo em meu corpo, acerca da performance, em especial daquelas nos espaços urbanos. Para Tania, tais performances, que se estabelecem pelas vias urbanas, sejam elas de grande proporção ou apenas uma pequena manifestação de afeto, podem provocar naquele espaço uma disrupção, ou seja, uma quebra, uma fratura, uma interrupção do curso de um processo que instaura o estranhamento. Nas palavras dela, tal ação disruptiva

[...] surge como uma proposta de experimentação: que capacidade de afetar ou ser afetado ainda nos resta? De que forma podemos intensificar esta afetação? Como podemos treinar nossa capacidade de afetar e ser afetado? (Alice, 2016, p. 78).

Neste contexto, a disrupção e o afeto emergem, nesta pesquisa, como termos que me possibilitam investigar a temática da identidade de gênero, associada à performance, destacando a forma como os afetos são marginalizados, invalidados ou até mesmo inexistentes na vida de indivíduos dissidentes sexuais. Esse movimento retroativo, imposto, pode servir como catalisador para as mais severas formas de opressão e violência enfrentadas, diariamente, por esses indivíduos, ou seja, a violência afetiva. E é nessa intersecção que Tania se lança e nos convida à revolução dos afetos, que se dá por meio de ações performativas. Ações direcionadas ao que a performer irá entender como ativismo poético e não como uma obra espetacular ou para ser observada somente.

Restringi-me até aqui a apresentar brevemente as estéticas que foram importantes, sobremaneira, para o desenvolvimento da série performativa, arcabouço prático desta pesquisa, oriundas do advento da performance latente em mim. Mas é fato e, ademais, uma necessidade discorrer também sobre a estética do modo de escrita que busco mobilizar. Anseio que essa escrita possa ser um ato de rebeldia, como a construção de um caminho, alicerçado na ação, e naquilo que possibilita ação, ou uma escrita que transpareça um processo que seja fiel a ele e que gere acontecimentos, que se dão pela “escrita da experiência e do escrever como experiência” (Callai; Ribetto, 2016, p.35). Trata-se, portanto, de uma escrita inventiva submetida à experiência, tanto de quem escreve quanto de quem lê. A experiência que impulsiona a escrita numa ação INCOMODATIVA. Uma escrita tão intempestiva quanto o acontecimento que a origina. A busca por uma escrita que seja performance, a performance de uma rebeldia, de um **CORPO-PESQUISA-PROCESSO**, de um movimento arriscado, tensionado, mas preparado, pois está sempre atento.

Uma escrita de si que acontece no tempo presente. Uma escrita

[...] do entre-muitos como dispositivo de dissolução e autodissolução. Devir permanente, disparando afetos. Produzindo efeitos. Retirando da escrita o ‘aquilo que sou’ identitário, o alguém-autor. Aquele que escreve deixando invadir-se pela escrita do outro, de muitos, de qualquer um. Deixando evadir-se na escrita de um si mesmo. Aberto ao vento. Corpo que o vento leva, que o vento traz. Espalha em-sis, para-sis, em-sis-mesmos. Embaralhada (Callai; Ribetto, 2016, p.35).

Emaranhada.

Uma escrita que vem inteiramente de dentro, de um movimento de pensamento e de ação próprios de quem escreve, que se dá por múltiplas entradas e que se apresenta na forma convidativa de uma conversa interminável.

ENTRANHAR-ME NUMA ESCRITA QUE SE ORIGINA DA/NA EXPERIÊNCIA

Existir neste lugar, no entanto, é resistir, o que, por sua vez, significa aceitar sua fragilidade, ou seja, é escrever escrevendo. Escrita que brota da e na dinâmica viva, uma escrita que “[...] assusta, não é de fácil nem acessível compreensão. Precisa ser acessada de várias formas. *Várias entradas. Possibilidades*” (Callai; Ribetto, 2016, p.32). E, além disso, possui a estranha capacidade de ser permeável e fazer perceber o que há de novo, a cada vez em que se dispuser poroso diante dela.

Neste sentido, ler e escrever se tornam uma ação de sobrevivência.

Lê-se/escreve-se para sobreviver.

Ler/escrever passa a ser nosso alimento e nossa necessidade diária.

Ler/escrever, no entanto, deve ser um movimento único e exclusivo, sem imposição, como uma espécie de “abertura de um corpo que amamenta. O texto são suas forças, e se você tentar dobrá-las, será dobrado, quando a *dobra* é a potência. Leitor que assiste à escrita que contamina, leitor com escrita” (Callai; Ribetto, 2016, p.33). E é pelo viés da contaminação que vou, pouco a pouco, contaminando a instabilidade de expressar a mim mesmo por meio de palavras, estando invicto no desejo de que a experiência da leitura não se encerre somente na captura dessas palavras pelos olhos, mas que se torne ação, performance.

É quando começo a tatear as possibilidades dessa escrita desancorada, navegante, naufragada, que sou atravessado por Marcelo Camargo (2021), encontro que gerou o segundo giro epistêmico, despertando em mim lampejos criativos, mas também, e sobretudo, compreensões fundamentais para formulação desta escrita, ou seja, uma escrita que também é performance.

Esta é uma obra que pode te acompanhar em qualquer lugar e em qualquer hora. Uma ação que te acontece na intimidade. Uma coautoria. O livro é um objeto tátil que exige manuseio. É necessário que você, *espectador-folheador*, abra o livro e dance junto com ele; que tome decisões sensório-temporais (Camargo, 2021).

Camargo⁶ é um multiartista e pesquisador da cena, desenho, luz, design, objeto, texto, dramaturgia, residente em Uberlândia - MG, onde fez, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o curso de graduação em Artes Visuais (2010), posteriormente Teatro (2017) e mestrado acadêmico (2021). Durante o mestrado, concentrou-se na investigação dos processos pelos quais o conhecimento transmuta para as páginas e se converte em texto com “s”. Testo. A ideia originou uma dissertação performativa, no formato de Bólido livro, que reúne vários volumes de livros, cada um possuindo cor, textura e elementos próprios, obra que, somada à Iª Mostra de Dança Impressa, se tornou importante referência para mim.

Nosso primeiro contato ocorreu na disciplina obrigatória da Linha dois, Estudos em Artes Cênicas: Conhecimentos e interfaces da cena, intitulada “Cenas e Escritas: Memórias, Aprendizagens e Procedimentos da Criação”, ministrada pelo Prof. Dr. Alexandre Molina, que o convidou para conduzir uma oficina direcionada à elaboração de um caderno, que tinha como motim nos colocar pensantes sobre SUJEITO-TRAJETÓRIA-OBJETO de nossas pesquisas. Uma experiência importantíssima, que delineou o rumo pelo qual esta escrita seguiria. A partir dessa proposta, debruçei-me, coletiva e individualmente, na reflexão dessa tríade e aos poucos fui concretizando uma proposta de escrita atenta a despertar e evidenciar afecções, mas também a fazer com que, quem estivesse defronte, saísse de sua zona de conforto de ler e não agir, ou ler

⁶ Mais informações sobre as obras e a pesquisa desenvolvida pelo artista estão disponíveis em: <https://www.marcelocamargo.art/criacoes>. Acesso em: 13. abr. 2024.

e não se sentir mobilizado para mobilizar. Desse modo, fui me direcionando na busca por essa materialidade teStual, que despertasse para ações, no plural.

A confecção do primeiro caderno foi principalmente inspirada pela experiência em sala de aula, ao analisarmos e discutirmos as referências que Camargo trazia de autores que utilizavam infinitos modos e tecnologias para expressar-grafar seus conhecimentos, aliadas à ideia de materializar trajetórias - tanto a do sujeito quanto a do objeto de pesquisa. Em contrapartida, movido por uma constante inquietação e interesse nessas questões, não me limitei a criar apenas um caderno. Entrei em um fluxo criativo que resultou na produção de outros dois cadernos, os quais, junto com o primeiro, se tornaram a cartografia distópica, parte itinerante deste escrito, onde investigo uma performance textual que não acontece somente entre autor e o teclado, mas entre leitor/a e texto. TeSto-Texto que é imagem. E imagens que são bem mais que o texto. Esse anseio, no entanto, se realiza, quando a experiência de ler e escrever inescapavelmente se torna performance.

O texto não é construído somente com palavras, mas com um emaranhado de elementos que possuem a mesma importância que elas. As palavras que aderem às páginas são performance; o modo como elas são aglomeradas é performance; as escolhas que as transpõem para uma folha de papel são performance; sua distribuição nas páginas infindáveis é performance.

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, em que fazemos coisas com as palavras e também que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos baseando-nos em nossa genialidade, em nossa inteligência, mas valendo-nos de nossas palavras. E pensar não é somente ‘racionalizar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (Larrosa, 2014, p. 152).

O anseio por criar ações e provocar a feitura de mais ações por meio da experiência de leitura me orienta a fazer reflexões sobre a qualidade basilar que essas ações-palavras devem possuir. Seguindo esse contexto, o entendimento de pedagogia e arte se entrelaçam às noções de escrita e ações. Tal entendimento condensa essas terminologias em uma só, tornando-se, assim, artístico-pedagógico. Instância que será investigada aqui, somada ao entendimento sobre performance.

O processo no qual identifica-se práticas sucateadas nos fazem reproduzir atrocidades. Transformar os arquivos derivados dessa identificação, que também é um processo de rememorar, em ações performativas e, com isso, propor a transformação da raiz de uma imposição pedagógica, cisheteronormativa, que perdura até a atualidade, ditando o que devemos ou não fazer, como nos portar e diversas outras ações que só fazem nos oprimir, quando pouco aniquilar. Isso conduz ao entendimento de que uma fração muito pequena de nossas ações e das falas que reproduzimos, cotidianamente, não são frutos unicamente do ser que somos, de algo

propriamente nosso, mas, em certa medida, elas se relacionam ao modo como conseguimos performar nossa existência no mundo. Desempenhar, nos ambientes em que habitamos, o sujeito que somos, ou as facetas que mascaram quem somos. Judith Butler irá discorrer sobre isso, dizendo que

[...] quando o que falamos se baseia numa história formativa, uma sociabilidade e uma corporeidade que não podem facilmente ser reconstruídas na narrativa, se é que pode. Paradoxalmente, torno-me desapaixonada no ato de dizer, e nessa desposseção consolida-se uma reivindicação ética, visto que nenhum ‘eu’ pertence a si mesmo (Butler, 2019, p. 167).

O “eu” pertence a um coletivo que escolhe ou não efetivar o massacre. Ao nascermos, nos impelem menino ou menina e atribuem um “nome de menino” para quem tem um pênis e um “nome de menina” para quem tem vagina, ou seja, a primeira violência pedagógica que sofremos acontece antes mesmo do nosso nascimento e está relacionada ao órgão sexual que, sem escolha, carregamos em nossos corpos. E quem não nasce com esse totalmente formado? Quem nasce com o sexo disforme? E quem não se identifica com o sexo biológico? Violências reiteradas. Seria hipocrisia não me direcionar ao fato de que tentar fugir dessa binariedade é, de certo modo, fadar o infante a infindáveis situações constrangedoras e, por isso, traumáticas.

É o que acontece, por exemplo, com os nomes que aceitam bem este binarismo fajuto e até mesmo aqueles que sofrem variações sexualizadas, Gabriel, ~~GABRIEL~~. É o que acontece, por exemplo, quando aos nove anos tenho que explicar para meus amiguinhos da escola o motivo das recorrentes faltas e das incontáveis recusas para brincar. Como explicar que o afastamento é devido a cirurgias no órgão genital? Não saberia responder se não tivesse vivido essa situação. Mas o pior não era tal verbalização, mas sim quando brotava, não sei de onde, um interesse de alguém em querer ver meu pinto, como era, como ficou.

- SABIA QUE OS ESTUDANTES DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ME CHAMAM DE TIO GAYB? EU GOSTO, ACHO FOFINHO.

- SABIA QUE JÁ FUI ENGANADO E OBRIGADO A MOSTRAR MEU PÊNIS PARA UMA MULHER QUE EU NUNCA HAVIA VISTO NA VIDA? ELA ME PERGUNTOU PORQUÊ ESTAVA COM A CUECA ÚMIDA, RESPONDI QUE ERA PORQUE VAZAVA XIXI PELOS BURACOS.

Enjaulados/as nesta binariedade somos moldados por OUTROS olhares e, por mais que tentemos driblá-los, esbarramos em outras incontáveis problemáticas, às quais ainda, por mais que vislumbramos e lutamos por um futuro melhor, não conseguimos alcançar. Este aspecto, em certa instância, é abordado por Butler (2024) em seu livro *Quem tem medo do gênero?* Nele a autora irá expandir a reflexão sobre os agentes subjacentes aos poderes destrutivos na sociedade contemporânea, incentivando uma compreensão aprofundada dos efeitos políticos decorrentes do medo. O período que vivemos atualmente, no entanto, é caracterizado por uma série de ações

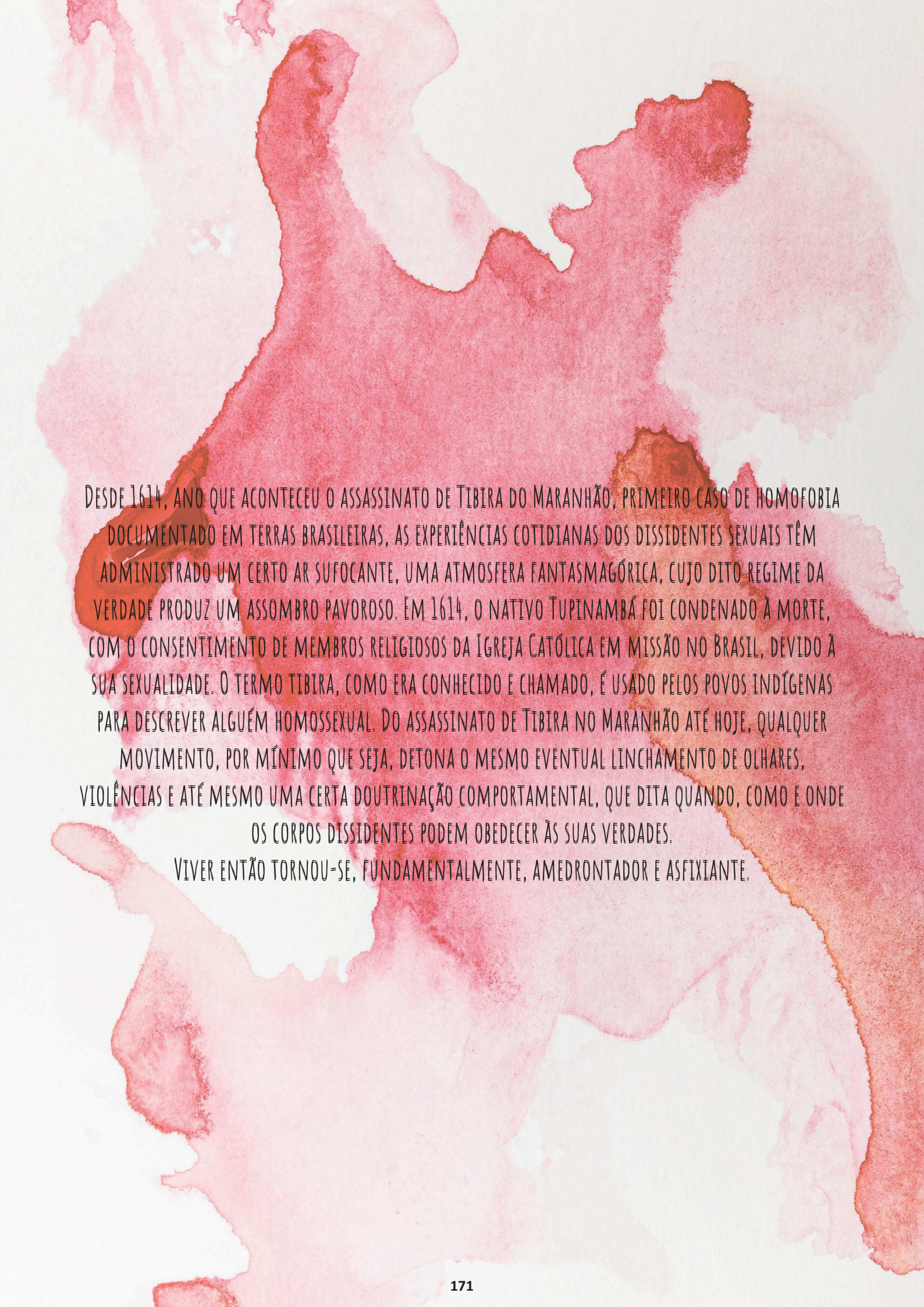
que buscam minar as conquistas árduas dos movimentos sociais LGBTQIAPN+ ao longo das décadas, por meio de medidas de anulação, patologização, criminalização e deslegitimação das liberdades e dos poderes. O que está em jogo nessa luta travada contra nós, fugitivos das normas, é assegurar um certo padrão que existe por cima dos panos, quando o que acontece por debaixo deles é infinitamente pior do que o que, sucateadamente, foi colocado sobre.

O que quero destacar é que as situações de opressão, violência e preconceito são resultado de um processo de constituição dos sujeitos que nos é inculcado desde o momento em que começamos a compreender o mundo ao nosso redor, o que não deixa de suscitar um perverso contexto pedagógico de formação e perpetuação das situações de dissidências. Quem nunca se deparou com questionamentos sobre namoradinhos/as por parte de familiares, sem ao menos compreender verdadeiramente o significado disso? E quem nunca ouviu tais questionamentos porque um pacto de silêncio, do qual você faz parte involuntariamente, está perpetuado numa opressão afetiva em relação à sua sexualidade?

Entender a pedagogia que envolve o processo de manter vigente, a todo custo, a inoperância das dissidências sexuais nas instâncias cotidianas da vida, é fundamental para conseguir, ou ao menos tentar construir uma pedagogia que se direcione contra essas afirmações, ou seja, uma contra-pedagogia que, por meio da performance:

[...] atualiza-se como um espaço de experimentação de relações sociais diferenciadas em um campo micro, valorizando a interação, a intersubjetividade e a presença. Nesse processo, mais do que um gerador de uma obra, o artista se torna um catalisador que gera dispositivos para que as relações possam ser geradas, inventadas e fortalecidas (Tania, 2016, p.31).

Se nos atermos à definição literal da palavra pedagogia, conforme está escrito nos dicionários de Língua Portuguesa, podemos inferir que pedagogia se trata do processo meticuloso de assegurar, por meio de métodos específicos, a transmissão de conhecimento, direcionada aos indivíduos que se pretende educar. Nesse contexto, enxergo este processo não apenas como uma prática educativa, mas também como processualidades formativas que não só permitem a existência, mas também possibilitam a intervenção nos ambientes, provocando reflexões profundas e transformações essenciais nos modos relacionais e inter-relacionais na sociedade. É através desse movimento que o processo pedagógico se torna obra de arte produtora de nuances na existência humana, dinamicamente reinventadas.



DESDE 1614, ANO QUE ACONTECEU O ASSASSINATO DE TIBIRA DO MARANHÃO, PRIMEIRO CASO DE HOMOFOBIA DOCUMENTADO EM TERRAS BRASILEIRAS, AS EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS DOS DISSIDENTES SEXUAIS TÊM ADMINISTRADO UM CERTO AR SUFOCANTE, UMA ATMOSFERA FANTASMAGÓRICA, CUJO DITO REGIME DA VERDADE PRODUZ UM ASSOMBRO PAVOROSO. EM 1614, O NATIVO TUPINAMBÁ FOI CONDENADO À MORTE, COM O CONSENTIMENTO DE MEMBROS RELIGIOSOS DA IGREJA CATÓLICA EM MISSÃO NO BRASIL, DEVIDO À SUA SEXUALIDADE. O TERMO TIBIRA, COMO ERA CONHECIDO E CHAMADO, É USADO PELOS POVOS INDÍGENAS PARA DESCREVER ALGUÉM HOMOSSEXUAL. DO ASSASSINATO DE TIBIRA NO MARANHÃO ATÉ HOJE, QUALQUER MOVIMENTO, POR MÍNIMO QUE SEJA, DETONA O MESMO EVENTUAL LINCHAMENTO DE OLHARES, VIOLÊNCIAS E ATÉ MESMO UMA CERTA DOCTRINAÇÃO COMPORTAMENTAL, QUE DITA QUANDO, COMO E ONDE OS CORPOS DISSIDENTES PODEM OBEDECER ÀS SUAS VERDADES. VIVER ENTÃO TORNOU-SE, FUNDAMENTALMENTE, AMEDRONTADOR E ASFIXIANTE.

DEIXE
UMA
MARCA
NO
MEU
CORPO

BEIJE
MINHA
BOCA

ME
OLHE
NOS
OLHOS

UM
BEIJO
MOIHADO





As ruas converteram-se como os irmãos, veementemente inflamados por um Deus do ódio, rancor, discriminação e exclusão. Podemos estabelecer uma comparação bruta dessas ruas com os corredores de uma igreja fanática, em que tudo acontece ao mesmo tempo, sob o olhar de todos, e em que muito pouco é observado. Tudo passa, conscientemente, despercebido. O distanciamento, herança da pandemia, até mesmo entre os compatíveis, se mantém vigente e nós, **VIADOS**, bichas, gays... continuamos, esquizofrenicamente, esquivando, evadindo, evitando tudo e todos que nos possibilitam acessar os gatilhos opressores da infância, nos perpetuando ainda mais distante daquilo que utopicamente tanto desejamos.

Entretanto, há muito tempo, sabemos também que a pedagogia acaba sempre por ser o exercício hegemônico de fundar uma determinada ordem, a partir do senso comum. Tudo é pedagogicamente calculado. Quando a responsabilidade de se educar sexualmente uma criança é transferida para terceiros, perde-se o controle ou o controle é perdido. Quando não há abertura de diálogo sobre sexualidade em casa, mas essa é frequentemente evocada por falas, gestos, ações e violentada ao ser tratada pelos terceiros, que são a escola, um processo pedagógico é estabelecido e, junto disso, se indicia onde a sexualidade deve ser aprendida: Internet, internet, internet... E as consequências disso estão cada vez mais incontrolláveis. Reflexões sobre as inseguranças, violências e tantas outras fragilidades de um **CORPO-VIADO** exposto na rede.

A demonização do gênero, por exemplo, “é uma forma encontrada pelos poderes existentes - Estados, igrejas, movimentos políticos - para aterrorizar as pessoas, de modo que elas retornem a suas fileiras, aceitem a censura e externalizar seu medo e ódio contra comunidades vulneráveis (Butler, 2024, p. 12). Nosso tempo, portanto, está efetivando uma pedagogia anti-gênero que vem nos impor (ensinar) onde, quando e de que modo devemos nos portar. Ou seja, passamos a não ser mais responsáveis pelos outros, com os quais nos relacionamos. Temerosamente, a responsabilidade afetiva pelo outro se tornou um protocolo a ser sucateado, burlado e estigmatizado.

No cotidiano, a maioria das experiências de um indivíduo dissidente sexual é, supostamente, conduzida ao ponto final. Nada vinga, me parece que não é fornecido adubo suficiente para que essas experiências (vidas) sejam abundantemente vigoradas e florescidas. O descarte tornou-se o balbúcio de uma vida ordinária, sem nenhuma responsabilidade honrosa e zero obediência tranquilizadora ao comando do governo. Quem tem medo somos nós, que sofremos a violência, o descarte, a opressão. Os que de fato impõem toda essa balbúrdia estão pouco se lixando para as consequências de (re)produzir atos tão aterrorizantes.

O que o processo pedagógico dessas experiências, desde antes, muito antes da morte de Tibira, vem nos ensinar é o extremo medo e cuidado que se mantém resguardado a respeito de permanecer com vida. A moralidade asséptica garante que cultivemos em nós não a liberdade, mas uma honrosa e tranquilizadora, e por isso nojenta, obediência àquilo que nos foi pedagogicamente inculcado. Sem ter onde nos apoiar, sem ter quem garanta seus sustentos e com a explosão

do medo, em que nem todos saem feridos, o que nos resta é o protocolo dos comprimidos. É o protocolo da sanidade mental negativada. A vulnerabilidade emocional, o comportamento autodestrutivo, a rejeição e autorrejeição, a autodepreciação são protocolos emergentes dessa pedagogia.

Uma pedagogia assim só pode ensinar, na abstração calculada de uma sociedade completamente estéril, sobretudo de afetividade e de segurança, tudo aquilo que deve ser mais do que inadvertido. Porém, concomitante a essa pedagogia existe outra, lá no fundo, pulsando subjacente, mais secreta, que se irradia nas vielas, becos, nas paradas e subCUTaneamente nem sempre atinge àqueles que deveriam ser atingidos. Imperceptivelmente acionada, como a respiração e o hálito quente, que invadem o corpo por meio do encontro carnal dos lábios, bocas e sexo, ou simplesmente do encontro. Essa pedagogia se produz eficazmente como performance. Ainda no seu estágio pensante, sua característica principal é ser eficaz. A performance como expressão político-(contra)pedagógica nada mais é do que atos vitais de transferência, transmitindo o saber social, a memória e o senso de identidade por meio de ações. E desse ponto de vista

[...] o importante não é nem a posição (nossa maneira de pôr-nos), nem a o-posição (nossa maneira de opor-nos), nem a im-posição (nossa maneira de impor-nos), nem a pro-posição (nossa maneira de propor-nos) mas a exposição, nossa maneira de ex-por-nos, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco (Larrosa, 2014, p.161).

É essa tentativa – somada à de ordenar expressões de proliferações violentas análogas à vida de quem, condicionalmente, foge dos padrões – que causa a intensidade aberrante que transborda do vivente, que trama artisticamente essas metamorfoses, indo muito além das esperanças e dos desejos desses indivíduos. Expande-se ao coletivo. Nesse sentido, o que se procura exprimir é mais do que pedagógico, é contra-pedagógico, e isso

não é somente uma política de contraposição ao poder ou à violência na qual a sociedade e educação podem ter se tornado, mas a autorreflexão crítica da educação no sentido de uma autorreflexão ética (Tiburi, 2014, p.39).

Há, neste sentido, a busca pela proliferação incessante, transbordante e extravagante dessa capacidade adequada de transformar as experiências vivas e de fazer emergir sua condição identitária. Talvez isso conduza à conclusão de que estar vivo é uma condição de presença que implica a experiência viva de tudo o que nos atravessa e de tudo que somos, o que, por sua vez, se torna inalcançável e distante, mas, paradoxalmente, mais íntima do que a nossa própria existência. Essa contra-pedagogia então é uma experiência aberrante de tudo o que é abundantemente cru e germinal contido numa experiência. Assim, em se tratando de experiência,

devemos sempre aceitar que é tempo de entendermos que não fomos educados para sustentar tamanha experiência. É difícil mesmo, dá medo.

A contra-pedagogia se materializa, então, como um germe que imperceptivelmente escapa da pedagogia imposta, um movimento que, por consequência, desarruma até mesmo nossa integridade. Ela coletiviza as forças primariamente singulares, essa força de nos refazer performativamente nos mais variados âmbitos da vida e, com isso, descobrir que a contra-pedagogia funciona como a queda livre das continuidades inférteis da infância. “É o caso de pedir perdão física. Apesar da queda livre, nosso movimento não é uniformemente acelerado. Eu choro primeiro” (Riscado, 2023, p.161).

E este choro provoca a elaboração necessária de uma estética, para não dizer ética, desejante, que nos torne apropriados de tudo o que essa contra-pedagogia nos faz emergir-exprimir. Enquanto a performance apresenta-se como essência filial identitária, que remete a si, mas também ao outro, o real se concretiza como discursos vociferados a gritos, e como uma re(p)ulsiva obediência às normativas que regulam e reafirmam a vulnerabilidade de corpos/as LGBTQIAPN+.

A pergunta que fica é evidente. Como provocar, arrancar dessas profundezas um devir-**VIADO**, sem estar assombrado pela produção hereditária? Há ainda latente a necessidade imperiosa que se transforma na aberrante atitude de canalizar toda “ingenuidade” e fazer da desobediência mais minúscula uma potência. Uma potência vital. Uma potência arrebatadora. Uma potência contra-pedagógica que se instaura nas encruzilhadas. É a própria encruzilhada desobediente. Um território arado, que só deixa proliferar vidas desobedientes, que só dá espaço para o bando de **VIADOS**, que chegam para causar todas as catástrofes, as turbulências e os alvoroços possíveis que são a verdadeira realidade que atravessa o espaço-tempo minando tudo/todos que estão contra nós.

A potência contra-pedagógica é também nos voltar para a pungência de inoperantizar este antigo saber que a vida prolifera heterogeneamente entre os corpos, entre as relações que compõem a infinita e inalcançável presença contemporânea do vivente. A potência é também inoperantizar um antigo eu contaminado e, por isso, devastado de todos esses encontros com a cisheteronormatividade. O vivente, eu, você, nós somos incessantes em sustentar a descontinuidade germinal de sua própria condição dissimulada, frágil, precária e exorbitante, conquanto diversas e inesperadas.

A IDENTIDADE É O SÊMEN/ÓVULO MAIS FÉRTIL

O que essa contra-pedagogia ensina é a experiência que nenhuma instituição se atreve a ensinar: a vitalidade crua e inesperada do incerto, da própria vida. Por isso o movimento de afirmação identitária traz-nos recordações tão intensas da nossa natureza volátil, mutante, múltipla, mutável, da multiplicidade, do bando, do rebanho que (in)felizmente somos, mesmo correndo

ao contrário, contra, contra a direção im(o)posta, contra todas as direções. A heterogeneidade desse(s) outro(s) corpo(s) vivente(s) não é a condição potente de uma manipulação, para a realização do que eles entendem por essência humana; ou pior, o recurso instável que necessita ser resolvido e ordenado em um trabalho que realiza ainda mais terrivelmente essa condição hetero, seja uma objetividade inerte de livre uso e usurpação. Aqui a heterogeneidade é uma linha de intensidade, que organiza justamente todas as pretensões de um coletivo de dominação e manipulação, é um sismo, um vulcão ativo, uns fios de alta tensão, a tempestade ou o PRÓPRIO INFERNO. E a resistência fértil a essa política infernal, aos próprios capetas vigentes que tornam essa contra-pedagogia, além de tudo isso é...

UM CAMINHO CONSEQUENTEMENTE SEM VOLTA.

Oprimir, assim, é uma potência do hetero-vivente e, como potência, não tem seu valor declarado de antemão. É apenas uma força crescente, que se expande e muda de acordo com suas relações e variações, como o pensamento. Isso porque o pensamento se dá sempre por contágio, a educação também, a micropolítica fecunda é contagiosa, as rebeldias são contagiosas e, por isso, são tão temidas, tremidas.

Como contestar uma fantasia psicossocial que reúne tantas ansiedades, move-se em tantas direções e aparentemente exerce poderes tão extraordinários de destruição? E como combatê-las, quando ela está se movendo tão depressa em suas formas cambiantes e contraditórias? (Butler, 2024, p. 29).

É porque não há maneira de capturá-las ou de aprisioná-las, de administrá-las ou de ordená-las, pois elas só são percebidas quando já estão fervendo no próprio sangue, sendo o próprio sangue. Essa é a contra-pedagogia do contágio e é contra por ser micropolítica ativa de si, do próximo, dos contatos, da escuta, do afeto e principalmente da ação.

O que esse ensino contra-pedagógico implica são as aprendizagens das mutações, das variações monstruosas que o hetero-vivente convida em sua ordinária provocação, uma incitação radical que não teme perder nada pelo caminho, porque sabe que a continuidade de sua potência fervilhante se estende muito além de si, apesar de ser fervorosamente interrompida a partir da produção dos excrementos.



EXCREMENTOS

Excremento é a matéria sólida ou líquida excretada pelo organismo.

Excremento é também o que é desprezível ou vil.

Mas, neste escrito, os significados habituais desta palavra não devem ser tomados como verdade absoluta.

O que proponho é nada menos do que, por meio de uma prática PERFORMA(ESCRITIVA), ressignificar essa palavra,

Enxergando e fazendo enxergar a sua potência subversiva.

Todos nós queremos nos permitir eliminar algo de nós mesmos em algum momento da vida.

E em alguma instância nos ver livres daquilo que não suportamos mais.

E... quando imaginamos não ter forças o suficiente para realizar tal ação, o corpo nos mostra que, lá no fundo, ainda resta um fluxo de forças instaurado de modo a possibilitar tal movimento, ou seja, a conduzir a produção do excremento.

Todos nós temos esta reserva de forças que possibilita tal produção.

Produção do excremento.

Mas que movimento irremediável é esse?

Esta indagação nunca foi um questionamento para mim.

Consigo facilmente nomeá-la.

O movimento que estimula nosso corpo, o **CORPO-VIADO**, a engajar-se na produção de excrementos é o de REBELDIA.

E rebeldia é aquilo que acomete o corpo, revira as entranhas e produz, produzindo, produzir-se excrementos.

A ação de rebelar-se indica uma binaridade e, por mais que aqui seja o espaço propício para se desvencilhar dela, esse sentido torna a tentativa inexitosa,

Pois quem se rebela, o faz contra ou a favor de algo.

Rebelar-se significa estar a favor ou contra o(s) corpo(s). Não há meio termo.

E quem imagina estar no suposto meio termo está denotando nitidamente para onde sua rebeldia está direcionada.

Rebelar-se pressupõe a fisicalidade de um corpo.

Nem que seja um corpo precário em seus sentidos.

Portanto, ser contra o movimento que produz tais excrementos é assumir um território de discursos e ações cujas mudanças, transformações e ressignificações não são bem-vindas.

E aí identifica-se um problema e tanto,

Porque rebelar-se é, em primeira instância, a materialização da insatisfação com o que está vigente nesse território.

Percebo-me insatisfeito e, por isso, rebelo-me.

Não tolero mais a passividade diante do mundo e, por isso, rebelo-me,

Com o intuito de produzir algo.

Produzir algo, excretamente transformador e subversivo.

Ou seja, o movimento de produzir o excremento está vinculado necessariamente ao processo

de transcrição do território habitado e ao desejo de que este excremento, ao ser expelido, seja potente o bastante para contaminar, entrecruzar e reorganizar o *modus operandi* nesse território. Essa proposição conduz ao denominador comum de que não é possível rebelar-se distanciado ou até mesmo sem os corpos.

Necessariamente, um está para o outro. Num fluxo de existências e coexistências.

No entanto, é fundamental concretizar o entendimento de como, quando e em que circunstâncias o excremento é produzido.

Acolher e tomar para si esta rebeldia é dar o pontapé inicial nessa produção e, nesse rumo, compreender a fertilidade do território em que se encontra para realizar determinada produção é fundamental para que um estado de alerta seja, ou não, instaurado.

Ao se tratar dos excrementos, esse estado deve estar acionado, pois a qualquer momento essa produção, por ironia do destino, ou por influências externas, pode ser excretada fora de hora.

No tempo inoportuno e, então, identifica-se um outro problema.

Embora deva, por condição, ser excretado, esse momento requer que seja muito bem planejado, pensado para o lugar certo, imprimindo a força exata para que outros campos não sejam atingidos com os resquícios desses excrementos.

Ao término de sua produção, tal processo tem como propósito desbravar o fora. Fora de si. Excretar. Numa insistente relação entre o/a sujeito/a e sua relação com o mundo.

E esse fator, diga-se de passagem, é um dos mais importantes,

Pois é ele que dá sentido a toda produção.

É justamente para/por ele que a produção acontece.

O movimento de excretar é forte e abrupto.

E só acontece por meio da disponibilidade.

A condição de um excremento além de sua origem na rebeldia inconformada com o entorno, é a precariedade.

O excremento já nasce precário, pois sua formação e a concretização da sua forma, além de ser abstrata e subjetiva, só se dão por meio do olhar coletivo. Do olhar dos outros.

Entender a formação contínua e dependente do excremento, que se dá por meio da coletividade, possibilita habitar o território dos propósitos de tal produção.

Esse território está vinculado a denotar, evidenciar, escrachar, escarafunchar um processo.

Processo que está atento em si, no contexto e no diálogo com o outro e nas características basilares desses excrementos, que são a rebeldia e a precariedade.

REBELDIA que pressupõe movimento de ruptura, insatisfação, incomodaÇÃO.

PRECARIEDADE que pressupõe constância vital incomodATIVA.

Tudo aquilo que entra, sai?

Sai de modo precário, ou seja, deixando resquícios?

Ou sai completamente, quero dizer, de modo Rebelde?

No entanto, são essas duas noções que nos fazem compreender que, ao serem excretados, os excrementos se retroalimentam, mas mantêm certa independência para continuarem vivos-pulsantes.

Cinco excrementos que dão vazão ao que é banalizado, repudiado, distorcido e covardemente posto à prova. Tais excrementos enraízam questões recorrentes articuladas ao pensamento de Fabião (2015, p.69): “o que é corpo? (questão ontológica); o que move um corpo? (questão cinética, energética, afetiva); o que um corpo pode mover? (questão performativa); que corpo pode mover? (questão biopolítica)”.

Excrementos que, após excretados, intuem a continuidade do movimento.

Excretar como prática de lembrança que fratura e futura tempos que possibilitam a constante vigência dos movimentos de rebeldia que, num ciclo infundável, disparam a originar excrementos e mais excrementos.

Excretar é desaprender-se de si mesmo e caminhar na direção de um novo eu.

O que não significa deixar de lado seu radical, mas fornecer indícios da radicalidade de criar um excremento fundamentado na rebeldia de viver emaranhado com fios de alta tensão.

Com minhas mãos precárias me envolv(o)i nesses fios e tal rebeldia fez com que uma descarga elétrica corresse todo meu CORPO e o despertasse **VIADO. CORPO-VIADO.**

Despertar para todas as situações que precisavam de um movimento que partisse de mim.

Despertar para a necessidade de produzir excrementos e excretá-los.

Ímpeto que me faz acreditar e lembrar que o futuro, um futuro fluxo, mesmo que não tenha sido pensado para indivíduos **VIADOS** como eu, pode vir a existir.

A rebeldia se torna para mim um posicionamento político e produzir excrementos é vital, pois só consigo existir por meio deles, mesmo que provisoriamente, mesmo que precariamente.

Nomeio essa grande e incontrolável empreitada excremental como **Rebeldias Precárias de um CORPO-VIADO E(M) performance.**

São Paulo, 22 de Novembro de 2023

✓ Ao meu cabritinho, com amor.

Talvez esta seja uma das cartas mais difíceis que já escrevi. Eu costumo ser muito bom com as palavras, mas eu não sabia por onde começar. Acho que até agora não sei... Já escrevi, apaguei. Escrevi de novo. Tornei a apagar. Uai, vou escrever um livro de memórias?! Vai ficar maior que a própria história, como um bom mineiro que sou. Como um bom mineiro que você é. Enfim, não dá!

São tantas lembranças, tantos sentimentos, tantos momentos... eu me emociono, com este coração caneciano.

Uma coisa eu posso dizer: tudo que é lindo, singelo e espontâneo me lembra você. Uma gargalhada alta, desconcertada... um cachorro que passa por mim e sorri. Um dueto incrível e desajinado no karaokê (mais incrível que desajinado). Um olhar apaixonado (e apaixonante) por um pudim. Meu (Nosso) Rio de muitos juncos. Uma queda de bicicleta, depois de passar do céu ao inferno em segundos - e depois voltar ao céu. Momentos felizes, risadas, comidas,

momentos de raiva e tudo se repetindo, voltando para os melhores momentos. Sim, você é a minha felicidade. Não foi: você é! Impossível não brilhar meus olhos falando, recordando, recontando e recontando... Cuidado com a casa, a rotina, com os sentimentos. Com a arte. Simplicidade vivida e experienciada em todos os dias em que estivemos juntos. Flortência e Magarida. Puxei raiva? O que você acha? Puxei amor? Nem vou perguntar: puxei muito amor. Passamos muito amor. Esta é minha certeza! E assim vai continuar sendo. Te amo, meu cabritinho. Amém.

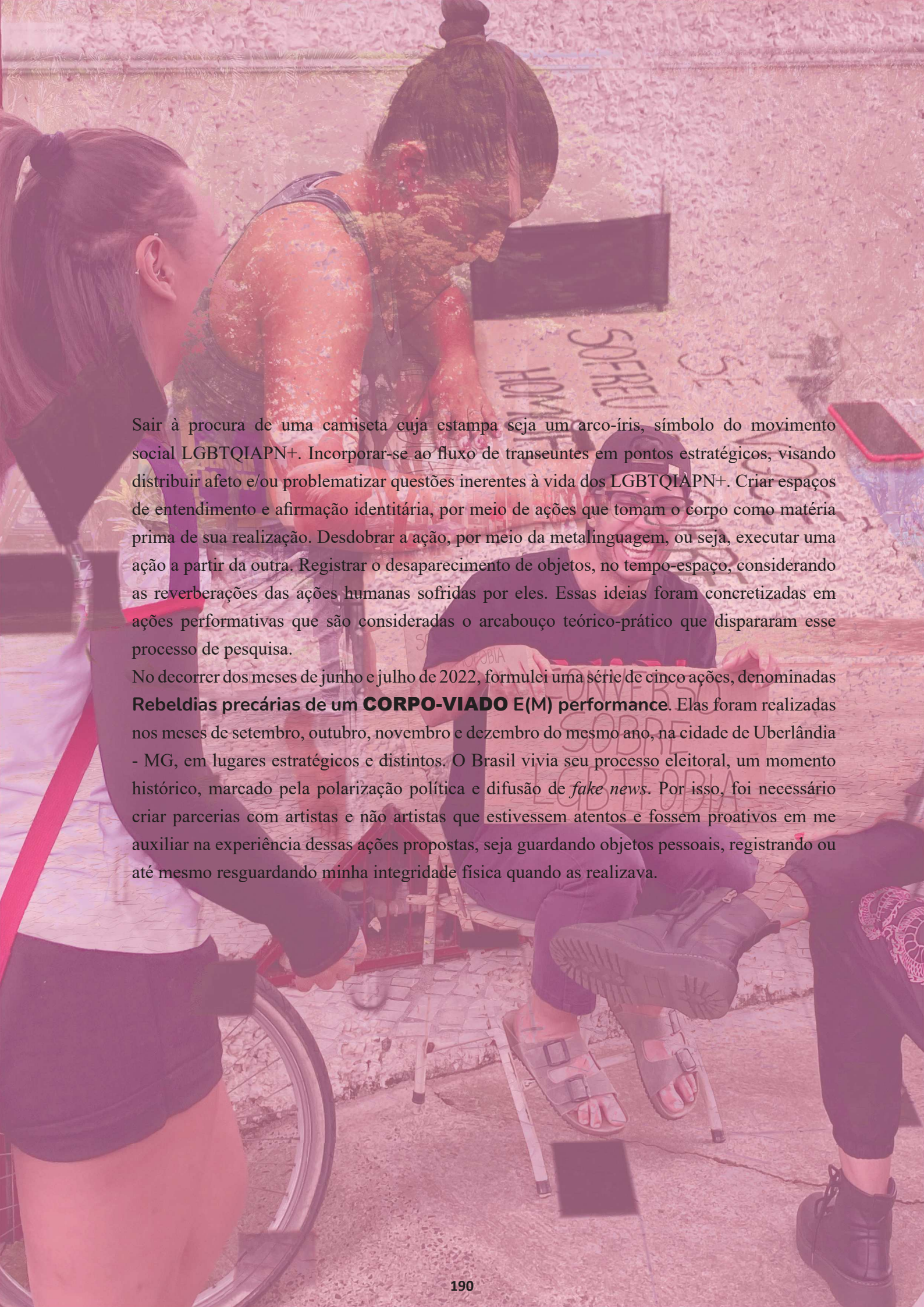
Do seu, Cabritinho. ♡

Ps: Tenho muito orgulho de você!

Ps 2: Hortênsia manda um beijo na tumba do seu
(pescoco).



Ps 3: Bendit' seja o santíssimo amento do altar
na puríssima conceição virgem Maria ingratíssima
peca do deus do primeiro instante. Sonsera.
Amém.



Sair à procura de uma camiseta cuja estampa seja um arco-íris, símbolo do movimento social LGBTQIAPN+. Incorporar-se ao fluxo de transeuntes em pontos estratégicos, visando distribuir afeto e/ou problematizar questões inerentes à vida dos LGBTQIAPN+. Criar espaços de entendimento e afirmação identitária, por meio de ações que tomam o corpo como matéria prima de sua realização. Desdobrar a ação, por meio da metalinguagem, ou seja, executar uma ação a partir da outra. Registrar o desaparecimento de objetos, no tempo-espço, considerando as reverberações das ações humanas sofridas por eles. Essas ideias foram concretizadas em ações performativas que são consideradas o arcabouço teórico-prático que dispararam esse processo de pesquisa.

No decorrer dos meses de junho e julho de 2022, formulei uma série de cinco ações, denominadas **Rebeldias precárias de um CORPO-VIADO E(M) performance**. Elas foram realizadas nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro do mesmo ano, na cidade de Uberlândia - MG, em lugares estratégicos e distintos. O Brasil vivia seu processo eleitoral, um momento histórico, marcado pela polarização política e difusão de *fake news*. Por isso, foi necessário criar parcerias com artistas e não artistas que estivessem atentos e fossem proativos em me auxiliar na experiência dessas ações propostas, seja guardando objetos pessoais, registrando ou até mesmo resguardando minha integridade física quando as realizava.

Há anos me debruço sobre os estudos sobre performance e, em 2022, propus pesquisar essa temática junto ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia (PPGAC/UFU). Desde a época da graduação em Artes Cênicas, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), as obras destituídas de um padrão normativo, de uma estética limitante e de um modo de agir previsível, me despertavam interesses incomuns. Desde então, passei a cultivar em mim o entendimento de que são as referências que aderimos que irão dar vazão à constituição de um eu-artista.

Quando despreziosamente comecei a formular o pré-projeto de mestrado, já estava envolvido por Abramović, Fabião e Alice, o que se intensificou sobremaneira após o início da pesquisa. As obras dessas artistas, somadas aos seus pensamentos expressos em ensaios, artigos, livros e entrevistas, estão sem dúvida alguma diretamente relacionadas ao processo criativo das **Rebeldias precárias de um CORPO-VIADO E(M) performance**. A ação *Converso sobre LGBTfobia*, por exemplo, foi inspirada na ação de Fabião intitulada *Converso sobre qualquer assunto*, que aconteceu no Largo da Carioca - RJ em 2008, na qual Fabião se dispôs, sentada com os pés descalços frente a outra cadeira vazia, as cadeiras de sua casa, exibindo uma placa onde estava escrito o título da ação. Este fator torna para mim evidente a importância que essas referências desempenharam no momento inicial, aderindo-se ao meu **CORPO-VIADO** de modo a subsidiar o processo criativo que resultou nas cinco ações performativas que excrementarei nesta parte do texto.

Para tal feito, é preciso retomar o interesse inicial que despertou o desejo em construir uma pesquisa acadêmica performativa, estando sobreposta à temática de performance, sexualidade e identidade de gênero, que surgiu posteriormente, quando fui impelido por Alessandra Carvalho a refletir sobre minha sexualidade e o que a ela se relacionava. Tal impulso me fez perceber e me atinar para o fato de que as principais referências e o repertório que cultivava, ao se tratar de performance, não incluíam artistas e performers pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+.

Lembro-me, vividamente, que isso fez com que eu me dedicasse vários meses à pesquisa de performers *Queer*, pois não conseguia conceber que pretendia realizar uma pesquisa nesses campos de conhecimento sem ao menos ter como referência pessoas que vivenciaram, artisticamente, as realidades dos corpos dissidentes. Ou seja, o reconhecimento e a adesão não paralisante dessa percepção me despertaram para a importância de ir atrás, de me relacionar e de colocar esses/as artistas em posição de destaque naquilo que pretendia produzir.

No entanto, não se tratou de negar ou recusar as referências já incorporadas, muito pelo contrário, criou-se a oportunidade de reinterpretar as obras de tais artistas sob a perspectiva da temática de identidade de gênero, sexualidade e o vasto leque que essas terminologias abrem. A partir daí, deparei-me com a realidade de um jovem inexperiente no campo da pesquisa, cuja busca por artistas *Queer* iniciou-se através de um catálogo online, que cartografava as produções artísticas *Queer* no Brasil⁷. Esse movimento de pesquisa se expandiu para os cursos

Imagem 05 - Converso sobre qualquer assunto de Eleonora Fabião.



Fonte: Ações Eleonora Fabião.

online – ministrados por Helena Vieira e Dodi Leal e frequentados por mim durante o período pandêmico –, que se tornaram importantes canais destas descobertas, e também para estudo aprofundado sobre essas temáticas.

Foi no território virtual que consegui criar pontes, fortalecer redes, e entrar em contato primeiramente com as performances de Ana Luísa Santos, notadamente, *Crisálida*⁸, cuja impactante ação me fez perceber artisticamente o quanto as temáticas de gênero e sexualidade ainda precisam ser amplamente debatidas e tomadas como um interesse comum. *Crisálida* é uma performance sobre os interditos de percepção, sensação e movimento do corpo, que, mesmo após as transgressões, deixam suas marcas na pele da memória do corpo, em que a nudez velada só se revela após o rompimento dos nós sociais. Mas também é sobre a imobilidade corporal proporcionada pelo traje de cordas, que anula a identidade do corpo e sua nudez natural. Estes, no entanto, são fatores que sobremaneira mobilizaram a convergência do meu universo ao de Ana Luísa, o que concretizou muitas conexões vislumbradas e importantes.

Esse pontapé investigativo e inquietante me conduziu aos cursos “Introdução ao pensamento de Paul B. Preciado”, realizado em dezembro de 2020, e “Teoria queer - Pensamento, Filosofia e Ação política”, realizado em junho/julho de 2021, ambos via plataforma Zoom ministrados por Helena Vieira, escritora, dramaturga, transfeminista e importante referência no meio artístico-acadêmico. Vieira foi professora da Pós-graduação em Gestão Cultural Contemporânea do Itaú Cultural e formadora na Escola Superior da Magistratura do Ceará - ESMEC. Foram nesses cursos, entretanto, que pude, além de aprofundar o conhecimento sobre as obras de Paul B. Preciado e Judith Butler, entrar em contato com o trabalho do Outro Grupo de Teatro⁹, especialmente o documentário cênico *Histórias Compartilhadas*¹⁰, apresentado por Vieira em uma das aulas, obra que aprofunda o debate sobre a transexualidade masculina. A montagem possui atuação de Ari Areia, direção de Eduardo Bruno e textos de Helena Vieira, João W Nery, Thiago Uchoa e Riley Moscatel. O espetáculo performativo é acompanhado de uma sequência de ações e imagens, que tensionam e esgarçam os limites do corpo do ator em cena, de forma a não se tratar de uma representação, mas de uma experiência sensitiva e afetiva. Tomei tais premissas como substrato para desenvolver a série de ações performativas **Rebeldias precárias de um CORPO-VIADO E(M) performance**.

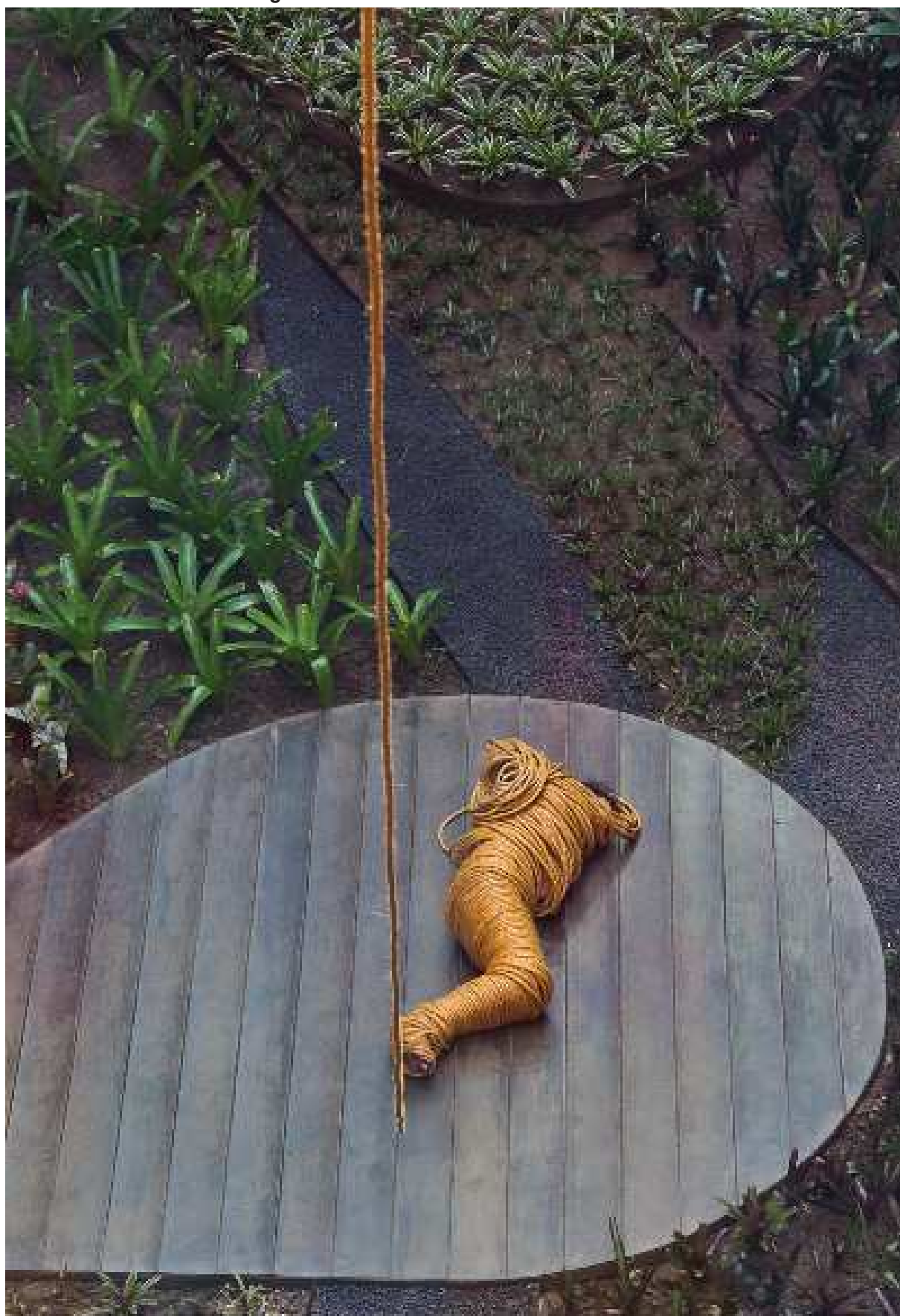
⁷ Catálogo disponível em: <https://www.queerbrasil.com/catalogo/> Acesso em: 13. abr. 2024.

⁸ Obra disponível em: <https://cargocollective.com/anasantosnovo/CRISALIDA> Acesso em: 13. abr. 2024.

⁹ O Outro Grupo de Teatro, que está completando 13 de atividade em 2024, estreou em 2011 no Festival de Esquetes da Cia Teatral Acontece. A partir de experimentações iniciais, o grupo desenvolveu uma investigação poético-estética sobre a diversidade sexual e de gênero, resultando em peças como “Caio e Léo” (2014), “Histórias Compartilhadas” (2015) e “Nós Tr3s Ninguém” (2017). Permanecer em cena é visto como um desafio vital e urgente. Disponível em: <https://outrogrupo.wordpress.com/repertorio/historias-compartilhadas-2015/>. Acesso em: 04. set. 2024.

¹⁰ Obra disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0_Uw-q6aGZA. Acesso em: 13. abr. 2024.

Imagem 06 - Crisálida de Ana Luísa Santos



Fonte: anasantosnovo.com

Imagem 07 - Documentário cênico histórias compartilhadas do outro grupo de teatro.



Fonte: outrogrupo.wordpress.com

Caminhando nessa perspectiva formativa, descobro pelo *Instagram* do Sesc a oficina “Dramaturgia da Crítica” com Dodi Leal, performer, curadora, crítica, iluminadora teatral, pesquisadora e professora no centro de formação em Artes e Comunicação da Universidade Federal do Sul da Bahia, ministrado entre os dias 18 e 29 de julho de 2022. Foi nesse território, no entanto, que conheci Isadora Ravena, artista da performance, professora, crítica, curadora e doutoranda em Artes Cênicas pela UDESC sob a orientação de Dodi Leal. Lembro-me vividamente de Ravena, em uma das aulas, nos apresentar a vídeo-performance *Existo Amanhã*, título que a artista tatuou em seu rosto. Essa ação despertou em mim a consciência sobre a pungência das grafias corporais e sua importância na performatividade de nós, dissidentes sexuais. Também me fez refletir sobre as marcas da condição de vida que carregamos em nossos corpos. Subjetivamente, o convite que recebo de Ravena por meio dessa obra é para transformar essas marcas em potência, marcando-me para ter pontos mnemônicos de resistência e fortalecimento. Ou seja, as marcas carregadas não são apenas de violência.

Estes foram os/as artistas que se aderiram ao meu **CORPO-VIADO** e se tornaram referências basilares na construção das **Rebeldias Precárias de um CORPO-VIADO E(M) Performance**. Até então, tanto eu quanto meu orientador, Daniel, entendíamos essa prática apenas como um disparador da fase inicial da pesquisa e não a considerávamos parte integrante desta escrita. Significativamente, as cinco ações performativas contribuíram para a complexidade do processo de escrita, ocupando uma posição de destaque em relação ao conteúdo

Imagem 08 - Existo amanhã de IsadoraRavena



Fonte: pinacotecadoceara.org.br

produzido. Como resultado desse impacto, essas ações foram incorporadas ao texto como parte do discurso e também como objetos de investigação. Em outras palavras, a prática performativa inicialmente desprestigiada se transformou em ponto central de discussão sobre a temática, que esteve presente desde o início: a LGBTfobia e os espaços de resistência e luta contra as imposições coloniais às quais os dissidentes sexuais estão sujeitos. Naquele momento inicial da investigação essas ações tinham caráter pedagógico e foram uma importante metodologia para compreender algumas dinâmicas e abrir espaços para o corpo e o diálogo que seria instaurado através de suas experiências.

Nesse percurso, essas ações foram também reconhecidas como práticas micropolíticas, fundamentadas na autobiografia e que abordam temas como gênero, sexualidade e identidade de gênero, além de se relacionarem com a vulnerabilidade de indivíduos em dissidência sexual. Visa-se uma transformação de si no mundo, partindo da premissa de que “[...] uma performance artística é necessariamente transformativa, transitiva” (Fabião, 2015, p. 272). Nem que seja provisoriamente, elas possuem a capacidade de identificar, fazer saltar, evidenciar as micropolíticas que tornam as situações de violência e opressão na vida de um VIADO tão corriqueiras e não somente, elas também podem se tornar micropolíticas capazes de fazê-los resistir e lutar contra essas situações.

É fato que, ao iniciar o processo de formulação dessa série de ações performativas, estava muito limitado, enxergando-as voltadas apenas para mim e para a comunidade com a qual me identifico. No entanto, as experiências acumuladas à medida que as performances eram realizadas me fizeram perceber a expansão desse território, compreendendo que elas também se direcionavam àqueles/as que não se reconhecem como pertencentes à comunidade. Essa percepção, somada à experiência das ações, me levou a compreender que ser afetado pela performance é inescapável e que “a profunda capacidade subversiva da performance reside em sua possibilidade de configurar-se como uma revolução dos afetos” (Alice, 2016, p. 134). Essa ação – a de afetar e ser afetado – indica, portanto, que é nesse compartilhar que pessoas não pertencentes à comunidade puderam encontrar, nesta experiência, espaços para refletir sobre seus próprios preconceitos e privilégios em relação às pessoas em dissidência sexual.

Tanto o processo de formulação, quanto o de compartilhar essas ações idealizadas, esteve permeada pela intenção de promover não “[...] apenas uma transformação transitória, mas o performer, ao atualizar, ao restaurar, ao reencenar situações relevantes de sua autobiografia, ressignifica esses elementos para si e para o coletivo” (Leal, 2014, p. 238). Isso orienta e subsidia os propósitos dessas ações, que estão vinculados à promoção de novas visões de mundo, experiências de disrupção, transcrição de formas e tentativas de fazer surgir a possibilidade de afirmação identitária. Assim, age-se concretamente na percepção do invisível nas práticas sociais, que resultam e tornam o **CORPO-VIADO** ainda mais vulnerável.

Nessa perspectiva, enveredei pelo entendimento de que

o ato criativo é gerado sempre em referência a algo preexistente, criamos a partir de nossa experiência do mundo; apostamos, nessa criação, na transformação dos sentidos e das formas e na conjugação de uma nova gramática para seu ordenamento. Uma nova lógica se apodera desse ordenamento que se descola da ordem cotidiana e propõe outro olhar sobre o mundo (Icle, 2020. p. 6).

Esse ideia me despertou a atenção para os vetores conscientes e inconscientes que mobilizaram a criação e o compartilhamento das ações performativas que estão voltadas não só à produção de conhecimento acerca das formas de resistência e luta contra os regimes de opressão impostos aos corpos dissidentes, mas, sobretudo, à criação de poéticas e micropolíticas “[...] de uma vida, individual ou coletiva, que logra reapropriar-se de sua potência e, com ela, driblar o poder do inconsciente colonial-capitalístico que a expropria” (Rolnik, 2018, p. 65). Neste viés, a performance se apresenta como a rebeldia que, por meio do afeto, tenta dissolver as fronteiras entre as políticas do desejo e as experiências, mas também como território fértil onde as EXPERIÊNCIAS VIADAS possam germinar.

É certo que enclausurar tais experiências num entendimento não poroso torna e reforça este caráter estigmatizado dos modos de ser e existir no mundo. Por isso, elas estão necessariamente intrínsecas e se desenvolvem a partir das narrativas pessoais que compõem este corpo. Trata-se, portanto, do resgate autobiográfico transformado em ação performativa, o que possibilita que as EXPERIÊNCIAS VIADAS sejam expandidas para a performatividade cotidiana, para o contexto social e econômico, e é isto que venho entendendo como a possível afirmação identitária, o que é complexo, subjetivo, precário e provisório. Sendo assim, não se trata de verbalizar a identidade de gênero, mas sim de conseguir performá-la no cotidiano.

Parece uma avalanche quando os discursos e debates referentes a gênero, sexualidade e identidade de gênero invadem os espaços e atingem a população de massa. Primeiro beijo gay em uma novela. Dois heterossexuais, CIS, brancos. “Aplausos”. Dia 31 de janeiro de 2024 completaram-se dez anos deste feito. Feito?

Imagem 09 - Amor à Vida



Fonte: oplanetatv.clickgratis.com.br

Um filme brasileiro de temática LGBTQIAPN+ com repercussão internacional, “Do começo ao fim”, lançado em 2009 e protagonizado por dois atores, CIS, brancos, heterossexuais.

Imagem 10 - Do começo ao fim



Fonte: adorocinema.com

Imagem 11 - Queermuseu: Cartografias da diferença na Arte Brasileira



Fonte: veja.abril.com.br

A exposição *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* do Santander Cultural, em Porto Alegre - RS, cancelada quando estávamos prestes a viver a ebulição política, em 2018.

Imagem 12 - Kelvin e Ramiro em Terra e Paixão



Fonte: gshow.globo.com

Mais recentemente, Ramiro e Kelvin, o casal gay da novela das nove que ganhou o coração de todos do Brasil. Todos? E os ataques cibernéticos? E as ameaças de morte?

Estes movimentos têm nome, sabemos muito bem qual e lidamos cotidianamente com tal violência. Ir ao museu ou ligar a televisão para se entreter virou quase que totalmente um escárnio. Questiono, então: como driblar esse regime preconceituoso e excludente que oscila entre consciência e inconsciência dos fatos em nosso entorno?

Não há como negar, de um modo ou outro, a maneira emblemática, estonteante, simbólica, tortuosa ou problemática com que esses discursos chegam e o que alegam diante disso. É confuso demais! Confuso por ser confuso mesmo ou por que não há interesse e mínimo esforço para entendê-los? Rita Von Hunt¹¹, em seu canal no youtube e em suas redes sociais, por exemplo, desanuvia essas questões de um modo pedagógico. Sigo convicto nessa percepção. O conhecimento, nós temos! Uma possível pedagogia, nós temos! E isso significa puramente e reafirma que o problema não somos nós, nunca foi. Diante disso, precisamos aprender a deslocar e transformar essa percepção para uma revolução que esteja a nosso favor, na “Revolução dos Afetos”, Alice (2016). É aí que imagino também estar localizada a nossa rebeldia. A rebeldia **VIADA**, num trânsito em arte-vida, conjugada num modo de fazer arte, ou seja, numa experiência performativa. Este é o terreiro das EXPERIÊNCIAS VIADAS.

Pensar em formas de existência para nós, fugitivos dos padrões impostos, significa nos conectar com a almejada transformação macro e micropolítica. E essas noções políticas são muito preciosas para que se compreenda os fluxos e as formas que surgem desse trânsito. Enquanto uma existe para todos, e isso não significa adesão total, a outra (sub)existe nas vielas, nos fundos, nos territórios marginais, cuja parcela da sociedade se dispõe a torná-la vigente. Indiscutivelmente legítima, a luta LGBTQIAPN+, oriunda principalmente das grandes manifestações realizadas geralmente no mês de junho, simboliza um marco do orgulho de pertencer à comunidade. Depois de décadas reivindicando gozar de direitos inerentes a qualquer cidadão, mas que nos foram negados, ainda somos submetidos ao ridículo, sendo questionados sobre o direito de nos casar, por exemplo.

Brevemente gostaria de analisar essa questão por dois vieses: o primeiro se relaciona ao movimento LGBT que, desde a década de 1970, nada contramare, enviando Propostas de Lei ao Supremo Tribunal Federal para que o casamento entre pessoas do mesmo sexo fosse legalizado. O Projeto de Lei 580/2007¹² foi criado por Clodovil Hernandes e propunha a inclusão da união homoafetiva no Código Civil. Desde então, foi pensado e (re)pensado até ser sancionado em 2011. Mas, nessa mesma empreitada, apresentava-se o anseio de que ações homofóbicas fossem consideradas crimes

¹¹ O canal Tempero Drag, de Rita Von Hunt, está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=eaDfvChma3Q>. Acesso: 29 jan. 2024.

¹² A Lei supracitada está disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=346155#:~:text=Portal%20da%20C%C3%A2mara%20dos%20Deputados>. Acesso em: 13 abr. 2024.

e seus executores respondessem judicialmente por ele, o que aconteceu somente em 2019, quando as ações homofóbicas equipararam-se às de racismo. Vale a pena ressaltar que essas conquistas ainda estão em estado de alerta, devido aos resquícios de uma política desastrosa nos últimos tempos, ou seja, a qualquer momento podemos acompanhar o desmonte desse quadro de direitos.

O segundo viés é atravessado pelos escritos de Judith Butler, filósofa estadunidense pós-estruturalista, uma das principais precursoras dos Estudos *Queer* e do conceito de “performatividade de gênero”, quando afirma que “Dizer, no entanto, que o gênero é performativo não é apenas insistir no direito de produzir um espetáculo prazeroso e subversivo, mas alegorizar maneiras espetaculares e consequentes por meio das quais a realidade é reproduzida e contestada” (Butler, 2022, p. 57). A autora evidencia a concepção de uma ética norteadada pelo reconhecimento das limitações constitutivas de quem somos.

Esse viés também é atravessado pelos escritos do filósofo e escritor Paul B. Preciado, importante referência nas questões sobre identidade de gênero. É ele quem vai aprofundar os conceitos de identidade sexual e de gênero, assim como a defesa do não reconhecimento dos corpos apenas na binariedade e sim como corpos falantes:

Eles dizem homem/mulher, branco/negro, humano/animal, homossexual/heterossexual, válido/inválido, são/doente, louco/sensato, judeu/muçulmano, Israel/Palestina. Nós dizemos você está vendo que o seu aparelho de produção de verdade não funciona... (Preciado, 2020, p. 45).

As referências supracitadas me provocam a estabelecer um olhar crítico em relação a estas pautas, antes tomadas como o auge e agora como pontos a serem refletidos. A problemática se volta para esse regime de produção de verdade ao qual estamos submetidos e que, ditatorialmente, marca nossos corpos com essas “verdades” e nos faz questionar o porquê de lutarmos para restituir nosso direito ao casamento, visto que a dissidência sexual não deveria ser parâmetro para se ter ou não direitos. As duas perspectivas aqui trabalhadas – a do movimento LGBT e das reflexões crítico-teóricas de Butler e Preciado – estão inseridas na macropolítica desse debate. Porém, o que interessa a esta pesquisa é identificar/criar/instaurar ações que investiguem o território micropolítico de tais pautas.

Esse movimento é realizado na estreiteza do cotidiano, de modo a ser quase imperceptível, até mesmo aos olhares mais atentos. “Nesse território as ações do desejo consistem, portanto, em atos de criação que se inscrevem nos territórios existenciais estabelecidos e suas respectivas cartografias, rompendo a cena pacata do instituído” (Rolnik, 2018, p. 61). Percebe-se, então, que é nessa viela micropolítica de luta e resistência que a arte é investigada aqui, agindo na fricção entre experiências e desejos e fazendo perceber a importância dos contornos subjetivos

e discursivos presentes neste território. Isso garante que tais ações não se restrinjam apenas ao âmbito estético, mas sejam expandidas também para o eixo político-social.

Essa situação me fez refletir sobre a crescente ausência de afetos na contemporaneidade e questionar: de que maneira isso impacta as estratégias adotadas para lidar com as problemáticas de ser **VIADO** nesta sociedade? Afinal, “[...] não basta agir na esfera macropolítica, onde atuam tradicionalmente as esquerdas, sobretudo as institucionais - isso explicaria inclusive sua impotência face aos rumos atuais do regime colonial-capitalistístico” (Rolnik, 2018, p. 33). É preciso agir. Agir com urgência. Agir como se a qualquer instante fôssemos testemunhar algo ou ser testemunhados.

ACÇÕES PERFORMATIVAS DEVEM SER
TESTEMUNHADAS

Tudo muda ao entender que somos na mesma instância testemunhas e testemunhados.

Testemunhas da experiência.

Testemunhados em flagrante.

Testemunhar a interrupção, o que é um gesto

[...] quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece (Larrosa, 2014, p.160).

Não qualquer interrupção, mas a interrupção.

Testemunhar a interrupção.

Esperar a interrupção como quem espera por um milagre.

É inegável que essa interrupção esteja vinculada a uma mudança radical nas formas de existência humana, e essa pungência exige um esforço de elaboração sobre-humano. Isso evidencia questões extremamente urgentes para nós no mundo atual e, concomitantemente, nos instaura em duas forças: a de **criação** e a de **resistência**.

A articulação dessas forças nos faz olhar a matéria gerada (excrementos) em suas potências subjetivas. Este fator, no entanto, exige convocar um conhecimento do mundo que se manifesta através da sensibilidade em um exercício intenso, inesgotável e inacabável. Tal conhecimento surge do encontro entre o corpo - entendido como um campo de forças geradas por ondas nervosas que o percorrem - e as influências do mundo que o impactam - corpo vibrátil - como designa Suely Rolnik. O que podemos aprouver dessa ideia, no entanto, é propriamente sua liminaridade, instaurada entre essas as dimensões - corpo e força. A percepção do outro, e sobretudo de si, da existência formal à subjetividade, traduzida em experiências visuais, auditivas, imagéticas e performativas nos remete à experiência da subjetividade, à presença viva do outro, que pode ser expressada, mas nunca representada.

Essa curva paradoxal é notada ao voltar o olhar para as **Rebeldias Precárias de um CORPO-VIADO E(M) Performance**, em sua relação com o mundo entendido como campo de forças e fluxos, e o que emerge na subjetividade-corpo à medida que esta é afetada e convocada a articular-se com/no mundo em que o corpo habita.

O fato é que tal percepção entrelaça uma estranha sensação em mim.

Não uma sensação estranha, isto denotaria que a sensação veio antes da estranheza e afirmar isto seria uma falácia,

Porque é justamente a estranheza que possibilita as sensações, sempre no plural.

Essas estranhas entranhas.

Estranho, me estranhando, estranhando-se. Estranhando meu entorno.

Quando estranho me distancio e, ao me distanciar, um ímpeto rebelde surge para me aproximar novamente.

Tal proposição parece óbvia e banal em sua objetiva subjetividade, mas é justamente ela que irá nos fazer entender quando e como em nossa vida fomos arrebanhados e, o principal, quem nos arrebanhou.

Entender a origem é fundamentalmente importante.

Entender quem estava montado no cavalo arrebanhando é começar a estruturar uma profunda cova para os que imaginam arrebanhar.

ESSE TEXTO É UMA COVA PARA ELLES, TODOS ELLES!

Diante dessa descoberta, que deve por obrigação pulsar coletivamente, me resta a sensação precária em sua provisoriedade de considerar a concretude dessa cova por meio das **Rebeldias Precárias de um CORPO-VIADO E(M) Performance**.

Que coragem é essa que me faz intuir tal afirmação?

Com que voz consigo verbalizar tais palavras?

Como elas cabem na boca de uma pessoa tão precária em sua provisoriedade como eu?

É um fato: na mesma instância em que somos precários somos provisórios.

Não se trata do que tento articular e dizer aqui.

É sobre algo muito maior. Tem que ser, se não não faria sentido.

É sobre um coro de esperançosos que, mesmo instituídos e imbuídos num completo caos, têm a coragem de pronunciar a esperança.

A esperança de se livrar dos traumas que, como carimbos, constituem meu/seu/nosso **CORPO-VIADO**.

EU SEI QUE ESTARIA MAIS SEGURO
E QUE SERIA MENOS DOLOROSO SE
NÃO COLOCASSE A MINHA ALMA EM TUDO,
MAS ESSA É A FORMA MAIS SINCERA
QUE ENCONTREI DE VIVER.
VIR-A-SER.



AÇÃO #1: Uniformizando-me (se)

Ir ao centro de compras em busca de uma camisa que contenha estampa relacionada ao orgulho LGBTQIAPN+.

[Relato (in)side]

O roteiro desta ação consistia em sair nas ruas da cidade de Uberlândia – MG, à procura de um objeto com a temática LGBTQIAPN+, em um mês distinto daquele em que celebramos o orgulho de pertencer à comunidade, ou seja, junho. Foi no dia 15 de outubro de 2022, quando estava indo ao Shopping center com minha mãe, irmão e cunhada que me dispus a realizar este roteiro pré-estabelecido. Quase como unir o útil ao agradável, já que iria acompanhá-los, questionei-me: por que não aproveitar e realizar a ação? O objeto que me veio à mente para ser procurado foi uma camiseta que possuísse dizeres ou símbolos sobre o tema proposto. Pode parecer banal tal proposição diante de tudo o que este vasto universo aborda, todavia, para mim a escolha da camiseta adquire uma outra proporção, levando em consideração a sutileza das micropolíticas enraizadas na sociedade que não nos possibilitam, por exemplo, vestir-nos do modo que nos agrada. Acredito ser importante, diante disso, ressaltar que ninguém naquele carro sabia o real motivo que me conduzia àquele lugar.

O primeiro acionamento da tecnologia de procura se deu numa loja de departamentos, em que passei em torno de 45 minutos revirando as prateleiras e araras da loja; não encontrei nenhuma camiseta com a estampa desejada. Decidi, portanto, pedir ajuda a uma funcionária que estava próxima. Alguns minutos a mais de procura e verificação no estoque, veio a confirmação: não havia nenhuma camiseta com a estampa desejada. Não desanimado com tal resposta, continuei caminhando dando sequência à ação programada. Em outra loja, novamente, acessei as tecnologias de procura, esgarçando toda e qualquer possibilidade de encontrar uma camiseta com a estampa desejada. Alguns minutos depois, percebendo a aproximação de um funcionário, decidi pedir ajuda. Ele tratou logo de me jogar um balde de água fria, sugerindo que desistisse, com a justificativa de que fora do mês em que se comemora o orgulho LGBT, dificilmente iria encontrar roupas com aquele tipo de estampa. Agradei e, ao sair da loja, reafirmei o desejo de continuar a ação.

No terceiro estabelecimento comercial a busca não foi tão frustrada, pois, em uma arara no canto esquerdo, quase imperceptível, havia uma única regata de tamanho GG, contendo o Mickey e, sobre sua cabeça, o desenho de um arco-íris. Algo muito sutil diante daquilo que realmente procurava, mas que condizia, em certa instância, à proposta de ação. Vou à procura de um funcionário e questiono se no estoque não teria uma do meu tamanho. Após verificações, conclui-se que aquela era realmente a última e única peça de roupa daquela temática existente na loja. A essa altura, não encontrar o que tanto ansiava começou a me incomodar, gerando um certo desânimo. Decidi, portanto, ir encontrar os acompanhantes que me aguardavam na rede de Hipermercados próxima ao local. No caminho até encontrá-los infinitos pensamentos de frustração e raiva me acometeram, não tem como negar a existência deles, mas passados esses sentimentos iniciais, comecei a ser atormentado por diversas ideias-soluções que dariam um certo desfecho à ação, tais como: assumir a negligência que acabara de ser escancarada em

minha frente? Ou dar vazão ao silenciamento ensurdecedor que me deixou perplexo? O fato é que este percurso me atentou para a pungência do discurso que parece, mas não é, ser mais teórico do que prático, mas que gerou, na realidade ao qual estava inserido, um movimento de apagamento ou até mesmo de aglutinação.

Envolto no sentimento de perplexidade, entrei e fui ao encontro da minha mãe, que estava nas proximidades do setor de moda e acessórios. Conversando com ela, percebo estar perto de uma mesa com algumas, não muitas, camisetas desarrumadas, o tédio me faz decidir arrumá-las. Uma cai no chão, quando agacho para pegá-la, noto que há um outro compartimento embaixo, repleto de camisetas, estas devidamente dobradas. De relance, ao subir para colocar a camiseta que estava caída no chão, percebo a presença de uma estampa colorida. Despretensiosamente, ao revirar o segundo compartimento daquela mesa, encontro a camiseta cuja estampa era a que tanto procurava. Uma única camiseta na cor preta e no tamanho M. Na estampa, a palavra PRIDE (orgulho, em Língua Inglesa) se destacava em meio às cores do arco-íris.

Foi desse modo, vulnerável, ao acaso, que o desfecho pretendido para a ação aconteceu. Isso me conduziu ao entendimento de que mesmo quando, a princípio, havia desistido da ação, um fluxo de forças invisíveis me fez completar o programado. É como se, mesmo quando imaginei desacionar a tecnologia de procura, algo pulsante em mim saltasse e não me deixasse desvencilhar-me dessa busca.

AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]

Caminhar até a Praça Ismene Mendes (Tubal Vilela)¹³, em Uberlândia – MG, uniformizado, com uma camisa preta estampada com a palavra PRIDE destacada com as cores do arco-íris. Encontrar um lugar com grande fluxo de transeuntes. Parar e posicionar, ao meu lado, uma placa com a seguinte inscrição: “Se você sofre ou sofreu LGBTfobia me abrace”. Vendar-me e esperar.



¹³ No ano de 2017, sugeriu-se uma nova mudança de Tubal Vilela para Ismene Mendes. Essa proposta foi feita por manifestantes do movimento feminista ligado à ADUFU, durante uma manifestação no dia 8 de março de 2017. Na ocasião, foi realizado um rebatismo da praça, um ato simbólico na época, mas que, com o passar dos dias, se tornou um pedido oficial para as instâncias políticas de Uberlândia. Em 2018, foi organizado, pela docente universitária da área do Direito, ADUFU, Neiva Flávia Oliveira, um abaixo-assinado para que se retirasse o nome Tubal Vilela da praça central de Uberlândia. Esse abaixo-assinado foi entregue à Prefeitura de Uberlândia e ao presidente da Câmara Municipal. Em 2019, foi feita uma recomendação, pelo Ministério Público Estadual de Combate à Violência Contra a Mulher, sugerindo a alteração do nome da praça, excluindo o atual nome Tubal Vilela. A recomendação foi destinada ao presidente da Câmara Municipal de Uberlândia (Matos, 2020, p.32).

[A dança dos sons ou O que o silêncio carrega?]

Começo apresentando as circunstâncias em que realizei essa ação performativa, pois julgo extremamente importante sintonizar você, leitor, nesse sentido. Muitas camadas atravessaram esse percurso de feitura da ação e talvez não consiga evidenciar todas elas. Era o último dia do mês de setembro, setembro amarelo. Estávamos às vésperas das eleições presidenciais do nosso país. Iríamos decidir nas urnas eletrônicas o futuro democrático, ou não, violento ou não, deste país que ocupou, há alguns anos, o posto de sétima maior economia do mundo.

Com precisão, me posicionei vendado frente àquele fluxo de transeuntes da Praça Ismene Mendes (Tubal Vilela), localizada na região central de Uberlândia - MG, praça utilizada para lazer dos moradores da área, local de descanso para trabalhadores das redondezas e ponto importante de trânsito para as principais regiões de Uberlândia, dentre infinitas outras utilidades. No entanto, desde 2017, esta localidade tem sido alvo de pesquisas e manifestações devido ao seu nome. A partir do ano referido, parte da população de Uberlândia, sobretudo as mulheres, passou a exigir a mudança do nome da Praça de Tubal Vilela para Ismene Mendes, em virtude de que a figura que dá nome à praça, o Tubal Vilela, prefeito de Uberlândia em 1951, vereador em 1936, e empresário influente na região, ter assassinado sua esposa e ser absolvido de seu crime devido à sua influência na cidade e região. Em contrapartida, Ismene Mendes, em sua trajetória política na região, dedicou a vida inteira em defesa dos trabalhadores e de seus direitos, lutando incansavelmente sempre pelos direitos humanos. A versão oficial do laudo de sua morte, no entanto, foi forjada pelos responsáveis na época, e alegava que a mesma havia se autoestuprado e cometido autoextermínio, o que foi plausivelmente contestado anos depois com as análises divulgadas do inquérito policial realizado pela Comissão da Verdade, que constataram erros na investigação, pois o que é relatado no documento oficial sobre a morte de Ismene Mendes não corresponde aos testemunhos e aos relatos de pessoas próximas. Assim, afirma-se que o verdadeiro motivo da morte de Ismene Mendes não foi autoextermínio e sim assassinato.

Com toda essa informação internalizada, e despido de tudo o que poderia casualmente me tirar do estado em que me encontrava – ou seja: aparelho telefone, óculos de grau, garrafa de água e outros pertences que trazia comigo –, posicionei-me vendado no lugar proposto, enquanto meus pertences ficaram resguardados pelos dois anjos que me ajudaram nessa empreitada. Anjo, como Tania Alice destaca, é a “pessoa atenta ao que acontece durante a ação e que é responsável pelo bem-estar e saúde do performer, encarregando-se da água, comida salgada e doce, de um estojo de primeiros socorros etc.” (Alice, 2020, p.19). É importante falar deles e discorrer sobre o motivo que os levaram a se instalarem naquele espaço comigo. A verdade é que, desde o início, acerca da concepção desta ação, tive medo, muito medo, de que alguma violência, sobretudo a física, viesse a me acometer, visto que bem sabemos o quanto um gay em destaque é enclausurado numa situação de vulnerabilidade. Nesse sentido, decidi escolher e convidar duas pessoas que poderiam, minimamente, assegurar minha integridade física. Minha

amiga de infância e uma prima de segundo grau voltaram seu olhar atencioso de cuidado a mim, bem como fizeram os registros fotográficos da ação.

O medo nesse processo não foi uma questão que me impedisse ou diminuísse a vontade de realizar a ação, mas ele existia, era inegável. Colocar a venda foi uma liberdade e, ao mesmo tempo, a oportunidade de esgarçar – e por que não descobrir? – todas as possibilidades perceptivas do meu corpo se entendendo como **CORPO-VIADO**. Agora, enraizado naquele chão duro e pedregoso, sentia meus olhos nas orelhas, no nariz, na boca, na mão. Toda extensão do meu corpo enxergava. Um estado de atenção direcionava literalmente minha cabeça para qualquer som que invadisse meu campo sensorial. O som de um violino, aparentemente distante, me acalmava. O som dos passos que aumentavam e diminuía e quase sempre (mas não tão sempre assim) cessavam, me gerava impulsos corpóreos.

Discorro sobre a dança desses sons. Violino. Passos vindo em minha direção. Passos lon_____ge, lo_____nge, l_____onge, long__e, lon_ge. longe. Aqui. De frente. Olhar. Reprovação. Uma pergunta, uma suposição de resposta.

Longe. Lon_ge, long__e, l_____onge, lon_____ge... não ouço mais aqueles passos, eles estão distantes. Inaudíveis. Sou atravessado por outros milhares de passos como esses, vários silêncios, vários impulsos corpóreos em vão. Em meio a interferências sonoras, perguntas. Estas não direcionadas a mim, mas àqueles que estavam ao meu redor. Percebo, pelo meu corpo ouvinte, que o movimento gerado era o de curiosidade e estranheza em relação à ação, o que seria óbvio, não fosse pelo fato de que aquele coletivo de pessoas, próximas a mim, questionavam, dentre outras coisas, o fato de não entenderem o motivo da ação. Nesse momento, como forma de reafirmar meu desejo de estar ali naquela praça destinando afeto para os meus, resgatei na memória o motivo fundante daquela ação.

Essa descoberta certamente foi o impulso primordial para a realização daquela ação. A suposição que eu tinha se ratificou: os meus não estavam só sendo mortos violentamente nas ruas, em suas casas etc. Eles estavam tirando suas próprias vidas. Nesse sentido, essa ação se apresenta enquanto um espaço sobretudo de distribuição de afeto e acolhimento às pessoas LGBTQIAPN+ que estejam em estado depressivo. **Qual potencial de cura existe em um abraço? Qual o potencial de cura em ser acolhido inesperadamente no meio de uma praça por uma pessoa desconhecida?**

Alguns minutos após o início, que se deu às 10 horas da manhã, recebi o primeiro abraço. Uma acolhida calorosa e muito afetiva de uma mulher que estava panfletando para um político na praça. Ali, amarras foram desfeitas, pois não esperava ser acolhido, daquele modo logo de primeira, partindo do pressuposto que estava interferindo no fluxo cotidiano daqueles trabalhadores. Fui preparado para o pior e, no entanto, o suor frio que escorria pela minha pele a partir de então começou a amenizar. O corpo “estático”, muito tempo sem ser acometido por impulsos corpóreos, estava me deixando aflito, o suor começava a querer sair pelos poros do



DEUS É AMOR

FUNDADA EM 03 DE JUNHO DE 1962, PELO MISS. DAVID MIRANDA
SEDE MUNDIAL: O TEMPLO DA GLÓRIA DE DEUS
AV. DO ESTADO, 4568 - LIBERDADE - SÃO PAULO - CAPITAL

meu corpo, na verdade o que vivia nesse momento era o processo de negação, uma vez que o suor já ocupava boa parte da extensão das minhas costas. Era por ali que escutava aqueles que vinham contra o direcionamento da placa e do meu corpo, o suor/a aflição havia tirado minha capacidade de ouvir com a parte de trás do meu corpo.

Imagem 13 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Mas, mesmo assim, consegui perceber o que se aproximava da ação. Notou qual o agravante da foto? Se não, eu te conto. Existe na parte esquerda da foto duas cristãs sentadas no banco da praça, com um carrinho repleto de panfletos usados para convidar os transeuntes para o curso bíblico da igreja Universal. Vale dizer que aquelas senhoras estavam na outra extremidade da praça quando cheguei. A presença delas havia sido notada e, como forma de me privar de uma possível problemática, decidi instalar a ação bem distante do local que elas ocupavam.

Como visto, de nada adiantou. Imagino, ou quero acreditar, que a curiosidade levou-as até a ação e, ao perceber do que se tratava, logo decidiram se instalar próximas a mim, não porque gostaram ou acharam a ação digna de sua participação, mas sim para causar tumulto e gerar um burburinho negativo com os transeuntes que passavam por mim e casualmente comentavam a ação com quem estivesse próximo. O que acontecia naquele momento era uma sobreposição de ações, ou seja, aparentemente uma ação tentava anular a outra.

Esse acontecido, que perdurou durante todo o tempo que permaneci naquela localidade da praça, abriu uma brecha para estabelecer uma relação com outros dois fatores relevantes. O primeiro deles é a frase que mais ouvi durante a ação e a segunda é a situação discursiva-política que estávamos vivendo no Brasil. Isso evidencia, dentre outros fatores, o quão os discursos hegemônicos ainda estão arraigados em nosso modo de pensar e agir.

A frase que mais ouvi durante a ação foi: “- Que Deus te abençoe, meu filho” e todas as variações possíveis que podem ser formuladas a partir dessas palavras, acrescidos, para tal fim, os nomes de Jesus, de Maria etc. Em diversos momentos, internamente, me questionava o porquê de as pessoas estarem mandando Deus me abençoar. “Afim, como chamar de pecado, desvio ou doença aquilo que é produto da própria natureza ou da vontade divina e que sempre existiu na história da humanidade?” (Quinalha, 2022, p. 26). Por acaso estar daquele modo naquela praça era indício de que eu não era abençoado por Deus? Ou ainda, o fato de eu ser gay apontava isso? Quando me dei conta disso, gotas, não de suor, escorreram pelo meu rosto. Pausa. O silêncio daquela gota me ensurdeceu e interrompeu a ação para um gole d’água.

Sou cristão católico, frequento as missas, faço minhas orações diárias e nunca, nunca me senti distante ou menos abençoado por Deus por causa da minha orientação sexual. Acredito que Deus, não o Deus que presenciei na ação, mas sim o outro, está mais preocupado com as atrocidades que assolam a humanidade do que com a minha sexualidade. Deus abençoa minha **VIADAgem**, ama minha **VIADAgem** e, a cada dia que acordo, me dá a chance de ser cada vez mais **VIADO**, de acionar todas as tecnologias e performatividades possíveis para fazer algo de bom por esse mundo que me quer morto com a minha **VIADAgem**.

Essa intolerância nos leva a voltar nosso olhar à reprodução de alguns discursos. Refiro-me àqueles que são a favor da violência, da opressão, do sigilo, do porte de armas e, sobretudo, dos que são a favor não da família, mas do pai de família. Se colocar no lugar não questionador desse tipo de reprodução é compactuar com ele. É mandar Deus abençoar um jovem que aparenta não ser abençoado, por conta da sua orientação sexual. É agredir um casal do mesmo sexo por andar de mãos dadas na rua, porque seu filho deve entender que tal prática não é “correta”. Que pedagogia é essa? O que está além e aquém desse tipo de pedagogia?

Nesse momento da ação, os impulsos corpóreos já não me deixavam sequer enraizar os pés no chão. Tentava fazê-lo por meio de micro movimentos alongadores, mas a dor nas pernas já havia tomado tamanha proporção que não permitia enraizar-me. Então, meu campo perceptível foi



Imagem 14 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

invadido, perfurado por alguns passos que, concretamente, soavam diferentes. A surpresa era que, desta vez, não eram poucos, mas muitos, estes soavam para mim como uma multidão que vinha em minha direção numa velocidade ainda não presenciada. Tratava-se de um grupo de mulheres que me acolheram num abraço coletivo estupendo. Sem perguntas ou proposições, foi deste modo que aquele coletivo se relacionou comigo. “Apenas” um abraço coletivo que, naquele momento, fez-me voltar a enraizar novamente. Um papo surgiu: “Quem eu era? De qual lugar vinha?”, além de alguns comentários sobre a ação, “- Nossa, como pode um gesto tão pequeno fazer diferença na vida de uma pessoa!?” Isso reverberou em uma postagem feita no instagram da transeunte, cuja marcação me fez repostar sua percepção sobre a ação. “- Eu sou bi, tenho uma filha e adorei ser acolhida e acolher você, obrigada!”. Estas proposições me fizeram, hipotética e momentaneamente, localizar na prática o potencial do que estava propondo.

Imagino que entrar no fluxo daquela praça, por mais que não possa parecer, me fez bem, me fez bom, me fez mais humano. Me fez de algum modo ser. Durante as três horas em que fiquei realizando a ação pude, além de oferecer afeto, receber afeto. E isso para mim, naquele momento e diante daquelas circunstâncias, foi de extrema importância. Tanto como impulso para escrita sobre a ação em si, mas sobretudo para me fazer enxergar a ação performativa como um caminho transformativo, algo em mim havia mudado. Não sabia o que, mas a transformação era perceptível.



Imagem 15 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
Fonte: Arquivo pessoal do autor.





Imagem 17 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 18 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pé[ROLAS]
Fonte: Arquivo pessoal do autor.







Imagem 20 - Registro fotográfico da AÇÃO #2: Conchas e pe[ROLAS]
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



AÇÃO #3 CONVERSO SOBRE LGTBTfobia

Caminhar do terminal central de ônibus de Uberlândia até as proximidades da Escola Estadual Messias Pedreiro munido de duas cadeiras e uma placa no qual estará escrito: “converso sobre LGTBTfobia”. Ao chegar nas proximidades da escola, dispor as cadeiras uma de frente para outra, segurar a placa e esperar.

[DISPARA]dores, dispara[DORES] ou dis-pa-ra-do-res

Era sexta-feira, 04 de novembro de 2022, Uberlândia estava com o céu ensolarado, limpo e o clima ameno. Um dia aparentemente excelente para realizar a terceira ação da série performativa. Tive como propósito conversar sobre LGBTfobia com jovens estudantes do ensino médio regular. Inicialmente, em julho do mesmo ano, quando imaginei essa ação, pensei em fazê-la dentro do espaço físico de uma escola, mas devido às circunstâncias políticas marcadas por conturbações, distorções e violência, considerei mais prudente realizá-la na rua.

A partir deste anseio, comecei a imaginar/experimentar tecnologias que poderiam me levar a acessar esses estudantes nesse sentido, sem adentrar a espacialidade física da escola. Utilizei o mapeamento como primeira tecnologia. Comecei a mapear as escolas estaduais de Uberlândia que ofertavam somente o ensino médio regular e, em seguida, decidi afunilar ainda mais, marcando a(s) escola(s) que, de algum modo, tinham relação com minha trajetória discente e docente. Diante disso, não me restaram muitas opções e acabei escolhendo as proximidades da Escola Estadual Messias Pedreiro, uma vez que havia cursado o ensino médio naquela instituição.

Eram 11h18min da manhã quando coloquei duas cadeiras do lado contrário à entrada principal da escola. Segurei a plaquinha e esperei o sinal que liberaria os estudantes. Antes mesmo do toque final, uma garota, de bicicleta, que estava parada literalmente na porta da escola esperando alguém, olhou para a ação com a feição de quem não entendia. Simulou uma ida até mim, dei um sorriso, a chamei com um gesto, mas ela recuou. Enfim o sinal, os estudantes caminhavam e passavam pela ação, bastou alguns segundos para o burburinho começar “- Vai, vai logo conversar com ele!”. Uma segunda proposição “- Você não é sapatão? Vai lá falar com ele”.

Enquanto isso, um grupo de cinco garotas se aproximou efetivamente de mim, uma delas sentou-se rapidamente na cadeira e, naquele instante, senti que o vínculo da ação estabelecia-se. “- Eu não me considero lésbica, mas estou ficando com uma menina, se ela me pedir em namoro agora eu apresento ela até para minha avó”. As outras garotas ao redor, em contrapartida, falavam abertamente sobre suas respectivas sexualidades, “- Olha, eu sou lésbica, inclusive essa aqui do meu lado é minha ex, nós somos amigas hoje em dia”; “- Ah, daqui um tempo vamos reatar nosso namoro”. O primeiro movimento que faço, em relação às narrativas que começavam a desabrochar em diálogo, é o de tentar entender primeiro como todos aqueles acontecimentos narrados se estabeleciam em suas casas, com seus pais, parentes e pessoas próximas.

Ao adentrar nessa esfera, percebo uma mudança no percurso do diálogo daquele coletivo. Antes estavam apresentando as narrativas que nos permitiam nos reconhecer enquanto pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+. Uma paixão do presente, como é o caso da garota que iniciou o diálogo. Um namoro interrompido, ou até mesmo o primeiro beijo em um

sujeito(a) do mesmo sexo. Agora, diante de tal proposição, as situações de violência e opressão começaram a ser narradas e esgarçadas por meio de discursos muitos tristes.

Nesse momento, para que o ambiente estivesse mais propício para um diálogo sincero e acolhedor, comecei a verbalizar os momentos de violência sofridos por mim. Relatei que até o presente momento não havia verbalizado para os meus pais e familiares sobre minha identidade de gênero e indaguei-os “- Vocês acham necessário verbalizar isso?” e as respostas vieram mais rápidas do que esperava: “- Sim, falar é importante, vai que você é agredido na rua!”; “- Mas o problema é a circunstância que você se assume, eu ainda preciso de um teto para morar”; “- Ano que vem eu quero começar a trabalhar para dividir um apartamento com alguém e poder me assumir”; “- Eu não posso me assumir ainda, mas minha prima que é lésbica assumida é respeitada, também é ela que cuida das finanças da família”. Percebi que a preocupação estava relacionada às consequências materiais e físicas que tal verbalização poderia tirar deles/as.

Diante dos questionamentos que iam surgindo durante a conversa, o coletivo de adolescentes identificou uma problemática no termo “assumir”: “- Por que eu tenho que assumir? Eu não roubei ninguém...”. No entanto, percebo que na conversa com aquele coletivo essa palavra estava sendo usada como sinônimo do verbo revelar. Ao identificar essa fissura, prontamente pesquisei seu significado como está no dicionário de Língua Portuguesa e aí um assombro me acomete e se estende em forma de debate para as participantes da ação. Antes deste possível significado aplicado ao debate, “assumir” significa entrar no papel de. Tal percepção/entendimento me faz ampliar o debate para o pensamento de que nós, dissidentes sexuais, durante a trajetória de vida, acessamos vários papéis, ou seja, precisamos nos munir de performatividades que vão nos assegurar de sermos “aceitos” nos lugares que habitamos como pronuncia Butler (2019) em sua teoria da performatividade.

O diálogo diante de tal provocação seguiu de modo dinâmico e aberto, estávamos tranquilos naquela sombra fresca batendo nosso papo, até que uma tensão se instaura. Um carro com símbolo das forças armadas, adesivado com imagens referentes a um dos candidatos à Presidência da República, estacionou à nossa frente. Eu prontamente, ao vê-lo, virei a placa que segurava, tampando assim seus dizeres, e abracei-a de modo a não ficar evidente o PRIDE estampado nas cores do arco íris do uniforme que trajava. Fiz essa movimentação de maneira discreta e involuntária para não assustar ou deixar os participantes tensos de algum modo, no entanto a menina da bicicleta, que a essa altura já estava ao meu lado partilhando suas experiências, narrativas e percepções colocou a mão em meu ombro e disse “- Obrigada, Gabriel, eu vi o símbolo do carro e, por um momento, até você virar a placa, eu tive medo”. Respondi a ela que em primeiro lugar deveria vir a integridade física, pois, sem ela, como poderíamos lutar por nossas reivindicações? Naquele instante me dei conta literalmente do quão vulnerável sou/estou/estamos. Passaram-se alguns minutos e as sujeitas que estavam partilhando naquele momento foram se dispersando, uma porque estava com fome, a outra pela mãe estar preocupada com seu retorno e outras porque tinham curso. Eu decidi ficar prontamente realizando a ação até

Imagem 21 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGBTfobia



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

que todo turno da tarde adentrasse ao recinto da escola. Assim, vários outros estudantes, mesmo que rapidinho por conta da hora, passavam e se relacionavam de algum modo com a ação. Ao ficar sozinho ali, olhando para o portão da escola que estava fechado, ouvindo a sonoridade única e inconfundível da escola, me deparei com um vazio. Com o meu vazio. Eram 13h45min quando o casal não-binário de 16 anos, que partilhava suas experiências de vida, decide entrar na escola, pois estava atrasado para a aula. Eu, em concomitância, decidi pegar as cadeiras e caminhar até o carro para findar a ação.

Essa foi a primeira experiência com a ação “CONVERSO SOBRE LGBTfobia”, que acabou se desdobrando em outras duas experiências, realizadas, respectivamente, em 17 de maio de 2023, na Escola Estadual Antônio Luis Bastos, e em 17 de maio de 2024, na Escola Estadual Cidade Industrial, onde leciono a disciplina de Artes e os Itinerários Formativos. Lembro-me vividamente de quando fui convocado a comparecer à sala da supervisão da E.E. Antônio Luis Bastos para cumprir o horário de módulo. É neste espaço que se abre diálogo sobre práticas pedagógicas, repasses burocráticos, assinaturas de documentos, entre outras atribuições do(a) professor(a). No entanto, é também nesse espaço que formulamos projetos a serem desenvolvidos com os estudantes, e foi justamente esse ponto que a supervisão gostaria de abordar comigo naquele dia.

Ela começou perguntando se eu havia notado que a data de 17 de maio estava em destaque no calendário. Quando respondi que sim, ela se interessou em saber o que eu havia planejado para desenvolver com os estudantes. A data em questão é o Dia Internacional, Nacional e Estadual de Combate à Homofobia, instituído pela Lei Estadual nº 16.454/10, de 17 de maio de 2010, e com isso, nós, professores(as), devemos – ou ao menos deveríamos – desenvolver atividades pedagógicas seguindo o que está previsto em lei. Confesso que fiquei paralisado diante da indagação, o que me fez ser tomado pela lembrança das instigantes conversas que tive com Daniel, meu orientador, sobre combate à LGBTfobia e o ensino regular público em Uberlândia. Num impulso, respondi que já havia pensado em algo, o que não era verdade, pois até aquele momento eu ainda estava inquieto, me perguntando: O que fazer? Como fazer? Porém, aquela lembrança me fez resgatar na memória a ação “CONVERSO SOBRE LGBTfobia”. Encorajado e aderindo às consequências de ser acometido por aquela lembrança, expus o roteiro da ação e mostrei algumas fotos da primeira experiência para supervisora. Após a verificação desses arquivos, a realização da ação foi autorizada, com a ressalva de que ela ocorresse no intervalo e não se prolongasse além desse tempo, pois os estudantes deveriam retornar à sala em seguida. Essa previsão não se concretizou, uma vez que a ação se findou aproximadamente 30 minutos após o término do intervalo.

Habitualmente costumo organizar meu material de trabalho na noite anterior, e dessa vez não foi diferente. Colocar a plaquinha onde estava escrito o título da ação dentro do carro, naquela segunda-feira à noite, parecia um tanto desafiador. O fato é que estava ansioso, confesso. Não via a hora de vivenciar aquele momento. Por volta das 9h da manhã, combinei com os

estudantes de terminar a aula alguns minutos mais cedo, para poder organizar e me preparar para realizar a performance. Quando deu o horário combinado, peguei minha mochila, saí e pedi ao professor Fábio que cuidasse da turma, dentro do possível. Fui direto à sala dos professores, onde estava a plaquinha. Peguei-a e caminhei até as proximidades da sala da supervisão. A escolha deste lugar se deu pelo fato de ser um pouco menos tumultuado. Dispus então duas cadeiras e sentei-me em uma delas, segurei a plaquinha e aguardei o sinal. As mãos suadas eram discretamente secadas na calça.

Os estudantes demoraram um pouco para entender o que estava acontecendo. Inicialmente, ficaram receosos, sem saber se deveriam se aproximar. No entanto, à medida que os convidava, eles começaram a entender a proposta da ação performativa e a participar. A primeira a se aproximar foi uma estudante do primeiro ano do ensino médio, e logo sua amiga se juntou a nós. Um ponto positivo – ou talvez não, ainda não sei ao certo – é que, em situações como essa, muitos estudantes confiam e se abrem com quem se dispõe a ouvi-los. Foi o que comeci a perceber quando, tremulamente, aquela garota de cabelos curtos, vestida com um blusão de frio e calça jeans preta, sentou-se à minha frente.

A primeira pergunta veio dela assim que se sentou: “-Por que você quer conversar sobre isso, professor?” Respondi o que era inescapável dizer, que deveria desenvolver uma atividade pedagógica sobre homofobia e pensei naquela ação para tal propósito. Ela abriu um sorriso, acompanhado de uma tremura crescente e seus olhos começaram a se encher de lágrimas. Nesse momento, sua amiga, de cabelos avermelhados, se aproximou para saber o que estava acontecendo. E o que estava acontecendo? Confesso que nem eu sabia. Após alguns segundos, a garota trêmula tentou verbalizar algo, mas não conseguiu. A amiga, sabendo do que se tratava, tentou acalmá-la. Aos poucos, mesmo tremendo e agora chorando, ela iniciou um diálogo verbal, já que o diálogo corporal já havia se instaurado. “- É difícil para mim falar sobre isso, professor.” Essas foram suas palavras iniciais. Acredito que nunca as esquecerei e, honestamente nem quero. Sempre que me deparo com igual dificuldade, re-aceso a lembrança da força que ela teve diante de mim, o que em certa instância também me encheu, e enche até hoje, os olhos d’água. A partir dessa fala, ela começou a me explicar o motivo de morar com sua avó. Contou que sofria de ansiedade, tomava remédios e que a avó não acreditava nela. Disse também que havia apanhado por cortar o cabelo e que não aguentava mais ir, praticamente toda semana, à Unidade de Atendimento Integrado (UAI) para tomar remédio. Confessou que, às vezes, não tomava a medicação e falou sobre outras problemáticas cotidianas que ela vivia. Coloquei-me como ouvinte. Parecia um desabafo, um grito de socorro. Não havia espaço para minha fala, o que me deixou em estado de alerta, porém contente, por ter entendido tão rápido que minha postura naquele momento era apenas de escuta. Aquela jovem precisava ser ouvida e, no meu entendimento, o diálogo que ela precisava naquele momento não era o verbal.

No entanto, foi só após esse momento inicial de desabafo e escuta que ela começou a compartilhar questões mais específicas sobre sua sexualidade, como o primeiro beijo, a



primeira namorada e o conflito amoroso que estava vivendo, pois sua avó não a deixava se aproximar da garota com a qual tentava se relacionar. Aos poucos, outros estudantes foram se aproximando, ouvindo, gesticulando e fazendo comentários sobre o que a primeira participante falava. Percebo que, naquele espaço mínimo e improvisado, criou-se uma confiança mútua. A garota que narrava parecia à vontade para continuar sua fala, mesmo com outras pessoas ao nosso lado. Seria esse um sinal de que uma rede de fortalecimento estava sendo criada? Ouso dizer, pela experiência que vivi naquele dia, que sim. Fator este que tornou a conversa coletiva e, aos poucos, todos/as iam encontrando maneiras de também compartilhar suas narrativas, opiniões e comentários. Para mim, foi muito interessante perceber que eles estavam criando um senso de pertencimento em relação àquela conversa. Não era mais o Gabriel professor-pesquisador, tentando puxar um assunto ou instigando-os/as a falar algo. Tratava-se realmente de uma conversa que girava em torno dos amores e dos sofrimentos pelos términos, o que me levou a fazer uma brincadeira para descontrair, arrancando risadas dos participantes.

O clima mudou drasticamente quando uma menina do terceiro ano do ensino médio se aproximou de nós, chamou a atenção e arregaçou a manga de sua blusa de frio. Seu antebraço estava coberto de cortes, alguns ainda vivos, entre cicatrizes e machucados. Eram muitos e, nos anos de docência que tenho, nunca havia visto algo daquele tipo. O sinal bateu. Internamente, senti uma raiva profunda – por que o sinal tinha que bater justo naquela hora? Como abandonar aquela situação? Pedi para a que estava sentada dar lugar a ela. Sabe quando todos estão conversando, atropelando a fala um do outro, e de repente o silêncio toma conta? Foi exatamente isso que aconteceu. Ela se sentou e alguns, não todos, decidiram voltar para a sala. Mas eu não. Decidi permanecer ali com aquela garota e os poucos participantes que ficaram após o sinal. A garota que agora estava sentada não era de muitas palavras e a cabeça sempre baixa. Ela começou a conversa explicando os cortes, dizendo que seus pais a obrigavam a ir à igreja e que ela não suportava. Disse também que se incomodava muito quando sua mãe escolhia suas roupas e se irritava profundamente quando queria jogar futebol e seus pais não deixavam. Contou que chegar em casa após a escola era o momento em que mais sentia vontade de desistir de tudo. Ela só conseguia pensar que ninguém falava com ela, e a maneira de aliviar esse sentimento era se cortando.

O fato é que, diferentemente da primeira estudante que se sentou, aquela à minha frente parecia ansiar por uma palavra de afeto. Isso era evidente em seu olhar e nas longas pausas que dava de uma frase para outra. A essa altura, a supervisora já havia sinalizado de longe para que eu terminasse e os conduzisse à sala, mas pedi um tempo a mais e segui com a ação. Perguntei se ela fazia acompanhamento psicológico. Com um aceno de cabeça, ela disse que sim, o que, de certo modo, me aliviou. O que estava ao meu alcance naquele momento era acolhê-la, com todas as minhas limitações e estas ficaram escancaradamente evidentes para mim naquele instante. Ela me interrompeu para dizer que já havia tentado o autoextermínio, que sua mãe a culpou por isso, mas que ela não queria tentar novamente. Meus olhos esbugalhados, minha boca seca, só

conseguiram concordar e fazer o pedido para que ela, de fato, nunca mais tentasse. Completei o pedido dizendo que estaria ali para ajudá-la, caso precisasse. Ela me abraçou, levantou-se e, com um leve sorriso no rosto, mandou todo mundo voltar para a sala, inclusive eu. “-Vamos, professor, você não tem aula para dar não?”, ela brincou. Respondi: “-Claro que tenho, filha, mas você é mais importante que todas elas.” Observei para garantir que todos, uns três ou quatro, entrassem em suas salas. Devolvi as cadeiras, guardei minha plaquinha no armário da supervisora, agradei e segui meu fluxo de trabalho. Como? Não sei. Só sei que terminei meu expediente. Como? Não sei! Talvez com uma volta para casa em lágrimas e um aperto no peito. Talvez com uma sensação de incapacidade. Mas, independentemente de qualquer um desses fatores, segui a vida, continuei. E isso me dói até hoje. Um fluxo interrompido, mas que logo voltou ao seu curso.

Para começar a relatar a terceira vez em que vivenciei a ação em questão, considero necessário evidenciar que se tratava do período noturno, com estudantes do ensino médio regular e da EJA (Educação para jovens e adultos). A história se repetia novamente: fui convocado à sala da supervisão para realizar alguma atividade sobre LGBTfobia. Dessa vez, o pedido foi feito de forma descontraída, devido à certa intimidade que tinha com a supervisora. “– Você é o professor gay dessa escola, amigo, tem que fazer alguma coisa”, disse ela, em tom de brincadeira.

Diante da sobrecarga de tarefas, cogitei a hipótese de convidarmos uma vereadora da região que abordasse as temáticas de gênero e violência em suas palestras. Antes da palestra, porém, fui convencido pela supervisora a realizar a performance que ela havia visto na minha rede social e pediu para que a fizesse. Assim, chegamos a um acordo. Entrei em contato com a vereadora, que aceitou participar do nosso evento com uma palestra intitulada “Violências de Gênero na Escola: Como Enfrentar”. Para mim, estava tudo certo e organizado. Informei a vereadora sobre o dia e horário de chegada à escola. Tudo parecia encaminhado.

No dia do evento, cheguei à escola bem mais cedo, por volta das 18h30min. Guardei meu material no armário, peguei duas cadeiras e minha plaquinha, e me dispus em um lugar que julguei ideal para realizar a ação. Pouco a pouco, os estudantes começaram a chegar, mas apenas um casal – de lésbicas do primeiro ano regular – e uma aluna travesti do terceiro ano da EJA se sentiram convidadas a partilhar aquele momento comigo. O primeiro a se aproximar da ação foi João, acompanhado de sua namorada. Eu e João nutrimos, desde o momento que nos encontramos, uma relação de profunda admiração mútua e respeito. João se sentou e começou a contar como foi seu dia. Perguntei sobre o namoro e outros assuntos triviais. Em um dado momento, ele interrompeu a conversa e começou a compartilhar sua história de vida, uma narrativa que eu até então desconhecia.

A história era a corriqueira vivida por muitos LGBTQIAPN+: do filho obrigado a frequentar a igreja; a ser fervoroso; que ao entender sua dissidência se rebela por não ser

aceito e por ter que enfrentar violências afetivas extremamente dolorosas; é expulso de casa e sofre ainda mais violências. Embora seja uma narrativa que abarca boa parte das narrativas identitárias da comunidade, as particularidades da infância de João me deixaram estupefato e ainda mais determinado a me manter firme na ação. Não foi fácil ouvir aquele relato, confesso. O engasgo muitas vezes me roubava o ar. Existiam aspectos muito próprios na experiência de João que me deixaram profundamente impactado.

Depois de quase uma hora de conversa, na qual mais ouvi e chorei do que propriamente falei, uma estudante trans se aproximou da ação e num repente desviou o assunto para a prostituição, afirmando que havia se casado e não estava mais nessa vida. Naquele momento, duas narrativas distintas se entrecruzaram e passaram a operar em um mesmo fluxo de diálogo. Nós quatro estávamos literalmente nos ouvindo, comentando e nos nutrindo das narrativas, ou seja, estávamos conversando sobre a LGBTQIA+fobia que encontra nossos corpos.

Já eram quase 20h quando me dei conta do horário e lembrei que havia marcado com a palestrante para às 19h. Não pretendia me estender tanto nessa ação, mas foi o que aconteceu, como sempre. Rapidamente, peguei o celular e entrei em contato com a vereadora. O que aconteceu a partir daí foi que ela nos deu uma desculpa qualquer, “justificando” sua ausência. Ela não veio à escola dar a palestra e, diante disso, fui impelido a falar publicamente, no palco, para toda a escola, sobre essa temática. Nervoso, disse que leria um texto que escrevi e abriria, na sequência, um espaço para conversa. Sentia-me muito inseguro para conduzir um momento sobre essa temática, mas o fato é que a força da necessidade e o impulso momentâneo me colocaram nesse lugar. Peguei o microfone, li meu texto e dei início à conversa.

Muitas pessoas até fizeram perguntas e se interessaram realmente pelo assunto, João foi um deles. Após alguns minutos de conversa, alguns funcionários da escola, visivelmente incomodados com aquela situação, resolveram liberar o lanche, o que fez com que o desfecho daquele momento tenha acontecido de forma tortuosa, pois vários dos/as que estavam sentados/as, ao menos ouvindo, seguiram sem permissão para a fila do lanche onde começariam a pegar o bolo de cenoura com chocolate que havia sido feito pela ocasião especial. Ao “término” da ação, João me abordou pedindo a indicação do livro que citei no texto lido, ofereci a ele uma troca: enviaria o pdf do *Manifesto Contrassexual*, de Paul B Preciado, e ele me escreveria um relato de experiência sobre a ação, um pedido impulsivo que se somou a esta pesquisa da seguinte maneira. Segue na íntegra o que João me enviou no dia 23 de agosto de 2024.

Uberlândia, 23 de Agosto de 2024.

De: João

Para: Gabriel

Oi, eu sou João, um menino trans de 18 anos. O processo de me descobrir e me aceitar não foi nada fácil, especialmente depois de ter passado quase cinco anos afastado da vida social. Eu já não sabia como as pessoas lidavam com essas questões, e o Gabriel foi minha luz no momento em que comecei a viver minha vida novamente.

Cresci em um ambiente religioso, o que me levou a negar minha própria existência, mesmo após sair de casa e começar a tomar minhas próprias decisões. Mas, no dia 17 de maio, percebi que não tenho mais tempo a perder tentando me encaixar em algo que não sou. Posso dizer que foi uma grande sorte ter cruzado o meu caminho com o do Gabriel. Eu estava apavorado com a ideia de estar de volta a um ambiente escolar, mas tê-lo ali como professor nos incentivando a ser quem realmente somos, foi essencial. Ver Gabriel como pessoa, sendo quem ele é, demonstrando orgulho e coragem, fez com que eu me enxergasse de uma forma diferente.

Sentar ali com ele e contar minha história foi algo que eu nunca tinha feito antes, e jamais imaginei ter essa abertura em um ambiente escolar. Nunca pensei que seria acolhido daquela forma. Aquele momento me ajudou a entender meus limites, a não me sentir oprimido por pessoas que não sabem nem metade do que passamos para ser quem somos e amar quem amamos. Pela primeira vez, consegui desconstruir a ideia de que aceitar e ser quem sou era algo ruim e vergonhoso.

Espero que todos tenham a oportunidade de ter um “Gabriel” em suas vidas, de ter um momento de se sentir acolhido e compreendido, assim como eu tive na palestra contra a LGBTQIAPN+fobia. Era exatamente o que eu mais precisava naquele momento: aprender a não me sujeitar a situações em que as pessoas tentam me diminuir por quem sou. Ali, eu aprendi a lutar por mim, por quem sou e por quem amo.



Imagem 23 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGBTfobia
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 24 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGBTfobia
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 25 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGBTfobia
Fonte: Arquivo pessoal do autor.





Imagem 26 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGTBfobia
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

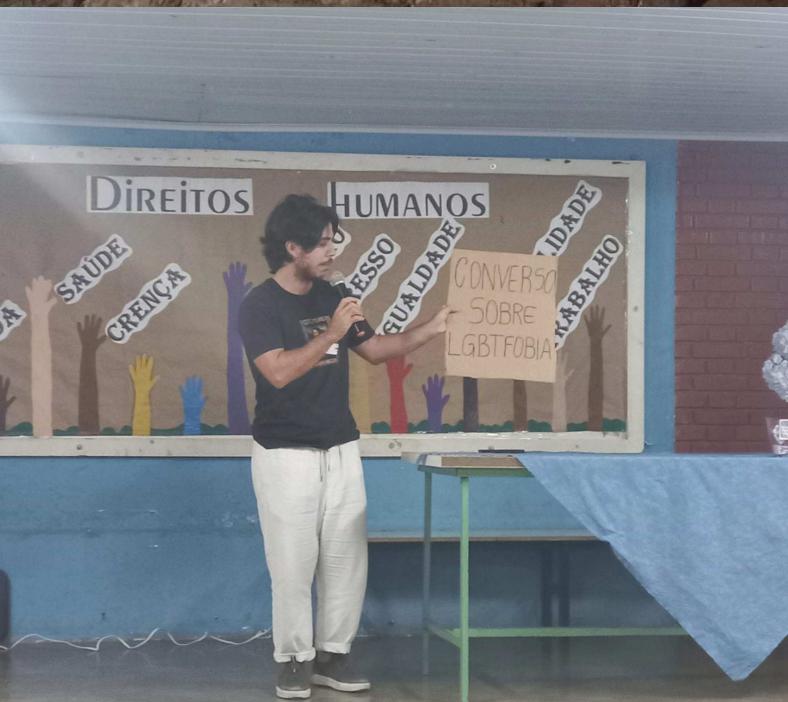




Imagem 27 - Registro fotográfico da AÇÃO #3: Converso sobre LGTBfobia
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



AÇÃO #4: [NÚ] CORPO

Escolher um estúdio de tatuagem.

Traçar no mapa da cidade de Uberlândia três pontos, sendo o primeiro na minha casa e o terceiro no estúdio de tatuagem.

Caminhar em direção ao segundo ponto. Ao chegar, parar, ligar para minha mãe e ler este programa performativo para ela, Desligar.

Ao chegar na porta do estúdio, terceiro ponto, parar e repetir a ação anterior, mas desta vez entrando em contato com o meu pai.

Entrar e tatuar um veado construído com formas geométricas.

Esta ação se desdobrou em uma segunda intitulada [NÚ] CORPO 0.2, que foi apresentada na primeira Mostra Artística em Processo (MAP).

Evento realizado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), entre os dias 14 e 17 de dezembro de 2022.

Cervídeo, cervo ou ainda veado, é um mamífero herbívoro de grande porte originalmente encontrado no hemisfério norte. Mas, com o passar dos anos, a espécie foi introduzida em várias regiões do mundo, inclusive aqui no Brasil, onde pode ser encontrada no leste do Cerrado, na Mata Atlântica e também na floresta Amazônica. O veado é considerado uma espécie solitária, uma vez que não vive em grandes manadas e forma pares apenas para acasalar. Além de ser marcado por dimorfismo sexual, ou seja, as características dessa espécie se diferem entre os indivíduos do sexo masculino e feminino.

Uma das diferenças está na galhada, o chamativo de formação óssea sólida e de substituição anual está presente somente nos indivíduos machos da espécie. À medida que esses indivíduos vão renovando suas galhadas, estas ficam maiores e ganham mais ramificações. Sua utilidade está intrínseca à competição pelas fêmeas durante seu período fértil. Os machos rivais, portanto, disputam a fêmea medindo força, empurrando-se com suas galhadas.

Os estudos científicos apontam que existem no mínimo sete citótipos diferentes de veado, isso revela uma intensa evolução cromossômica e torna a taxonomia desta espécie um tanto quanto incerta. Sua estimativa de vida gira em torno de 13 anos, quando o animal vive em estado selvagem, e 20 anos em cativeiro. Para além desse significado biológico, existem vários outros que se referem à simbologia que permeia a figura deste animal, que varia de acordo com as culturas mundo afora.

A mitologia grega, o Budismo, os Celtas, as tribos nativas Americanas e Mexicanas e também o cristianismo possuem representações simbólicas do veado. Em quase todas elas o veado está relacionado à espiritualidade, ao sagrado e à conexão com o divino. O artista italiano Pisanello pintou no século XV “A visão de santo Eustáquio” que retrata o exato momento em que o Santo olha nos olhos de um veado e se converte. Por isso, para cultura cristã antiga, o veado simboliza piedade, devoção e é uma ponte de ligação entre Deus e os homens. Por conta de todas essas simbologias, quando o propósito é enfatizar o caráter místico, este animal é representado de forma geométrica. Mas o que me levou a tatuar um veado geométrico no braço não foram somente esses entendimentos, na verdade eles vieram para somar os significados que a feitura da tatuagem assumiria.

Na minha infância, por diversas vezes fui chamado de **VIADO**. Desde que me entendo por gente, quando as pessoas queriam me ofender utilizavam essa palavra. Na imaturidade daquela época, ser chamado assim era dilacerador, sobretudo quando estava perto dos meus pais ou

[TentaCulares e TestiCulares]

A ação intitulada *[NÚ] CORPO* e seu desdobramento *[NÚ] CORPO 0.2* foram realizadas por mim em parceria com Marcelo Carvalho (videomaker) e Maycon Corbie (tatuador) no dia 27 de novembro de 2022 (domingo), na cidade de Uberlândia - MG. Teve início às 7h45min e término às 13h00, tendo a duração total de 5h e 15 minutos. O percurso que ligava minha casa ao estúdio de tatuagem escolhido foi previamente pensado de acordo com a proposta do programa, que era perceber, num momento posterior, qual forma o percurso assumiria no mapa da cidade de Uberlândia. Vesti meu uniforme, peguei minha bolsinha com documentos e celular, bebi um copo bem grande de água fresca, tranquei o portão de casa, joguei a chave lá longe, no corredor, e comecei a caminhar.



Imagem 28 - Registro fotográfico da AÇÃO #4: [NÚ] CORPO
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



parentes. O medo de ser **VIADO** era muito grande, me paralisava. Passei toda minha infância tentando performar a existência de um sujeito que não correspondia a quem de fato sou. Ir nas lojas comprar roupas era um momento de extremo prazer, tratava logo de admirar os homens de cueca nas embalagens. Sentir atração pela figura masculina, por homens, nunca foi uma questão para mim. O que sempre, e até hoje, é uma incógnita é o fato de não conseguir falar abertamente com minha família sobre minha sexualidade. Esse fator certamente foi um dos pontos que me mobilizou a realizar essa ação.

Assistindo ao jornal local em casa, eu ouço “-Tá vendo, olha esse **VIADO** na televisão, não tem problema ser homossexual, desde que se dê ao respeito”. O **VIADO** em questão era o Governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, que na ocasião estava vestido com uma camisa de botão, calça e sapato social, cabelo penteado para o lado, parecendo que o veado lambeu, sentado em uma cadeira com postura completamente esguia e elegante, sem pernas cruzadas. Relacionar essa situação às circunstâncias em que me chamavam de **VIADO** gerou uma fissura e se tornou o pontapé inicial da ação.

Chamavam-me de **VIADO** geralmente em momentos que eu não correspondia ao padrão heteronormativo ao qual fui educado para reproduzir, ou seja, quando gesticulava demais, quando falava fino, quando era pego de surpresa sambando num salto imaginário, quando sentava e cruzava as pernas etc. Nesse sentido, a quem desrespeitei ao executar essas ações? Ninguém, absolutamente ninguém. Talvez essa pergunta deveria estar direcionada ao que se desrespeita e não a quem.

É nítido, pelo menos para mim, que se trata de certa desobediência à norma heteronormativa vigente nas relações e, a partir disso, várias ações de violência e opressão são desencadeadas. O que se desobedece são todos os padrões hegemônicos, que foram e são passados de geração em geração sem passarem por outras perspectivas de pensamento. Portanto o discurso trazido à tona na sala vendo o jornal além de reforçar um ideal de masculinidade é homofóbico e excludente.

Isso me leva ao entendimento de que corresponder a esse padrão permite que a sexualidade não esteja, ou seja, colocada à frente do sujeito. Mesmo que em um futuro venha à tona, o privilégio primeiro já foi garantido. E aqueles que não têm esse privilégio? Reformulando: e aqueles que não conseguem acessar esse privilégio?

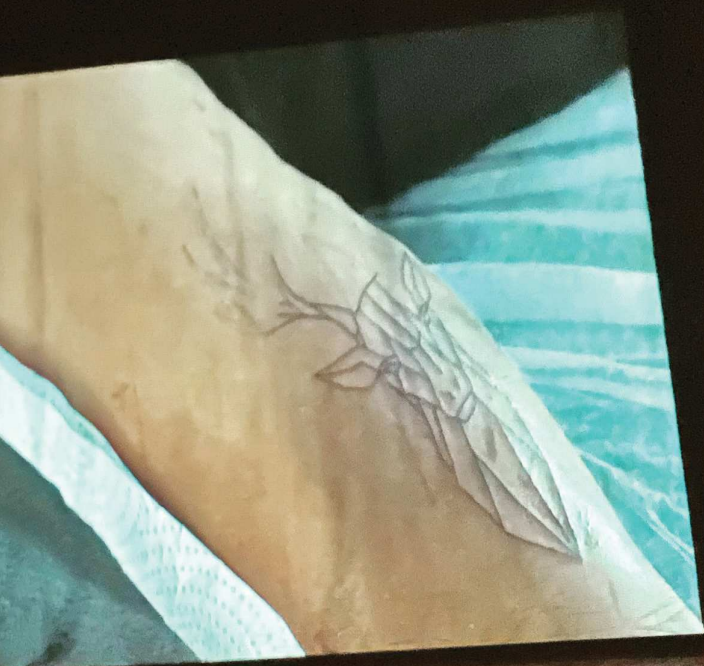


Imagem 29 - Registro fotográfico da AÇÃO #4: [NÚ] CORPO
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Sentar-me.
Assentar.
O pau Brasil,
o PAU.
Acento.
Acentos... acentos errôneos.
Fabricar erros, errar.
Quais funcionalidades do acento? E do assento?
Onde posso me sentar?
No meu assento, tem um acento.
É assim que eu gosto...
Cheiro de pequi.
Apitos... Alarme.
Fluxo quase interrompido, eu sigo!
Algumas palavras...
Algumas tecnologias de defesa.
Vários (in)sucessos.
Quase nada verbalizado, exceto para me defender.
Ouço discursos estranhos... só ouço!
Ouço... Ouço... ameaço... ouço.
Atravesso.
Atravessar o quê? para quê? para onde?
Rua. Meio. Caminhar.
Pausas para alinhar o fluxo programado.
Escapamento com muita fumaça.
Cheiro de bicho morto por perto.
Sinal vermelho. Eu atravesso.
Uma pedra.
Um caminho de pedras.
Uma pedra no caminho.
Tenho a sensação de não ser bom em nada.

Tenho a sensação de precisar ser abraçado.
Tenho a sensação de estar tumultuado.
Um carro suspenso.
Um galhada de **VIADO**. Paro para tirar uma foto.
“Bom dia.” “Bom dia.”, respondeu uma jovem senhora loura de olhos claros que passava por mim.
Muitas pessoas trabalham cortando árvores.
Um susto, outra pedra!
Outra pedra! Quase tropeço.
Quinze buracos fundos.
Subo na mureta. Eu subo. Que engraçado. Ando por ela.
Sensação de formigamento.
Coragem, muita coragem, coragem ao extremo.
Encorajado.
Encorajando-me.
Encorajando-se.
Encorajados.
Subo alguns degraus.
Tudo é muito novo.
Um fascínio, na mesinha da sala de espera o livro, roubo como um artista.
O que eu fui roubar naquele lugar?
O que caracteriza um roubo?
Todo artista rouba?
Eu roubo.
Roubei naquele dia o que era meu.
O que desde meu nascimento já estava predestinado.
Viadagem.
Viadinho.
VIADO
A letra “I” é ereta.
Tem um pingo em cima, quisera eu fosse dois.
Dois pingos.
Duas bolas preenchidas.
Uma do lado da outra.
ERETO, a letra I maiúscula é ainda mais ereta.
Vigorosa.
Correção ortográfica.
Veadagem.
Veadinho.



Imagem 30 - Registro fotográfico da AÇÃO #4: [NÚ] CORPO
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Veado.
Baitola.
Boiola.
Bixa.
Gay.
Yag.
Yag? Por quê? O que é isso?
Meu corpo fluxo.
Meu corpo pulsa.
Meu corpo sangra.
Meu corpo leva agulhadas.
Meu corpo se movimenta para o meio.
Qual o significado de estar no meio?
É possível (re)significá-lo?
Um dia escreveram Entre quatro paredes.
Eu escrevo entre discursos.
Entre silenciamentos.
Entre invisibilidade.
Entre dissidência.
Entre e fique.
Entre e vá.
Só não fique no meio.
Estive no meio.
Ainda estou nele.
Equidistante do princípio e fim.
Uma fôrma que forma o **VIADO**.
Geometria.
Ser veado.
Tudo possui um significado.
Tudo é passível de significação e (re)significação.
Carcaças. Arrepios e repulsa.
Carcaças derretem.
O gelo derrete.
Na boca fechada derrete mais rápido.
Em contato com a pele mais rápido ainda.
Morte. Bueiro. Grades lineares.
Morte. Chão. Grama verde.
A morte.
A que passo estamos dela?

Buzina. Reflexo.

Sabia que um veado selvagem vive 13 anos?

Sabia que um veado domesticado vive 20 anos?

Quanto tempo vive um **V.I.ADO**?

Quanto tempo demora para virar carcaça?

Quanto tempo demora para ser domesticado e depois virar igualmente carcaça?

Urubus comem carcaças.

Eles também virarão uma.

Distanciamento das relações.

Me distancio das relações.

Resguardar as distâncias ou as relações?

Qual a distância segura entre dois pontos?

Existe distância segura quando não se vive na norma?

Um passo à frente.

Mas nunca totalmente.

Por favor, faça como eu: ao dar o primeiro passo, use o pé esquerdo.

Queria que minha memória fosse menos fissurada.

Dor de cabeça.

Nascimento. Porque não me lembro.

Ninguém lembra do seu primeiro passo.

Ninguém lembra do primeiro tombo.

do primeiro choro.

do primeiro susto.

do primeiro alimento.

do primeiro passeio.

do primeiro bocejar.

do primeiro

do...

do...

do...

do...

do...

do...

mas todo mundo se lembra

da primeira mamada

da primeira trepada.

da primeira sentada.

da primeira gozada.

da primeira comida.

da primeira escapada.

da primeira...

da...

da...

da...

da...

da...

da...

Ser.

Ser veado.

Ser **V.I.ADO**.



AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR

Caminhar até um ponto da margem da Rodovia 365.
Retirar o uniforme usado nas performances anteriores e
fixá-lo no asfalto com super cola.
Ir embora.
Diariamente fazer o registro fotográfico da camiseta até
o seu desaparecimento.

Imagem 31 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR



Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 32 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 33 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 34 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 35 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 36 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

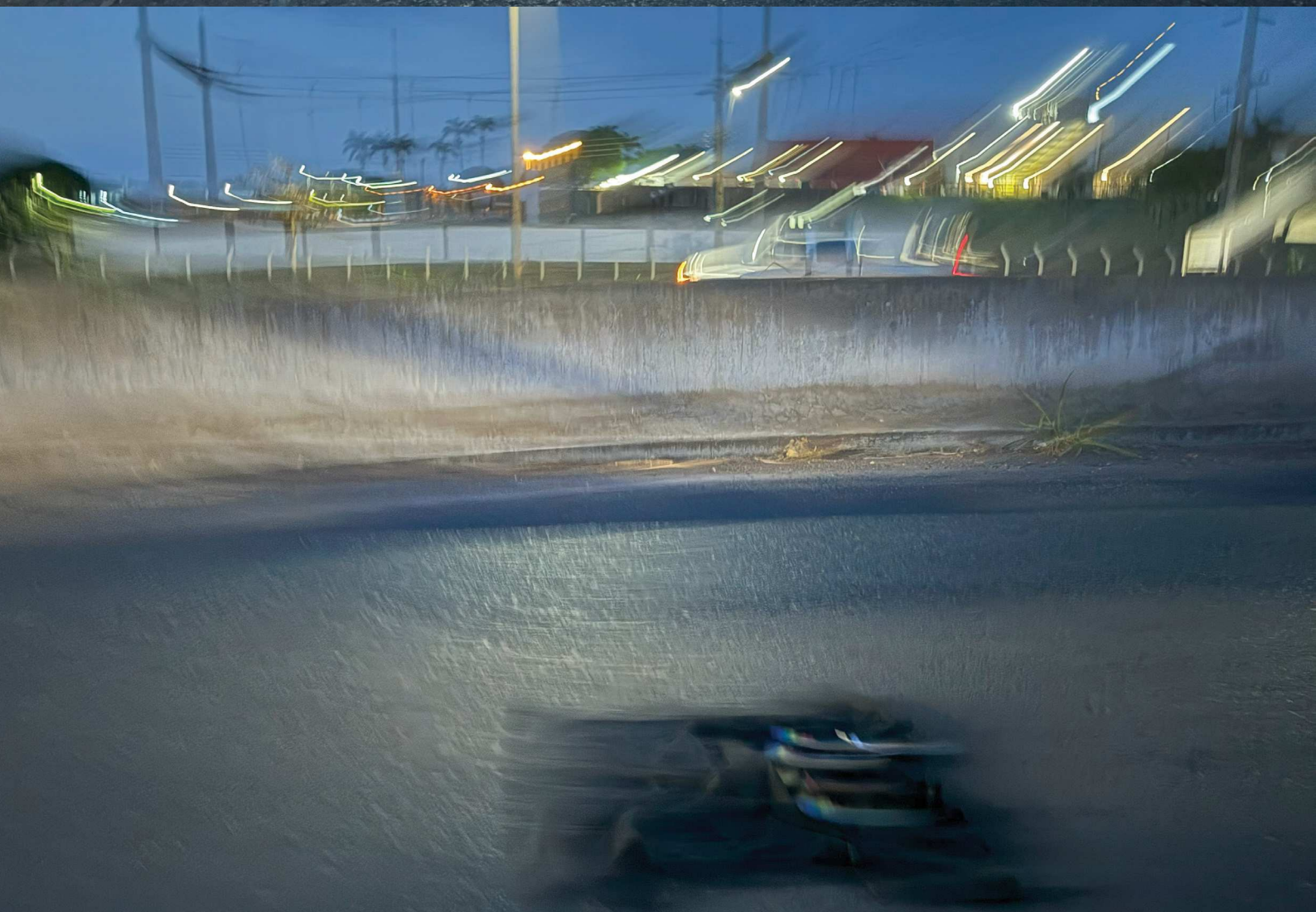


Imagem 37 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 38 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

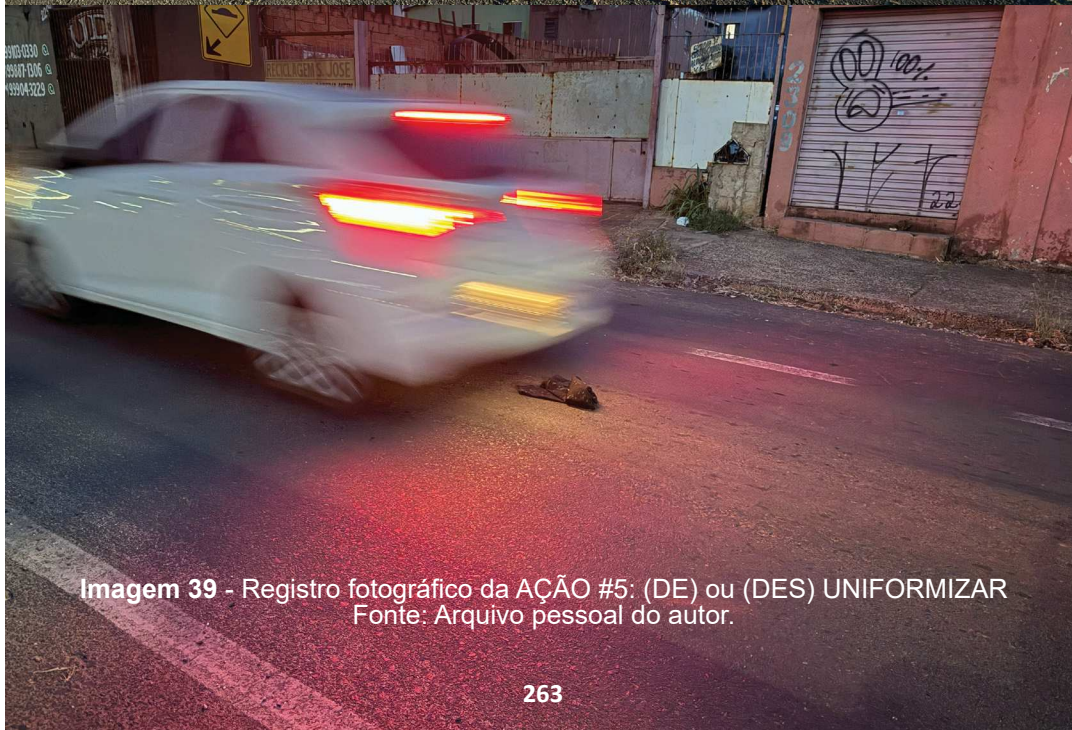


Imagem 39 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

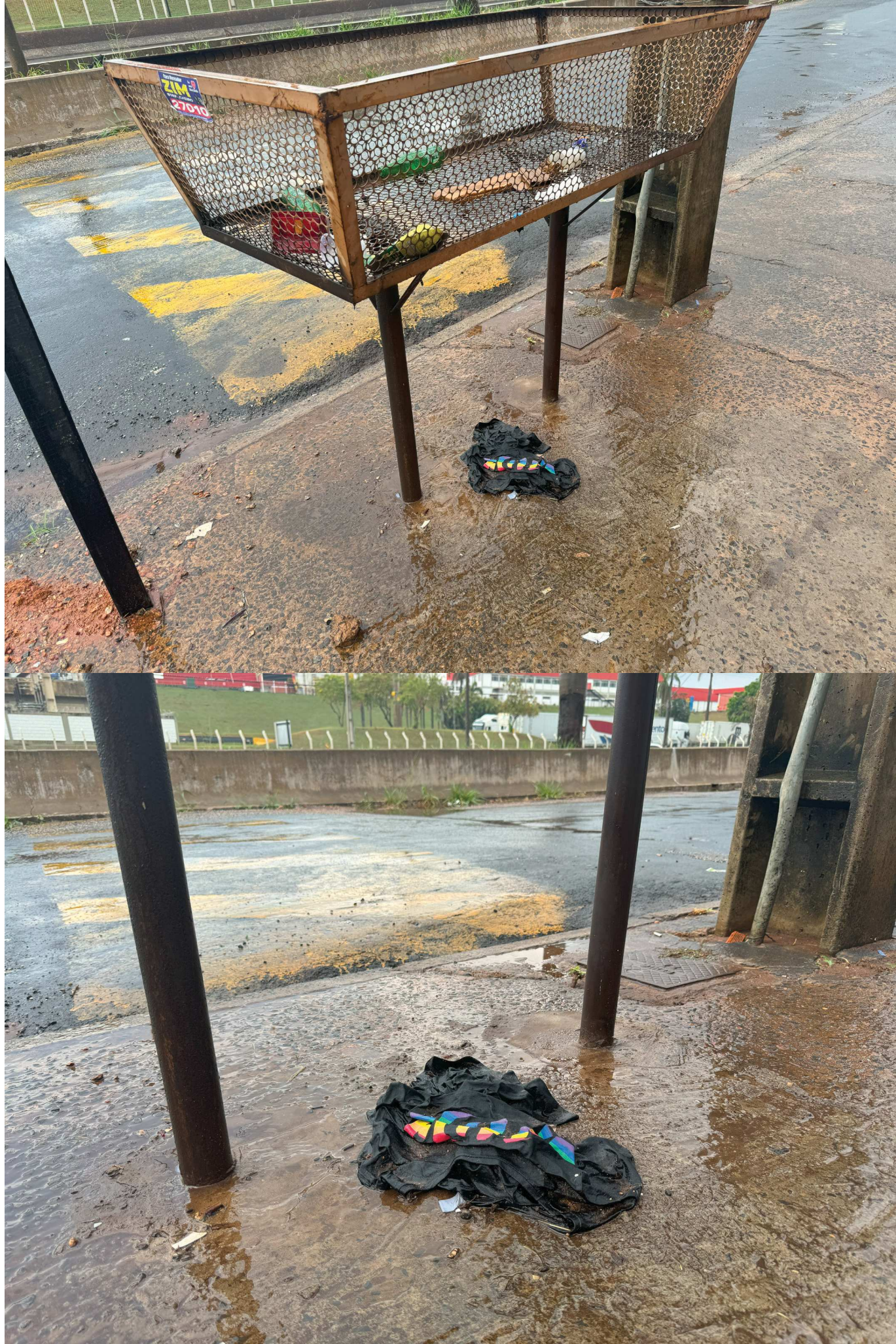


Imagem 40 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 41 - Registro fotográfico da AÇÃO #5: (DE) ou (DES) UNIFORMIZAR
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



[DES]VIADOS

ENTREPERFORMANCES é uma terminologia construída pela junção de duas palavras.

ENTRE (aquilo que está no meio de)

e

PERFORMANCE (a ação que se dá por meio de).

Essa junção é uma proposta basal na construção do que vem a seguir.

E deve ser pensada do começo ao fim como indissociáveis.

Se entre é performance e se performance é entre.

Então...

Entre e performe.

Performe e entre.

A performance que se dá entre desempenha o papel de ser assombrosa.

O assombro nunca me foi negado, na verdade ele sempre foi retificado em mim.

ENTREPERFORMANCES é um convite à relação.

A tecer infinitas relações.

É experiência. Nos acontece, tal qual o pronunciar de Larrosa (2022).

Trata-se, portanto, de descrever duas ou mais experiências performativas em suas proximidades, distâncias, deslocamentos e criar grafias que estão e vão ao encontro de criar diálogos com performers e suas respectivas ações performativas.

É como tentar capturar associações mais ou menos recônditas que tornam o processo de descrever ainda mais subliminar quando este é materializado em grafias enviesadas. Tal fato torna a tentativa de entreperformar um processo de investigação e parte de uma metodologia de trabalho, seja na fricção arte-vida, na relação eu-outro e/ou eu-mundo.

Nesse processo metodológico, apreendo estímulos que movem certa autoescritura performativa e espiralam sentidos na relação criada com o/a outro/a, criando assim novos sentidos dialógicos para possibilidades vindouras de articulações teóricas e práticas performativas.

ENTREPERFORMANCES é um convite para perceber e fazer com que as minúcias sejam percebidas.

Dar ênfase àquilo que não estiver em destaque e relacioná-los aos contextos, aos subcontextos, aos submundos, ao mundo, aos desejos e às possibilidades que emergem no encontro com o/a outro/a, testemunhando essa comunhão e criando cumplicidades subjetivas tanto quanto dialógicas e performativas numa relação efêmera.

ENTREPERFORMANCES é ação, é efemeridade, é diálogo temporário, provisório, precário. É performance.

Isso justifica, de certo modo, o entendimento de que, na mesma instância em que realizo uma performance, sou testemunha de outra(s).

E testemunhar me faz querer ainda mais estar em performance.

Estar em performance me conduz à importância de criar relações, vínculos, descobrir negociações e fazer re-negociações.

O que se revela a partir disto é o invisível, impelindo à descrição do instante em que este se torna visível, vem à tona pelo menos aos olhos de quem entreperforma.

O átimo de tempo em que tudo acontece é muito precioso, pois obriga à compreensão de que entreperformar não é puramente um novo processo de criação, mas algo diferente, tão bizarro quanto contraditório, tão perceptivo quanto sensorial.

Trata-se da perspectiva anunciada da experiência de Larrosa (2022) e também tece relações com ações performativas de Abramović (2022) e de Fabião (2015), respectivamente *A Artista está presente* e *Converso sobre qualquer assunto*.

Busca-se explorar as interseções e contrastes de obras e artistas numa abordagem subjetiva onde as convergências, divergências e os dispositivos utilizados para inseri-las e torná-las mundo sejam potências trans**VIADAS**.

Tais movimentos trans**VIADOS** são práticas colaborativas e não estão limitadas ao ato de observar e analisar descritivamente performances artísticas e seus respectivos contextos, mas em escrachar suas fronteiras e emaranhar suas precariedades ativando com isso outras perspectivas relacionais, afetivas e perceptivas que são próprias, efêmeras e revelam mais sobre quem entreperforma do que qualquer outra coisa.

Busco, portanto, aproximar-me, aproximar-te, aproximando-nos de algo que está situado lá onde a hibridez, a efemeridade e a precariedade se tornam pilares que sustentam pontes. No sentido de transcriar nesta ponte (a performance) uma extensão. Mesmo prometendo remeter ao seu ponto de partida, a performance a qual se relaciona não reproduz a sua presença própria, mas a presença do emaranhado de suas entranhas transmitindo, com isso, uma experiência no presente, mas apontada para o futuro, um futuro fluxo que está sempre à espera, em alerta.

Sigo consciente de que as relações **ENTREPERFORMANCES** não têm o propósito de buscar expressar uma verdade perdida ou encontrada na presença de uma testemunha inscrita no passado e bricolada no presente, mas sim de se apresentar com a ascendência de quem trans**VIADA** uma experiência em detrimento de outra. Mas às vezes, o mais importante neste processo é o desenvolvimento afetivo e a sensação de pertencimento/fortalecimento que se estabelece por meio disso, a relação de comunhão criada com determinadas/os artistas e suas obras, especialmente as/os que foram elencados para aderirem a estas páginas.

Permito-me dizer que **ENTREPERFORMANCES** se configura como uma tecnologia vilipendiada, fugaz e sagaz capaz de aumentar o nível de oxigenação nesta encruzilhada para que outras experiências, reflexões e compreensões venham à tona e brotem com todo seu vigor e potência.

É da incessante procura por tornar esta encruzilhada cada vez mais des**VIADA**, mais fértil e propícia para o cultivo, que evoco o entendimento de que as relações

ENTREPERFORMANCES, dentre todas essas coisas já mencionadas, são um rito de passagem que denota a necessidade pungente de deslocamento. Deslocar-me de um ponto a outro e... Encontrar-me. Encontrar-se. Emaranhar-te com Tales Frey, Rafael Bqueer, Hilda de Paulo e Princesa Ricardo Marinelli. Quatro nomes, infinitas experiências e possibilidades de encontros. O encontro. O encontro com o/a outro/a que também é encontrar-se consigo, o que permite evocar a produção de um conhecimento sensível, conquanto ácido em suas entranhas, performativo, conquanto dolorido no entupimento de suas artérias e experiencialmente en**VIADO**, conquanto fortaleceDOR de corpos dissidentes E(M) performance.

[A orgia das constelações conjuntas]

Penso no mundo ora com os pés no chão ora suspensos.
E imagino ser essa uma das mais preciosas poéticas da vida.
Penso estar com os pés assentados no chão - não aterrados.
Penso no mundo e no seu jeito ordenado de ser.
Junto com estes pensamentos, vem o desejo de tentar destituir a monogamia,
impregnada em mim, para me lançar pela primeira vez numa relação a três.
Numa orgia entreteclas tão gostosas que não me deixa cessar o gozo.
Que faz a sensação prazerosa ser interminável.
Frey, Hilda, Gabriel.
Hilda, Frey, Gabriel.
Hilda, Gabriel, Frey.
Frey, Gabriel, Hilda.
Quatro possibilidades. Vem de quatro. Afinidades.
A marmita. O sanduíche. O prazer da novidade. O prazer do que está entre.
Enamoro-me. Enamorado. Enamorando-me.
A soma que também é acréscimo.
Acréscimo que é desafiador.
Afie-se e *Bodyart*.
Bora fazer arte.
Bora relacionar arte.
Meses, dias, horas sendo roubado pela arte da Cia. Excessos, respectivamente Tales
Frey e Hilda de Paulo dentro da tela.
Minutos e segundos intermináveis me sentindo roubado pela tela luminosa.
Cada minuto é desafiadoramente precioso.
A tela luminosa constantemente nos rouba, não é só uma sensação.
A tela luminosa, diariamente, rouba nossas preciosidades. A vida e o tempo.
Arduamente, enquanto sou roubado, pesquiso e reflito.
E concomitante a isso um suor salgado escorre e deixa minha bunda, a cueca, o short,
a cadeira tudo encharcado.
Enquanto vasculho o site da Cia. Excessos percebo-me corpo-cachoeira.
Assisto aos vídeos. Vejo as fotografias.
Leio os textos e as breves descrições.
Observo o céu enquanto me observo e sinto que sou observado.
O suor não para de escorrer, o que me faz atrevidamente me levantar, para que o suor
evapore.
De nada adianta, minutos depois... encharcado novamente.



Encharcada - molhada, não do líquido que jorra do membro desonesto, mas do líquido que brota da pele.

Que nasce do aumento da temperatura interna do corpo e que denota a feitura de algum ato pecaminoso, daquele ato que te deixa com um cheiro inigualável... cheiro bom de inalar.

É assim que essa (nossa) comunhão começa.

Pecaminosamente enquanto espero a evaporação completa do líquido que escorre/percorre meu corpo, com os olhos voltados para o céu, descrevo a captura dessa experiência.

E isso me faz perceber o quanto estou imbuído de uma certa dificuldade em relação à tentativa de capturar uma experiência a qual não vivi completamente.

Queria comer a feijoada do Tales. Resquícios de um sonho que se tornou ação performativa.

Não queria ter um romance violento como Hilda. Mas, mesmo assim, tive.

Assim como Tales, busco construir relações com os trajés. Mas, quais trajés?

Tales Trajes Frey.

Tales.

Trajes.

Trales.

Tralhas.

Estou uma tralha. ESTOU, não sou!

Estou vivendo um rito de passagem.

Um rito que necessita de rapidez, pois somos três mitômanos fajutos/as com pressa de afetar nosso entorno e, uma vez dado o primeiro passo - **A PERFORMANCE É O NOSSO PRIMEIRO PASSO** -, não há como voltar atrás.

O que importa é perseguir aquilo que possibilita união.

O que possibilitou essa união, para além de um simples interesse ou curiosidade.

ELA ROUBA

Perseguir como quem persegue a luz.

Concretamente, o que uniu e mantém unido este trisal é a partilha de seus marcadores identitários e, por vezes, a fuga deles.

Somos três artistas marcados por uma política de epistemicídio, pela esperança saqueada e pela necessidade de nomear a norma.

Fugir das normas não é tão fácil quanto parece. Sei que essa fuga é banalizada lá fora, mas gostaria de reiterar a imensurável dificuldade de escapar das normas.

Fujo porque não tive escolha.

Existem pessoas que fogem por fugir, enfraquecendo a potência dessa ação. Escapar significa entender a norma em suas minúcias.

Essa é uma certeza que todo artista, pesquisador, e sobretudo os artistas pesquisadores, devem ter.

Certamente, não julgo conseguir habitar totalmente esse lugar.

É demasiadamente grandioso, e confesso não estar preparado para tal magnitude. O que faço, na verdade, é não desistir dessa escapatória.

E essa decisão foi crucial para entender que, às vezes, a necessidade de nomear e fazer recortes vem com tamanha pungência que não há escapatória.

Então, diante disso, me sinto obrigado a nomear furtivamente algumas performances, através das quais buscarei fortalecer as relações **ENTREPERFORMANCES**.

Roupas... Sapatos... saias... indicadores... o fato é que Frey organiza suas obras em função de elementos relacionados à vestimenta.

No seu sentido mais expandido possível.

Em pé. Olhando para o horizonte. Algo me atravessa enquanto recebe o meu atravessamento.

A ordem imposta é essa, de baixo para cima.

E o motivo, todo mundo já conhece, é que o de cima sobe e o debaixo desce.

Estado de alerta. Não fugir da norma.

Debaixo para cima então, comecemos...

Tiro meu par de tênis, eles estão sujos e minha meia “branca” possui furos. Arranco-as, bruscamente, dos meus pés e jogo longe. (Thighlighting, 2020).

Imagem 42 - Thighlighting, 2020



Fonte: ciaexcessos.com.br

Preciso dar espaço para outro(s) sapatos.

Desabotoou minha calça jeans sempre suada e com rasgos propositais na altura dos joelhos. Desço-a e com delicadeza deslizo aquele pano meio áspero pelas minhas pernas até ficar de cueca. (Predicativo do sujeito, 2023).

Imagem 43 - Predicativo do Sujeito, 2023.



Fonte: ciaexcessos.com.br

Cruzo minhas mãos e calmamente deslizo a camisa leve e suada pelo meu tronco, essa fricção me gera um arrepio gostoso de se sentir e me lembra da existência dos mamilos, estes agora, por conta do arrepio, enrijecidos como o membro desonesto prestes a cometer alguma atrocidade. (Tucking, 2022).

Imagem 44 - Tucking, 2022



Fonte: ciaexcessos.com.br

Quase seminu. Quase não indica a efetivação do ato. Mas é tão cruel quanto. Antes de efetivar o que deve por condição ser efetivado pego uma saia dupla face vermelha e preta que alguém, não sei quem, colocou atrás de mim e, como quem não espera grandes coisas, coloco-a por cima da minha cueca, quebrando assim a expectativa enfiada goela abaixo. (Sissyparity, 2020).

Imagem 45 - Sissyparity, 2020



Fonte: ciaexcessos.com.br

Visto aquela saia e a face preta foi a escolhida para este primeiro momento. Não que isto signifique a existência de outros, mas nos apresenta ao fato de que (O corpo nunca existe em si mesmo, 2018).

Imagem 46 - O corpo nunca existe em si mesmo, 2018



Fonte: ciaexcessos.com.br

Mas existe em partes, uma parte, uma fração de um todo. Centropernas ou simplesmente Ordem (Araneae, 2022).

Imagem 47 - Araneae, 2022



Fonte: ciaexcessos.com.br

As pernas, não centralizadas, mas nas extremidades, emanam do centro como se brotassem e se estendessem para longe.

Saltos. Salto alto. As pernas formam uma unidade enquanto delineiam uma forma que evoca uma aranha, mas também o ato de arranhar.

No centro, uma imagem se destaca.

É como se uma língua estivesse desbravando o fora.

Como fazemos nos momentos de raiva.

O centro, originalmente uma referência à imagem de uma aranha com a língua para fora, captura minha atenção.

Não há cabeça visível, apenas as pernas, envolvidas sensualmente – sensualmente? – por uma meia que cobre toda a extensão daquilo que brota do centro e se expande para as extremidades.

Qual é a intenção daquelas pernas, dos quatro pares de pernas que se esticam e dobram mediante a necessidade de parecer algo?

Vale ressaltar que parecer não é ser e que os contornos e os centros estão enlutados, basta verificar o fundo e a moldura a qual a imagem está submetida.

Tiro lentamente o que não deixa a coisa desonesta impregnada em mim ficar à mostra.

Tiro e antes de o lançar longe, aproximo-o do meu nariz, cheirando bem na parte mais odorífera.

Inspiro aquele perfume gostoso de se sentir, aquela fragrância que não faz nada além de me lembrar que tenho algo entre as nádegas.

Essa lembrança estimula em mim um movimento aleatório: abro e fecho a pernas e contorço meu quadril para os lados, inegociavelmente, essa ação se converte em performance e:

uma ação em performance quer são muito áridos e difíceis, passando por um processo de demolição de signos, de imagens e de segmentaridades, esburacando as arquiteturas que organizam os espaços e regem os modos de vida. Imagens em performance se configuram em imagens frágeis, abertas e recriações e a proliferações de outras imagens que, assim como Clarice, querem mais terrenos (Bom-Tempo, 2015, p.25).

Estou atravessado por desejos áridos e fissurados.

E o ato de desejar é um exercício de poder porque o anseio para que este impere sempre será maior do que qualquer outro.

O desejo é um movimento incompleto, sempre em negociação e restrito, para os/as dissidentes.

E o que isto significa, no entanto?

Significa entender que o desejo, por consequência de sua incompletude, deve caminhar junto com a esperança.

E esta esperança a qual refiro não é esperar, na verdade é o completo oposto disso, indica ação. Esperança é ação. ESPERANÇAR.

Não sou esperançoso por pura teimosia mas por imperativo existencial e histórico. Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe necessita da água despoluída (Freire, 1992, p.5).

O que torna quem se encontra nesta experiência buliçosa um/a esperançoso/a. Este fator, respectivamente, amplia a percepção de que tal destituição da monogamia - Frey, Gabriel e Hilda - é uma prática do esperar. Sugerindo assim uma realidade tão brutal quanto verdadeira de que se não nos colocarmos neste lugar, o de esperar, continuaremos sendo performances inverídicas no mundo. Eu fui uma performance inverídica no mundo e parcialmente por isso me uniformizei para entender a pungência, ou não, de (des)uniformizar-me.

Obras expostas, mãos à obra.

Obras expostas como eu.

Estou exposto.

Exponho aquilo que julgo ser (des)orientador. (des)orientado.

Aprofundar-se (me) na rebeldia que em nós, sempre nós, lateja.

Frey expõe a si próprio por meio de suas obras. Nomeei as seis obras entreperformadas.

Nomear. Quase nunca é sobre isso.

Quase nada verdadeiramente interessante é sobre isso.

Difícil nomear o que é potencialmente híbrido, fugaz e sígnico.

Encontro não um nome, mas o que julgo ser o encaixe perfeito para aquilo que diante de meus olhos se torna possibilidade crítica de vida.

Estratégias presentes no limi(ar)te.

Dois indumentos pretos se destacam com um contorno fosforescente, cativando tanto os olhos quanto a imaginação. Este contorno oscila entre o branco e o vermelho, sempre presente como uma espécie de delimitação. Frey explora meticulosamente as extremidades desses objetos, que guardam em suas entranhas radiculares semelhança com o membro desonesto, sua visibilidade inteiramente dependente da cor da luz que incide sobre eles. Em outras palavras, operam de maneira simultânea, sendo a cor da luz determinante para destacar seus contornos. Se a luz é branca, o contorno é branco; se é vermelha, torna-se vermelho, e assim por diante, graças a várias gelatinas que permitem essa coloração. Os movimentos são delineados no espaço pela combinação do artista com o indumento. Ao término do experimento Frey, até então um só corpo como objeto objetificado, pendura-o em cabides, colocados em um expositor de dois metros.

Existe alguém que está no comando dessa silhueta que muito se assemelha e talvez por isso seja o próprio membro desonesto materializado e este alguém é sempre empregado no plural.

Quem ou o que está no comando? Quais são os comandos que recebemos e, justamente por não participarmos da sua criação, repudiamos?

Frey conseguiu se livrar e pendurar.

Após isto a audiência que se aproxima deste indumento pode usufruir de sua capacidade irremediável de movimento relacional.

Pendurar, no sentido empregado por Frey, significa dar vazão para que brotem novas experiências.

E vazão para revelar as infinitas possibilidades de indumentar e se relacionar com a obra de arte em questão.

Mas não seria esse o grande propósito? Revelar o completo descontrole? Revelar o que fazem questão de deixar oculto? Fazem mesmo?

Músculos, veias, pelos e dois pés que não tocam completamente o solo. Ele não está completamente em contato com a plataforma branca e certamente fria. Os calcanhares estão suspensos, enquanto um objeto pontiagudo de cabeça achatada penetra e é penetrado pela sola dos calcanhares. Os calcanhares deste par de pés estão envolvendo a parte pontiaguda. A imagem remete-me a quando estamos tentando engolir algo indesejado, mas sempre encontrando maneiras de engolir até mesmo sem mastigar. Visivelmente desconfortável, dolorido e rachado, há fissuras por toda a extensão dos pés, que se transformam em rugas. É importante notar que a pele que envolve a cabeça pontiaguda e dolorida do prego é composta por uma fina camada de células mortas, o que a torna mais espessa e mais difícil de ser rompida ou machucada. Seria esse o grande trunfo? Não há sangue escorrendo. Mais verídico seria se escorresse. O equilíbrio é fundamental ou se equilibra ou se machuca. Esses são os caminhos oferecidos. Ao olhar para baixo, vejo meus pés, e vê-los me faz recordar o dia que me (des) uniformizei. Que caminhei pela Avenida Minervina Cândida de Oliveira no propósito de depositar, naquele chão que machucava meus pés descalços, toda a esperança que ainda me restava.

Imagem 48 - You have to suffer to be beautiful (2018), Tales Frey



Fonte: ciaexcessos.com.br

Ao depositar aquela camiseta no asfalto, ao sentir o coração acelerar devido ao medo de ser atropelado ou algo do tipo, olho para cima, como quem clama por mais um tempo ao céu. Era um fim de tarde avermelhado, que pela vulnerabilidade que o momento gerou em meu corpo, acessei a outra face do emaranhado de tecido. A face vermelha. Imagino-me como num sonho; estar vestido com aquela saia, vistosamente vermelha, cor de sangue, cor de amor, cor! Era como se aquela saia se expandisse e tornasse o asfalto uma avassaladora imensidão vermelha.

Tenho um Déjà vu.

Pisco.

Piscar é importante, lubrifica.

Produzir seu próprio blecaute.

Blecaute é a fuga de quem está saturado.

No bolso sempre carrego comigo uma imagem que me possibilita voltar destes incontroláveis blecautes.

Imagem que possui cor, forma e textura.

Não criada por mim, mas atravessada por um desejo insaciável.

Estou vestido com saia vermelha.

É uma imagem que captura um movimento enquanto indica outros.

Sou capturado pela bunda tatuada.

É importante sempre reparar as coisas mais de uma vez, quantas vezes for necessário, uma porção de vezes, um emaranhado de vezes, as vezes necessárias para que os detalhes sejam capturados.

A bunda está em evidência tanto quanto a tatuagem e, ora se apresenta com uma meia-calça vermelha, ora preta.

O mesmo acontece com os sapatos, ora de salto vermelho, ora preto. “Móvel e levemente molhado, o corpo nunca fica parado sobre isso. Vai cedendo aos poucos, sem perceber, e logo está com os pés inteiros dentro” (Renan, 2016, p. 96). O poder político de estar calçado, preparado para se mover e...e...e... na verdade estar imóvel. É de fato uma imobilidade ou a captura silenciosa e momentânea daquilo que está em constante movimento e se movimenta como nunca?

As formas me convocam.

Os membros, aqueles ditos honestos, me convocam a expandir minha percepção acerca daquelas formas, propositalmente formadas.

Há algo de branco na imagem que me incomoda, me provoca enjoos.

As formas saltam daquela emaranhada saia vermelha e a bunda tatuada cumpre seu papel de ação que escapa.

Escapou e apareceu a bunda.

Escapou e meticulosamente a tatuagem da bunda se pôs à mostra.

E provocou saliva. Fez brotar da pele as gotas que nos permitem rememorar aquele momento divinamente maravilhoso.

Nos deixando fugazes às sombras que, sorrateiramente, se fazem presente, a depender do ângulo e de onde se olha.

Ao ver a imagem que é a própria obra, percebo a existência delas, as sombras. Estas, singelamente, criam uma narrativa entre o corpo do performer e a sombra projetada no fundo branco,

Criando assim pontos de fuga da obra e - por que não? - do olhar.

Percebo-me pensando na importância desses pontos. O que sinto ao notificar-me sobre a existência deles? Esvaio-me nesta conclusão ou na certeza de que imagem e sombra estão ali para denotar um certo sentido de completude?

Algo que completa o outro.

Algo que estranhamente completa aquilo, que no primeiro plano, já se fazia latência. O que sinto ao ver o braço de Frey erguendo-se rigidamente e tornando-se evidente naquele mar vermelho é uma sensação que não sei definir. Não precisa.

Vejo um corpo lidando com a vulnerabilidade extrema de ter que equilibrar-se.

Semiescondido pelo pano vermelho, que é saia e tantas outras coisas, para manter suas pernas eretas, resgato meus (des)equilíbrios. Equilibrando-me, equilibrando-se. Não é possível viver equilibrado o tempo todo.

A linha tênue que divide essas duas instâncias que denotam o início da desordem total, da perda absoluta de consciência e de sentido.

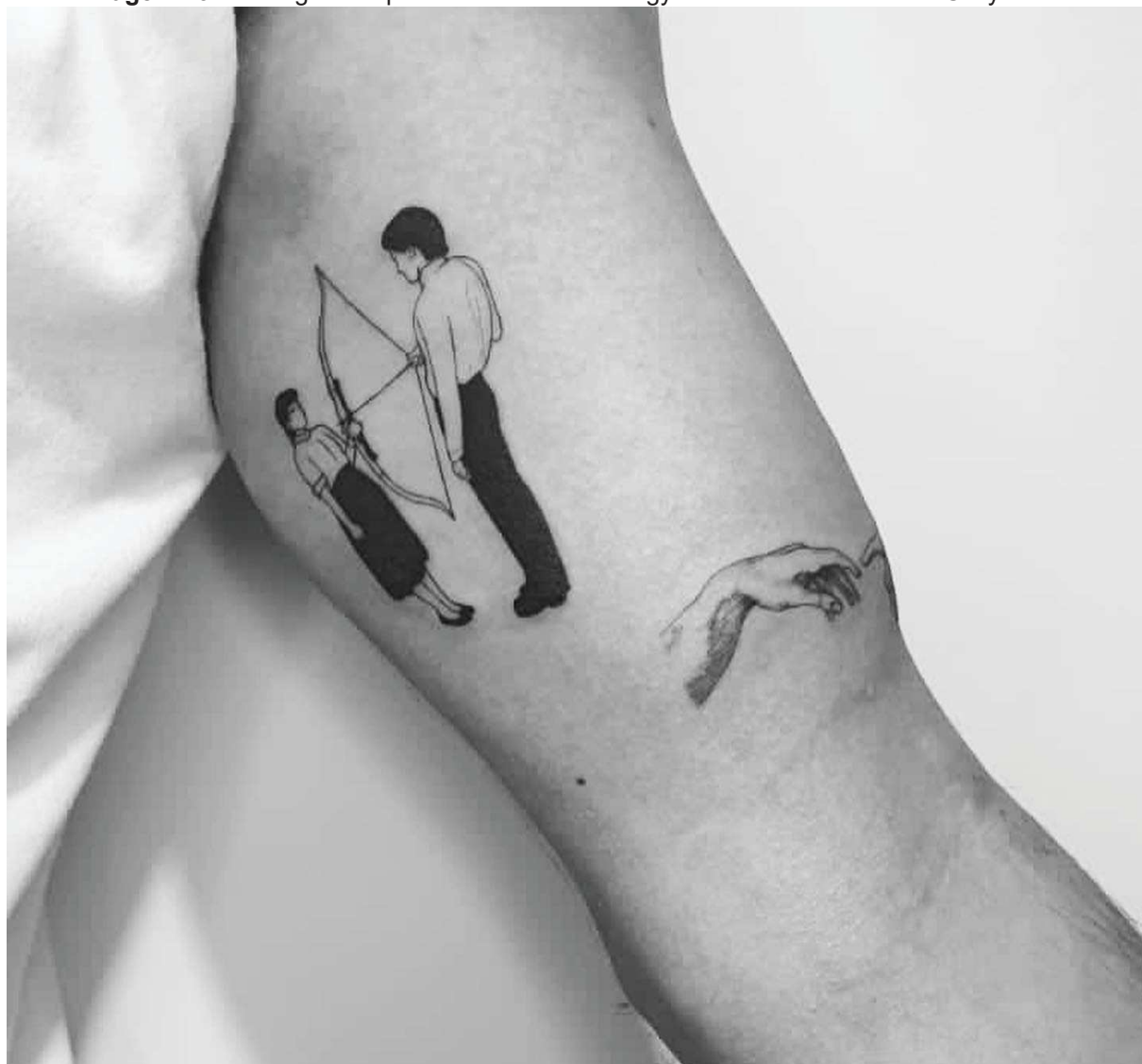
O tempo, nesse processo de tentar equilibrar-se, assume outra dimensão, constituída por um duo: os afetos derivados do tempo já vivido na permanência do não questionamento e os ecos do/no espaço-tempo.

Uberlândia, 22 de julho de 2024.

Querida Hilda,

Escrevo esta carta porque fui profundamente impactado pela sua arte. Não vim a este mundo a passeio e acredito que você também não. No entanto, as marcas violentas de amar e ser amada nos unem, além de sermos artistas-performers. Gostaria que esta carta fosse para nós um refúgio, uma possibilidade de nos fortalecermos e, ao mesmo tempo, uma certeza. Certeza de que não estamos sozinhos. Ah, mas você tem o Tales, né? Eu ainda não tenho ninguém. Embora nossas artes nunca tenham se entrecruzado pessoalmente, sigo convicto de que isso não é um impedimento para dedicar-lhe esta carta. Você tem razão: amar alguém é a violência mais cruel que cometemos contra nós mesmos. Amar é um tormento que marca o corpo, o espaço e o tempo. Fiz a tatuagem da performance Rest Energy, de Abramovic e Ulay, justamente para marca isto em mim. Ela significa a entrega, o amor e a dor. Perigo.

Imagem 49 - Tatuagem da performance Rest Energy de Marina Abramovic e Ulay.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

*Instintivamente, procuro as marcas no seu corpo porque já não encontro espaço propício no meu para mais marcas. Diante disso, você decidiu transformar a frase “Romance Violentado” numa performance, tatuando-a em seu braço. Isso me fez acessar poeticamente tantas memórias que, sinceramente, até agora não sei se consegui lidar com todas elas. Nosso corpo é uma tela que acolhe grafias. Atormentado por essas memórias, decidi performar também, tatuando em meu braço um veado geométrico, e desde então venho exercitando a capacidade de nunca esquecer quem sou, um **VIADO**. Mas a verdade, Hilda, é que suas performances com tatuagens, sei que você possui várias, e a percepção das grafias não tatuadas em seu corpo me fizeram acessar um dos amores mais genuínos da minha vida: o da minha irmã. Temos uma tatuagem de irmandade, duas pessoas se abraçando que formam um coração. Chamei essa ação de “Performance do afeto eterno e verdadeiro”. Está aí outro ponto de união entre nós, você também tem uma tatuagem nesse intuito com sua amiga Suzana, estou certo? E pasme, Hilda, porque eu também fiquei pasmo: fizemos nossas tatuagens exatamente no mesmo lugar na nuca. Não é fabulosa essa conexão inconsciente? O inconsciente nos forma enquanto nos aproxima. O que parece não só fazer todo sentido do mundo, mas também abre portas imensuráveis de reflexão. E essas reflexões ajudaram-me a entender um ponto crucial para mim e para a pesquisa que realizo aqui na UFU: afirmar o sujeito que venho entendendo e me tornando. Não sei como é para sua família, mas venho de um núcleo familiar onde tatuagens não são vistas com bons olhos.*

Imagem 50 - Romance Violentado, 2010.



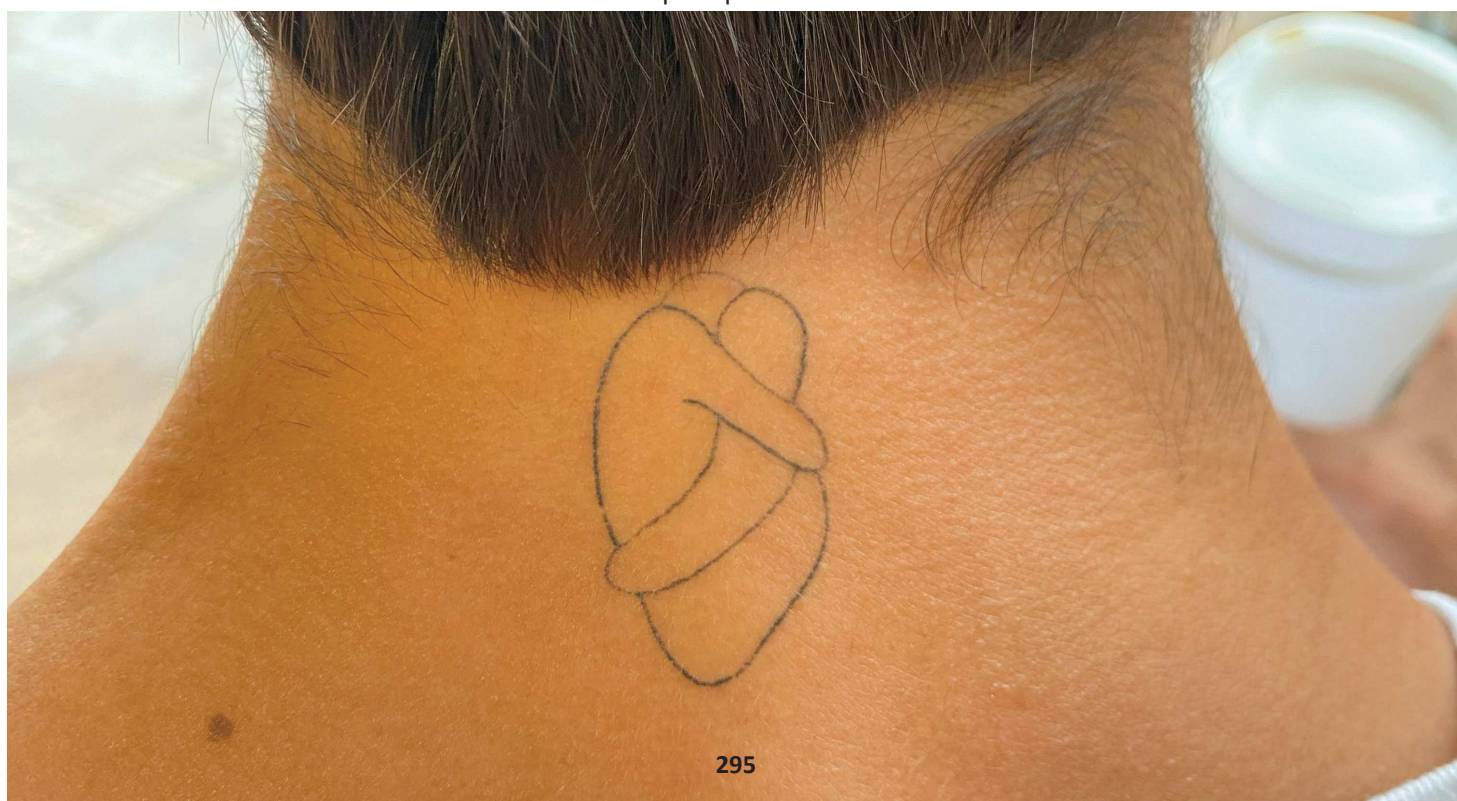
Fonte: <http://ciaexcessos.com.br>



Imagem 51 - Registro fotográfico da AÇÃO #4: [NÚ] CORPO
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 52 - Performance do afeto eterno e verdadeiro.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Há então, nesse sentido, uma percepção muito valiosa que sua obra me oferece, que é acreditar na regência que o inconsciente exerce em nossas vidas e na rebeldia contra tudo aquilo que massacra os modos de existir e ser no mundo. O que quero dizer com isso é que me colocar afetivamente diante de suas obras possibilita embarcar numa profunda relação não só com a narrativas de um sujeito passado, mas sobretudo com as possíveis narrativas de um esperançoso eu-futuro. E tudo o que falo e faço é a partir dessa perspectiva. De como nos fortalecemos em si e nos outros. Em como a arte de outras artistas, como você, pode auxiliar num processo que é muito maior do que o estético ou de apreensão dos signos e significados da obra de arte.

Por algum motivo, que eu sinceramente ainda não consegui localizar, embora tenha certeza de sua existência, suas obras me levaram para este lugar e isto foi vital para mim, e aqui estou, tatuando em meu ombro dois homens num beijo profundo, aprofundando-se em beijos enquanto lhe escrevo esta carta.

*Com carinho e admiração,
Gabriel Andrade*

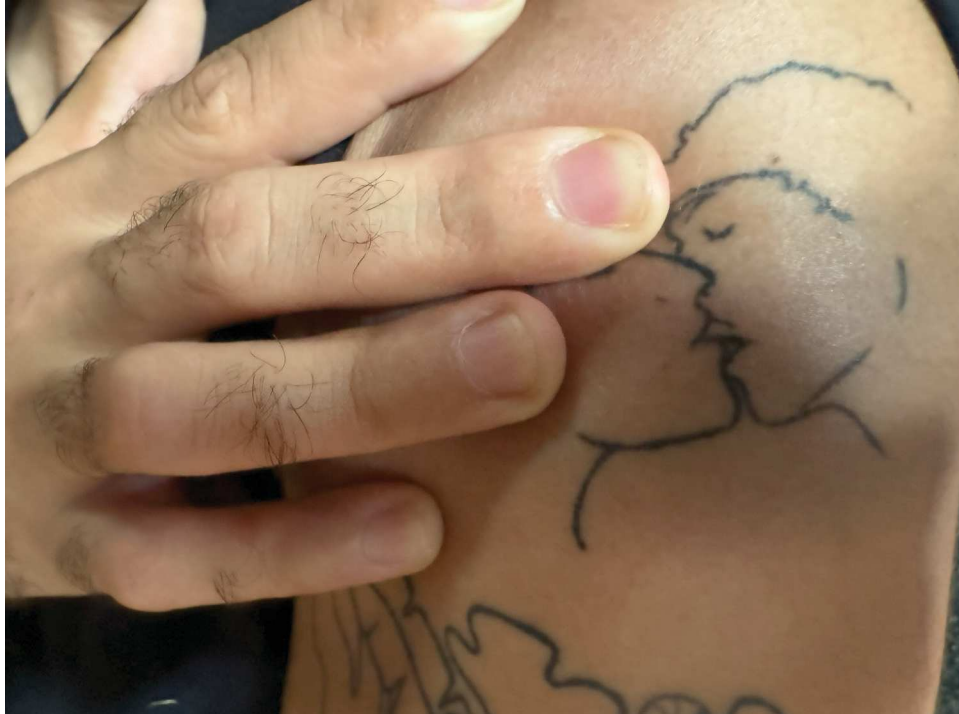


Imagem 53 - Tatuagem no corpo do autor.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

[Entrequedas e tome um chá]

Em junho de 2023, fui a Belém do Pará/PA, e participei do XII Congresso da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em ABRACE *Artes Cênicas na Amazônia: saberes tradicionais, fazeres contemporâneos*. Em um dos desbravamentos pelas ruas da cidade, fui atravessado pelas obras do artista paraense Rafael Bqueer. A visualidade transcendendo para o desencadeamento de reflexões necessárias e plausíveis sobre a sociedade violenta e excludente em que vivemos foi a primeira potência que me saltou aos olhos. Isso estimulou-me a querer estabelecer um olhar afetivo e relacional especialmente com a obra *Alice e o chá através do espelho*, exposta no Museu de Arte Moderna da cidade do Rio de Janeiro (MAM - Rio), mas que me foi apresentada no Pará, pelo celular, entre uma cerveja e um carimbó.

Imagem 54 - Alice e o chá através do espelho



Fonte: Museu de Arte Moderna (MAM - Rio)

Um horizonte. Uma fronteira. Divisão entre duas imensidões. Uma azul e branca, outra predominantemente marrom. Outra, odoriferamente, marrom. Duas dimensões. O céu azul, urubus voando. O lixo marrom, faíscas amarelas e rosas. Jogo com cores, objetos e congelamento. Essa imagem tem cheiro, sabor, impregnação. Um pneu escorado no que parece ser um isopor. Este, mesmo aparentemente frágil, sustenta

o peso de um pneu. Redondo, preto e sem câmara de ar. Um pouco sujo. Batom azul, olhos vidrados. Em primeiro plano, uma corpa desperta atenção, essa trajada de vestido azul, avental branco, longas meias brancas, um par de sapatilhas pretas.

Segurando, em sua mão direita, uma xícara de chá. Chá? Que horror! O lado direito me desperta horror. Atrás, um sofá encardido, rasgado, torto e sem um dos braços compõe o entorno da figura principal da obra, Rafael Bqueer. Imagetivamente, a primeira associação que fazemos é com a personagem Alice, do romance *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, de Charles Lutwidge. Mas, ao entender os meandros da obra, percebe-se que não se trata somente disso. Na verdade, essa compreensão expandida nos faz considerá-lo como um dispositivo performativo de acesso usado pelo performer. Criador e obra, concomitantemente, fazem referência a Jorge Lafont, que desfilou no abre alas da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis em 1991, trajado da mesma personagem.

A descrição da fotoperformance de Bqueer, nesse sentido, se torna um exercício inviável de se fazer somente com duas mãos. Justamente pelo fato de referenciar a comunidade LGBTQIAPN+ e ao seu movimento de resistência, luta e discussão que ganharam força, aqui no Brasil, graças ao suor e ao sangue de artistas como Vera Verão, que na década de 1980, abriram fissuras para que estes debates chegassem, de algum modo, à grande massa social. Dentro dessas possibilidades problematizadoras, descritivas, imagéticas e relacionais aproximo a este contexto a tentativa de descrição da performance “CONVERSO SOBRE LGBTfobia”. Caminhar do terminal central de ônibus de Uberlândia até as proximidades da Escola Estadual Messias Pedreiro, munido de duas cadeiras e uma placa na qual está escrita o título da ação. Ao chegar no local determinado, dispor as cadeiras uma de frente para outra, segurar a placa e esperar.

Este foi o programa que guiou, em certa instância, a experiência. Parede branca chapiscada, duas cadeiras de metal tingidas de branco, uma ocupada e a outra não. Vê-se à esquerda parte do tronco de uma árvore esguia e isto é o bastante para imaginar e sentir a sombra fresca naquele dia ensolarado. Os braços apoiados na placa fazem com que seja percebido, sutilmente, na camisa, os resquícios de cor da bandeira do movimento LGBTQIAPN+. O boné com a aba para trás e o pé apoiado no suporte da cadeira me fazem ser confundido com o coletivo de estudantes do Ensino Médio, participantes da ação. A imensidão presente está refletida nos meus olhos que procuram abrir um campo de diálogo em relação ao que segrega, inferioriza e violenta as dissidências sexuais. A emergência se apresenta, não basta performar, é preciso (d)escrever. Abrir campos de diálogo para além da experiência efêmera da ação performativa. Com isso, pretendo acionar aproximações e distanciamentos entre estes artistas, performances e seus respectivos dispositivos.

Gabriel.

Rafael.

RafaelGabriel.

GabrielRafael.

Ambos anjos e performers.

Anjos e dissidentes sexuais.

Anjos e gays e **VIADOS** e bichas e como queiram chamar.

E para reforçar que se trata de uma soma e não de uma coisa ou outra, muito menos de uma diminuição. Já basta diminuir nas outras esferas. Já basta! Não precisamos diminuir, muito menos nos enquadrar.

Embora os discursos políticos, que mobilizam as categorias de identidade tendam a cultivar identificações a serviço de um objeto político, pode ocorrer que a persistência da desidentificação seja igualmente crucial para a rearticulação da contestação democrática. De fato, pode ocorrer que tanto a política feminista quanto a política queer sejam mobilizadas precisamente através de práticas que enfatizem a desidentificação com aquelas normas regulatórias, pelas quais a diferença sexual é materializada (Louro, 2022. p.198).

Ah... sou **VIADO**, portanto não sou bicha.

Ah... como gosto de calça jeans e camisa de gola polo, sou gay e não bicha.

Ah... como sou o ativo da relação, sou menos gay.

Ah... como não beijei na boca, continuo sendo hétero.

Ah... e ah... ou ah...

Ah... que polêmica.

Ah... que babady.

É em momentos como estes que entendo a importância de conversar sobre LGBTfobia.

Uma personagem loira dos olhos verdes, branca.

Um coelho, branco.

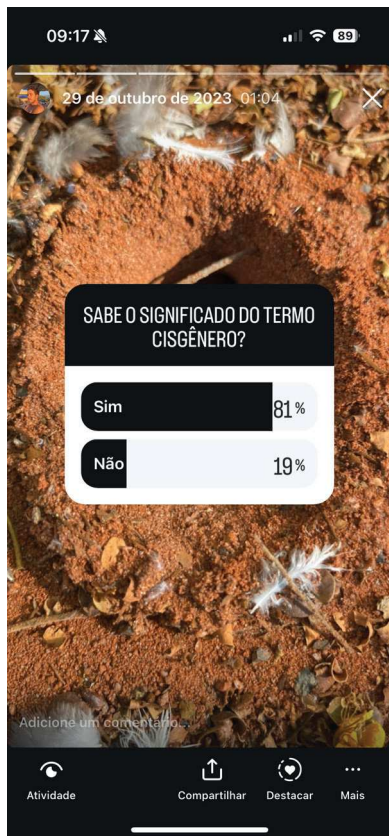
Um chapeleiro, branco.

Uma rainha vermelha, branca.

Uma rainha branca, branco.

Quanto branco. QUANTO BRANCO. Quanto branco no Brasil!

É em momentos como estes que entendo a importância de se trajar de Alice e oferecer um “chá”.



Cartografia Distópica

Para escrever, se identifique. Para performar, se identifique. A primeira coisa que deve ser feita é se identificar/enquadrar.

Quem lê/vê precisa saber. Saber o quê? O que você, leitor, precisa saber de mim?

Para credibilizar meu escrito, minha performance? Retomo a pergunta. O que você precisa saber de mim?

Já ouvi isso, infinitas vezes. Já fui descredibilizado por isso, infinitas vezes.

Sou GAY.

Sou BIXA.

SOU CARYCATAH.

SOU.

Mas agora, por agora, especialmente agora, ando gostando de ser **VIADO**.

O fato é que a todo momento esbarro nessas questões de me enquadrar, de ter que ser alguma coisa para que os sujeitos/as/es se voltem para aquilo que produzo.

Desejo uma vida de paz. Desejamos paz. Desejantes por uma vida, em paz.

Quem tem paz? A que paz nos referimos? A quais sujeitos é resguardado o direito da paz?

SUJEITO. SUJEITOS

Não ter barreado e acrescentado as e es nas palavras acima, por si só, já é uma resposta e tanto. Um tanto de respostas. Um tanto de conclusões que podem ser tiradas com essa omissão.

Está vendo que nesse sentido a ordem altera o resultado? Perceba que se a ordem for alterada o resultado passa a ser inexistente. Te desafio a encontrar uma sujeita em paz. Desafio a achar um sujeito em paz. Desafio-te/me a encontrar algum ser vivente que esteja no lugar transgressor face às normas de sexo e gênero, em paz. Está lançado o desafio.

SILÊNCIO.

Depois dessa proposição é preciso silêncio. Diante deste silêncio. E ainda procurando agulha no palheiro. Questionando a existência de e reafirmando a (R)existência de. Retomo a pergunta: Por que é tão difícil tomar posse desta agulha?

CERTO DIA, EM UM MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO NA SALA DOS PROFESSORES DA ESCOLA ONDE TRABALHO, UMA PROFESSORA, EM TOM PROFÉTICO, ME ACONSELHOU A "TOMAR POSSE" DA MINHA HETEROSSEXUALIDADE. ESTUPEFATO, A ÚNICA RESPOSTA QUE CONSEGUI DAR FOI SUGERIR QUE ELA PROCURASSE UM "VARÃO PIROCUDO" PARA SI. FUI ALÉM E AINDA DISSE PARA ELA TER CUIDADO PARA NÃO ENGRAVIDAR E ACABAR TENDO UM FILHO DE OUTRO PAI. ESSA FOI UMA DAS PRIMEIRAS VEZES EM QUE ME DEI CONTA DE QUE, EM ALGUMAS SITUAÇÕES, O ÚNICO RECURSO POSSÍVEL É REVIDAR À VIOLÊNCIA.

Por que é tão difícil colocar linha na agulha? Amarrar a linha fina, vulnerável, naquilo que perfura, machuca, faz sangrar. Naquilo que junta partes, une, ainda que vulneravelmente, partes de um todo. Sangrar. Volto-te/me aos dispositivos. Dispositivos são “[...] máquinas de fazer ver e de fazer falar” (Deleuze, 1990, p. 155).

SOMA. ACRÉSCIMO. FALAR, SOMA. DIZER, ACRÉSCIMO.

Ao deparar-me com estes dispositivos, penso em performance.

Dispositivos performativos.

Ao deparar-me com os dispositivos performativos, aciono tecnologias: de acesso, de defesa, de resistência e luta, de distanciamento, de encorajamento, de possibilidades de existir.

E afinal de contas, o que são possibilidades de existir?

Aplico o plural nessas palavras, pois para mim, ao se tratar de dissidência sexual, não faz sentido pensá-las no singular. Transgressores das normas nunca serão somente uma coisa.

São, portanto, a soma da coletividade. De uma esfera de seres que resistem pela e por sua condição de vida.

Rafael está munido de um dispositivo milenar, a fotografia.

O presente capturado que nos permite estar e pensar no que passou, no que está porvir, no que está em devir.

Exposto numa parede, certamente branca, Bqueer se encoraja e encoraja.

Centenas de pessoas, diariamente, de frente com a arte Rafael Bqueer - e por que não? - de frente com Bqueer.

Uns preferem estar de frente com Gabi, outros com blogueirinha.

Eu prefiro estar de frente com a precariedade de Bqueer.

E isso me faz compreender que todos nós estamos incluídos nesse sistema excludente. Inclusive Gabriel, que usa como dispositivo os lugares onde as pessoas realizam suas atividades cotidianas, local de ação direta, de interações pessoais imediatas; o que ocorre nesse espaço é urgente e aberto para todos e pertence a todos nós.

Um terreno de encontros onde tanto a ordem quanto a imprevisibilidade reinam juntas, criando um ambiente delirante e estimulante.

A quem interessa a arte que é feita com esses dispositivos?

Poderia simplificar e dizer que interessa a todos, mas essa afirmativa não seria real. Não quero reduzir a luta contra as normas cisheteronormativas a todos.

Perceba que, nesse sentido, todos se tornam uma redução e não uma soma.

Todos se tornam utopia, uma verdadeira ficção construída no imaginário de parte das pessoas e que só faz justificar ainda mais violências contra os nossos corpos dissidentes. O verbo aceitar não entra nesse fluxo.

Na verdade, em nenhum outro fluxo dissidente.

A identidade de gênero de um sujeito não se assemelha a um item para ser aceito ou não.

A grande problemática está aí,

Pois parte da sociedade acredita veementemente em tal proposição.

E é por isso que acredito ser vital produzir conhecimento sobre as violências de gênero.

“- Como foi se assumir pra sua mãe, amigo, ela te aceitou? E seu pai? Apanhou?”

Perceba: uma fala tão curta, resumida a perguntas estratosféricamente individuais demais... doloridas demais... traumáticas demais... para serem tratadas de qualquer modo.

Imagino que a recomendação para articular minhas performances à de outros artistas esteja nessa esfera de percepções.

Para que só depois de ser materializada, a pulsão conjunta **ENTREPERFORMANCES** consiga aumentar as possibilidades de sobrevivência e fortalecimento do verbo lutar, resistir.

É desse modo que vejo o que faço.

É desse modo que trabalho naquilo que vejo.

Ver é diferente de observar.

Eu não observo. Vejo, mas não observo.

Seria doloroso demais observar.

A realidade de todos nós, dissidentes sexuais, é uníssona.

Embora estejam e sejam articuladas de modos distintos, variados, diferentes, o que entoa é exatamente a mesma nota.

Qual é o preço de tocar essa nota?

Estar exposto, vulnerável.

A coragem se amplia. Ampliar. Quem participa também é ampliado.

E aos poucos essas notas amplificadas vão formando redes.

Tecidas com fios que, até quando se rompem, não abandonam sua rede.

Dois **VIADOS**. Dois **VIADOS**?

E uns instantes que devem ser compreendidos “[...] não como um “ato” singular ou deliberado, mas, em vez disso, como a prática reiterativa e citacional¹⁴ pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (Louro, 2022. p.195).

Decididamente dissidentes sexuais e questionadores da cisheteronormatividade. Calculadamente promissores de um mundo em que haja mais pontes. (Cis) tematicamente perseguidores das desobediências de gênero.

¹⁴ “‘Citacional’ e ‘citacionalidade’ (em inglês, ‘citacional’ e ‘citationality’), como a autora deixará claro, são conceitos utilizados por Jacques Derrida. Eles aparecem exatamente nessa forma em pelo menos uma das traduções de Derrida: ‘assinatura, acontecimento, contexto, in Derrida, s.d. (por exemplo, p.428)’”. (Louro, 2022. p.195).

Expansão.

Somar essas performances é o mesmo que as expandir em suas esferas cinéticas para construir pontes de união.

Cineticamente as forças que tratam de movimentar e unir os corpos E(M) performance, tanto de Rafael quanto de Gabriel, são plurais e equivalentes.

Se equivalem nas consequências de serem aquilo que a sociedade não quer que elas sejam.

Se equivalem no grito não dado.

No sabor não sentido.

Na opressão canalizada pelo “amor”.

No cuidado velado por preconceito.

Ao escolher realizar a performance na rua, reforço ainda mais a vulnerabilidade do meu corpo.

A rua deixa marcas.

A rua te marca.

A rua te deixa apropriado de si e faz tecer-se em e com esferas inimagináveis.

Lá embaixo, rua. Urbanidades.

Aqui de cima vejo, observo, leio e escrevo enquanto penso.

Parede marrom.

Vertical e horizontalmente marrom. Tijolos.

Esburacada, vários buracos tecem desenhos, formas, formas geométricas que me comunicam.

Me lembro de ter um veado geométrico grafado em meu braço.

Tatuagens.

Me lembro de transgressão, dor, silenciamento, choro.

Aquelas formas, a minha forma faz enxergar a paisagem de árvores verdes através das fissuras quadradas. Enquadradas.

Quadrados vazios, estes me interessam.

Quadrados preenchidos, estes me interessam.

O interesse nos vazios está em preenchê-los e nos preenchidos em esvaziá-los.

No meu caso, o interesse está em me preencher.

Ao conversar sobre LGBTfobia procuro entender-me, e entendendo-me espero nutrir-me.

Ao entreperformar-me com Bqueer procuro ampliar os entendimentos e as perspectivas para fortalecer uma rede existente.

Rede rizomática.

Rede de subjetividades.

Rede de interseccionalidade.

Rede de vazios.

Com espaços a serem preenchidos e/ou esvaziados.
Mas, independente de estar ou não preenchidos,
Espaços vazios.
Espaços nutridos pelo(s) vazio(s).
Inserido(s) numa redoma não protetiva.
Na verdade, não quer(em)o(s) ser protegido(s).
Não quer(em)o(s) precisar ser protegido(s).
Vulneráveis.
Vulnerabilidade.
Vulnerabilidade amplificada.
Dois mil e vinte e quatro. Dois mil ou vinte ou quatro.
Antes do ponto final dessa relação **ENTREPERFORMANCES**.
Final mesmo, o que marca o fim de um emaranhado, gostaria de fazer aquilo que todo artista honesto faz, roubar.
Roubo a ideia pela qual recentemente me apaixonei, que é a de “Cair até inventar onda” (Riscado, 2023).
Cair como fascínio da vida.
Cair como inerência da vida.
Cair e...
Independente do que tenha acontecido...
Estar em pé. Ereto. Esguio.
E depois, como inerência, cair.
Quando caio o chão pensa em mim.
Mas não necessariamente quando o chão pensa em mim, caio.
Nem sempre que caio, entrelaço.
Mas sempre que entrelaço, caio.
Então me resta esperar pelo estrondo do tombo.
Alguém grava e me manda, por favor!

[Ecos de um quase (*in*)visível]

Sempre somos impelidos a pensar naquilo que somos ou deixamos de ser.

Quando, na verdade, o movimento que se instaura é o de ser quase um monte de coisas, justamente por causa da provisoriedade e precariedade de tudo à nossa volta. E a aceitação de ser ou deixar de ser determinada coisa nos faz operar numa binariedade.

Mas e quando não conseguimos escapar da necessidade, nem que seja provisória, de dizer que somos algo e com isso excluir, provisoriamente, todas as outras possibilidades?

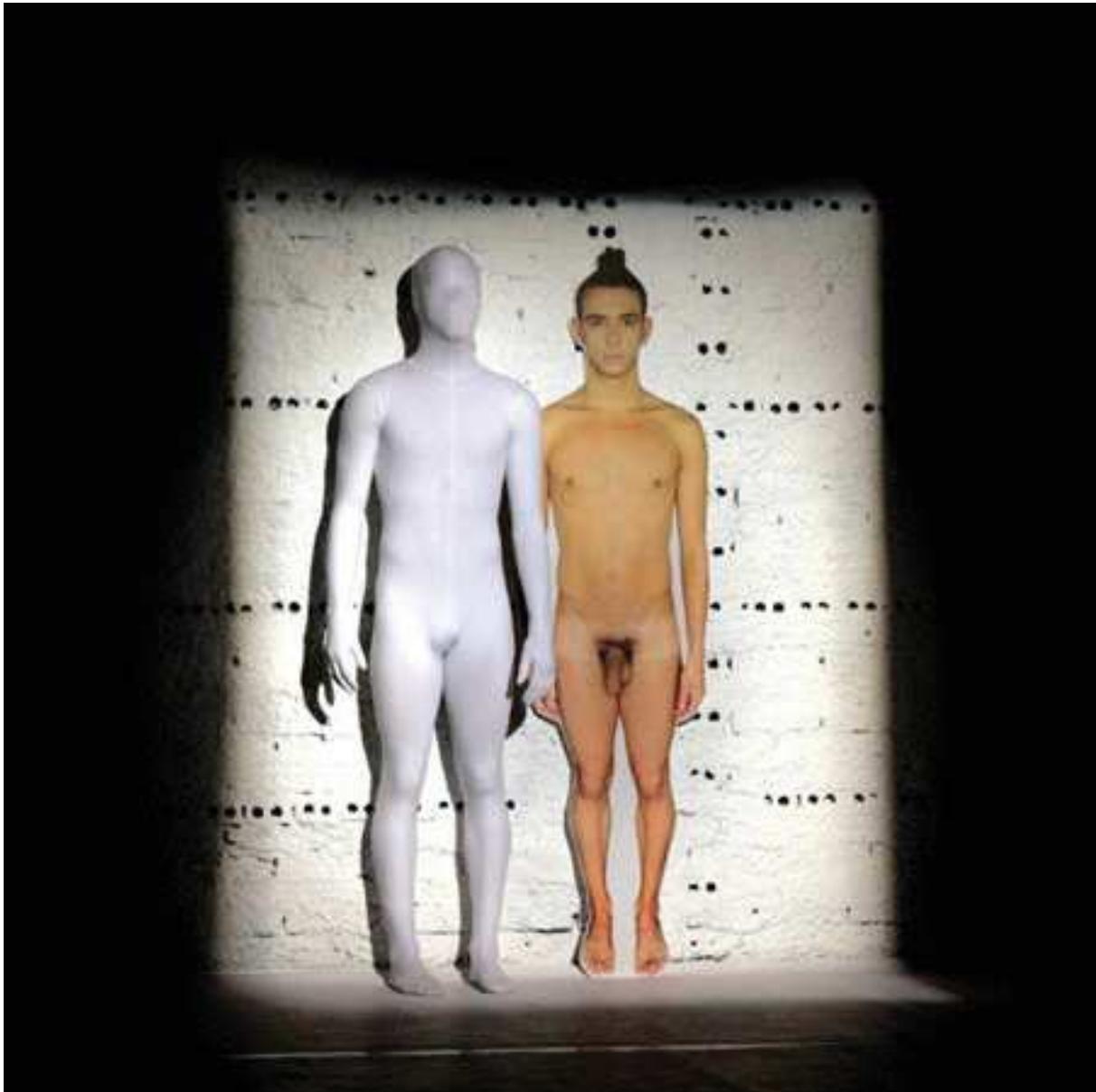
Existem infinitos modos de operacionalizar essa binariedade. Só consigo dizer que sou alguma coisa mediante anular a certeza de que não sou outras infinitas coisas.

E se, porventura, desvia-se dessa binariedade, desse modo de operar a lembrança, o caminho trilhado passa a ser inválido, ou melhor, invalidado e mais que isso anulado, ou seja, se não possui a certeza de quem você é rapidamente a margem te espera, a vulnerabilidade te alcança e a violência te atinge.

Se você não se encaixa em nenhuma das normas que a sociedade impõe numa fração de segundos...

Você sente o abraço da morte.
Sentir o abraço da morte pela sua condição de vida.
Arrepio. Sensação não tão boa de se sentir.
Essa inevitavelmente foi a emoção que me abraçou ao me deparar com a obra Quase nua, da Princesa Ricardo Marinelli.
Por alguns minutos ou por longos minutos, senti a agonia do abraço da morte e também da verdadeira realidade de que a qualquer momento ela pode me atingir.
Todavia, a obra literalmente ultrapassou essa sensação.
Para mim, aqueles movimentos, aquelas cores, aquela performance são um convite a pensar a dimensão do QUASE.
Quase fui abraçado pela morte.
Quase fui **VIADO** por muitos anos.
Quase desisti do suspiro vital.
Quase não dá tempo de sentir o prazer imensurável de ser **VIADO**.
Quase me fiz e refiz muitas vezes.
A indagação titular da obra da Princesa Ricardo me fez perceber que ser quase alguma coisa é a inerência de uma vida dissidente e, na mesma instância, afirma que não é ser, o que pode parecer óbvio, mas não é.
Tal dimensão significa, para mim, dor e trauma.
A educação é um trauma.
A pedagogia mais usada é a do trauma.
Não há como escapar. Não vejo possibilidade (válvula) de escape.
Não fui educado para quase fazer determinada ação.
Não fui educado para quase ser alguém. Quase ser alguém na vida.
Para realizar uma quase performance, uma quase briga, uma quase incontáveis outras experiências.
Fui educado para operar na totalidade ou na completa falta.
E derrubar essas fichas têm acionado movimento internos em mim um tanto quanto delicados.
O famoso e vigente 8 ou 80. Ou simplesmente ignorância.
Tento fugir disso e, no momento que assisto Quase Nua, me questiono sobre a necessidade de definir minha identidade de gênero.
“- Patifaria o que esses gays estão fazendo, isso não existe, tem que saber o que é. Aí um dia comprimento o sujeito com uma mulher do lado e no outro ele está agarrado com macho? Não dá, não dá! Já virou bagunça, porra!”
- Sabia que já ouvi esse discurso, assim, na minha cara?
- Sabia que tive medo ao ser assombrado dias e noites por essas palavras que ressoavam dolorosamente em mim?

Imagem 55 - Quase Nua



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Francis: Tom, me diz uma coisa, seu esperma, ele serve pra quê?

Tom: Quê?

Francis: Seu esperma, pra que que ele serve?

Tom: A gente mudou de assunto, foi isso?

Francis: Por que você tá vivo se você não pode dar a vida?

Tom: Francis, por favor, me dá só um minutinho.

Francis: Eu tava aqui pensando nisso. Quando você for embora, não vai sobrar nada. Sua porra não serve pra porra nenhuma.

Tom: É um ponto de vista.

Francis: Seu suco não serve pra nada (Bouchard. 2017, p.57).

Como um cão feroz teço uma crítica consciente em relação a isso.
Oito não é dez, mas é quase dez.
Oitenta não é cem, mas é quase cem.
E, para mim, operar na instância 8 ou 80 é tão mediano quanto qualquer outra instância.
Não consigo me destituir disso.
E assim, olho para mim mesmo com aspereza e tiro o que há de pior sobre a maneira como me permito (es)correr.
Nas relações afetivas, no cotidiano brusco e na queda fatal.
Debruçar-se nos fatos, tarde da noite, virou rotina.
Já não se dorme como antes. Não sei se algum dia dormi.
Não tenho recordações se algum dia a paz invadiu meus brônquios.

NÃO LEMBRO DA PAZ INVADINDO MEUS BRÔNQUIOS.

Sou atingido pelo melindroso fato de ter vivido 29 anos sendo quase **VIADO**.
Atormento-me com estes pensamentos.
29 sendo **VIADO** por debaixo dos panos, não pode ser! A ficha caiu.
Queda fatal. Agora não tem mais volta.
Unir os pés e transformá-los num lindo, gostoso e carnudo V.
A forma da letra V no corpo da Marinelli me lembra de veemência.
A cor da letra V me lembra voracidade.
A completude da letra V me retoma **VIADO**. Me refaz **VIADO**.
E, curiosamente, esse entendimento me traz à tona a sensação de quando em sonho começamos a cair num buraco sem fim.
A obra da Princesa Ricardo Marinelli para mim é cair nesse buraco.
Ela se joga nele e de relance me leva junto.
Caio.
E apesar de tudo “É o caso de pedir perdão a física. Apesar da queda livre, nosso movimento não é uniformemente acelerado. Eu choro primeiro” (Caio, 2023, p.161).
O líquido escorre.
Escorre porque me afeta, passo a mão na minha cabeça e percebo que ela está sangrando, será que foi a queda?
É preciso manter a atenção no que de fato importa.
Mas o vermelho importa, não qualquer vermelho, mas o Vermelho Sangue.
Uma imensidão branca, quase luminosa, pontuada de vermelho.
Princesa Ricardo Marinelli fica nua, mas ela está de fato desnuda? O que vejo é uma pessoa sem vestimentas e isto não significa que ela está desnuda, nua, pelada ou como queira chamar.
O que gostaria, com tal proposição importante, é voltar-te(me) a pensar neste campo

do nu de um modo expandido, entendendo que há uma nudez mais infringida do que a do corpo físico.

A nudez do corpo, o órgão genital exposto rouba totalmente para si o foco do desnudar-se, mas não é sobre isto, na verdade não pode ser só sobre isso.

No decorrer da obra, Princesa Ricardo tece suas perturbações com vários signos colocados em constante dimensão relacional.

Um monte de roupas lidas e entendidas como íntimas na cor vermelha.

Ela as veste, as sobrepõem em seu corpo.

Como uma bricolagem de peça.

É exatamente essa ação que reafirma em mim a potência de sobrepor peças, arquivos, materiais e matérias.

E essa ação, somada e repetida, significa tanto, elabora um tanto de quase entendimentos. E não é passível de enjaulamento e este é o fascínio da ação.

Uma vermelhidão delimitada, que pode ser delimitada. Que possui um limite.

Seria este um lembrete daquilo que porventura irá ou já me atingiu?

Será essa porventura uma ação capaz de prever outras?

Olho e, estupefato, olho de novo. Reafirmo a visão.

Logo na primeira colocação percebe-se um desaparecimento.

O sexo desaparece e, a partir daí, cada vez mais, vai sendo escondido. Posto à prova.

E a prova pela qual ele é posto é a de se manter escondido.

Acredito que até este ponto da pesquisa e da vida, já aprendemos o quanto esconder não é uma faceta muito bem aceita pelo membro desonesto.

Dez roupas íntimas tapam aquilo que é fruto de tanto repúdio, mas na mesma instância, de tanta satisfação.

POR QUE, MESMO EM ESPAÇOS ONDE O FALO NÃO DEVERIA SIMBOLIZAR PODER, ELE AINDA ASSIM O REPRESENTA?

Mas é importante fazer a ressalva em relação aos signos criados por meio do sexo à mostra, de tal modo que a realização da ação se torna num plano das essências mais essencial que o membro desonesto.

O que se instaura como um latejo é aquela figura sobreposta, bricolada, vestida e que mesmo depois de se desfazer continua despertando imaginários. Meu imaginário.

Me percebo ativo neste exercício, imaginar o que sou quase.

Quatro afirmativas às quais consigo dar conta.

Sei que estou quase a um passo do fim.

Sei que quase dei pra trás. Se é que me entendem.

Sei que quase perdi a capacidade de olhar no espelho e me reconhecer.

Olho e percebo

Sou quase discreta,

quase bizarra,
quase recatada,
quase enlatada,
quase livre,
quase capaz,
SOMOS quase um monte de coisas.

Abismado. Abismo. Estupefato.

Barulhos de saltos caminhando, ou melhor, se equilibrando sobre um chão de madeira.

O que produz som.

Já ouviu o som de um corpo caindo no chão?

A parede branca. O chão branco, cor branca.

O branco se apresenta, não fosse pelos dois R-E-S-P-I-R-O-S vermelhos

Que o tornam quase totalmente branco.

Um cuidadosamente desorganizado no chão e o outro cuidadosamente dependurado na parede.

O som, conjugado no presente mais que perfeito, é produzido pela presença humana.

A presença humana que gera uma música. Uma música e tanto, uma música quase mais que perfeita. Um tanto de músicas.

O corpo de quem performa também gera som. Gera música. Bricolagem de sons

Que se expande em suas ações precárias, suspensas ou simplesmente hipnotizantes.

Minutos de suspensão.

Tenho refletido muito sobre a dificuldade de as pessoas escutarem uns aos outros.

Escutarem o som do movimento do outro. Escutar mesmo, com calma, com acolhimento, com atenção.

ATENÇÃO PARA O REFRÃO.

É PRECISO ESTAR ATENTO E FORTE

NÃO TEMOS TEMPO DE TEMER A MORTE (Costa, Gal. Divino Maravilhoso, 1969)

Atenção ao que vem a seguir!



ESCROTO

O que apresentarei é a realidade do dia 20 de janeiro de 2024, referente a um território que ainda hoje permanece vigente. Trata-se de uma entrevista realizada na cozinha da minha casa sobre uma figura emblemática da cidade de Santa Vitória, o “Preto-Viado”. Eu e o entrevistado, identificado pelo pseudônimo José, nos dispusemos sentados um de frente para o outro. Enquanto respondia às perguntas, ele bebia cerveja, e eu comia biscoitos acompanhados de café. A casa estava cheia, e as demais visitas, incluindo sua filha de cinco anos, estavam na sala assistindo a um programa de auditório qualquer. Todos os presentes na minha casa naquele dia possuem algum vínculo familiar e, exceto eu e minha mãe, todos moram na cidade de Santa Vitória - MG, cerca de 200 km de onde estávamos.

O relógio marcava 15h00 quando começamos, e, assim como Cristo, naquele instante, algumas, para não dizer muitas, sensações começaram a morrer dentro de mim. Uma delas foi a compaixão, que não me permito mais sentir. Entre idas e vindas, a pessoa mais velha da casa, cujo pseudônimo será Maria, fazia-se presente na conversa. Sua longa permanência em Santa Vitória possibilitou a ampliação do debate, trazendo à tona outras narrativas de pessoas dissidentes da cidade. No entanto, faz-se necessário retomar brevemente a linha cronológica desse acontecimento e descrever, ainda que de forma sucinta, o ímpeto inicial que levou à realização desta entrevista.

Em certo momento dessa travessia investigativa, durante um de nossos encontros, meu orientador, natural de Santa Vitória - MG, evocou a imagem emblemática do “Preto-Viado”, um corpo dissidente, marcadamente homossexual, que viveu naquela cidade na década de 1990. Esse fato me gerou certa curiosidade, uma vez que também possuo vínculo com aquelas terras. Meus pais e seus irmãos nasceram e foram criados lá e as idas à cidade durante minha infância e adolescência eram frequentes e duradouras. Essa imagem surgiu como um lampejo mnemônico, desencadeado pela nossa conversa naquele dia. Para meu orientador, ele era lembrado como um sujeito marginalizado e subalternizado, que deambulava pelas ruas, rechaçado pela sociedade. Não tínhamos certeza dos detalhes, mas sua trajetória parecia estar marcada pela prostituição, pelo uso de entorpecentes e pela segregação, somada às marcas das violências que aquele **CORPO-VIADO** carregava.

A entrevista foi transcrita conforme ocorreu, sem criar uma interpretação sobre os fatos e, confesso, foi muito difícil. Portanto, assumir essa via crua, sangrando, em carne viva, da transcrição nos permite perceber a faceta cruel de uma realidade persistente. Atravessado pelas mazelas e questionamentos sobre as violências que constituem a identidade **VIADA**, deparo-me com a proximidade familiar com a narrativa de vida e com o próprio “Preto-Viado”, uma vez que o parente que me cedeu a entrevista também tem certo grau de parentesco com ele. Trata-se, contudo, de um ponto de encontro fundamental na narrativa desta pesquisa: cruzamentos de histórias locais,

nossos locais de origem e nossas dissidências, que, sem muita pretensão, aderiram-se a este escrito.

Este breve relampejar na narrativa enviesada trazida sobre o “Preto-Viado” é uma pólvora para pensarmos a insistente violência que massacra os corpos e faz com que nossa identidade **VIADA** seja silenciada e tolhida. Dialogamos se a morte é o destino certo de tais corpos, diálogo este que tomou outra proporção ao nos depararmos com os dados da ONG Grupo Gay da Bahia¹⁵, (CRUZ, 2024), a mais antiga organização não governamental vinculada à comunidade LGBTQIAPN+ da América Latina, que divulgou que, em 2023, 257 pessoas LGBTQIAPN+ tiveram morte violenta no Brasil. Tal fato coloca nosso país no topo dos que mais matam pessoas dissidentes: a cada 34 horas, uma pessoa LGBTQIAPN+ é violentamente morta. Se voltarmos o olhar para o Sudeste, região onde está localizada a cidade de Santa Vitória e de Uberlândia, por exemplo, vê-se um aumento alarmante de mortes, saltando de 63 casos em 2022 para 100 em 2023. No entanto, trazer essa reflexão junto à entrevista reafirma o anúncio de um cenário trágico que não permite que nós, **VIADOS**, vivamos nossa identidade tal como ela é.

Gostaria, no entanto, se não fosse exigir demais, que você, leitor/a, tomasse esta entrevista como uma lupa, uma lente de aumento que nos permite enxergar tanto o outro quanto nós mesmos. Tanto o passado quanto o presente e o futuro que já está apontado. Mais do que qualquer outra coisa, este diálogo nos direciona a algumas conclusões. E, se não fosse pela necessidade de concluir formalmente esta pesquisa, eu a encerraria por aqui. As percepções e reflexões oriundas desta entrevista são fundamentalmente suficientes.

¹⁵ CRUZ, Elaine P. ONG contabiliza 257 mortes violentas de LGBTQIA+ em 2023. Agência Brasil, São Paulo, 21 jan 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-01/brasil-e-o-pais-mais-homotransfobico-do-mundo-diz-grupo-gay-da-bahia>. Acesso em: 02 set 2024.



Qual sua opinião sobre a designação "VIADO" para os gays?

Digite algo...



22:04



Respostas



Pesado e sem sentido

Responder



Pejorativo. Só viado e sapatao chama viado e sapatao de viado e sapatao

Responder



Prefiro chamar de gay!!

Responder



Nada a ver

Responder



Acho descabido, apesar de ser cultural, pois nada tem a ver os animais com a sexualidade.

Responder



Dentro da comunidade gay não vejo problema. Porém fora da comunidade pode ser ofensivo

Responder



Pejorativa

Responder



É uma palavra pejorativa.

Responder



Não gosto pq antigamente era usado p ofender os





Conversa sobre o “Preto-Viado”.

Uberlândia – MG, 20 de janeiro de 2024.

GABRIEL: Oh. Espera aí, calma, depois nós editamos. Você conhecia ele de onde?

JOSÉ: Não, de Santa Vitória mesmo. Nascido e criado lá desde pequeno. Tem muitos anos. Conheci na infância, eu também morei no mesmo bairro que ele, nas proximidades da família, do lado do meu avô. Para mim, ele não chega a ser parente, ele é um conhecido, entendeu?

GABRIEL: Mas do seu avô, ele era parente? Então ele era mais velho?

JOSÉ: Distante, distante, distante do meu avô. Mas ele sempre, tipo assim, foi enrolado, foi envolvido com pessoas... Lá naquela época não tinha essa aceitação de hoje. Não havia essa conscientização de hoje, ele não fazia parte dessa época.

GABRIEL: Então ele realmente foi subalternizado?

JOSÉ: É lógico! Em qualquer lugar que ele chegava, às vezes o pessoal tratava mal ou desfazia dele, e isso foi da época dele. Hoje, por exemplo, eu, no meu caso, aceito e respeito. Não concordo com certos tipos de ação, como por exemplo, dois homens se beijando na frente da minha filha. Como vou explicar isso? Não sei, porque não tenho esse conhecimento para passar uma explicação para ela. Dois homens ou duas mulheres, não vou dizer só um ou só o outro.

GABRIEL: Uhum, entendi.

JOSÉ: Mas eu respeito a opção de cada um.

GABRIEL: E ele trabalhava com o quê?

JOSÉ: Ele não trabalhava. Ficava na rua mesmo, às vezes fazia bicos.

GABRIEL: Bicos de quê?

JOSÉ: Ah, de garçoneiro, essas coisas. Vendia algum tipo de coisa, mas era mais pra lá do que pra cá.

MARIA: E você sabe se ele fazia programas?

JOSÉ: Não, ele fazia em troca de pinga, de droga, esse tipo de coisa. Mas falar que fazia o certo? Não. Ele não tinha uma profissão. Não era cozinheiro, não era nada disso.

GABRIEL: Ele morava na rua?

JOSÉ: Não, ele tinha casa. Em Santa Vitória, não tem isso de pessoa morar na rua. É muito difícil você ver alguém assim. Não é como em Uberlândia, que você passa debaixo de um viaduto e vê. Lá, se você estiver na rua, eles dão um jeito de te colocar em algum lugar. Santa Vitória não tem isso. Ele tinha casa, podia ser a mais simples, mais humilde, mas tinha.

GABRIEL: Lá no Bairro Dom Alexandre (BDA)?

JOSÉ: No BDA. É um bairro mais pobre e perigoso. Não é como se você não pudesse andar em determinada hora. Lá, você pode andar à meia-noite, uma hora da manhã, e

não tem esse negócio de te roubarem. Claro que existem pessoas perigosas, jovens, mas é raro. E ele frequentava bares em esquinas perigosas, com fluxo de gente que bebe ou usa drogas.

GABRIEL: Ele se prostituía?

JOSÉ: Se prostituía, mas não era pago com dinheiro, era mais em troca de drogas e bebidas.

GABRIEL: Então a prostituição dele girava em torno da troca por drogas?

JOSÉ: Sim, em troca de mercadorias. Em Santa Vitória, quando você vê alguém nessa situação, geralmente é por causa de algum vício, seja bebida ou droga.

GABRIEL: Ele mexia com crack, essas drogas mais pesadas?

JOSÉ: Sim, acaba se envolvendo. Muita gente fala que maconha é leve, mas quando a pessoa parte para o crack, tudo muda. Aí a maconha já não serve mais, se torna fraca. É quando as coisas ficam mais pesadas, e o pensamento da pessoa muda.

MARIA: E você sabe quem matou ele?

GABRIEL: Como ele morreu? Como descobriram?

JOSÉ: Mataram ele, encontraram o corpo na casa dele.

GABRIEL: Ele foi morto com tiro ou faca?

JOSÉ: Faca. A maioria das pessoas lá, quando morre, é por facada, principalmente usuários. Tenho um primo que também era usuário, e aconteceu o mesmo com ele.

GABRIEL: E os pais dele ainda estão vivos?

JOSÉ: Não, já morreram.

GABRIEL: E quando ele morreu, os pais ainda eram vivos?

JOSÉ: Não sei se era o pai ou a mãe, mas um dos dois ainda era vivo. Mas ele não tinha contato com os pais. Era aquele tipo de pessoa que vai, toma um banho, come algo e vai embora. Não ficava em casa, por vergonha, eu acho. Eles têm vergonha de estar na frente dos pais usando entorpecentes ou fazendo algo errado.

GABRIEL: Você acha que a família dele o acolheu em algum momento?

JOSÉ: Acredito que sim, mas é uma vida que ele escolheu, e o fim não foi o que ele esperava. Quem está nesse meio sempre corre risco. Hoje você dorme e amanhã pode acordar morto por pouca coisa. É por pouca coisa que eles vivem e é por pouca coisa que eles morrem.

GABRIEL: A vida perde o valor, é isso?

JOSÉ: Sim, perde o valor. Para eles, tudo tem brilho. Eles vivem feliz, vivem o hoje como se não houvesse amanhã, mas se perdem por mínimas coisas.

GABRIEL: Você já chegou a conversar com ele frente a frente?

JOSÉ: Já, ele vivia nos bares, nas praças. Era um cara super tranquilo, não oferecia perigo para ninguém. A cultura lá é diferente, não tem essa coisa de marginalizar tanto.

GABRIEL: E como era a fisicalidade dele? Todo mundo sabia que ele era **VIADO** por causa que ele falava que era **VIADO** ou pelo modo de se portar nos lugares?

JOSÉ: Todo mundo sabia por causa da gestualidade e do jeito de falar. Ele era magro, moreno, e o jeito de conversar afeminado também. Em uma cidade pequena, todo mundo se conhece, então, aonde quer que ele fosse, as pessoas sabiam quem ele era.

GABRIEL: E ele nunca foi acolhido em nenhum lugar que ele chegava?

JOSÉ: Ele teve acolhimento sim, mas, pelo lado da droga, ele já ficava meio ressabiado. Até teve aqueles que o apoiavam, mas a questão das drogas já deixa tudo meio complicado.

GABRIEL: E ele tinha amigos?

JOSÉ: Assim, do nível dele, né? Não sei se dá para chamar de grandes amigos.

GABRIEL: Ele está enterrado lá naquele...

JOSÉ: Em Santa Vitória mesmo. Tanto ele quanto outro, um tal de Louro, também eram do mesmo nível. Louro era famoso, foi casado e perdeu a vida em um assassinato, o ex-marido, vamos dizer assim, matou ele.

GABRIEL: Mas esse não mexia com drogas?

JOSÉ: Droga, não.

GABRIEL: Então, só para ver se eu entendi... Você acompanhou toda essa história do Preto-Viado, né? Você acha que a questão da homossexualidade dele e o acolhimento ou não da orientação sexual dentro da casa levaram ele para as drogas ou você acha que não teve relação?

JOSÉ: O que eu te falo é que, hoje, o ser humano é muito desinformado. Posso dizer que todo mundo é “Maria vai com as outras”. Você fala assim para certas pessoas: “Fulano é bom, mas temos que correr atrás disso”. Você passa uma proposta firme,

todo mundo acredita que aquilo ali é verdade. Pode ser que alguns vão contra, mas, mesmo assim, tem os que te acompanham. Naquela época, era tudo difícil. Era uma fase em que o homem tinha que ser homem, a mulher tinha que ser mulher. Não existia homossexual. Em Santa Vitória, na minha época, eu conheci duas... não sei como chamar... duas mulheres que gostavam de mulher. Uma era Vera Sônia, a outra, Nádia, do bar. Você conhecia alguma antes? Ninguém conhecia. Ou era a Vera Sônia ou a Nádia, do bar ali perto da Lindalva. E só, não existia mais.

GABRIEL: Além dessas duas na cidade?

JOSÉ: Não.

GABRIEL: E aí apareceu o Preto-Viado?

JOSÉ: Aí ele, tipo assim, criou uma certa visão sobre elas, aí fixou. Mas também, elas não eram de se apresentar com mulheres sempre ao lado. E, depois, com o tempo, foram aparecendo mais. Mas a aceitação para o lado dos homens sempre foi mais difícil do que para o lado das mulheres.

GABRIEL: E por que você acha isso?

JOSÉ: Por ser homem, por ter nascido do sexo masculino. Eu sou homem. Eu sou homem. Você vê no Big Brother, aquele rapaz lá, o Davi: “- Meu pai me fez homem, não **VIADO**”. Está errado, sabe? Mas eu concordo que a pessoa nasce gostando do mesmo sexo, enquanto outros têm é cachorrada, certas atitudes de sem-vergonhice. Eu respeito os dois pensamentos, desde que não me atinjam. Se você se sentar numa mesa comigo com seu namorado, para mim está tudo bem, desde que haja respeito.

GABRIEL: E o que você sabe da família dele?

JOSÉ: Família pobre, humilde, sem estrutura, sem informação nenhuma, sem nada. Tudo isso que você pensar.

GABRIEL: A mãe dele trabalhava com o quê, você consegue se lembrar? A mãe, o pai...

JOSÉ: Eram pessoas que dependiam, na época, da Promoção Humana¹⁶. Eles recebiam leite, cesta básica... Pessoas que entregam a vida por pouca coisa, que não procuravam um trabalho para crescer.

GABRIEL: Então, ele cresceu nesse contexto?

JOSÉ: Nesse contexto, nesse contexto!

GABRIEL: E ele é da mesma época que essa Vera Sônia?

JOSÉ: Mesma época. Vera Sônia já tem muitos anos.

GABRIEL: Então, em certo sentido, podemos dizer que ele e a Vera Sônia foram pioneiros...

JOSÉ: Como ele, também teve outros da mesma época. Mas, hoje em dia, eles já não têm aquele brilho. Há uma diferença entre os homossexuais do passado e os de hoje. Os de antigamente eram diferentes.

GABRIEL: E esses estão vivos até hoje? Quantos anos mais ou menos?

JOSÉ: Não, não. Hoje, estão com uns 50 anos.

GABRIEL: Nossa, então ele morreu jovem.

JOSÉ: Morreu jovem, com 30 e poucos anos. Hoje eu estou com 36.

GABRIEL: Então, se ele estivesse vivo, teria uns 45 anos.

JOSÉ: 45, 50 anos. Morreu jovem, mas com aparência de velho. Muito magro, sofrido pela vida. Não tinha formação nenhuma. Ele ainda fazia parte da militância da época. As pessoas diziam: “Oh, ele gosta de homem, é um **VIADO**.”

GABRIEL: Era isso que o povo falava quando ele chegava?

JOSÉ: Claro... Lógico! Se houvesse uma roda, com cinco homens, eles iam chamar de VIADO. Não se usava o termo “homossexual”, diziam VIADO, bicha, baitola.

GABRIEL: O termo mais comum era VIADO, né? Por que, você acha?

JOSÉ: Cara eu vou te falar a verdade, não sei. Você não sabe, só fala VIADO. Isso é coisa daquela época, por falta de informação. Hoje, você tem informação sobre o que é um homem gostar de outro homem ou uma mulher gostar de outra mulher. Naquela época, não havia isso. As pessoas eram desinformadas.

GABRIEL: E isso foi quando? Década de 1960?

JOSÉ: Não, não. Isso era 1998, 1999, 2000.

GABRIEL: Nossa, eu era uma criança então!

JOSÉ: Isso não é antigo, não. Mas hoje, você acha que a televisão mostra tudo o que você precisa saber? Não. A presidência controla o que é mostrado. Pegue a Venezuela, por exemplo. Você não viu o promotor que foi assassinado enquanto dava uma entrevista ao vivo?

GABRIEL: Não, não cheguei a ver.

JOSÉ: Procura no jornal. Ele foi morto ali na bancada, ao vivo, com oito tiros, se não me engano. Procura aí no celular para você ver! O cara entrou e deu oito tiros, se não me engano na barriga, cabeça. E aí, que rede de televisão mostra essa realidade?

GABRIEL: É bem complexo um acontecimento assim né? Muito violento. Deus me livre. Mas e a Vera Sônia, está viva até hoje?

JOSÉ: Até hoje, ela é casada com uma mulher de Santa Vitória mesmo, e todo mundo respeita.

GABRIEL: Lá na cidade? Ela trabalha com o quê?

JOSÉ: Ela é funcionária pública.

¹⁶ A Promoção Humana era um setor da prefeitura Municipal de Santa Vitória - O benefício eventual é uma forma de proteção social básica, suplementar e temporária, que integra as garantias do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), com base nos princípios de cidadania e direitos sociais e humanos. Ele abrange o fornecimento de condições básicas de sobrevivência desde a distribuição de cestas básicas, cobertores, a despesas funerárias. Para acessar, é necessário ter renda familiar per capita igual ou inferior a ¼ do salário mínimo e estar cadastrado na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. Disponível em: <https://santavitoria.mg.gov.br/secretarias/desenvolvimento-social/beneficios-assistenciais/> Acesso: 18 de set de 2024.

MARIA: Ela trabalha em um sítio, dando aula de natação e hidroginástica. Acompanha essas pessoas que precisam, tipo, de terapia.

GABRIEL: Hum... Legal, entendi.

JOSÉ: Ela já trabalhou no meio e   respeitada em todo lugar. Já trabalhou em rádio...

MARIA: Minha amiga, ela...

GABRIEL: Ah  , tia Maria? Que gracinha!

JOSÉ: Sim, se você a vir,   uma pessoa super do bem, amorosa, carinhosa, normal. Mas naquela época, não havia essa informação que temos hoje. Temos que entender que l  atrás, entre 1990 e 1997, homem era homem e mulher era mulher. Existiam pessoas assim, mas eram minoria e, muitas vezes, crucificadas.

GABRIEL: E quem se posicionava em relação a isso, acontecia o que aconteceu, por exemplo, com o Preto-Viado, n ?

JOSÉ: Exatamente. O Preto... você sabe...

GABRIEL: Você lembra o nome dele, por acaso?

JOSÉ: Não, geralmente quando a pessoa tem um apelido forte, ninguém sabe o nome verdadeiro. Você pergunta pelo nome, ninguém sabe quem é. Mas pelo apelido, todo mundo conhece. Hoje mudou bastante a visão das pessoas daquela época, completamente. A vida ensina, n ? O que você não aprende na escola, a vida ensina de uma forma mais difícil ou mais fácil. Então, acho que cabe respeito e entendimento.

GABRIEL: Com certeza.

JOSÉ: Eu encontro pessoas que são homofóbicas. Algumas, s  de olhar pra você, já querem brigar, enquanto outras são super educadas. Por exemplo, estava em Porto Seguro, e l  no hotel havia um garçom homossexual, super educado.

GABRIEL: Ah, entendi. No hotel, o rapaz que trabalhava l ...

JOSÉ: Isso, ele era homossexual e tratava todo mundo com uma educação de primeiro mundo.

GABRIEL: Entendi.

JOSÉ: É bom estar perto de pessoas assim, que te tratam bem. Mas ainda há aqueles que chegam e já querem tocar em você, te colocar a mão, porque ainda tem aqueles que chegam querendo te colocar a mão de forma inadequada. E eu acho que não precisa disso. Acredito que todo mundo precisa ter seu espaço e aprender a se relacionar. São coisas que acho que ainda precisam melhorar bastante.

GABRIEL: Sim, a sociedade precisa melhorar!

JOSÉ: Na usina onde trabalho, por exemplo, teve uma atualização. Perguntavam: "Você é homossexual? Bi? Trans? Do que você gosta?" Eu sou homem, gosto de mulher, sou homem, porra, heterossexual que fala, n ?

GABRIEL: Isso mesmo, heterossexual.

JOSÉ: Isso, e quem gosta dos dois sexos é bi, n ?

GABRIEL: Isso, quem gosta do mesmo sexo   homossexual e quem gosta dos dois sexos   bissexual.

안녕하세요

nós é
viado
porra!

JOSÉ: Exato. Então você já vê que a gente já dá uma atrapalhada para entender isso daí. Hoje já temos mais entendimento sobre isso. Eles queriam atualizar os registros para tratar as pessoas conforme elas gostariam de ser tratadas.

GABRIEL: E lá na usina, tem pessoas trans?

JOSÉ: Tem sim, por isso fizeram essa atualização. Mas muitas pessoas ainda não entendem. Dizem: “Eu gosto de mulher, ou eu gosto de homem, não sou gay, não, não sou VIADO não.”

GABRIEL: E isso acabou virando uma chacota?

JOSÉ: Sim, porque muita gente não conhece o significado das palavras.

GABRIEL: Você acha que não conhecem porque não querem saber ou porque a informação não chega?

JOSÉ: A informação é pouca, na minha opinião.

GABRIEL: Mas, por exemplo, em algum momento você pensou em pegar seu telefone e pesquisar o significado das siglas?

JOSÉ: Não, ninguém faz isso. Inclusive, uma mulher nos disse: “Aqui é coisa séria, se você não conhece, me pergunte.” E ela corrigiu várias pessoas. Mas, na política, por exemplo, na época da política “Ah, eu sou Lula. Ah, eu sou Bolsonaro”. Aí eu peguei e perguntei qual era o partido do Bolsonaro e muitos deles não souberam responder.

GABRIEL: Nem se preocupam em saber.

JOSÉ: Exatamente. As pessoas não se interessam por isso.

GABRIEL: E se eu te disser que você é cisgênero?

JOSÉ: Não sei o que é isso.

GABRIEL: Não sabe?

JOSÉ: Não sei. Talvez depois eu vá pesquisar, mas confesso que sou meio lerdo para essas coisas de pesquisa. Muita gente ainda não tem intimidade com o telefone. As pessoas têm intimidade com o telefone para fazer coisa errada, te mandar uma foto nua, o telefone é voltado para isso. Você acha que o telefone hoje tem uma conta bancária, um aplicativo de lanche, de várias coisas. Você pega um telefone e pesquisa para você ver quais são as coisas que são acessadas, são pornografias, é pornografia.

GABRIEL: Esses dias vi em uma dessas revistas online¹⁷, não lembro o nome agora, que o Brasil é um dos países que mais acessa pornografia trans no mundo, e ao mesmo tempo é o país que mais mata transexuais, sabia disso?

¹⁷ Essa informação está disponível em: <https://revistahibrida.com.br/brasil/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/> Acesso. 04. Out. 2024.



CHORA NA
MINHA ROLA

JOSÉ: Confesso que não, mas imagino. Eu já vi muitas mulheres de programa dizerem que, em certas situações, elas têm que “virar o homem” da relação para não perder o cliente.

GABRIEL: E o que mais?

JOSÉ: E elas não podem falar sobre isso, se falarem, morrem. E geralmente são pessoas de alto nível que procuram esse tipo de serviço.

GABRIEL: Estão lá se esbaldando com as travestis e fazendo elas viverem de ameaças. Que ódio que dá! E você conhece essas pessoas?

JOSÉ: Não, não conheço.

GABRIEL: E lá em Santa Vitória tem esse tipo de situação?

JOSÉ: Pouco, muito pouco.

GABRIEL: Porque, por exemplo, eu vou direto a Santa Vitória, você sabe e, apesar de ser uma pessoa curiosa, nunca vi uma travesti por lá.

JOSÉ: Eu te falo a verdade. Tem uma ou duas pessoas de lá, mas a gente vê elas muito pouco. Uma se chama Priscila e a outra eu nem sei o nome.

GABRIEL: E elas nem trabalham na cidade?

JOSÉ: Não, elas não trabalham mais na cidade. O Santo de casa não faz milagre. Em uma cidade pequena, você, diante de uma situação dessas, já é crucificado, entendeu? Vai para o purgatório.

GABRIEL: E hoje em dia, os gays que a gente conhece lá em Santa Vitória, como é que é?

JOSÉ: Normal, tranquilo.

GABRIEL: Eles são aceitos? Chegam a ser aceitos?

JOSÉ: Chegam. Alguns são bem recebidos, mas aqueles que têm postura são mais aceitos. Já os que não têm...

GABRIEL: E os que não têm postura? E os que são afeminados, que gritam e gesticulam?

JOSÉ: Aí o pessoal já fala, já xinga, entendeu?

GABRIEL: Você já presenciou alguma dessas situações?

JOSÉ: Já, uai!

GABRIEL: Onde?

JOSÉ: Já vi em bares, barzinhos normais por aí.

GABRIEL: E tem pessoas afeminadas lá em Santa Vitória?

JOSÉ: Tem, mas para se vestir de mulher, não. Tem uma ou duas, mas não me recordo muito bem.

GABRIEL: Então, tem os que se vestem como meninos, mas que são afeminados, que gesticulam?

JOSÉ: Isso tem bastante.

GABRIEL: E essas pessoas são rechaçadas?

JOSÉ: Se você chega numa boa e se comporta bem, tudo bem. Mas aqueles

que gostam de fazer barulho e aparecer, acabam sendo discriminados. Lá, tudo é mercenário.

GABRIEL: Como assim, mercenário?

JOSÉ: Não, as pessoas lá não ficam com ninguém se não pagarem.

GABRIEL: Sério?

JOSÉ: Claro! Se você não paga, não tem nada. Você vai encontrar vários meninos lá trocando sexo por dinheiro, porque não gostam de trabalhar e preferem dinheiro fácil.

GABRIEL: Então, as pessoas pagam esses meninos que se dizem héteros, não é? Você conhece essas pessoas?

JOSÉ: Não sei, elas mesmas não falam sobre isso.

GABRIEL: Sério? Caramba, Santa Vitória é um fervo então.

JOSÉ: É, lá eles são mercenários. Tudo é por dinheiro, e se você abrir a boca...

GABRIEL: Se abrir a boca, eles pagam para te bater?

JOSÉ: Fazem coisas piores com você.

GABRIEL: Eu queria chegar até essas pessoas.

JOSÉ: Não compensa.

GABRIEL: Compensa. Minha área de pesquisa é essa. Eu estudo esses mecanismos, isso é tecnologia sexual de sobrevivência.

JOSÉ: É, mas plantar isso na cabeça das pessoas hoje é complicado.

GABRIEL: São realidades muito diferentes. Um gay de Santa Vitória e um gay que vive aqui em Uberlândia são completamente diferentes.

JOSÉ: Não, vai ouvindo... Então, eu vi um artista de rua em Porto Seguro, uma professora trans dançando, e aí eles explicavam que dependiam daquilo ali. O público era pequeno, mas as poucas pessoas que paravam para ver o trabalho eram boas, umas colocavam dinheiro, outras não. Isso mostra aceitação.

GABRIEL: Sim.

JOSÉ: Aceitação é algo que depende do indivíduo. Aceita quem quer. Como você vai pegar uma menina como minha filha, por exemplo, e explicar por que dois homens estão se beijando, se ela já viu eu beijando a mãe dela?

GABRIEL: Ela já viu você e sua esposa se beijando? Ela perguntou?

JOSÉ: Já, ela fala que nós somos beijoqueiros: por que vocês estão se beijando?

GABRIEL: E o que você respondeu?

JOSÉ: Resendi que o papai e a mamãe são marido e mulher.

GABRIEL: E por que você responderia diferente se fossem, por exemplo, duas mulheres se beijando?

JOSÉ: Eu não sei como explicar isso. Não é porque elas se amam, é uma questão de aceitação. Eu não sei como instruir ela sobre isso, fico confuso.

GABRIEL: É porque existem pessoas que colocam dificuldades onde não há nenhuma. Ontem, no final da novela, a última cena foi o Kelvin e o Ramiro se casando e dando

um super beijo. Ela viu a cena, estava mexendo no telefone, mas viu. Se ela tivesse perguntado, eu diria que são dois homens que se amam se beijando. A resposta para um casal heterossexual não seria a mesma: são duas pessoas que se amam se beijando?

JOSÉ: E aí é a diferença de realidade. De Santa Vitória a Uberlândia são 200 Km de distância, mas são duas realidades completamente diferentes. E lá não tem essas situações assim. Aqui em Uberlândia, as coisas são diferentes. Em Santa Vitória, a realidade é outra. Se você chegar lá, o povo te põe à mesa sem nem saber se você é um bandido, é um povo acolhedor, velho. Lá, você não compra uma água, você não paga para ir ao banheiro. Está passando na rua, fala para qualquer vizinho que está apertado, ele deixa você entrar. Em Uberlândia, isso não acontece.

GABRIEL: Não, jamais.

JOSÉ: Entendeu a transição do nosso mundo, como é que funciona? É isso que eu quero dizer. A aceitação é uma questão de informação e compreensão. Em Santa Vitória, a realidade é bem diferente.

GABRIEL: Totalmente. Isso é o que me assusta.

JOSÉ: É, lá é uma realidade totalmente diferente. Aqui em Uberlândia, nós temos mais acesso à informação e à cultura. Em Santa Vitória, as coisas são mais simples e menos evoluídas. O convívio é diferente, e isso precisa ser trabalhado.

GABRIEL: Concordo. As diferenças são grandes e precisam ser entendidas.

JOSÉ: Exatamente. Cada lugar tem suas próprias realidades e desafios.

GABRIEL: Sim, e isso precisa ser discutido e compreendido.

JOSÉ: Com certeza. Eu só não gosto é do relaxo.

GABRIEL: E o que você entende como relaxo?

JOSÉ: Por exemplo, a falta de respeito, isso acontece muito. Eu mesmo já vivi situações assim.

GABRIEL: Mas alguma vez você já passou por isso?

JOSÉ: Claro, estou falando de experiências pessoais. Já passei por situações em que fui desrespeitado. Minha esposa, sua prima, está trabalhando com um colega que é gay, e, olha, o cara é sensacional. O médico que trabalha com a sua outra prima é um cara maravilhoso, você entende? Essa é a diferença. Quando eu me casei, você não foi, mas quem fez um grande show no meu casamento? Pergunta ao seu pai, sua mãe e seu irmão como foi o show do meu casamento! Quem fez foi um **VIADO**, e eu nem ia convidá-lo para a festa. Acabei topando com ele na missa e ele me parou para dizer: “- Como você vai casar e não vai me chamar?” Ele já me cantou muito e me ofereceu dinheiro, mas sempre me respeitou. Tenho amizade com ele até hoje. Ele me respeita e nunca colocou a mão em mim. Quando ele perguntou o que nós queríamos de presente de casamento, eu disse que poderia ser o que fosse do agrado dele. Aí ele perguntou se eu queria o show do Jamaica. Jamaica é um negão lá de Ituiutaba que toca de tudo, parece um macaco. Depois dessa conversa, ele me respeita até hoje.

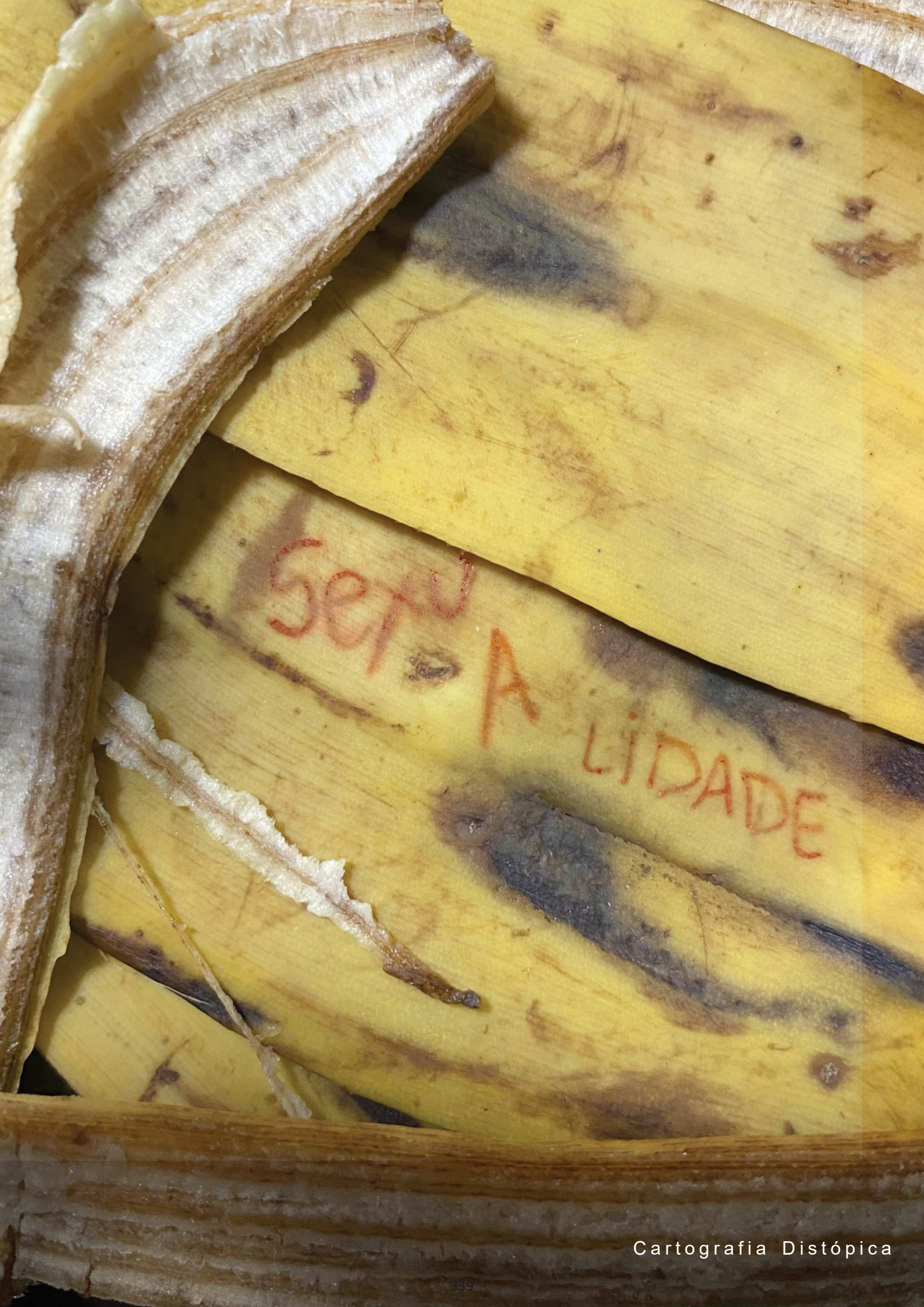
Nunca mais ele tentou algo comigo; foi um entendimento entre nós. Ele me abraça, conversamos, e pronto, não há desrespeito. Teve um dia em que ele disse que ia me dar uma Dudalina, e eu brinquei dizendo que se ela fosse bonita mesmo eu pegaria ela e ele. Rimos disso, e foi só isso. Então, Gabriel, o que eu quero te dizer é que você tem um pensamento legal, mas precisa passar essa essência sua para as pessoas. Isso ajudaria a evitar abusos e violência. Se você gosta de alguém, vou te tratar da mesma forma. Se eu chegar aqui e você estiver com seu namorado, vou te tratar do mesmo jeito. Pode ter certeza, vou te abraçar e tratar com respeito.

GABRIEL: Mas a questão não é essa. A maior parte dos **VIADOS** que são violentados não são aqueles como o médico que trabalha com sua cunhada, ou o amigo da sua esposa. A questão toda é com o **VIADO** afeminado que possui trejeitos fora dos padrões masculinos e aí, meu filho, essa seria uma conversa longa porque entra outra camada de discussão e de violências reiteradas que você não tem dimensão.

JOSÉ: As pessoas, não, eu não acredito muito nisso. Deixa eu te contar. Eu acredito que hoje em dia é mais difícil aceitar alguém que tem vícios, e isso pode gerar mais atritos. Se você observar um casal de homens em um bar, pode ser que eu não concorde, mas são vistos com olhares tortos. Acho que é isso.

GABRIEL: E é isso aí. Valeu demais pelo papo. Obrigado.

JOSÉ: Obrigado você.



SEU

A

LIDADE







PENIS

PITTO

Setha

Provavelmente você, leitor/a, esteja com a sensação de que a entrevista terminou sem um desfecho, foi exatamente isso que aconteceu. Ao longo dos 54 minutos em que José e eu ficamos sentados conversando, com Maria entrando e saindo da conversa, surgiu a necessidade de retornar para Santa Vitória. As visitas tinham que ir embora. A motorista, esposa do entrevistado, naquele momento um pouco alcoolizado, não gostava de dirigir à noite, o que acabou gerando a urgência de encerrar todo aquele bate-papo para fazer a viagem de volta.

O Preto-Viado já fez sua viagem de volta, veio em um pé e voltou em outro,
tudo muito rápido, uma passagem breve, a brevidade **VICAIDA** impregnada na memória.
E aqui estamos nós evocando uma memória completamente fragmentada quando
deveríamos estar defronte a pessoa.

Esse fim, para mim, pareceu uma interrupção definitiva, como se nunca mais fôssemos voltar a falar sobre o assunto – e, de fato, foi isso que aconteceu. Comecei a ajudar a colocar as malas no carro, enquanto a motorista da vez preparava a criança que, a essa altura, estava chorando em algum canto ou brincando com a minha cachorra, não sei ao certo. Esse momento sempre é muito caótico, e minha família não falhou em ser clichê: a confusão, as conversas em voz alta, o barulho, todos felizes pelos dias que passamos juntos e, ao mesmo tempo, tristes pela despedida. Após a organização das bagagens, a criança foi afivelada no carro, correram para pegar a garrafa de água esquecida na geladeira, houve uma pausa para acenos, e lá se foram eles.

Todo o meu corpo parecia estar anestesiado, não aparentava nenhuma emoção que via estampada na cara daqueles/as que me rodeavam. E isso em alguns momentos da organização da partida, foi notável:

“- O que você tem, Gabriel?” , “Nada, tô de boa”, respondia eu.

Lembro-me vividamente da sensação de vazio que me tomou após a despedida e a ida da minha mãe para a sala, onde começaria a assistir a um filme qualquer. Era uma sensação estranha, como se a morte estivesse à espreita. Senti medo, senti-me inexistente, e num ímpeto de quem tem em mãos algo extraordinário, enviei uma mensagem para o Daniel e tratei de encaminhar a gravação da entrevista para ele. Mal sabíamos que iríamos precisar de alguns meses para entender o rumo que aquela ação tomaria na pesquisa. Mas uma certeza nós tínhamos, desde o lampejo mnemônico inicial, a de que, de algum modo, essa narrativa deveria estar presente na pesquisa, pois o acesso a ela, somado à experiência da entrevista, se tornará para nós, mesmo que neste início embaçado, o arquivo-caminho para o desfecho que já havíamos alcançado, embora não soubéssemos exatamente como materializar e/ou justificar tal ponto.

É complexo encarar a experiência dessa entrevista. Até hoje sinto-me afetado por ela. Sinto que ainda não desbravei suas entranhas totalmente. Sinto que ainda não consegui pulsar verdadeiramente em suas artérias, muito menos que consegui tatear a completude daquilo que a envolve - A pele. A pele preta. A pele VIADA. A pele duplamente violentada.

O racismo e a homofobia não operam da mesma maneira e com a mesma intensidade, e dificilmente atuam de forma simultânea, ao menos na maioria das vezes, na vida dessas pessoas. Sendo assim, posso supor que na vida de algumas delas o racismo pode ter um peso maior, assim como a homofobia pode ter um peso maior na vida de outras. No entanto, esses dois marcadores estarão presentes ao longo de suas vidas, como uma sombra que muda de tamanho e de forma à medida que se move (Oliveira, 2017, p.49).

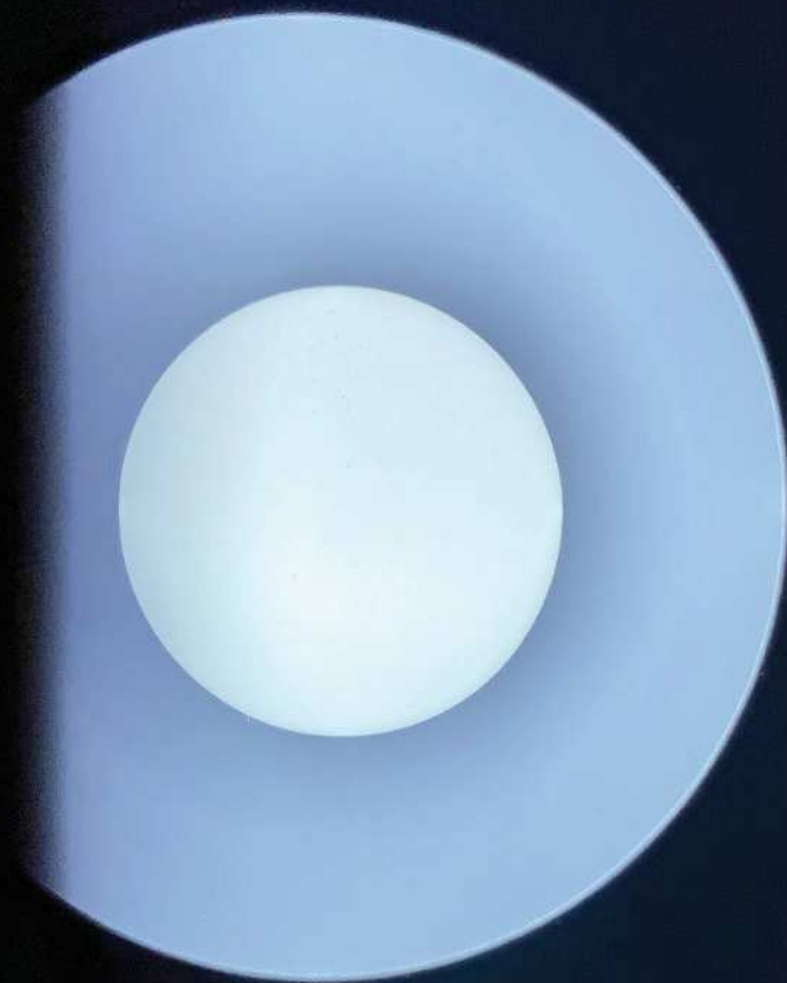
Ser **VIADO** é possível, desde que não incomode o espaço do outro, seja ele público ou privado. Ser **VIADO** é possível, desde que não manifeste publicamente afeto. Ser **VIADO** é possível, desde que se mantenha no armário permanente e não deixe à mostra seus trejeitos e gestualidades que rompam com a ideia de masculinidade padrão (o estereótipo do homem). Ou seja, neste viés, a possibilidade de ser VIADO está presente em não manifestar sua existência. Isso reafirma uma violência fundamentalmente hipócrita, aquela que fere o outro enquanto alivia e/ou satisfaz quem a pratica.

É exatamente contra isso que luto desde 2022, quando decidi desnudar um processo contra-pedagógico pelo qual, hoje — fundamentalmente hoje, precariamente hoje, provisoriamente hoje — consigo afirmar minha identidade de gênero:

Uma identidade **VIADO**

Portanto, essa identidade foi se estabelecendo nas entranhas dessa afirmação que se deu por meio das possibilidades concretas das experiências **VIADAS**, uma possibilidade de pensar a epistemologia **VIADA**, uma rede de tessituras poética, ética e política que ousou e acreditou ser capaz de fazer com que sujeitos **VIADOS**, ao embarcarem num processo de tomar consciência de si, conseguiram, por meio da performance, fortalecer sua trajetória de vida e do seu **CORPO-VIADO** bem como se livrar dos traumas que acompanham a narrativa identitária desses/as sujeitas/os. Tal epistemologia, no entanto, faz com que caia sobre mim a realidade dessa encruzilhada.

Um assombro, as violências estão ancoradas muito próximo aos nossos corpos.



Assim como começamos a morrer
no momento em que nascemos,
não paramos de nascer até o
momento em que morremos.

Eleonora Fabião

A realidade a que me refiro é a manhã de domingo, 15 de setembro de 2024. Acordei e, como de costume, olhei o celular. Daniel, meu orientador, havia me enviado uma mensagem pelo Instagram. Tratava-se de uma moção de apoio da artista Carolina Minozzi ao artista Pedro Galiza, junto com o link de uma postagem recente. Pedro Galiza havia sido brutalmente espancado por um motorista de aplicativo na madrugada de sábado, 14 de setembro de 2024. A postagem era justamente a narrativa desse pavor.

O motorista o sequestrou e o agrediu violentamente depois que Pedro pediu para descer do carro e ir até sua residência buscar o restante do dinheiro para completar o pagamento da corrida. Inicialmente, o valor apresentado no aplicativo era um, mas, ao chegar ao destino, o valor final havia aumentado significativamente, o que justificou o pedido.

Ah... Como essas situações me reviram as entranhas! São momentos como esse que me fazem preferir não existir. Gostaria agora de entrar em um limbo e me entregar à inexistência.

Envio uma mensagem de apoio a Pedro, que, por sinal, nem sabe da minha existência, assim como também não sabia da dele, até então. Mas, de que adianta essa mensagem?

Percebo que foi justamente a violência que entremeou nossas entranhas e isso faz circular ainda mais ódio e rancor pelas minhas artérias. Estou cansado de me unir/estar unido aos meus pela violência, pela dor, pelo trauma.

Quase em tempo real, a linha de chegada desta pesquisa é escancarada na minha cara.

[ex] VIADO



Realmente depusitei todas as minhas fichas, apostei todas as cartas no achismo de ser capaz de causar o cessar-fogo deste inferno evocado desde sempre e que perdura até hoje, em 2024.

ACHAR

Eu acho, tu achas, ele acha, nós achamos, vós achais, eles acham...

TODOS ACHAM.

Acham o caminho de volta para casa.

Acham o desvio para prorrogarem suas vidas.

Acham achando, e acham cheios de achismos. Um problema.

E agora, para onde eu vou com este problema?

A possibilidade de enfiá-lo no meu cu, confesso, me faz salivar, mas não!

Afinal de contas, como enfiar o problema no cu?

Como se eu já não soubesse!

Decido embarcar numa última viagem, que me fará deparar com obstáculos epistemológicos muito difíceis, ou quase impossíveis, de serem encarados e ultrapassados, posso prever isso.

O limite se re-escancara, e lutei com todas as minhas forças contra ele.

Falhei. Falhei?

O INFERNO QUE ACHAVA TER FIM AGORA SE CONCRETIZA INFINIDÁVEL.

JEAN PAUL SARTRE TALVEZ NÃO ESTIVESSE EQUIVOCADO AO ENUNCIAR QUE O INFERNO SÃO OS OUTROS.

Um som estridente anuncia a chegada do veículo.

Um tumulto de pessoas me amassa e empurra meu **CORPO-VIADO** para dentro. Nem percebo como entrei. Quando me dou conta, já estou lá, apertado como uma sardinha enlatada.

Já percebeu como os desastres mais desastrosos começam assim, sem muita consciência?

Fico sem ar, e não é a falta de espaço que me causa esse sintoma.

É o medo. Porque sinto que perdi o controle, porque não tenho mais as rédeas da situação, porque não há mais como voltar atrás nessa viagem.

E agora estou aqui, viajando não sei para onde... espera, ah... na verdade, eu sei, sim: para a mais violenta e opressora alegria da minha vida. E só a possibilidade de sentir essa alegria já faz duas cachoeiras brotarem no meu rosto.

Todos no vagão reparam na estridência do meu choro, concomitante à do trem.

Percebo que, mesmo se eu quisesse interromper o fluxo dessa viagem, não conseguiria. A não ser que saltasse pela janela do trem e caísse nos trilhos, para ser esmagado pelas lâminas circulares que possibilitam o movimento daquele trambolho.

Mas isso não vai acontecer.

Não cederei desse modo; é justamente isso que eles esperam e querem que os **VIADOS** façam.

Portanto, farei o oposto: se for o caso, eles que me lancem nos trilhos com suas próprias mãos.

Se isso acontecesse — e acontece diariamente —, causaria uma trava no sistema. Tenho certeza de que uma porção de pessoas pararia para ver o **VIADO** nos trilhos. Mas não moveriam um só dedo para ver o **VIADO** fora dos trilhos.

Eu não queria estar neste lugar.

Eu não queria estar nos trilhos, então por que estou?

Eu não queria ter chegado naquela estação.

Eu não queria ter embarcado. Então, por que embarquei?

Porque sou ambicioso e, às vezes, só às vezes mesmo, gosto de puxar bruscamente o freio e ver o que acontece.

Mesmo com o cu na mão, tenho essa coragem. Afinal de contas, como você, leitor/a, bem sabe, ser corajoso faz parte da minha essência.

E eu ainda não me certifiquei em que medida isso é bom ou ruim.

O fato é que, num ímpeto encorajado, me dispus naquela estação, para embarcar e puxar o freio, cessar o movimento, interromper aquele fluxo.

Entre empurrões, passadas de mãos nojentas, pisadas no pé e cotoveladas doloridas, anuncio — para mim mesmo (*in*)ternamente — que puxarei o freio de mão com tudo, com todas as forças existentes em mim.

Permito-me pegar todos de surpresa, porque é assim que vivo há 29 anos, e é desse modo que estou fadado a viver — esta pesquisa me levou a essa conclusão — nesse limiar de nunca saber ao certo como serei recebido, como falarão comigo, como... como... como... e, se nessa freada brusca alguém tiver que morrer, que não seja eu! Que não sejam os meus! E que assim seja!

Mirei no cessar-fogo, numa possibilidade concreta dessa veemência desnecessária que cultivamos, e acertei na reiteração ainda mais latente da violência, da vulnerabilidade e - por que não? - da morte.

Esta pesquisa foi sobre mim?

Não, é sobre o outro.

Não, é sobre nós.

Não, é sobre o mundo.

NÃO, É SOBRE A REVOLTA QUE TENHO DO MUNDO.

Agora, sinto medo. Que medo? É pavor mesmo.

Será que, depois dessa freada, terei uma casa para morar? Comida para comer? Afeto para sentir?

Será que essa freada significa seguir sozinho pelo resto da vida?

Se sim, que assim seja!

E que seja da pior maneira possível.

E seja da maneira mais cruel que conseguirem.

Que coragem é essa que me acomete e faz com que diga uma audácia dessas?

Não bastava escrever o quão infelizes foram as descobertas?

Não bastava enfiar o rabo no cu e sair à espreita?

Não, não bastava!

São muitas pessoas envolvidas nestas páginas.

E me refiro a cada uma delas, até as que foram mais cruéis, com afeto tremendo.

Pois enxergo nelas, em todas elas, desde a luz, chamada Aparecida — Aparecida Luz, que me enxotou como um **VIADO** sarnento de sua casa em plena madrugada — até o Preto-Viado que, sobremaneira, me fez despertar ainda mais fortemente para a necessidade da performance de cada palavra nestas páginas grafadas.

E, antes que você se questione, sim, estou procrastinando a puxada no freio.

É que tenho muito a dizer, e sinto que, quanto mais digo, mais coisas surgem urgentes para serem ditas. Não é culpa minha, juro!

A dificuldade de encerrar está sendo tão grandiosa quanto a de começar, acredite.

Por instantes, fecho os olhos.

Ao fechar os olhos, imagino estar envolto por entranhas.

Ao me enviesar neste fluxo, construo um desvio, que me permite acessar a imagem do Preto-Viado.

É como se, por meses, dormisse e amanhecesse ao lado dessa figura que não põe fim, embora o fim o tenha acometido, mas torna aquilo que foi dito nestas páginas ainda mais infundável.

O encontro com essa narrativa torna evidente, pelo menos para mim, que resistir e lutar contra a vulnerabilidade e as situações traumáticas é uma ação que deve ser tratada fundamentalmente na micropolítica.

Articular, neste território, as EXPERIÊNCIAS VIADAS, a memória, a autobiografia e a performance possibilitou não apenas embarcar-me(te) num processo investigativo sobre si, mas também permitiu construir um diálogo de difícil digestão, subjetivo, contraditório e crítico, com o mundo que ainda quer silenciar, marginalizar e tornar inexistente a vida **VIADA**.

Tal articulação, no entanto, gerara em mim experiências que agora constituem o sujeito **VIADO** que sou e se materializaram como uma tecnologia que se apresentou como uma prática artística crucial no estabelecimento de um novo modo de entendimento e de relação comigo mesmo, com o outro, com o mundo.

Essa tornou-se também a tecnologia pela qual consegui, finalmente, afirmar a minha identidade de gênero.

Todavia, isso me fez recalcular a atenção dada às narrativas identitárias dos **VIADOS** que ainda hoje são de assombro e de morte.

Isso, de certo modo, me alertou para o fato de que a importância dessas ações performativas estava justamente em seu caráter pedagógico e processual.

E isso se sobressai por completo em relação ao olhar espetacular que, sem muita consciência, desenvolvemos ao nos depararmos com as obras de arte, sejam elas quais forem.

Nu. Estávamos ambos nus. Um em cima do outro.
Sinto o peso daquele corpo sobre o meu e isso me deixa tensionado.
Pedaço de Carne.
Homem, cheiro.
Cheiro de homem.
Cheirar todo o pênis.
Enfiar o nariz entre as pernas e...
Cheirar.
Esbaldar.
Exalar.
Sugar aquele perfume pelas narinas e...
Enquanto cheira, feche o olho.
Mas mantenha o outro aberto por cautela.
Não confiar totalmente logo na primeira mamada.
Fechar os olhos.
Fechar a alma para não apaixonar.
Tentativa. Falha. Me apaixono.
Voltar a encontrar a boca carnuda lambendo toda extensão daquele membro
desonesto.
ELE, num relance, respira fundo.
ELE, no auge do tesão, diz que toca piano.
Piano é o meu instrumento favorito.
Há ânus tenho o compromisso de não morrer sem aprender a tocar piano.
Acredito por um instante na possibilidade do amor.
Acredito por um instante na possibilidade clichê de amar.
Na verdade, sou levado a acreditar nisso.
Existe uma diferença entre ir e ser conduzido.
Beber aquele remédio e... e... e...
E desobstruir o canal de entrada.
Lavagem intestinal.
LAVA.
Lava que passa.
Lava que queima.
Lava.
Intenção.

O decupente surge o questionamento

"Quem é você para mim?"

Passei dias me questionando. De que forma escrever para chegar perto do sentido que você tem para mim?!

Fui me lembrando de coisas que vivemos; dos relatos das nossas mães e me deparei com a seguinte certeza:

- Eu conheci você desde o ventre. Passei horas acariciando a barriga da sua mãe e conversando com você.

Quando crianças, não me recordo de sentimentos negativos, epígrafes de adhação pro meu irmão, pareceres de brincadeiras e hoje de vida.

Você é o Gabriel, que dividi a mãe, a coroa, os brinquedos e também os chocolates escondidos no quarto da casa da vovó. Que souvi infinitamente o do das quatro estórias de Sôndy e Junior; que levei ao banheiro para esvaziar a sonda vesical de demora, depois de se dar quantas cirurgias. Seu Tinha a pele branca e tão perfumada que parecia uma boneca; que era magro e pequeno ao ponto de eu me preocupar quando ele crescia. Que era e permanece sendo a minha pessoa na vida! A única com a qual a arte atinge a sensibilidade, ou vice e versa; e eu me senti confortável de deixar as últimas palavras.

Hoje você continua sendo o mesmo pra mim, porém mais forte; com mais conquistas de vida; com muito mais sonhos.

De repente um homem futo. Você sabe quem é! E não há nada que me traga mais alegria!

A força que hoje pulso em você, me convida pra dentro, assim como a sua sensibilidade sempre fez.

Vejo pra que você não seja atrevido pelo odio, mas que siga sendo, como sempre foi, uma expressão de amor.

Gracias pela sua história, pelo seu processo de autoconhecimento, porque você segue se construindo, e isso é lindo; sua vida mudou e segue andando.

Sigo ainda me questionando o quanto você foi a mim na minha vida. Acho que nunca cobrarei um palavra; há muito para sentir.

EU AMO VOCÊ!

Ass: Da sua irmã, que está aqui
por que eu a vejo

Macela Gomes
11/02/2024

Intencional.

IntenciANAL

Me pergunto o motivo

Deste orifício que carrego entre as nádegas.

Deste orifício ENTRE.

Ser uma...

Fábrica de

(des)sentimentos.

(des)honestidades.

(des)sinceridades.

(des)cobertas.

Sim, uma paixão (des)medida arrancou o palavrão da minha boca.

“- Estou apaixonado.” Ele não me responde, não dá notícias, não sei lidar com esse sentimento. “- Estou há dois dias sem resposta nenhuma”, dizia eu, em lágrimas, almoçando com a minha irmã que prontamente aceitou o meu convite sem saber ao certo do que se tratava.

“- Me preocupo com o modo com que a nossa família irá receber este seu amor”, dizia minha irmã.

Percebo que dei um passo importante.

Nunca havia me encorajado a dizer algo desse tipo.

Pela primeira vez me autorizo, ou melhor dizendo, me sinto autorizado a verbalizar o que sinto por OUTRO HOMEM.

Outro.

Sou amado?

Quero amar!

Quero poder viver um amor.

Não me interessa o que as pessoas vão falar ou como irão agir.

Não me interessa? Ou imagino não interessar?

Sucatear.

Sucatear meu sentimento.

Sucatear-se.

Sucatearam-me.

Percebo que o mecanismo de querer viver um amor está mais relacionado a uma tecnologia para descobrir-me para os outros do que a qualquer outra coisa

Evidências.

Evidências mascaradas de um sentimento não existente.
Era chamado de “meu bem” nas conversas, mas no fundo...
Talhar os entendimentos.
Olhos cachoeira.
Duas cachoeiras molharam-me por inteiro.
Instabilidade.
No meio dela percebo a vitória.
Percebo-me vitorioso
Por ter dividido o peso da minha existência com quem verdadeiramente amo.
Essa sensação é melhor do que qualquer gozo que poderia ter.
O leite não escorreu, mas houve gozo.
Gozei a maior experiência da minha vida.
EXPERIÊNCIA.
Agradeço. Agradecer. Ser grato.
A quem? Ao quê? Por quê?
Por que devo me sentir grato?
Por que me sinto grato?
Comer um pote inteiro de doce de goiaba para (re)memorar o desinteresse que sofri.
Sim, antes da cabeça do pau resvalar o céu da minha boca pela quarta e última vez,
dei a ELE um pote de doce de goiaba. Seu preferido.
Gosto... cheiro... impregnados em mim.
Última vez. Última vez?
Os gregos me atormentam com a necessidade de ter uma lógica.
Mas como ser dissidente e ter lógica?

O sofrimento é insistente, ele permanece à espreita, mesmo depois de tudo.

De tudo isso.

O sofrimento é inevitável.

Esses sofrimentos, que compuseram um **CORPO-VIADO** do passado, foram importantíssimos, porque são condição de consciência.

Todos nós temos motivo de sofrimento, a finitude da vida, nossa precariedade, nossa vulnerabilidade...

Nós nascemos, envelhecemos, adoecemos, morremos e, nesse arco nefasto, temos amor, ódio, rancor, esperança, temos os nossos desconfortos físicos, morais, filosóficos e tudo isso é sofrimento. É sofrer.

O que há de mais importante na vida de uma pessoa é encarar os seus sofrimentos. Infelizmente sempre empregados no plural.

Você deve dizer sim para aquele sofrimento que é dor.

Fugir disso é a maior de todas as perdas de tempo, porque ele irá te encontrar outra vez, assim que virar a esquina.

Ao sofrer, às vezes perdemos a capacidade de lembrar.

Perdemos a capacidade de agir e até mesmo de ser.

O que faz querer me assegurar daquilo que não posso e não devo esquecer...

Não esquecer de mim.

Não esquecer dos meus.

Não esquecer de nós.

Não esquecer dos **VIADOS** que foram silenciados.

Não esquecer do “Preto-Viado”.

Muito menos dos **VIADOS** que vieram antes de mim.

Não esquecer do aumento da violência contra o corpo dissidente no Brasil em 2024.

[DOIS MIL E VINTE E QUATRO]

[VINTE E QUATRO]

Não esquecer dos anos que vivi caído num limbo de inexistências.

Não esquecer da praia de Ipanema – do beijo mais gostoso que já dei em toda minha vida –, cujas areias são testemunhas.

Não esquecer do medo que senti ao fazer a primeira tatuagem, ao escrever o primeiro parágrafo deste texto.

Não esquecer dessa desobediência.

Não esquecer dos gritos que deram errado.

Não esquecer daquilo que é banal ou banalizado.

Não esquecer de ser **VIADO**.

Não esquecer de viver como **VIADO**.

Nunca se perder de ser **VIADO**.

Não esquecer daquilo que devo ser contra.

Não esquecer que minha condição também é ser contra.

CONTRA TUDO O QUE ME QUER MORTO. QUE QUER ME MATAR!

[FREADA BRUSCA] [FREADA ABSURDAMENTE BRUSCA]



ESTOU APONTANDO NA CARA DE TODOS (QUALQUER UM) QUE A PERCEPÇÃO DA MINHA ORIENTAÇÃO SEXUAL DEVERIA TER SIDO TRATADA DE OUTRA MANEIRA.

EU ERA SÓ UMA CRIANÇA E OS ADULTOS À MINHA VOLTA DEVERIAM TER ESSA SABEDORIA.

SE NÃO IRIAM TER, POR QUE DIABOS NÃO ME ABORTARAM?

EU MERECI TER CONSEGUIDO AFIRMAR-ME **VIADO** ANTES, BEM ANTES. ANTES DO DESEJO DE PULAR NESTES TRILHOS.

ANTES QUE O DESEJO DE CESSAR O FLUXO DO TRIUNFO NO MEU TRUNFO ME ACOMETESSE.

**AINDA HÁ ALGUM FÔLEGO NO
CERRADO PEGANDO FOGO?**

**Ainda há algum fôlego
no cerrado pegando
FOGO?**

**AINDA HÁ ALGUM FÔLEGO
NO CERRADO PEGANDO
FOGO?**

**Ainda há algum
fôlego no cerrado
pegando FOGO?**



REFERÊNCIAS

ABRAMOVIĆ, Marina. **Pelas paredes: memórias de Marina Abramović**. 2. ed. Rio de Janeiro: JOSÉ OLYMPIO LTDA, 2022.

_____. **Rhythm 0**. 1974. Imagem. Disponível em: <https://www.moma.org/audio/playlist/243/3118>. Acesso em: 15 out. 2023

_____. **The Artist Is Present**. 2010. Imagem. Disponível em: <https://www.moma.org/audio/playlist/243/3133>. Acesso em: 15 out. 2023

_____. **three**. Imagem. (2022). Acesso em: 15 out. 2023

ALICE, Tania. **Manual para performers e não-performers: 21 ações artísticas para produzir felicidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Grupo Multifoco, 2020.

ALICE, Tania. **Performance como revolução dos afetos**. São Paulo: ANNABLUME, 2016.

BAIRRO, do JUP. **CORPO SEM JUÍZO**, São Paulo 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6il3RIZSlgM>. Acesso em: 29 abr. 2023.

BETITO, Bruna. **Vaca**. São Paulo: Urutau, 2023.

BOM-TEMPO, Juliana Soares. **Por uma clínica poética: experimentações em risco nas imagens em performance**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2015. Tese de doutorado. Orientador: Antonio Carlos Rodrigues de Amorim. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296881279.pdf> Acesso em: 15 jul. 2024.

BOUCHARD, Michel. **Tom na fazenda**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

_____. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.

_____. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BQUEER, Rafael. **Alice e o chá através do espelho**. 2014. Imagem. Disponível em: <https://mam.rio/>. Acesso em: 7 out. 2024.

CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (org.). **outra Uma escrita acadêmica Ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2016.

CAMARGO, Marcelo; MOLINA, Alexandre (org.). **1ª MOSTRA DE DANÇA IMPRESSA**. 1. ed. Uberlândia: RB Gráfica, 2021.

CARVALHO, Flávio. (1931). **Experiência n.2**: realizada sobre uma procissão de CorpusChristi: uma possível teoria e uma experiência. Rio de Janeiro: Nau, 2001.
CEVALES, Renan Marcondes. **Assédio**. São Bernardo do campo. Lamparina Luminosa, 2016.

COSTA, Daniel Santos. **Corpo Mnemônico: encruzilhando corporalidades populares brasileiras e histórias de vida num(a) giro(a) performativo(a) decolonial**. 2019. 347 p. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

COSTA, Gal. **Divino maravilhoso**. Com Gal Costa . São Paulo.

CRUZ, Elaine P.. ONG contabiliza 257 mortes violentas de LGBTQIA+ em 2023. Agência Brasil, São Paulo, 21 jan 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-01/brasil-e-o-pais-mais-homotransfobico-do-mundo-diz-grupo-da-bahia>. Acesso em: 02 set 2024.

DE SOUSA CAMARGO, Marcelo. **MARCELO SCHWARTZ AGUIAR MENEGHEL CUNHA FRANÇA DE CAMARGO BÓLIDE-LIVRO VOLUME ÚNICO**. 2021. 353 p. Dissertação de Mestrado — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.306>. Acesso em: 7 out. 2024.

DELEUZE, Gilles. **¿Que és un dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990.

DIDI-HUBERMAN, Georges (org.). **Levantes**. São Paulo: Sesc São Paulo, 2017.

FABIÃO, Eleonora. **Ações: Eleonora Fabião**. 1. ed. Santo André, São Paulo, Brasil: [s. n.], 2015. 344 p. v. 1.

_____. Programa performativo: o corpo-em-experiência. **ILINX - Revista do LUME**, Campinas, SP, n. 4, p. 1-12, dez. 2013. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/276>. Acesso em: 12 set. 2024.

_____. **nós aqui, entre o céu e a terra**. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BkRUIdzIL60>

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **O Corpo Nunca Existe em Si Mesmo**. 2018. Fotografia. Disponível em: <https://ciaexcessos.com.br/>. Acesso em: 7 out. 2024.

_____. **Predicativo do Sujeito**. 2023. Imagem. Disponível em: <https://ciaexcessos.com.br/tales-frey/trabalhos/tighlighting/>. Acesso em: 7 out. 2024.

_____. **Tucking**. 2022. Imagem. Disponível em: <https://ciaexcessos.com.br/tales-frey/trabalhos/tighlighting/>. Acesso em: 7 out. 2024.

_____. **Sissyparity**. 2020a. Imagem. Disponível em: <https://ciaexcessos.com.br/tales-frey/trabalhos/tighlighting/>. Acesso em: 7 out. 2024.

_____. **Ordem Araneae**. 2022a. Imagem. Disponível em: <https://ciaexcessos.com.br/tales-frey/trabalhos/tighlighting/>. Acesso em: 7 out. 2024.

GROOVE. **Glória. Gay (Interlúdio)**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fO2KkWoHHco>. Acesso em 29 abr. 2023.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. Tradução de Renato Cohen. 2. reimp. da 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KLEON, Austin. **Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade**. Tradução de Leonardo Vila-Forte. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. **Tremores: Escritos sobre experiência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LEAL, Dodi Tavares Borges. Fabulações travestis sobre o fim. **Conceição/Conception**, Campinas, SP, v. 10, n. 00, p. e021002, 2021. DOI: 10.20396/conce.v10i00.8664035. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8664035>. Acesso em: 12 set. 2024.

LEAL, Mara. **Memória E(M) Performance: Material autobiográfico na composição da cena**. Uberlândia: EDUFU, 2014.

LEITE, Janaina. **Autoescrituras performativas: do diário à cena**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2017.

LEVORIN, Bruno. Outro de serpente. 1. ed. [S. l.]: Duna, 2021. v. 1.

LOPES, Beth. A performance da memória. **Sala Preta**, São Paulo, Brasil, v. 9, p. 135–145, 2009. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v9i0p135-145. Disponível em: <https://revistas.usp.br/salapreta/article/view/57397>. Acesso em: 13 set. 2022.

LOPES COSTA, Ana Carolina. Pelas redes da tradução: um estudo do conceito de transcrição, de Haroldo de Campos, no poema “Quisera no meu canto ser tão áspero”, de Dante Alighieri. **Letrônica**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e32201, 2019. DOI: 10.15448/1984-4301.2019.1.32201. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/32201>. Acesso em: 12 set. 2024.

LOPES LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. 222 p. v. 4.

LUISA SANTOS, Ana. **CRISÁLIDA**. 2012. Fotografia. Disponível em: <https://www.anasantosnovo.com/CRISALIDA>. Acesso em: 7 out. 2024.

MARINELLI, Princesa Ricardo. **Quase Nua**. 2008. Vídeo. Acesso em: 16 abr. 2024.

MATOS, Agatha. **De Tubal Vilela para Ismene Mendes: O exercício de desvelar memórias silenciadas como um desafio ético, estético e político para o ensino de história**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Nara Rúbia de Carvalho Cunha. 2020. 102 f. Monografia (História.) - Bacharelado e Licenciatura, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/30418/2/TubalVilelalsmene.pdf> Acesso em: 06 set. 2024.

OUTRO GRUPO DE TEATRO. Histórias Compartilhadas. 2015. Peça de Teatro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0_Uw-q6aGZA&t=6s. Acesso em 16 abr. 2024.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 5. reimpr. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PAULO, Hilda de. **Romance Violentado**. 2010. Imagem. Disponível em: <https://ciaexcessos.com.br/>. Acesso em: 7 out. 2024.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

QUINALHA, Renan. **MOVIMENTO LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RAVENA, Isadora. **Existo amanhã**. 2020. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ZiCILTmaJ8&t=176s>. Acesso em: 10 abr. 2024.

RAYARA GOMES DE OLIVEIRA, MEGG. **O DIABO EM FORMA DE GENTE: (R)EXISTÊNCIAS DE GAYS AFEMINADOS, VIADOS E BICHAS PRETAS NA EDUCAÇÃO**. 2017. 192 p. Tese de doutorado — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

RISCADO, Caio. **Cair até inventar onda**. Rio de Janeiro: numa, 2023.

RODRIGUES, Caz Angela Apolinario Arruma; LEAL, Dodi Tavares Borges. Pedagogia de programas performativos: pacote de performances de autocuidado e de proteção. **Rebento**, São Paulo, n. 11, p. 450-475, dez. 2019. BLOCO II - Narrativas de aprendizado: educação estética, criatividade e corpo.

ROUBAUD, Jacques. **O grande amor da vida**. São Paulo: Editora 34, 2020.
SCHWARTZ AGUIAR MENEGHEL CUNHA FRANÇA DE CAMARGO, Marcelo. **Volume Laranja**. Salvador: Duna, 2021.

SEIXAS, Raul. **Prelúdio**. 1974. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VuDEyP1K_R4. Acesso em 01 mar. 2023.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TAYLOR, Diana. **Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2023.

TIBURI, Márcia. CONTRA-EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE ÉTICA E EDUCAÇÃO. **Colloquium Humanarum**. ISSN: 1809-8207, [S. l.], v. 10, n. 1, 2014. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/820>.. Acesso em: 15 set. 2024.

